

PAULO ROBERTO RIBEIRO FONTES

TRABALHADORES DA NITRO QUÍMICA

A Fábrica e as Lutas Operárias nos anos 50

Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. Michael McDonald Hall.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em / / .

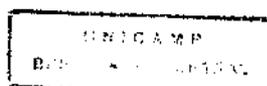
Banca:

Prof. Dr. (º): *Michael McDonald Hall*

Prof. Dr. (º): *[assinatura]*

Prof. Dr. (º): *Maíra Pariz*

Fevereiro
1996



336.1712

UNIDADE	73C
DATA DE AQUISIÇÃO	27/4/96
VALOR	R\$ 11,00
DATA DE PAGAMENTO	25/04/96

CM-00087029-1

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP**

F737t Fontes, Paulo Roberto Ribeiro
Trabalhadores da Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50 / Paulo Roberto Ribeiro Fontes. -- Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Michael McDonald Hall.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1.Trabalhadores. 2.Movimento operário-História-1945-1957. 3. Indústria química - Brasil. I. Hall, Michael M. (Michael Mac Donald), 1941- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Para Ângela

Para meus pais Arivaldo e Maria de Lourdes

Em memória de Adelço de Almeida, cuja trajetória de vida marcada pelas dificuldades, combatividade e alegria sintetizou em muito a história dos trabalhadores da Nitro Química

"A História não deve ser contada do alto, falando de governos, reis, rainhas e guerras, mas de baixo, a história de pessoas comuns, como elas vivem e das mudanças que sofrem."

Christopher Hill

Jornal do Brasil, 14 de março de 1993

AGRADECIMENTOS

Evidentemente uma pesquisa como esta não poderia prescindir do auxílio e colaboração de várias pessoas e instituições. A todos aqueles que colaboraram direta ou indiretamente na elaboração deste trabalho sou imensamente grato. No entanto, mesmo correndo o sério risco de cometer alguma injustiça ao esquecer alguém, não poderia deixar de mencionar algumas pessoas e entidades sem as quais eu não poderia ter chegado à conclusão, tão esperada por mim, desta dissertação.

Inicialmente gostaria de registrar o apoio financeiro fornecido pelo CNPq ao proporcionar a bolsa de estudos que permitiu a realização desta pesquisa.

Desde o período como estudante de História na USP, quando a conheci em um curso optativo no departamento de Ciências Sociais, a professora Maria Célia Paoli tem sido fonte de estímulo e aprendizado. Sou grato por sua elogiosa carta de apresentação, quando da seleção para o Mestrado no departamento de História da Unicamp e por seu permanente interesse em saber como estava o desenvolvimento de meus estudos e pesquisa.

Meus primeiros cursos no Mestrado, ministrados por Isabel e Adalberto Marson, foram muito importantes para as discussões iniciais do projeto e ampliaram em muito meus horizontes teóricos e metodológicos. Cláudio Batalha e Marco Aurélio Garcia, além das observações preciosas feitas no exame de qualificação, me proporcionaram um convívio intelectual instigante, refinado e muito bem-humorado.

O curso sobre sociologia e antropologia do trabalho ministrado na USP por José Sérgio Leite Lopes permitiu-me o acesso a todo um debate e bibliografia que, como se verá, tiveram importância fundamental nos rumos desta pesquisa.

Agradeço muito ao professor Michael Hall pela orientação precisa, estimulante e objetiva. Suas indicações bibliográficas e metodológicas foram decisivas. Seu apoio e compreensão ajudaram-me em muito para a conclusão desta empreitada.

A experiência de trabalho no Instituto Cajamar durante cinco anos foi fundamental para minha formação intelectual e política. Aprendi muito com a convivência com militantes e trabalhadores de todo o Brasil e com colegas de trabalho e amigos como Cláudio Nascimento, Clarice Coppeti, Valter Pomar, Luis Sérgio Gomes, Carmem Sílvia, Newton Basile, Leandro Valarelli, Paulo Carvalho e Helena Bins.

No Sindicato dos Químicos de São Paulo, além da inspiração para este trabalho, tenho tido a feliz oportunidade de conviver com antigos e novos batalhadores pelos direitos dos trabalhadores e por uma sociedade mais justa. Sou grato a todos os diretores e colegas de trabalho pela ajuda e compreensão do que significava esta pesquisa. Espero que o resultado possa contribuir para o enfrentamento dos imensos desafios colocados para o sindicalismo atualmente.

Na Associação dos Aposentados Químicos pude desfrutar de momentos de prazer e aprendizado na companhia de autênticos historiadores da classe trabalhadora. Agradeço a todos eles pela colaboração e pelos divertidos e emocionantes momentos de recordação das lutas e experiências passadas. Sou particularmente grato ao "Seu" José Cecílio, que me apresentou muitos antigos trabalhadores da Nitro e ensinou-me "os caminhos de São Miguel".

Agradeço a Fábio Ravaglia, que, além de uma excelente entrevista, generosamente cedeu-me material precioso de seu acervo. Também sou grato à professora Marcia Leite, que, gentilmente, forneceu-me importante artigo de sua autoria sobre a greve de 1957.

Fui muito bem atendido em todos os arquivos e bibliotecas em que pesquisei. A todos os funcionários e responsáveis por este serviço tão fundamental para a memória e cultura nacional, os meus sinceros agradecimentos. Em especial, gostaria de destacar os funcionários do Arquivo Público do Estado de São Paulo, particularmente os responsáveis pelo acervo do Deops, que, apesar de tantas dificuldades, vêm realizando um trabalho heróico e altamente profissional. Eles são exemplos da dignidade da maioria dos servidores públicos brasileiros, que as falácias neo-liberais tanto insistem em atacar.

Agradeço ao serviço de Recursos Humanos da Companhia Nitro Química Brasileira pela possibilidade de acesso aos arquivos da empresa, que mostraram-se imprescindíveis para esta pesquisa. Em especial, as funcionárias Raquel e Rosana ajudaram-me imensamente. A elas também a minha gratidão.

Tenho o orgulho, a sorte e o prazer de ser membro e fundador da Central Única dos Historiadores. Ao longo destes últimos anos, o CUH tem se constituído em um espaço fundamental de debate intelectual, convivência e amizade. Alexandre Fortes, Antonio Luigi Negro, Fernando Teixeira da Silva e Hélio da Costa, além de excelentes historiadores e fonte inesgotável de estímulo e bom humor, são sobretudo, grandes amigos. Sou imensamente grato a eles.

Ana Paula, Edilene, Arthur, Cândido e Marcão, colegas da pós-graduação da Unicamp proporcionaram-me momentos de grande interlocução acadêmica e bate-papos deliciosos nas salas de aula e bares do IFCH. Lúcia Barroso foi um auxílio precioso na transcrição de fitas e no "apoio moral".

São muitos os amigos que torceram para que o ponto final deste trabalho ocorresse com rapidez e satisfação: Adê, Ana, Ailton, Adriano, Augusto, Flamarion, Gil, Jorge, Marilane, Nilza, Nucita, Waldeli, Rudá, Tadeu, Magda, Lili, Marcinha, Eliseu e Toninho (da imprescindível *Gradus Primus*). Especialmente Carlos Magno (que, entre tantas qualidades, é um grande são-paulino), meu *flatmate*, têm sido um grande companheiro e amigo dos bons e maus momentos. A todos vocês, um enorme: "Valeu, galera!".

Meus irmãos Carlinhos, Denise e Déborah demonstraram interesse e deram-me apoio para a elaboração deste trabalho. Denise e Déborah (juntamente com o amigo Paulão) foram muito legais ao concederem-me guarida em Sorocaba, quando precisei de isolamento e concentração para concluir dois capítulos da dissertação.

Ângela, minha grande paixão, além do auxílio inestimável na digitação, revisão e *lay-out* desta dissertação (seu bom gosto e bom senso impediram que eu desse muitas "bolas

fora"), deu-me carinho, atenção e amor, ingredientes indispensáveis para que eu mantivesse a serenidade e auto-estima para a conclusão deste trabalho.

Filho de migrantes nordestinos, que assim como os operários da Nitro e milhões de outros trabalhadores vieram para o "Sul Maravilha" tentar vencer na vida, tive o carinho, a compreensão e o respeito de meus pais em minhas escolhas e decisões e o empenho para garantir meus estudos. Sou eternamente grato pelo apoio e pelas condições de vida que, com muito sacrifício, eles me ofereceram.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ... 11

CAPÍTULO 1

"ESSA FÁBRICA TEM HISTÓRIA"

A Nitro Quimicada fundação ao final dos anos 50 ... 23

Flores para o presidente ... 24

Uma fábrica imigrante ... 26

Um raio de sol em São Miguel ... 30

Reconstruir a fábrica ... 34

As vantagens da guerra ... 39

Tempos de glória para a seda dos pobres ... 43

Esperanças e desilusões: os anos 50 ... 47

CAPÍTULO 2

"UMA DAS EMPRESAS MAIS FELIZES DO BRASIL"

Discurso empresarial, sistema de benefícios e mecanismos de dominação na Nitro Química dos anos cinquenta ... 52

A grande família nitrina ... 53

Em busca da paz social ... 59

A serviço dos interesses do Brasil ... 61

Os bandeirantes da indústria ... 68

Um capitalismo sadio, humano e progressista ... 75

O Serviço Social ... 78

Como evitar greves ... 88

CAPÍTULO 3

"TRABALHANDO NA NITRO"

Formas de Contratação, Condições de Trabalho e Cultura Fabril nos anos cinquenta ... 91

Entrar na Nitro ... 92

O papel das chefias ... 100

Condições, acidentes e amizades no trabalho ... 108

Salários de medo ... 116

CAPÍTULO 4

"APTOS A SE REGER POR SI MESMOS"

Sindicato, Partido e Trabalhadores da
Nitro Química dos anos quarenta aos cinquenta ... 119

Nasce o Sindicato ...120

Divergências e intervenção ... 131

Início dos anos cinquenta ... 146

Disputas sindicais ... 157

Sindicato, trabalhadores e "assistencialismo" ... 161

CAPÍTULO 5

"A BATALHA DE SÃO MIGUEL"

A greve dos trabalhadores da Nitro Química em 1957 ...167

A nova diretoria do sindicato e os antecedentes da greve ...168

A greve dos 400 mil ...174

O dia-a-dia da greve dos trabalhadores da Cia. Nitro Química Brasileira ... 184

Significados da greve ...195

CONSIDERAÇÕES FINAIS ... 208

FONTES E BIBLIOGRAFIA ... 178

APRESENTAÇÃO

Eu devia ter oito ou nove anos a primeira vez que fui a São Miguel Paulista e vi a Nitro Química. Na companhia de meu pai e minha mãe, ia visitar um amigo da família, que justamente trabalhava na Nitro e que graças aos "gases da firma" teve que "entrar na caixa", como comumente se diz. Lembro-me de como as grandes dimensões da fábrica chamaram a minha atenção. As enormes chaminés, a densa e suja fumaça que expeliam, os intermináveis muros brancos ao lado da avenida que levava à casa de nosso amigo despertavam em mim uma curiosidade infantil de saber para que servia tudo aquilo, o que se fazia ali. As dúvidas foram parcialmente satisfeitas pelo meu pai, e eu durante muito tempo não mais voltei a São Miguel, nem lembrei-me daquela visão dominical da grande fábrica química da periferia paulistana.

Anos mais tarde a Nitro Química novamente chamaria a minha atenção. Não apenas a minha, na verdade. O nome da empresa estampava as manchetes dos jornais e noticiários televisivos. Estávamos no segundo semestre de 1986 e em plena disputa eleitoral para governador do Estado, uma denúncia revelando as péssimas condições de trabalho na Nitro, procurava atingir a candidatura de Antônio Ermírio de Moraes, filho do fundador e um dos proprietários da companhia. Um dos motes da campanha de Moraes trabalhava a imagem de "bom patrão" que lhe era atribuída. A denúncia, os depoimentos de vários de seus empregados nos jornais e programas eleitorais de seus adversários, e uma greve na fábrica iniciada logo depois exigindo a interdição dos setores mais perigosos da empresa caíram como uma bomba no comitê de campanha de Antônio Ermírio.

Durante duas semanas a campanha eleitoral concentrou-se em uma disputa sobre a imagem da Nitro Química. Moraes e seus aliados negavam as acusações e diziam ser a empresa um patrimônio do povo brasileiro e um orgulho para os paulistas, exemplo de desenvolvimento e compromisso com a nação. Afirmavam ainda que a Nitro era uma empresa desde há muito provedora de benefícios e garantias para seus funcionários e que a maioria deles não ratificava as denúncias, que seriam apenas injúria e propaganda eleitoral de seus adversários. Para os outros candidatos, a Nitro era a prova da exploração de Moraes

sobre seus trabalhadores. A fábrica seria "um verdadeiro açougue", ceifando a saúde e muitas vezes a própria vida dos operários. O episódio teve um peso considerável naquela conjuntura. Antônio Ermírio, até então primeiro colocado em todas as pesquisas de opinião, começou a perder pontos. Apesar de seu esforço para reverter o quadro, realizando passeatas com os funcionários de suas empresas e, inclusive, o último comício da campanha em São Miguel, não conseguiu evitar a derrota para o candidato do PMDB, Orestes Quércia.

Passada a campanha, a Nitro Química e as condições de vida de seus trabalhadores cairiam no esquecimento público e no meu também. Apenas em 1993, quando passei a assessorar o Sindicato dos Químicos de São Paulo na área de formação, foi que a Nitro voltou a ocupar minhas reflexões. Para além do fato de continuar a ser uma das mais importantes empresas da categoria, impressionava-me o peso do referencial histórico que todos que se referiam a ela destacavam. Era comum ouvir de trabalhadores e diretores, novos ou antigos, considerações sobre a importância do passado de lutas dos operários da Nitro para a trajetória do sindicato ou referências aos inúmeros "causos e lendas" que rondavam a história da empresa. Acostumei-me a ouvir frases como "esta fábrica tem história", "este sindicato não seria nada não fosse as nossas lutas lá na Nitro" ou ainda: "naquele tempo é que era bom, a gente botava pra quebrar lá em São Miguel", em meio às deliciosas narrativas que, com prazer, eu escutava no sindicato e na Associação de Aposentados.

Àquela altura, entusiasmei-me com as possibilidades de estudos e pesquisa que a história daquele grupo social parecia oferecer. Inspirava-me as leituras das obras de E.P. Thompson, em especial o clássico *A Formação da Classe Operária Inglesa*, que justamente chama a atenção para a importância das tradições culturais e para a experiência da classe operária. Uma outra influência importante foi o livro de José Sérgio Leite Lopes, *Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés*, que analisa os mecanismos de dominação e sua interiorização e resistência conjugadas no grupo operário da Companhia de

Tecidos Paulista em Pernambuco, procurando compreender a legitimação ou não desta dominação pelos trabalhadores e as relações de reciprocidade que se estabeleceram entre capital e trabalho. Leite Lopes também procura enfatizar a constituição de uma cultura fabril na qual convivem ambigualmente uma "microfísica da resistência" e uma interiorização da dominação.

Assim como outros grupos operários, os trabalhadores da Nitro Química também são possuidores de uma "historicidade quente"¹. Percebemos como a memória social deste grupo retira de um passado mitificado, mas também ancorado em realidades e acontecimentos concretos, elementos para a construção de sua identidade social e coesão coletiva. Entre eles são constantes as alusões ao passado, aos momentos de grande desenvolvimento da empresa, seu sistema de "benefícios sociais" e às relações privilegiadas dos proprietários da companhia com o governo, particularmente no período Vargas (quase todos os antigos operários referem-se, como demonstração desta intimidade com o poder, ao fato do próprio filho de Getúlio ter trabalhado na indústria durante os anos quarenta). Da mesma forma, os operários da Nitro invocam uma tradição de lutas e organização. O ativismo sindical e a ação reivindicativa, principalmente no período compreendido entre a importante greve de 1957 e o golpe de 1964, são lembrados como fundamentais para a conquista de direitos e como cerceadores do autoritarismo patronal e das péssimas condições de trabalho no interior da empresa.

¹ Ao relatar sua experiência na pesquisa sobre os trabalhadores da Companhia Paulista de Tecidos, Leite Lopes faz referência a esta expressão tomada emprestada de Lévi-Strauss por M. Sahlins para designar grupos com forte historicidade incorporada. Ver LEITE LOPES, José Sérgio. "História e Antropologia". In: *Revista do Departamento de História*, nº 11, Belo Horizonte, Fafich-UFMG, 1992. Mais recentemente outros trabalhos têm feito referência a grupos operários com "historicidade quente". Conferir por exemplo, RAMALHO, José Ricardo. *Estado Patrão e Luta Operária - o caso FNM*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989; SILVA, Fernando Teixeira. *A Carga e a Culpa. Os Operários das Docas de Santos: Direitos e Cultura de Solidariedade (1937-1968)*. São Paulo, Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1995; NEGRO, Antonio Luigi. *Ford Willis anos 60. Sistema Auto de Dominação e Metalúrgicos do ABC*. Campinas, Dissertação de Mestrado, IFCH-Unicamp, 1994 e MOREL, Regina. *A Ferro e Fogo - construção e crise da "família metalúrgica": o caso de Volta Redonda (1941-1968)*. São Paulo, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1989. Sobre o conceito de história incorporada ver BOURDIEU "Le mort saisit le vif - As relações entre história reificada e a história incorporada". In: *O Poder Simbólico*. São Paulo, Difel/Bertrand Brasil, 1990.

A leitura de sua própria história feita pelos trabalhadores é recorrente e simultaneamente referida ao "poderio" e "grandiosidade" da empresa, de um lado, e aos momentos de luta e organização operária, por outro. A decisão de realizar a pesquisa para esta dissertação de mestrado implicava em adentrar ainda mais nesta historicidade dos trabalhadores e desvendar os mecanismos que regulam e constituem esta memória social.

O desenvolvimento inicial da pesquisa mostrou ainda outros atrativos interessantes para o estudo daquele grupo operário e da empresa. Despertava a nossa atenção a própria história da Nitro Química. Fundada em 1935 através da associação das famílias Lafer e Ermírio de Moraes com grupos empresariais norte-americanos, que logo se retiraram do negócio, a Companhia Nitro Química Brasileira constituiu-se como uma das maiores e mais importantes indústrias de São Paulo durante os anos quarenta e cinquenta. Localizada no distante subúrbio paulistano de São Miguel Paulista, a instalação da empresa ali praticamente "refundou" o bairro, alterando profundamente suas características. Durante décadas seguidas a região foi a de maior crescimento populacional da cidade. A fábrica e suas vilas inicialmente e depois os loteamentos baratos que permitiam a relativamente fácil aquisição de terrenos e construção de moradias atraíram milhares de migrantes, especialmente nordestinos, que marcaram a história do bairro conhecido até hoje como "Bahia Nova".

Desde sua fundação, a Nitro Química teve relações privilegiadas com o Estado, particularmente no período Vargas. As afinidades políticas de seus proprietários com Getúlio (Horácio Lafer chegou a ser seu ministro da Fazenda nos anos cinquenta), bem como os interesses econômicos e militares que cercavam a constituição de uma indústria química ajudam a explicar muito desta proximidade.

A Segunda Guerra Mundial possibilitou um grande desenvolvimento e lucratividade para a empresa. Seu principal produto - o fio sintético raiom - proporcionava altos ganhos e a fábrica emergiu do conflito como uma das maiores do país com mais de sete mil trabalhadores. No pós-guerra, seus dirigentes elaboraram um ambicioso plano de expansão

econômica, que visava tornar a companhia a "CSN do setor químico", ou seja, a grande fábrica nacional de base deste ramo industrial. Este projeto, entretanto, fracassou.

A partir do final dos anos cinquenta, a companhia entrou em decadência e uma grande crise quase a fechou em meados dos sessenta. Recuperada, porém, nunca mais teria o mesmo vigor de antes. O raíom - cada vez mais fora de moda, substituído por outros fios sintéticos tecnologicamente mais avançados - perdeu mercado e paulatinamente deixou de ser o principal produto da empresa. Apesar disto, a Nitro, voltada agora principalmente para outras produções da área química, entraria nos anos oitenta e noventa ainda como uma grande e lucrativa empresa, muito mais enxuta que no passado, mas com um peso simbólico para os trabalhadores e moradores de São Miguel ainda muito grande.

Mas não era apenas a trajetória de uma grande companhia de poderosos e importantes grupos empresariais brasileiros que nos despertava interesse. Sua umbilical relação com o bairro de São Miguel, seus vínculos com o governo Vargas e principalmente com um projeto nacional-desenvolvimentista para o país, eram todos fatores interessantes e presentes de uma maneira ou outra na memória operária. Mas, as formas como a Nitro Química se relacionou e geriu sua mão-de-obra ao longo de todo esse período histórico parecia-nos ponto fundamental de destaque e investigação porque elemento de fortes referências e recordações por parte dos trabalhadores, era particularmente importante para a compreensão da história social daquele grupo operário.

Pretendemos, então, aprofundar a análise da montagem, da lógica interna, contradições e legitimação ou não por parte dos trabalhadores de um determinado modelo de dominação e gestão da mão-de-obra criado pela Nitro Química ao longo dos anos quarenta e desenvolvido plenamente na década seguinte. Tal modelo partilhava elementos presentes na ideologia corporativa e no ideário nacional-desenvolvimentista do Estado naquele período.

Embora empresa privada, a direção da Nitro procurava alimentar a idéia de uma companhia acima de tudo a serviço do Brasil e dos interesses nacionais. Suas formas de

gestão basearam-se em grande medida na noção paternalista de "família" e na busca da harmonia e da paz social, além de compartilhar muito do espírito empreendedor e pioneiro presente na construção e desenvolvimento de muitas empresas estatais, por exemplo².

Começamos a perceber, através do estudo da administração empresarial da Nitro Química como o mesmo universo de idéias e propostas de desenvolvimento industrial e gestão fabril executado pelo Estado em suas empresas era compartilhado por empresários brasileiros. Diversos elementos componentes do chamado corporativismo estatal estavam também presentes na sociedade. Suas idéias e propostas não eram formuladas por um Estado "todo-poderoso" que pairava acima das classes, mas pelo profícuo relacionamento entre as políticas estatais balizadas pela ideologia corporativa com as experiências concretas no chão da fábrica de industriais que a compartilhavam e enriqueciam. As afinidades entre proprietários da Nitro e governo iam, portanto, além da eventual amizade entre capitalistas e governantes, ou dos visíveis interesses econômicos de ambos. Pode-se dizer assim, que a Nitro Química foi uma empresa exemplar e paradigmática de um período da história brasileira e de um modelo de relações entre trabalhadores e patrões.

Mas também havia diferenças. Apesar de seu discurso "familiar", e do interesse nacional em primeiro lugar, a Nitro continuava sendo uma empresa privada. Possuía proprietários, não era uma empresa estatal afirmando ser propriedade do "povo brasileiro".

Cientes disso, os dirigentes da Nitro procuraram acrescentar à idéia de pioneirismo e harmonia da família nitrina em defesa da nação brasileira a imagem da construção de uma "indústria esclarecida e democrática com um capitalismo humano e progressista"³. Para eles, não era necessário ser uma estatal para compreender o papel social das empresas. Daí todo o empenho da companhia em edificar um grande aparato assistencial, um "sistema de

² Para uma análise das formas de gestão e mecanismos de dominação nas empresas estatais brasileiras entre os anos quarenta e sessenta ver o artigo de RAMALHO, José Ricardo. "Empresas Estatais de Primeira Geração". In: ABREU, Alice e PESSANHA, Elina (org.). *O Trabalhador Carioca. Estudos sobre Trabalhadores Urbanos do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, JC Editora, 1994.

³ *Nitro Jornal*, nº 14, fevereiro de 1954. O *Nitro Jornal* foi um boletim mensal interno destinado aos funcionários da empresa editado entre janeiro de 1953 e julho de 1957.

benefícios" para seus trabalhadores, familiares e, em várias áreas, para todos os moradores do bairro de São Miguel Paulista: o Serviço Social.

Os mecanismos de dominação e as relações de reciprocidade engendradas entre trabalhadores e empresa foram, portanto, um dos principais focos de interesse desta pesquisa. Não entendemos, porém, tais relações como imutáveis e estabelecidas pela companhia numa via de mão única. Procuramos perceber os trabalhadores como possuidores de tradições culturais e não como meros receptáculos vazios das idéias e concepções patronais. Em suas duras condições de trabalho e experiências de vida, os trabalhadores fazem uma releitura e reelaboram as formas de dominação. Nosso interesse, assim, concentrou-se também em perceber como os operários da Nitro Química, através da sua experiência, interiorizaram os mecanismos de dominação patronal e forjaram uma cultura fabril⁴.

Este tipo de abordagem possibilitou-nos concentrar, sempre que possível, o foco de nossas atenções no cotidiano operário e nos seus diversos espaços de construção de uma identidade de classe, na fábrica, no bairro, no sindicato, entre outros. Procuramos estar atentos também para as várias heterogeneidades presentes entre os trabalhadores, procurando analisar a classe como um todo e não apenas suas lideranças e setores organizados.

Mas, também por compreendermos as organizações operárias como elementos constitutivos da experiência da classe, não deixamos de analisar a organização e mobilização dos trabalhadores nitrinos ao longo do período estudado. Tais experiências organizativas são um dos principais vetores da memória social deste grupo operário.

Particularmente nos anos cinquenta e sessenta, a Nitro Química constituiu-se como uma das principais bases de atuação da militância comunista na cidade de São Paulo e é, sem dúvida um significativo campo de estudo das formas de organização e ação política dos

⁴ José Sérgio Leite Lopes nos mostra como esta cultura fabril expressa "desde a reação e a resposta ao despotismo da hierarquia da administração fabril até a reinterpretação e reambientação criativas das duras condições de trabalho na fábrica". Conferir LEITE LOPES, José Sérgio. *A Tecelagem dos Conflitos de Classe na Cidade das Chaminés*. São Paulo, Marco Zero, 1988, p. 81.

comunistas no interior de uma unidade fabril e em um bairro operário no pré-1964. Procuramos, pois, analisar as intrincadas relações entre organização, militância política, ativismo sindical e cultura operária neste período.

Especial destaque mereceu a análise da grande greve realizada em outubro de 1957 na empresa. Ela foi um momento fundamental de inflexão profunda nas relações de reciprocidade entre trabalhadores e empresa e abriu, para estes, um período de intensa organização e luta por direitos que, apenas o golpe militar em 1964 cessaria. A greve concentrou e tornou público em um movimento coletivo a deslegitimação, já presentes anteriormente no cotidiano fabril, das formas de dominação adotadas pela Nitro Química.

Outra preocupação presente neste estudo de caso foi a de relacionar, sempre que possível e necessário, a análise da trajetória dos trabalhadores da Nitro com as conjunturas mais gerais de cada período estudado. Da mesma forma, procuramos estudar as relações entre a história dos trabalhadores e a história da empresa e de seus proprietários⁵, não considerando a análise da classe operária de forma separada das outras classes e evitando assim, o que Eric Hobsbawm denominou de "auto-isolamento da história dos movimentos operários em relação ao resto da história"⁶.

A década de cinqüenta apareceu para nós como decisiva na história da Nitro Química e de seus trabalhadores. De um lado, em sua primeira metade, foi um período de grandes expectativas e investimentos em relação ao futuro da empresa. De outro, já em seu final mostrou a crise e o fracasso dos projetos planejados. Foi, talvez, o ápice do modelo de dominação empresarial criado nos anos anteriores e ao mesmo tempo o momento em que suas contradições foram tornando-se visíveis a ponto de colocar em xeque as relações de reciprocidade entre companhia e trabalhadores. Estes por sua vez, desenvolveram neste

⁵ Inúmeras vezes a utilização de fontes patronais (discursos, artigos e depoimentos de dirigentes da empresa, por exemplo) e de fontes policiais, extraídas do Acervo do Deops-SP, permitiram a revelação de aspectos da condição e ação operária a partir desta "fala dos outros", na expressão de Maria Célia Paoli. Conferir PAOLI, Maria Célia. "Trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira". In: LEITE LOPES, José Sérgio (org.). *Cultura e Identidade Operária. Aspectos da cultura da classe trabalhadora*. Rio de Janeiro, Marco Zero, Editora da UFRJ, 1987.

⁶ HOBBSAWM, Eric. "História Operária e Ideologia", p. 20. In: *Mundos do Trabalho. Novos Estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

período uma forte identidade social e uma cultura de militância e ativismo, que tornou esta fábrica um dos principais focos de atuação sindical e política operária do pré-1964.

Devido a estas razões optamos, nesta dissertação de mestrado, por privilegiar o estudo da fábrica e do grupo operário neste período. Foram necessárias, evidentemente, diversas incursões em momentos anteriores, particularmente nos anos quarenta, para uma melhor compreensão da formação dos mecanismos de dominação da empresa e das diversas lutas operárias e processos de construção de identidade social por parte dos trabalhadores. Compreendemos, entretanto, que um futuro estudo de maior fôlego e envergadura, abordando um período mais largo da história desta fábrica e de seus trabalhadores, faz-se necessário.

O primeiro capítulo desta dissertação procura contextualizar a trajetória da empresa desde a sua fundação em 1935 até o final dos anos cinquenta. Procuramos mostrar quais interesses moveram esta iniciativa, as relações entre empresários e Estado presentes desde o início, bem como os momentos de grande desenvolvimento e crescimento da companhia nos anos quarenta e início dos cinquenta até o começo da crise com o naufrágio de seus vários projetos. Ainda neste capítulo, vimos a importância da instalação da Nitro no bairro de São Miguel e como, ao tornar-se uma das maiores fábricas do país, passou a atrair trabalhadores do país inteiro.

O discurso empresarial e os mecanismos de dominação gestados pela Nitro, particularmente o chamado Serviço Social com sua política de "benefícios", nos anos cinquenta são o objeto de análise do capítulo 2. Procuramos compreender como este discurso empresarial relacionava-se com as propostas corporativas do Estado brasileiro, especialmente no período Vargas. Além disso, analisamos a lógica interna e as contradições destes mecanismos de dominação e assim, como foram interiorizados e reelaborados pelos trabalhadores, através de sua experiência e cultura.

O terceiro capítulo procura analisar a experiência do trabalho dos operários da Nitro Química durante os anos cinquentas, e como a partir dela gestou-se uma cultura fabril. Assim, abordamos as formas de contratação adotadas pela empresa, as condições de trabalho e salários dos trabalhadores, bem como os mecanismos de disciplinarização da mão-de-obra e os elementos constitutivos de uma cultura operária no interior da Nitro

No capítulo 4 procuramos compreender as relações entre os trabalhadores da Nitro e algumas organizações como o Sindicato dos Químicos de São Paulo e o Partido Comunista. Assim, percebemos como foi se gestando uma tradição de militância e ativismo sindical naquele grupo operário e como estas organizações se inseriam na experiência e cultura dos trabalhadores desta fábrica.

Finalmente, o capítulo 5 analisa especificamente a greve de outubro de 1957. Momento fundamental nas relações entre empresa e operários, esta greve nos ajuda a iluminar a crise de reciprocidade ali presente e o cotidiano do desenvolvimento da organização dos trabalhadores no interior da empresa. Procuramos não tratar este episódio isoladamente, relacionado-o com a "Greve dos 400 mil" que tomou conta da capital paulista alguns dias antes e também buscamos compreender o papel dos vários agentes sociais envolvidos no conflito.

Finalmente, um rápido comentário a respeito das fontes utilizadas. Em um trabalho com estas características, as entrevistas com antigos trabalhadores e dirigentes da empresa assumem grande importância. Entrevistamos dez operários e gerentes e ao fazê-lo procuramos encarar a memória como uma reelaboração socialmente determinada, e considerá-la como uma representação do passado da forma como ele é recordado pelo entrevistado. As fontes empresariais foram de grande utilidade para esta pesquisa. A possibilidade de acesso aos arquivos da empresa permitiu-nos ampliar em muito a nossa abordagem. Documentos internos, fichas de trabalhadores, fotografias e principalmente a coleção completa do informativo interno da companhia nos anos cinquentas, o *Nitro Jornal*, foram fundamentais para a elaboração dos dois primeiros capítulos.

Outras fontes importantes foram os jornais operários e da grande imprensa, que facilitaram em muito o entendimento da conjuntura estudada e principalmente da greve de 1957. O acervo do Deops do Arquivo Público do Estado de São Paulo foi fonte preciosa. Nele encontramos vários dados e informações sobre militantes sindicais e ativistas políticos que atuaram no bairro e na empresa, relatórios de acompanhamento de eleições do Sindicato dos Químicos, reuniões, assembléias e greves ocorridas na Nitro. Foi surpreendente e estimulante poder comparar e analisar estas fontes policiais em confronto com documentos do sindicato, como Atas de reuniões e assembléias e entrevistas de antigos dirigentes.

CAPÍTULO 1

"ESTA FÁBRICA TEM HISTÓRIA"

A Nitro Química da fundação ao final dos anos 50.

Flores para o presidente

Sorridente, ele recebeu a *corbeille* de flores das mãos da senhorita Yole Igaraya de Souza. Atento, ouviu ainda as palavras de gratidão da jovem operária que, em seu nome e de suas colegas, agradecia a visita que a mais alta autoridade da nação se dignara a fazer ao estabelecimento em que trabalhavam e pedia a Deus que zelasse pela saúde do presidente para o bem do "nosso" grandioso Brasil.

Era uma tarde de sexta-feira, dia 26 de Abril de 1940. Getúlio Vargas chegara a São Paulo pela manhã e em seguida já partira para cumprir uma extensa e cansativa agenda de atividades na capital bandeirante. Naquele momento, acompanhado por uma grande comitiva formada entre outros, pelo interventor Adhemar de Barros, pelo ministro da Agricultura Fernando Costa, pelo general Maurício Cardoso e pelos empresários José Ermírio de Moraes, Pereira Ignácio, Horácio Lafer e Numa de Oliveira, o presidente da República encontrava-se no longínquo subúrbio paulistano de São Miguel Paulista. Realizava-se a cerimônia oficial de inauguração da Companhia Nitro Química Brasileira.

Após a demorada visita, onde a comitiva presidencial percorreu os diversos setores da grandiosa indústria química, já contando então com mais de 2.800 operários, era também chegada a hora do agradecimento empresarial. José Ermírio de Moraes, em nome da direção da empresa discursava:

"Vossa Excelência está honrando com sua visita, há muito esperada, um grande empreendimento nacional que decisivamente ajudou a fundar. Consideramos que este é o ato inaugural da Nitro Química, cuja história se confunde com o largo período de realizações de seu governo. Esta empresa é a vitória de um alto esforço e de uma extraordinária perseverança. Vendo-a de perto, pela primeira vez, com o auxílio de suas próprias observações, compreenderá Vossa Excelência, que não foram inúteis os sacrifícios exigidos por esta obra de patriotismo. É com a exata compreensão do seu valor econômico e da importância da missão que ela desempenha, sentirá Vossa Excelência, como chefe de Estado e patriota esclarecido que é um dever patriótico ampará-la contra os *dumpings* perigosos e dissolventes cuja única finalidade reside na destruição do que custou tanto a construir e a por de pé. As nações sem celulose e

nitrocelulose são nações indefesas, mal preparadas para as indústrias da paz e da guerra. (...) só desejamos, Sr. Presidente Getúlio Vargas, com a maior sinceridade e patriotismo, que o governo de Vossa Excelência continue a nos garantir ordem e tranqüilidade (...). Agradecidos pela honrosa visita que Vossa Excelência está nos fazendo, declaramos a Nitro Química inaugurada, e muito mais que simplesmente inaugurada, ao serviço devotado e constante dos mais altos interesses econômicos e militares do Brasil".¹

Vargas, diante de tantas manifestações de patriotismo, preferiu não responder de imediato² às solicitações de proteção, amparo e medidas *anti-dumping* feitas por Moraes. Entretanto, tornava-se público o anterior auxílio governamental à empresa e a disposição da direção desta em devotar-se "aos mais altos interesses econômicos e militares do Brasil".

Em seu rápido discurso, o presidente optou por regozijar-se pelo auxílio prestado e apostar no futuro grandioso da empresa:

"Só tenho motivos para felicitar-me pelo auxílio inicial que o governo do país pôde, avisadamente, prestar para a instalação desta fábrica. O que acabo de verificar pessoalmente ultrapassou a minha expectativa. Os produtos aqui fabricados são úteis não só à defesa militar do Brasil, como à defesa de sua economia. Mas, a obra realizada não é tudo. A potencialidade, a capacidade de expansão de que estais dotados é ainda uma promessa maior. Apresento-vos, por isso, as minhas calorosas felicitações e desejo declarar que os momentos dedicados a esta visita foram bem aproveitados, deixando-me grata e forte impressão".³

Estava, com a bênção presidencial no auge da ditadura do Estado Novo e com o mundo enfrentando sua segunda grande guerra, inaugurada oficialmente a Nitro Química. Inaugurada, no entanto, apenas oficialmente. Sua história já era bem mais antiga.

¹ *O Estado de São Paulo*, 27 de abril de 1940, p. 5. Os dados relatados acima também foram extraídos da mesma matéria do jornal.

² Mais tarde, como veremos, Vargas atenderá aos pedidos de medidas protecionistas solicitadas por Moraes publicamente no discurso de inauguração da Nitro.

³ *O Estado de São Paulo*, 27 de abril de 1940, p.5.

Uma fábrica imigrante

No início de 1935, o industrial Horácio Lafer leu em um jornal norte-americano a notícia do encerramento das atividades da fábrica Tubize Chatillon Corporation, uma das fabricantes do fio raiom Chardonnet e produtos químicos nos Estados Unidos, com sede em Hopewell, no estado de Virgínia. Instalada nos Estados Unidos desde a década de 1910, a Tubize Chatillon havia sido formada com equipamentos obtidos da Dupont Nemours e uma fiação de raiom Chardonnet trazida da Bélgica. Com a crise da Bolsa de Valores de Nova York em outubro de 1929 e a grave depressão econômica que a sucedeu, a empresa amargou uma forte decadência que resultou em seu fechamento.

Vendo a possibilidade de um bom negócio, Lafer entrou em contato com os proprietários da firma norte-americana cogitando a possibilidade de uma *joint-venture* e a transferência da fábrica e seus equipamentos para o Brasil.

"Uns meses depois, estava eu no meu escritório no Rio de Janeiro, quando me disseram que um chamado Georg Juer, que eu não conhecia desejava falar comigo. Perguntei-lhe qual o assunto e com surpresa ele me comunicou que viera estudar a minha proposta de transferência da fábrica. Dois meses depois, formava-se a sociedade, os americanos entrando com a fábrica e a outra metade constituída pelos brasileiros".⁴

Os brasileiros, no caso, eram a associação da empresa de Lafer (Klabin Irmãos e Cia.) com a Fábrica Votorantim, de larga experiência no ramo têxtil e então liderada pelo empresário José Ermírio de Moraes. O relacionamento pessoal e político entre ambos já era antigo. Em 1933, Moraes apoiou e se integrou na campanha de Horácio Lafer na disputa de uma cadeira de deputado para a Assembléia Nacional Constituinte. Desta vez, tratava-se de reunir forças para um empreendimento ainda maior: montar e colocar em funcionamento uma grande fábrica de produtos químicos tendo como carro chefe a produção de uma fibra sintética, conhecida como seda artificial, mais tarde popularizada com o nome de raiom.

⁴ LAFER, Horácio. "Sonhos que se realizam " in *Nitro Jornal*, nº16, abril de 1954.

O raiom foi o primeiro fio sintético produzido em larga escala⁵. Criado em 1884 pelo francês Hilaire du Chardonnet, o fio raiom possuía características que imitavam as da seda natural. Pelo processo criado por Chardonnet, o fio era fabricado por um intrincado processo químico a partir de uma solução de nitrocelulose. Posteriormente outros processos de produção foram criados como o cupro-amoniacal, da viscose e do acetato de celulose⁶. Rapidamente popularizado, o raiom foi o precursor do mercado de fibras sintéticas e reinou absoluto até meados dos anos cinquenta, quando novas fibras mais modernas e baratas, como o náilon e o poliéster, passaram a dominar o mercado.

No Brasil, a demanda das tecelagens pelo raiom cresceu a partir dos anos vinte. Em 1919, Max Naegeli, um importador de corantes do Rio de Janeiro obteve a patente do processo de fabricação do fio. Arrendou-a ao Conde Matarazzo, que construiu a primeira fábrica de raiom do Brasil. Iniciando a sua produção em 1926 através do processo viscose, as Indústrias Reunidas F. Matarazzo monopolizaram a altamente lucrativa produção de raiom até meados dos anos trinta. Em 1933, a empresa francesa Rhone Poulenc-Rhodia também iniciou sua produção de raiom, através do processo acetato com a instalação de sua fábrica em Santo André⁷.

As possibilidades de alta lucratividade na fabricação de raiom eram por demais conhecidas no mundo industrial brasileiro da década de trinta. Lafer e Moraes estavam atentos a isto e a associação com os americanos aparecia como uma oportunidade única de enfrentar e quebrar as práticas monopolistas de um concorrente como Matarazzo. Para

⁵ Para maiores informações sobre a evolução do raiom e sua importância no mercado mundial conferir FAUQUET, L.G. *Histoire de la raïonne et des textiles synthétiques*. Librairie Armand Colin, Paris, 1960 e MARKHAM, Jesse W. *Competition in the Raiom industry*. Harvard University Press, Cambridge, 1952.

⁶ No Brasil foram principalmente utilizados três processos para a fabricação do raiom. O primeiro, utilizado pelas Indústrias Matarazzo, era o viscose, tendo como matérias-primas a celulose, soda cáustica e sulfeto de carbono. Já a Rhodia utilizava o raiom acetato, contando como base com o álcool etílico e o linter de algodão. O terceiro tipo, raiom nitrato de celulose, era o empregado pela Nitro Química e tinha como matérias básicas a celulose e o ácido nítrico. Posteriormente, como veremos a Nitro passou a fabricar raiom pelo método viscose, considerado bem mais avançado tecnologicamente.

⁷ Conferir DEAN, W. *A industrialização de São Paulo*. São Paulo, Difel, p. 134-136; VANIN, José A. "Industrialização na área química" in MOTOYAMA, Shozo (org.). *Tecnologia e Industrialização no Brasil - uma perspectiva histórica*. São Paulo, EdUnesp, 1994, p. 302 e SCHLESINGER, Hugo. *Enciclopédia da Indústria Brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1959, p. 1515-1517.

definitivamente garantir e viabilizar financeiramente o negócio, os dois grupos nacionais convidaram para a sociedade o Banco de Comércio e Indústria de São Paulo, representado na figura de seu proprietário, Numa de Oliveira e um grupo de catorze capitalistas associados.

Entretanto, não era apenas o raio o fator de sedução da proposta. O processo de fabricação do fio implicava na produção de uma série de componentes químicos, muitos dos quais o Brasil carecia. Os próprios estatutos da empresa mostravam a ambição de não se limitar ao raio, quando estabelecia, em seu artigo segundo, como finalidade da indústria "a fabricação e o comércio de produtos químicos e têxteis, seus derivados e da seda artificial"⁸. As instalações da Tubize Chatillon eram de grande proporção e compostas por uma fiação de raio, usinas de ácido sulfúrico e nítrico, fábricas de linter purificado, nitrocelulose, éter, sulfureto e sulfidrato de sódio. Todos esses produtos químicos eram usados na fabricação de raio.

Fechado o negócio em setembro de 1935, tratava-se de cumprir a transferência das instalações fabris para o Brasil. A transferência de uma fábrica com todo o seu maquinário e instalações da proporção da Tubize era provavelmente um fato inédito em território brasileiro. O custo era altíssimo e a fábrica só conseguiria ser transferida com a isenção dos direitos alfandegários. Iniciou-se, então, uma forte e longa relação entre a Nitro Química e o governo de Getúlio Vargas. A possibilidade de utilização militar da produção da fábrica serviu como um forte atrativo para o governo, naqueles anos de forte nacionalismo e crescente militarização internacional, que desembocaria na Segunda Guerra Mundial. Raul Carvalho Bastos testemunhou a decisão de Vargas:

"Tínhamos obtido a audiência por intermédio de Horácio Lafer, ministro de Getúlio, também interessado como um dos acionistas principais do grande empreendimento.(...) Pedi licença para ler pessoalmente a exposição que havia formulado (um relatório detalhado que tinha por escopo obter a isenção alfandegária).(...) Getúlio prontamente concordou e eu comecei a dar ênfase especial

⁸ RAVAGLIA, Fábio. *Contribuição à História da Cia. Nitro Química Brasileira - 1935-1985*. São Paulo, 1988, p. 1.

aos períodos de maior interesse para a economia nacional. Chegando ao ponto em que se fazia referência à possibilidade de uma produção para fins de guerra, a ser diretamente orientada pelo Exército, Getúlio interrompeu o que eu estava lendo para perguntar onde se instalaria a fábrica caso a isenção fosse concedida. Como São Paulo acabava de fazer uma revolução contra seu governo, julguei conveniente omitir a preferência já manifestada pelo Dr. José Ermírio de Moraes, que escolhera São Miguel, nas cercanias da capital, respondendo-lhe que o plano de sua instalação cogitava de uma localização que ficasse entre os dois maiores centros do país, Rio e São Paulo, na base do transporte rodoviário já existente, e que tudo indicava que devia ser Volta Redonda ou Barra Mansa.

De pronto, sem querer ouvir mais nada, Getúlio declarou que se sentia orgulhoso com mais essa iniciativa dos homens de São Paulo, disse a Horácio Lafer que estava de parabéns por haver patrocinado um encontro daquela natureza, fez ainda outras declarações acerca dos planos desenvolvimentistas de seu governo e concluiu com estas palavras textuais: 'podem garantir ao Dr. Moraes que a isenção está dada' ".⁹

O apoio de Vargas era fundamental em um momento onde o intervencionismo estatal nas relações econômicas era crescente¹⁰. O Estado ampliava sua atuação na economia do país buscando uma maior racionalidade e centralização das decisões a partir do próprio governo federal cada vez mais personalizando-se na figura de Getúlio Vargas. Nas circunstâncias citadas, a aprovação presidencial era garantia de andamento do negócio.

Garantida a isenção, José Ermírio de Moraes contratou o engenheiro Ary Torres, um dos fundadores do Instituto de Pesquisas Tecnológicas (IPT), para supervisionar a desmontagem e o embarque dos equipamentos dos Estados Unidos para o Brasil. Constatando o estado obsoleto do departamento de ácido sulfúrico, Torres indicou a compra de uma instalação nova da Chemical Construction Co. A compra desta unidade pelo grupo brasileiro aumentou sua participação acionária para 55%. Mais de dezoito mil toneladas de maquinários e equipamentos foram transferidos de Hopewell para São Miguel Paulista.

⁹ Citado em SCANTIMBURGO, João de. *José Ermírio de Moraes - o homem, a obra*. Rio de Janeiro, José Olympo, 1975.

¹⁰ Conferir FONSECA, Pedro Cezar Dutra. *Vargas: o Capitalismo em Construção*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 147-239.

Um raio de sol em São Miguel

A escolha de São Miguel para a localização da fábrica parece ter obedecido a uma série de fatores. Antiga vila fundada por jesuítas e índios no século XVII, São Miguel permaneceu isolada e estagnada economicamente por séculos. No início deste século não passava de um distante distrito na extremidade leste da capital. Com uma população de cerca de dois mil e duzentos habitantes na primeira metade dos anos trinta¹¹ - que viviam principalmente do fornecimento de madeira e carvão vegetal e das olarias criadas nas margens do rio Tietê - a localidade aparentemente não seria a melhor para a instalação de uma indústria do porte da Nitro Química.

Entretanto, foi naquele distante subúrbio paulistano que a grandiosa fábrica química importada da Virgínia se instalou. Até hoje, ainda, circulam versões míticas sobre a escolha de São Miguel entre a população local:

"(...)o pessoal lá (de São Miguel) têm histórias fantasiosas, carismáticas... dizem que num domingo que o Dr. José Ermírio de Moraes foi junto com Horácio Lafer escolher o lugar para a instalação da Nitro Química, estava saindo da Penha em direção daquela região. O dia estava nublado, havia muitas nuvens, mas abriu-se um espaço no céu e um raio de sol caiu diretamente na região de São Miguel. Ao ver esta cena, José Ermírio teria decidido e dito: 'Vai ser lá porque é um lugar predestinado' ".¹²

Horácio Lafer também construiu a sua versão para a opção pela afastada localidade:

"Quando José Ermírio de Moraes, Eduardo Sabino de Oliveira e eu tratávamos da escolha do local onde instalar a fábrica, São Miguel

¹¹ Conferir BOMTEMPI, Sylvio. *O bairro de São Miguel Paulista - A Aldeia de São Miguel do Ururai na História de São Paulo*, São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1970 e CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros - O cotidiano dos moradores da Periferia e o que pensam do Poder e dos Poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

¹² Entrevista concedida ao autor por Fábio Ravaglia em 18 de abril de 1995. Fábio Ravaglia é engenheiro químico e trabalhou na Nitro entre 1954 e 1985. Foi diretor técnico geral de 1961 a 1975, "uma espécie de segundo homem da empresa" segundo suas próprias palavras.

surgiu como um sonho do passado. A velha igreja evocava os tempos coloniais, a luta contra os índios. A vila tinha adormecido com o cansaço dos séculos - que por ela passaram. (...) São Miguel vivia na história de São Paulo antigo, divorciado do progresso do São Paulo novo. E os fundadores da Nitro Química sonharam então, (...) transformar esta vila em um centro cheio de vida e atividade, onde se trabalhasse pelo progresso do Brasil e onde uma população dinâmica, encontrando conforto e meios de subsistência, mostrasse que São Miguel não era só passado., mas também uma célula viva do São Paulo de hoje".¹³

Havia, porém, motivos menos "nobres" e sagrados para a escolha do bairro .

Embora afastado, São Miguel oferecia algumas condições favoráveis para a instalação de uma indústria como a Nitro. Desde 1930, já possuía uma linha de ônibus própria que ligava o bairro à Penha. Mais importante ainda, era a estação da estrada de ferro (variante de Poá da Estrada de Ferro Central do Brasil) inaugurada em 1932. Esta estação foi fundamental nos primeiros anos para o transporte do maquinário da fábrica e no período seguinte para o recebimento das matérias primas e o escoamento da produção, bem como para facilitar a mobilidade de grande parte da população do bairro. Durante anos, a fábrica possuiu acesso exclusivo e direto para a estação de trens.

A proximidade de um grande reservatório de água era essencial para a instalação e funcionamento da Nitro Química. A presença do rio Tietê, próximo aos terrenos adquiridos em São Miguel, permitia a captação de grandes quantidades de água para o processo de produção e o escoamento dos dejetos e resíduos químicos. Um outro fator essencial foi o baixo preço dos terrenos adquiridos, pois a fábrica necessitava de uma extensa área para se instalar e em uma região mais central da cidade os custos seriam elevadíssimos. Em São Miguel, contudo, foi possível comprar quase um milhão de metros quadrados a um custo bastante reduzido. Ao que tudo indica, a transação pôde ser facilitada pelas relações já existentes entre Ermírio de Moraes e a família Bey, grande proprietária de terras na região e

¹³ LAFER, Horácio, *idem*, *ibidem*.

que seria sócia de Moraes em uma pequena fábrica de cal no município de Itapeva, no interior do Estado de São Paulo.¹⁴

Um outro provável fator diz respeito à própria experiência empresarial de José Ermírio de Moraes. A fábrica de tecidos Votorantim, adquirida pelo seu sogro Pereira Inácio nos anos dez, se encontrava razoavelmente distante, em um distrito isolado de Sorocaba. Ali, era possível controlar e disciplinar a mão-de-obra procurando afastá-la da maneira mais eficiente possível de "influência externas" que de alguma forma contestassem a ordem vigente na empresa e na verdadeira cidade construída ao seu redor.

"Há testemunhos da existência de creches e jardins de infância, armazéns, igrejas e restaurantes de companhias, casas fornecidas pelos empregadores e assistência médica. Os visitantes da fábrica Votorantim, por exemplo, referiram a presença de todos esses serviços e mais alguns: cinema, piscina, quadras de tênis, campo de futebol, esgotos, água encanada e eletricidade. Votorantim era um caso à parte, por se tratar de uma fábrica muito grande, que distava alguns quilômetros da cidade mais próxima, Sorocaba.(...) Não transparece desses relatos, todavia que a administração dirigisse tais serviços com prejuízo. A folha de pagamentos da fábrica parece ter sido consideravelmente inferior à da média da indústria de tecidos no estado".¹⁵

Não é improvável que Moraes tenha se baseado neste seu conhecido exemplo na hora de pensar a localização da Nitro. A distância de São Miguel era, no caso, mais um fator favorável¹⁶.

O impacto da instalação da Nitro Química em São Miguel do Ururaí¹⁷ foi enorme. Alguns consideram, inclusive, a instalação da fábrica como o marco fundador de fato do bairro:

¹⁴ Entrevista de Fábio Ravaglia..

¹⁵ DEAN, W., op. cit., p.166.

¹⁶ É possível que as razões da escolha de São Miguel para a instalação da Nitro Química também estejam vinculadas às concepções ideológicas de "conquista do 'interior' através do progresso" e da "transformação do 'não civilizado' em 'civilizado'" bastante comuns e difundidas neste período. Tais concepções, por exemplo, estiveram bastante presentes na escolha da Baixada Fluminense como espaço para a construção da FNM como podemos ver em RAMALHO, op. cit., 1989,p.31-31 e 41.

¹⁷ Um dos mais antigos bairros de São Paulo, São Miguel Paulista teve vários nomes em sua história. Os primeiros registros que se tem notícia da região indicam que a região era ocupada por índios guainazes

"São Miguel se formou de 1930 prá cá por causa da fábrica, porque ali era tudo mato, onde tá a fábrica.(...) Depois que veio a Nitro prá cá então melhorou tudo. Evoluiu tudo, evoluiu, foi uma coisa que subiu rápido (...)"¹⁸

Certamente, a presença da Nitro a partir da segunda metade da década de trinta "inaugurou" o bairro em sua fase industrial. O crescimento populacional, praticamente estagnado durante séculos, passou a ser vertiginoso. Os índices de crescimento de São Miguel Paulista são, durante mais de quarenta anos largamente superiores aos da própria cidade de São Paulo¹⁹. O perfil rural da região alterou-se significativamente.

Toda esta mudança, porém, não deve ser atribuída exclusivamente à presença da empresa. A instalação da Nitro serviu como um estopim para o desenvolvimento do bairro. Somente em seus dois primeiros anos de funcionamento (1935-1937) mais de quinhentas novas construções somaram-se às cerca de duzentas moradias anteriormente existentes²⁰.

Como afirma Caldeira, entretanto, a expansão de São Miguel vinculou-se inicialmente à instalação da fábrica, mas a partir dos anos quarenta, esta expansão não pode ser dissociada do crescimento geral da cidade. O grande número de migrantes nordestinos (mas também muitos mineiros), que deu fama ao bairro de reduto nordestino, a "Bahia Nova", para lá se dirigiu atraído, sim, pelos empregos na fábrica, mas também e principalmente pela possibilidade de moradia fácil, barata e própria. Tal processo de ocupação ficou conhecido com o nome de "fenômeno dos loteamentos" e deu origem ao surgimento de inúmeras *vilas e jardins* que até hoje caracterizam o bairro.²¹

forros por volta do séc. XVI, sendo conhecida pelo nome de Uraraí. Com a chegada dos jesuítas, a aldeia teve seu nome alterado para São Miguel do Uraraí, nome com o qual ficou conhecida até os anos quarenta deste século, quando em um breve período de autonomia administrativa em relação à capital, a região foi denominada de Baquirivu, nome de um rio da localidade. Descontente com a alteração, a população do bairro organizou um movimento de coleta de assinaturas solicitando nova alteração. Foram cogitados três nomes: São Miguel Baquirivu, São Miguel Bahia e São Miguel Paulista, sendo que este último, ao recolher maior número de assinaturas tornou-se o nome oficial do bairro. Conferir BONTEMPI, op. cit. e CALDEIRA, op.cit., p. 33-41.

¹⁸ Citado em CALDEIRA, op.cit., p.36.

¹⁹ CALDEIRA, op.cit., p.38

²⁰ *O Estado de São Paulo* - 16 de agosto de 1957.

²¹ Conferir CALDEIRA, op. cit., p. 37-41.

De todo modo, "São Miguel foi um dos 'subúrbios-estação' em que a instalação industrial precedeu o estabelecimento industrial maciço"²². A instalação da Nitro em São Miguel iniciou a alteração do eixo de crescimento da cidade, inaugurando a industrialização do subúrbio.

Reconstruir a fábrica

No final de 1935 iniciou-se a transferência e a montagem da fábrica no terreno adquirido em São Miguel. As dezoito mil toneladas de máquinas, equipamentos, estruturas, entre outros, que haviam vindo dos Estados Unidos, chegaram do porto de Santos ao subúrbio paulistano pela ferrovia durante todo o chuvoso verão de 1935/36. Diariamente, cerca de dez vagões de material desembarcavam na recém construída estação ferroviária.

Um gigantesco trabalho de descarga, remoção, construção das estruturas e montagem das máquinas procedeu-se então. Cerca de cinquenta americanos, ex-empregados da Tubize, foram contratados para auxiliar a montagem e iniciar o treinamento dos brasileiros. Eduardo Sabino de Oliveira e Marcelo Kiehl chefiaram algumas centenas de trabalhadores, que após a construção da fábrica, foram em sua quase totalidade contratados como os primeiros operários da Nitro Química. As condições de trabalho eram extremamente precárias. O serviço do transporte de material dentro da área da empresa era feito na maior parte das vezes através única e exclusivamente da força humana. O depoimento do operário Mario da Silva Novaes, que participou da montagem da empresa ilustra bem as dificuldades enfrentadas:

"Em setembro de 1936 tinha só a portaria e pouca coisa mais. São Miguel era tudo campo. Muitos setores de construção da fábrica ainda estavam na base. (...) A minha turma começou a montar as instalações de ar condicionado e fazer reformas de armários que tinham vindo dos Estados Unidos. E eram mais de oitocentos armários. Ajudei a montar o ar condicionado da fiação e do *carrier* antigo.(...) Os prédios da área têxtil já estavam prontos e

²² CALDEIRA, op. cit., p. 37

dependendo apenas da pintura e montagem dos equipamentos. No [departamento] 05 estavam levantando as ferragens. A estrutura desse prédio foi feita de ferro e cimento armado e depois revestido. As bases são enormes e bem profundas. Tudo é de ferro até os últimos andares. Foi construído com grande resistência para sustentar equipamentos pesados (...). A fábrica organizou uma turma de uns quatrocentos operários só para empurrar caixas. Era conhecida como 'turma do pau'. Todas as caixas e grandes volumes eram movimentados por esse pessoal. O pátio da fábrica era todo irregular, remexido, com prédios em início de construção, valetas, buracos de todos os tipos e tamanhos e uma infinidade de caixas de peças espalhadas em todas as direções. Tudo era feito por meios braçais, usando-se calços, pau de carga, etc. O pessoal enfrentava buracos, lamaceira e tudo o mais e a fábrica ia aos poucos se organizando (...)"²³

Finalmente, em setembro de 1937, a indústria começava a sua produção. O primeiro departamento a entrar em funcionamento foi a unidade de ácido sulfúrico. Logo em seguida outros setores começaram a operar. No final daquele ano, os cerca de mil e quinhentos funcionários da Nitro já produziam aproximadamente duzentas toneladas por mês de raíom, além de ácido nítrico, sulfato de sódio, éter, colódio e nitrocelulose, além do já citado ácido sulfúrico.

A importação e montagem de indústria de tal dimensão causou espanto e um certo ceticismo quanto à sua viabilidade econômica. O alto custo de instalação e investimento inicial, a complexidade do processo de produção, a ausência de experiência e pessoal treinado eram algumas das razões apontadas para a descrença no projeto. No entanto, a Nitro também despertava entusiasmo. Os grupos industriais envolvidos já possuíam uma reputação firmada e para os setores adeptos de uma política desenvolvimentista e industrializante a instalação de tal indústria era considerada mais um marco do progresso do país. Em maio de 1936, Assis Chateaubriand, com seu estilo peculiar, escreveu um artigo que retrata bem esta euforia:

²³ Entrevista de Mário da Silva Novaes concedida ao setor de Recursos Humanos da empresa em 1985 por ocasião das comemorações do cinquentenário da Nitro Química. Foi encontrada nos Arquivos internos da empresa.

"Acabamos de rever em São Paulo (...) um trecho de paisagem westfaliana. Estamos em plena Alemanha do Reno. (...) Depois desta fábrica, São Paulo ainda falará mais grosso (...). É verdade que no empreendimento da Nitro Química há de tudo (...). A Nitro é um verdadeiro abraços de continentes, de raças e até de estados brasileiros (...). Na Nitro Química se espelha uma vertiginosa ascensão do espírito de progresso, orientado por homens vindos de todas as origens, e isto é o que entenece dizer, filhos de si mesmos, do seu próprio esforço, da sua prodigiosa vontade de criar para crescer o capital de desenvolvimento humano sobre a terra (...)"²⁴

Ela, a Nitro,

"ultrapassa tudo o que a nossa imaginação possa conceber, mesmo depois de visitar a América Fabril, aqui no Rio, o Belenzinho de Matarazzo, em São Paulo ou a Armour em Osasco. (...) é a maior fábrica do mundo para seda artificial pelo processo de nitrocelulose. Este parque não é uma fábrica, mas um complexo de fábricas. Estamos diante de um sistema industrial, e precisamente o mais amplo, o mais interessante que ainda se articulou no Brasil e no continente sul-americano. (...) Dagora por diante, é possível pensar no desenvolvimento da indústria química no Brasil. (...) Este ácido (sulfúrico) é chamado o pão da indústria química. Onde ele existe, há indústria química, que é o que vai ter o Brasil, de agora por diante, porque ele vai produzir o pão que a alimenta. (...) [a Nitro] se lança à indústria de adubos, pois que disporá de matéria-prima para ela. (...) O ácido nítrico vai ser outro de seus importantes subprodutos.

Ainda não se acentuou o que vale a Nitro Química para a defesa nacional e é nesse plano que ela representa o maior serviço até hoje prestado, por uma iniciativa particular, à segurança do Brasil. (...)".²⁵

Apesar deste júbilo, as dificuldades de fato existiam. Os custos de instalação foram deveras elevados e os prejuízos dos primeiros meses de produção aumentaram ainda mais o déficit da empresa.

"O capital levantado (...) talvez no primeiro ano já estava gasto. Porque em dinheiro mesmo, que era gasto em prédios, terrenos, foram 18 mil contos, 18 milhões de réis. Eu sei o seguinte, a

²⁴ CHATEAUBRIAND, Assis. "Uma Indústria-Chave", 08/05/1936, citado em SCANTIMBURGO, op. cit., p. 179-182.

²⁵ Idem, *ibidem*.

primeira vez que eu vi um balanço da Nitro Química , ela já estava devendo 60 milhões".²⁶

Duas outras razões contribuíram para aumentar ainda mais o quadro de problemas nos primeiros anos da Nitro Química. De um lado, um problema tecnológico. A fábrica de raiom adquirida junto a Tubize, além de difícil operacionalidade, era, de fato, bastante antiquada. O processo Chardonnet, pioneiro na produção de raiom, há muito já havia sido ultrapassado por métodos mais modernos, como o acetato e a viscose. Na realidade, a Nitro havia adquirido um maquinário obsoleto, completamente defasado tecnologicamente. As razões do fechamento da Tubize Chantillon não se referiam apenas à crise econômica, mas também ao fato dela ser a última fábrica de raiom do mundo pelo processo Chardonnet utilizando a nitrocelulose como matéria-prima. Agora era a Nitro Química esta última fábrica. "Só nos restava tirar da velha fábrica o máximo e gradativamente substituí-la"²⁷.

O outro problema era concorrencial. Inconformado com a perda do monopólio da produção de raiom, Matarazzo iniciou uma verdadeira guerra comercial com a Nitro Química. Embora tivesse perdido a renovação da patente do raiom em 1934²⁸, as Indústrias Reunidas F.Matarazzo ainda eram proprietárias da maior fatia de mercado e do processo mais moderno e econômico (viscose). Ainda assim iniciou uma verdadeira batalha dos preços. Após o início de produção da Nitro, Matarazzo foi paulatinamente baixando o preço de 45 contos de réis a tonelada do raiom até chegar a 10 contos de réis, em um autêntico processo de *dumping*. Além disso uma série de boatos desmoralizadores como este foram difundidos no mercado:

"(...) gente mandada (...) andava espalhando boatos que a Nitro ia falir e que era um perigo emprestar dinheiro para ela. Aos fregueses

²⁶ Entrevista de Eduardo Sabino de Oliveira concedida ao setor de Recursos Humanos da empresa em 24 de julho de 1987. Encontrada nos Arquivos internos da empresa.

²⁷ OLIVEIRA, Eduardo Sabino de. "Subsídios para a história da Nitro Química Brasileira". Este texto foi elaborado por ocasião do cinquentenário de fundação da empresa. Também foi encontrado nos Arquivos internos da empresa.

²⁸ Conferir DEAN. W., op.cit., p. 135.

diziam que não deviam usar o nosso fio, porque era explosivo e a fábrica voaria para o ar".²⁹

Ou ainda,

"a viscosa era um processo seguro, o nosso era nitrocelulose. Ele sabia que nós passávamos um trecho do processo, que era explosivo(...) e ele conseguiu que um funcionário roubasse a seda no estado explosivo, e ele conseguiu fazer umas meadas e umas certas coisas que eram até bonitas. Ele chegava para o sírio, que tinha uma fábrica com produtos da Nitro [e dizia]: 'O produto explode, o senhor está servindo de cobaia, isso é um perigo'. Com isso nos fez um mal horrível, porque geralmente o industrial não é um técnico e ele tinha visto o produto explodir".³⁰

Mais uma vez, as relações próximas com o governo Vargas ajudariam a Nitro Química. Como vimos, em seu discurso de agradecimento à presença do presidente na inauguração da empresa, José Ermírio de Moraes pediu providências contra a concorrência desleal e o *dumping*, numa clara referência às ações de Matarazzo. Getúlio, que naquele momento preferiu não se pronunciar sobre esta questão, iria agir logo em seguida. Assim, ameaçando invocar a lei antitruste³¹, congelando preços e provavelmente utilizando a Coordenadoria de Mobilização Econômica, que, pelo decreto lei número 4.750 de setembro de 1942, possuía o poder de fixar preços mínimos e controlar vários aspectos da atividade industrial³², o governo federal coibiu a ação de indústrias que artificialmente baixavam os preços para prejudicar a concorrência, como parecia ser o caso da Matarazzo no mercado de raíom.

Toda esta série de dificuldades aparentemente colaboraram para acirrar ainda mais as já tensas relações entre os sócios norte-americanos e os brasileiros. No final de 1939, os norte-americanos decidem se retirar da sociedade. Desde a instalação da empresa no Brasil,

²⁹ LAFER, Horácio. "Mais histórias sobre a Nitro" In: *Nitro Jornal*, nº 18, junho 1954.

³⁰ Entrevista de Eduardo Sabino de Oliveira.

³¹ Conferir DEAN, W. , op. cit., p. 136.

³² Conferir RAVAGLIA, op. cit., p. 7.

entretanto, a contribuição destes era apenas técnica. Os aportes financeiros, desde então, foram colocados exclusivamente pelos brasileiros.

Dificuldades de adaptação à realidade brasileira, conflitos com os técnicos locais e principalmente a crise econômica e o conjunto de problemas da incipiente empresa levaram os norte-americanos à conclusão da inviabilidade do projeto e à decisão de sair da sociedade. Venderam sua participação acionária por duzentos e cinquenta mil dólares e, desta forma a Nitro tornou-se uma empresa exclusivamente nacional.

Além das dificuldades de caráter econômico e empresarial, a empresa já se defrontava com um problema que viria a ser recorrente em sua história: o alto índice de insalubridade e periculosidade da fábrica. Acidentes de trabalho e doenças profissionais eram freqüentes desde o início das operações. Parece ter sido comum em São Miguel o temor que a indústria pudesse explodir (como de fato aconteceria alguns anos depois).

Assim, o ineditismo da inauguração de uma empresa já em funcionamento há quase três anos ia além de uma reafirmação dos laços de amizade e colaboração com o governo federal. Era também uma tentativa dos dirigentes da Nitro Química de atenuar a má imagem que começava a perseguir a indústria. Uma grande festa com a presença do presidente da República serviria para reafirmar a imagem de pioneirismo e grandeza apregoada pelos empresários e certamente teria uma ampla repercussão local e nacional.

As vantagens da Guerra

Getúlio pode ter sido um aliado, mas foi a Segunda Guerra Mundial que de fato salvou economicamente a Nitro Química. Neste período, a empresa se expandiu e conseguiu um grande desenvolvimento e crescimento econômico, superando as dificuldades dos primeiros anos.

A guerra significou um grande desenvolvimento para a indústria têxtil brasileira. Entre 1943 e 1945 a produção deste setor cresceu cerca de 59%.³³ A Nitro, que tinha neste setor industrial a sua maior clientela graças ao raíom, teve então uma ampla possibilidade de expansão.

A direção da empresa, procurando superar as dificuldades técnicas advindas da obsolescência do maquinário, agravadas com a retirada dos técnicos norte-americanos, resolveu investir pesadamente na qualificação de seus próprios quadros técnicos. Eduardo Sabino de Oliveira, novo diretor técnico com a saída dos americanos, estagiou durante cinco meses em várias empresas nos Estados Unidos, no início de 1940. Na sua volta, reordenou os diversos processos de produção na fábrica. Com a criação do Senai (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) em 1942, a Nitro fez um acordo com esta entidade e instalou sua escola em São Miguel para preparação de mão-de-obra especializada.

A maioria dos operários, porém, ainda aprendia na "marra"³⁴, e foram aos poucos se familiarizando e até aperfeiçoando os métodos de produção. Consumos de matérias primas muito dispendiosas como o álcool e o ácido nítrico foram gradativamente reduzidos. Técnicos e trabalhadores

"operaram milagres e levaram a produção de raíom e sua qualidade a níveis competitivos e, em nada inferiores ao raíom produzido pelos processos viscoso e acetato em usinas mais modernas e bem equipadas".³⁵

Fiel à sua idéia de aproveitamento máximo de resíduos e substâncias derivadas da produção do complexo de fábricas, a direção da empresa colocou em funcionamento em 1941 sua usina produtora de tintas e vernizes objetivando o maior aproveitamento da nitrocelulose. Com o sucesso da iniciativa, a fábrica ampliou a produção, utilizando outras

³³ Conferir PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Desenvolvimento e crise no Brasil: 1930-1983*. São Paulo, Brasiliense, 1990, p. 38.

³⁴ Voltaremos a este tema no capítulo 3 desta dissertação.

³⁵ Entrevista de Eduardo Sabino de Oliveira.

matérias-primas. Marcas como Nitrol, Nitrolux e Nitrolac obtiveram bastante aceitação no mercado naquele período.

A guerra não trazia apenas lucros, mas também problemas. O principal deles dizia respeito a escassez de combustíveis, particularmente o carvão e óleo. Caldeiras industriais tiveram que ser adaptadas para lenha. Regiões próximas à fábrica foram rapidamente desmatadas. Em 1941, a empresa comprou a fazenda Rodeio em Mogi das Cruzes, que a abasteceu de lenha e carvão vegetal durante vários anos.

Com a entrada do Brasil na guerra, era chegada a hora do governo mostrar a conta pelo auxílio tantas vezes dispensado à empresa e da Nitro mostrar que de fato estava devotada aos interesses econômicos e militares da nação. No auge da produção de raíom, as Forças Armadas exigiram que esta fosse reduzida e que a fábrica produzisse matéria-prima para a fábrica de pólvora e explosivos do Exército em Piquete (SP). Arcando com a possível perda de espaço num mercado sedento pelo fio, a Nitro atendeu a exigência e cumpriu as metas estabelecidas, o que mais uma vez ajudaria a consolidar suas relações com o poder.

Um episódio ilustra bem as relações políticas e pessoais que ligavam a Nitro Química ao governo de Getúlio Vargas. No início dos anos quarenta, o filho caçula de Getúlio trabalhou como químico na empresa. Segundo Fernando Morais, Assis Chateaubriand foi quem intermediou o contato:

"(...) Fechado o negócio, Getúlio despediu-se dos dois industriais e pediu que Chateaubriand permanecesse no gabinete:
'Tenho um caso pessoal a tratar contigo. Meu filho mais moço, Getulinho, fará o serviço militar daqui a nove meses. Ele é químico industrial e eu desejaria que ele fizesse o Exército em São Paulo e, nesse período, que fosse aproveitado em alguma fábrica paulista que opere na sua especialidade. Não quero que ele receba nada como ordenado. Quero apenas ambientá-lo no meio fabril de São Paulo. Se ele gostar, ao final do serviço militar ficará por lá, aí, sim profissionalmente'.
Chateaubriand sugeriu que a fábrica fosse a Nitro Química (...)"³⁶

³⁶ MORAIS, Fernando. *Chatô. O Rei do Brasil*. São Paulo, Cia. de Letras, 1994. p. 429.

A Nitro Química, é claro, aceitou como uma ordem a solicitação do presidente. Era uma boa oportunidade de estreitar mais ainda suas relações com o poder. Getulinho, entretanto, trabalhou pouco menos de um ano na fábrica. Contraiu uma poliomielite que o matou de neurite infecciosa³⁷.

O período da guerra também representou na história da Nitro Química uma série de atividades de caráter social e político de benefícios para seus trabalhadores. Provavelmente inspirada, como vimos, em iniciativas já realizadas nas Indústrias Votorantim e nos debates realizados desde os anos vinte pelos industriais paulistas sobre esta questão, a Nitro começa a construir no início da década de quarenta todo um aparato de iniciativas do que viria a se constituir numa das marcas da empresa : o Serviço Social.³⁸

"(...) antes mesmo que a assistência social ao trabalhador fosse considerada tarefa rotineira das atividades laborativas das classes produtoras (...) já instituía a Nitro na sua fábrica o Serviço Social e fazia erigir os primeiro edificios em que sua atividade iria se desenvolver. Datam, de fato, de 1942 e 1943 os primórdios da obra assistencial desta empresa".³⁹

Com o empenho direto do diretor Marcelo Milliet Kiehl e do próprio José Ermírio de Moraes, a Nitro parece ter sido uma das empresas pioneiras na articulação e funcionamento de um serviço social tão amplo e diversificado para seus trabalhadores. O setor de saúde, devido às condições da empresa, foi um dos primeiros a se expandir com a criação de um serviço médico com ambulatório na fábrica e posteriormente na década de cinqüenta com a fundação de um hospital e maternidade. Além disso, a empresa criou naquele mesmo período o restaurante, o berçário, a farmácia, a cooperativa, o clube esportivo e a já citada escola Senai, além de uma série de auxílios e benefícios concedidos.

³⁷ A passagem do filho de Getúlio e sua morte causou forte impressão em São Miguel e é comentada até os dias de hoje. Getulinho parece ter sido uma figura bastante afável e bem quista no bairro (transferência da boa imagem do pai para o filho?). Era, porém, dado a uma vida bastante agitada e boêmia. Devido a seu comportamento airado, muitos no bairro atribuem a sua morte à "exaustão", decorrência de inúmeras noites mal dormidas e agitações. Outros, menos sutis, afirmam que o caçula de Vargas foi vítima de alguma doença venérea.

³⁸ Estudaremos com mais detalhes o Serviço Social da Nitro no capítulo 2 desta dissertação.

³⁹ *Nitro Jornal*, nº 8, agosto de 1953.

Tempos de glória para a seda dos pobres

O final da guerra encontrou a Nitro Química em excelentes condições financeiras. A empresa auferiu lucros substanciais durante o conflito e o mercado de seu principal produto - o raiom - permanecia bastante aquecido.

Aliás, mais que aquecido, o mercado de raiom se encontrava em franca expansão no Brasil, chegando a existir, inclusive, um mercado paralelo deste produto. Numa época em que a indústria da confecção ainda não se encontrava desenvolvida e a maioria do vestuário era feito por artesãos ou nas próprias residências, os tecidos feitos a base de raiom tornaram-se muito procurados. Seu preço barato e sua textura bastante agradável para o clima brasileiro foram motivos suficientes para que rapidamente caísse no gosto popular. Famoso como a "seda do pobre", era principalmente utilizado em roupas femininas, gravatas, ternos, colchas, entre outros.

O crescimento conseguido com as vendas durante a guerra transformaram a Nitro na maior produtora de raiom do país e na maior indústria química de base de capital exclusivamente nacional. Em 1946, possuía quatro mil e duzentos trabalhadores e era uma das maiores fábricas da capital paulistana. Encontrava-se, então, entre as dez mais lucrativas empresas brasileiras.⁴⁰

Era o momento ideal para renovar seus obsoletos equipamentos. A direção da empresa, então, planejou a instalação de uma moderna unidade de produção baseada no processo viscose, o mesmo utilizado pelas concorrentes Matarazzo e Rhodia. A maquinaria de fabricação do fio sintético foi comprada nos Estados Unidos por dez milhões de dólares. Em 1946, iniciou-se no imenso terreno da Nitro Química a construção da sua nova fábrica de raiom e em setembro de 1948 já começava a produzir.

⁴⁰ Conferir TELLES, Jover. *O Movimento Sindical no Brasil*. São Paulo, Ciências Humanas, 2ª edição, 1981, p. 33. Telles descreve a Nitro como décima colocada em lucros das sociedades anônimas em 1947. A empresa teria tido um lucro bruto de 63 milhões e 174 mil cruzeiros e um lucro líquido de 36 milhões e 136 mil cruzeiros. A porcentagem do lucro líquido sobre o capital foi de 36%.

A instalação da nova fábrica implicava numa série de remodelações e criação de novos setores. A fábrica era composta de dez grandes seções: merceirização, trituração, sulfurização, banho, maturação e sedimentação, fiação, dessulfurização, vaporização, enrolamento e acabamento. Destes, apenas os dois últimos eram semelhantes ao processo anterior. Novamente, foi necessário um grande esforço de aprendizagem dos técnicos, chefes e operários da companhia. Salo Loebmann, engenheiro químico alemão, empregado da Nitro desde os anos trinta, redigiu um relatório de divulgação interna para familiarizar os trabalhadores e técnicos com o funcionamento da fábrica de raíom viscoso:

"O salão de fiação da Nitro Química é um dos maiores do mundo. Encontramos nele 120 máquinas de fiação, cada uma movimentada por 102 motores de maneira que nesse salão trabalham mais de 12 mil motores elétricos, 24 horas por dia e sete dias por semana. Cada máquina recebia viscoso por tubos partindo do encanamento geral. Esses tubos se desdobram na entrada da máquina e levam a viscoso aos dois lados da máquina de fiação. Em cada lado o tubo tem 50 furos pelos quais a viscoso passa para as bombas de fiação (...); após passar pela bomba dosadora, é em seguida filtrada (...) e mergulhada no "banho de fiação"(...) e em seguida a viscoso sai por furos finíssimos no fundo da feira. Cada furo corresponde a um filamento do fio posteriormente formado (...). A reação química entre a viscoso e o banho de fiação dá origem a formação de dois gases altamente tóxicos, o gás sulfídrico e o bissulfeto de carbono. Uma ventilação possante deve eliminar constantemente estes gases nocivos".⁴¹

Como veremos, quase nunca esta ventilação foi suficientemente possante para evitar uma série de problemas de saúde nos trabalhadores deste setor, considerado um dos mais insalubres da empresa até os dias de hoje.

Outra iniciativa importante no período subsequente à guerra dava continuidade aos estreitos contatos da companhia com as Forças Armadas. O Exército considerava insuficiente a produção brasileira de explosivos, somente realizada por uma fábrica militar própria, a de Piquete. A direção da Nitro, interessada neste mercado cativo, propôs então a

⁴¹ LOEBMANN, Salo. *Relatório sobre funcionamento da nova fábrica de raíom*. Esse texto foi encontrado nos Arquivos Internos da empresa.

construção de uma fábrica de trinitrotolueno (TNT) nas dependências de sua indústria em São Miguel . Com uma produção diária de cinco toneladas de TNT, o departamento Trotil iniciou suas operações em setembro de 1946.

Em junho de 1947, entretanto, um trágico acidente iria reformular os planos da empresa. Um reator com uma tonelada de TNT explodiu causando a morte reconhecida pela Nitro de nove operários. Os gases da nova fábrica de raiom e principalmente esta explosão causaram forte impacto entre os trabalhadores e a população do bairro, reforçando ainda mais a fama de "fábrica perigosa e produtora de mortes prematuras" que a empresa possuía. Seus perigos eram cantados em verso e prosa (de um modo bem nordestino) pelas ruas e bares de São Miguel Paulista:

"Terrível explosão sacudiu
 A Nitro Química Brasileira
 Juntamente com todo pavilhão
 Foi pelos ares a caldeira
 (...)
 No dia 18 de junho,
 No dia de quarta feira,
 Eram 12 horas e dez minutos,
 Eu estava em uma cadeira
 Quando ouviu-se um grande estrondo
 que foi notado redondo
 Na Nitro Química Brasileira.
 (...)
 Que abalou Baquirivú
 Vitimando dezoito operários
 Todos eles se achavam
 Firmemente em seus horários
 Sem pensar em tal sorte
 Encarando estava a morte
 Prá nossos correligionários
 (...)
 Supõe que seja manipulação
 De ácido em demasia
 Que causou a explosão
 Se fosse menos não fazia
 Isto mesmo tenho pensado
 Nesta minha poesia (...)"⁴²

⁴² Cordel: *A grande explosão da Nitro Química Brasileira*, Baquirivu, 15/08/1947, São Paulo.

Após a explosão, a empresa se viu pressionada a tomar uma série de medidas para prevenção de acidentes. O conselho de segurança contra o fogo e os fiscais de segurança que existiam desde 1943 foram transformados em uma Comissão Interna de Prevenção de Acidentes (Cipa) e uma série de ações preventivas começaram a ser adotadas. Os resultados, entretanto, não foram animadores. A Nitro, como veremos, continuaria a ser durante muito tempo, uma fábrica com alto risco para seus trabalhadores.

O setor de Trotil, desativado após a explosão, foi reconstruído e suas operações reiniciadas em dezembro de 1948. Porém, o que parecia ser um excelente negócio revelou-se um logro. A produção da fábrica era muito superior ao que efetivamente as Forças Armadas necessitavam. Paulatinamente reduzida, a fabricação de TNT foi suspensa a partir de maio de 1955.

Antes da fábrica voar pelos ares, a direção da Nitro Química, no entanto, já havia enfrentado uma outra questão explosiva. Em março de 1946, em sintonia com a onda de intensa mobilização operária no pós-guerra, era desencadeado um movimento grevista na empresa. Os trabalhadores reivindicavam aumento salarial e a militância comunista teve um importante papel na organização do movimento. A greve, embora parcial, foi duramente reprimida e derrotada. Vários operários foram demitidos e as supostas lideranças enquadradas em inquérito policial.⁴³

A partir desta greve a empresa intensifica ainda mais suas iniciativas no campo social. A não adesão de uma parte significativa dos trabalhadores foi atribuída aos benefícios sociais em vigor. Tratava-se, portanto, de implementá-los e expandi-los ainda mais. Para tanto a empresa também estimulou a fundação, poucos dias depois da parede, do Círculo Operário São Miguel. Contando com total apoio da empresa (a maior parte do orçamento da entidade era composto de doações da Nitro) e da igreja local, o Círculo desempenhou um papel

⁴³ Voltaremos a comentar sobre essa greve no capítulo 4 desta dissertação. Conferir também COSTA, Hélio da. *Em Busca da Memória: Comissão de Fábrica, Partido e Sindicato no pós-Guerra*. São Paulo, Scritta, 1995, p. 77-83.

assistencial auxiliar ao Serviço Social da companhia, além de procurar caracterizar-se como uma alternativa ao sindicato. Realizava festas, campanhas de arrecadação de fundos para os carentes do bairro, entre outras ações assistencialistas e recreativas.

Esperanças e Desilusões : os anos cinqüenta

A direção da Nitro Química iniciou os anos cinqüenta com grandes expectativas em relação ao futuro. As possibilidades pareciam imensas. A um mercado ávido por fio raiom, a empresa respondia com uma fábrica nova em folha capaz de disputar em pé de igualdade com os concorrentes.

Era hora de pensar em passos maiores, iniciou-se um amplo programa de investimentos baseada na idéia que cabia a ela o papel histórico de ser a "CSN da área química" no Brasil. Ou seja, tornar-se a grande indústria básica de produção de química pesada e assim influir decisivamente no desenvolvimento nacional, já que seria a fornecedora de quase todas as matérias primas para a indústria de transformação.

Para tanto era preciso em primeiro lugar garantir a independência da empresa em relação à produção de raiom:

"Cumpria em primeiro lugar tornar a nossa companhia independente de matéria prima importada. É necessário poder dizer que 'o raiom é nosso!' ".⁴⁴

Desta forma, a Nitro procurou produzir os elementos básicos do fabrico do fio artificial, seguindo a estratégia de não depender de outras empresas no suprimento de matérias primas essenciais. Assim, iniciou a fabricação de uma destas matérias primas: o dissulfeto de carbono. Embora dotada de uma maquinaria moderna que, em fornos elétricos, transformava carvão e enxofre em dissulfeto, a empresa teve uma série de problemas com

⁴⁴ OLIVEIRA, Eduardo Sabino de. "O programa de expansão da Cia. Nitro Química Brasileira" In: *Nitro Jornal*, nº 11, novembro de 1953.

este setor, que raramente conseguiu cumprir as cotas previstas, obrigando a importação do produto.

Maiores esperanças (e investimentos) eram colocadas na fábrica de sodas e derivados. Além de elemento básico na produção de raiom, a soda, significativa matéria prima industrial, teria um papel importante no desenvolvimento da companhia. Portanto, foi projetada uma grande usina, cuja produção excedente seria utilizada no fabrico de soda cáustica, gás cloro e outros derivados, como o adubo, produto ascendente no mercado nacional.

Entretanto, o projeto foi um fiasco. Aparentemente a empresa contratada em 1951 para a montagem da fábrica (a italiana Piacentini) não possuía tecnologia suficiente para tal empreitada. Foram diversos os atrasos na execução da obra, entrando em operação apenas em 1956, com diversos problemas de manutenção, insalubridade e custos de operação bastante elevados. Somente os setores de produção de cloro e soda tiveram condição de funcionamento, limitando em muito o projeto original. Os prejuízos foram enormes. Nos anos sessenta, a Nitro Química fechou definitivamente esta fábrica.

Outro investimento não muito bem sucedido foi o setor de fiação cordocel, também conhecida como *tire cord*, que também utilizando a viscose, produzia fios de raiom para uso nas lonas de pneus, já que:

"As novas estradas pavimentadas exigem dos pneus de caminhão um esforço que a lona de algodão, usada até agora, não pode suportar. Para isso as nações industrializadas usam o fio de raiom especial para pneu (...)".⁴⁵

O fio produzido, embora durante um certo tempo fosse vendido quase que totalmente para a Firestone do Brasil, teve muitos problemas de qualidade e não conseguiu se firmar no mercado, levando a empresa à desativação do setor.

⁴⁵ Idem, *ibidem*.

Fabricação de ácido sulfúrico a partir da pirita, produção de floco viscoso e de celulose de linter foram alguns outros projetos de menor vulto desencadeados pela empresa naquele período.

Mas o projeto que parecia mais promissor, no qual a direção da Nitro investiu boa parte de sua energia e dinheiro, foi o da construção e manutenção da Rilsan Brasileira S.A.. Após a Segunda Guerra Mundial, uma nova fibra sintética inventada nos Estados Unidos nos laboratórios da gigante química Du Pont revolucionava o mercado. Era o náilon. Em meados de 1950, a Rhodia brasileira anunciava um contrato de exclusividade com a Du Pont para a produção de náilon no Brasil. Os diretores da Nitro percebiam que a companhia poderia ficar numa situação difícil no mercado:

"Quem quiser náilon vai ter que comprar da Rhodia o raíom viscoso, quer dizer nós estamos duplamente atacados (...) Eu disse ao Dr. Moraes: 'vocês estão vendo já o caminho que vai tomar o negócio agora!' ".⁴⁶

E a direção da Nitro Química resolveu trilhar este caminho. Havia um outro processo de fabricação do náilon inventado por uma firma francesa que escapava às patentes da Du Pont. Por este processo chamado náilon rilsan, a fibra poderia ser sintetizada a partir do óleo de mamona. A diretoria da companhia entrou em contato com os franceses e constituiu uma *joint-venture* onde os brasileiros entravam com 85% das ações e o restante ficaria a cargo dos europeus. Parecia um excelente negócio, já que o Brasil era o principal produtor mundial de óleo de mamona.

Constituiu-se desta forma a Rilsan Brasileira⁴⁷. Em 1953 foi adquirido um terreno em Osasco (SP) e iniciada a construção dos prédios. A produção iniciou-se em novembro de 1955. Entretanto, mais uma vez, o projeto entrou em crise. Rapidamente, a tecnologia

⁴⁶ Entrevista de Eduardo Sabino de Oliveira.

⁴⁷ A constituição da Rilsan é mais um exemplo das estreitas relações dos dirigentes da Nitro Química com o governo de Getúlio Vargas. A Du Pont, empresa americana possuía a patente do náilon, tendo assim o direito exclusivo de fabricação desta fibra no Brasil. Entretanto, graças às gestões de dirigentes da Nitro junto ao presidente Vargas, este determinou a anulação destas patentes em território nacional, possibilitando, desta forma, a formação da Rilsan Brasileira.

utilizada tornou-se obsoleta e, se o óleo de mamona era de fácil aquisição, o mesmo não podia ser dito de outros componentes necessários para a produção como o bromo.

A Rilsan, que prometia ser a possibilidade de expansão da Nitro no campo das fibras químicas, foi na realidade um novo fiasco. Nunca chegou a ser lucrativa e comprometeu seriamente as finanças de sua acionista majoritária.

"(...) a fábrica de soda e derivados e a Rilsan foram empreendimentos infelizes. Se tivessem dado certo, a Nitro Química seria hoje uma gigante da área química. Só ela sozinha seria do tamanho de todo grupo Votorantim (...) Fracassaram e foram um sorvedouro de dinheiro que drenaram os recursos para uma grande expansão (...)".⁴⁸

Os primeiros anos da década de cinquenta também pareciam ser uma fase de grandes realizações nas relações internas da fábrica. O Serviço Social da empresa era definido por seus responsáveis e por muitas autoridades públicas e empresariais como exemplar no Brasil. Festas de aniversário das instalações e de inauguração das ampliações da assistência se sucediam. Todos aguardavam ansiosos a inauguração da obra máxima do Serviço Social: o hospital e maternidade, que viria a acontecer em 1955. O *Nitro Jornal* procurava espelhar este clima de felicidade e paz da "família nitrina".

Mas por trás desta aparente harmonia uma sucessão de conflitos se sucediam. Baixos salários, trabalho insalubre e perigoso, autoritarismo das chefias formavam um quadro de conflitos, insatisfações e crises, que vez por outra tornava-se público.

A partir da segunda metade da década a empresa começava a entrar na sua mais profunda crise, que só se resolveria no final dos anos sessenta. Como vimos, a estratégia de expansão adotada pela empresa fracassou. Os principais empreendimentos não foram adiante esgotando seus recursos. A ausência de uma base de pesquisa tecnológica, fundamental no ramo químico no Brasil e na empresa, ajudam a explicar o envolvimento em projetos tecnicamente fadados ao fracasso. Ademais, embora a Nitro o desejasse, não estava claro se

⁴⁸ Entrevista de Fábio Ravaglia.

o governo de fato pretendia transformá-la na grande "indústria de química pesada nacional" e o apoio governamental reduziu-se nos anos cinquenta, particularmente após o afastamento de Vargas do poder.

Além disso, o final da década de cinquenta coincide com a crise da tradicional indústria têxtil, principal mercado da Nitro Química. O fracasso de outros projetos a deixava ainda mais dependente economicamente do raio em um momento onde o mercado do produto amargava um grande refluxo. O surgimento e popularização de novas fibras sintéticas, como o próprio náilon, desbancou para sempre a seda dos pobres.

Por fim, o final da década foi marcado ainda pela ocorrência da maior greve da história da fábrica e pela eclosão de um novo tipo de relacionamento entre trabalhadores e empresa, com uma participação mais ativa do sindicato e o esgotamento de um modelo de gestão fabril do qual o Serviço Social era o grande símbolo.

Os anos cinquenta são, portanto, um período decisivo para a compreensão da história da Nitro Química e de seus trabalhadores. Anos de esperanças e desilusões. Neles estão compreendidos ao mesmo tempo o ápice econômico de um modelo de dominação e sua crise terminal. Neste período surge também um vigoroso movimento de trabalhadores que redefine em outros patamares antigas relações de poder na companhia. Para começar a compreender estes turbulentos anos é preciso, no entanto, aprofundarmo-nos mais no ideário da direção da empresa e nos mecanismos de dominação adotados por esta para buscar o controle e consenso de seus trabalhadores.

CAPÍTULO 2

"UMA DAS EMPRESAS MAIS FELIZES DO BRASIL"

Discurso empresarial, sistema de benefícios e mecanismos de dominação na
Nitro Química dos anos 50

A grande família nitrina

Analisando as páginas do *Nitro Jornal*, boletim interno da companhia editado nos anos cinquenta, e outros documentos patronais foi possível perceber a construção de um discurso empresarial que possuiu um importante papel como mecanismo de dominação. Ao mesmo tempo, procuramos detalhar o enorme aparato criado pela Nitro buscando o controle e o consentimento, bem como analisar a interiorização e incorporação destas formas de dominação pelos trabalhadores.

Um dos elementos centrais da ideologia empresarial na Nitro Química nos anos cinquenta foi o recorrente apelo à noção de família para denominar a comunidade fabril. Assim, o próprio *Nitro Jornal* pretendia ser o "espelho da grande família Nitro Química"; o então recém-contratado advogado da empresa Domingos Centôla lembrava em seu primeiro jantar de confraternização que "somente há cinco meses estava integrando essa grande família coesa, que era sem dúvida um orgulho para o Brasil"; a inauguração da Rilsan era "mais uma jornada vitoriosa da família nitrina" e José Ermirio de Moraes no Natal de 1955 podia, vaidoso, afirmar que a Nitro era "uma grande e entusiástica família (...) e certamente uma das empresas mais felizes do Brasil".¹

A constante alusão à idéia de uma grande família como forma de representação da empresa servia para reforçar as bastante freqüentes relações pessoalizadas entre chefias e operários na Nitro. Como veremos mais adiante, os ocupantes de cargos de chefia em seus vários níveis tencionavam adquirir uma autoridade e uma intimidade junto aos operários para além daquela da sua função específica. Acolhiam, aconselhavam, ajudavam e muitas vezes se imiscuiam em questões particulares de seus empregados, frequentemente preenchendo uma expectativa dos próprios trabalhadores.

¹ Todas as citações são do *Nitro Jornal*, respectivamente dos números 3 (março de 1953), 13 (janeiro de 1954), 17 (maio de 1954) e 37 (janeiro de 1956).

Embora de maneira menos institucionalizada que outras empresas² no mesmo período, a Nitro Química também privilegiava a contratação de parentes, amigos ou pessoas indicadas por seus próprios empregados. Os laços de parentesco e amizade presentes nas relações entre os trabalhadores ajudavam a compor este quadro familiar que a empresa difundia. Por outro lado, provavelmente, o fato de que grande parte de sua mão-de-obra fosse composta de migrantes nordestinos, em geral solteiros e sem grande número de familiares por perto, criava condições para que a idéia de "família nitrina" fosse bem acolhida entre estes operários, criando um sentimento de pertencimento a uma coletividade em um momento de redefinição de seus laços afetivos tradicionais.

O depoimento de Catarina de Jesus Crusato Cano, funcionária da Nitro entre 1946 e 1992 exemplifica bem como essa noção de família era percebida por muitos operários:

"Naquela época a fábrica era como uma grande família. Todos se conheciam. As pessoas se preocupavam umas com as outras (...) Quando algum parente de funcionário morria, a fábrica em peso ia ao enterro. Os diretores, quando impossibilitados de comparecer, enviavam representantes. Os funcionários recebiam cartões da empresa quando faziam aniversário, e na hora de admissão quem tivesse parente na Nitro tinha preferência".³

Também uma certa noção de "nordestinidade" foi muitas vezes utilizada pela empresa para reforçar sua idéia de família fabril⁴. A origem pernambucana de José Ermírio de Moraes era sempre lembrada procurando-se criar laços de identidade entre o proprietário da empresa e seus operários, majoritariamente nordestinos. Além disso, a Nitro Química buscava mostrar-se sempre preocupada com o destino e a sorte dos nordestinos, solidária

² Ver por exemplo RAMALHO, José Ricardo. op. cit., 1989; LEITE LOPES, José Sérgio. op.cit., 1988; SILVA, Fernando Teixeira. op.cit., 1995. Voltaremos a esta questão mais adiante.

³ *Nitro Notícias*, nº 14, setembro de 1993.

⁴ É importante notar que a grande presença de nordestinos na Nitro também foi utilizada pelos militantes sindicais para criar a idéia de um maior espírito de luta, união e combatividade dos operários da empresa. José Ferreira da Silva, diretor do Sindicato dos Químicos entre 1957 e 64, afirmava, por exemplo, que: "Sabe o que acontece, a maioria era nortista, e, você sabe, os nortistas são muito solidários uns aos outros (...) isso aí ajudou muito, nortista é danado".

com suas dificuldades, como nesta campanha de auxílio aos flagelados do Nordeste feita em 1953:

"A pedido dos nordestinos da empresa, informamos que foi arrecadada a quantia de cento e doze mil, quarenta cruzeiros e noventa centavos para a lista de contribuição visando amenizar o sofrimento de nossos patrícios".⁵

A forma de gestão empresarial adotada pela Nitro Química durante a década de cinquenta guarda semelhanças com alguns elementos descritos pela historiadora francesa Michelle Perrot em sua análise sobre as características do chamado paternalismo industrial na França.⁶

Segundo as características do paternalismo, descritas por Perrot, a presença física do patrão nos locais de trabalho possuía um papel chave como mecanismo de gerência industrial. Não era exatamente este o caso da Nitro. Em geral, durante os anos cinquenta José Ermirio de Moraes e Horácio Lafer, os dois grandes "pais" da empresa encontravam-se afastados do cotidiano da companhia. Entretanto, isto era justificado e compensado de diferentes formas.

Em primeiro lugar, argumentava-se que o afastamento de ambos devia-se a grandes, imperiosas e inadiáveis questões: envolvimento nos inúmeros afazeres decorrentes dos negócios das várias firmas do grupo empresarial que liderava, no caso do primeiro, e as tarefas políticas derivadas dos cargos de deputado e ministro no caso de Lafer. Em segundo lugar a direção administrativa de Marcelo Kiehl e técnica de Eduardo Sabino de Oliveira (e os amplos poderes que detinham no cotidiano da empresa) substituíam com grande eficiência a ausência de Lafer e Moraes, cumprindo bem o papel de "patrões no local de trabalho". Nas entrevistas realizadas, mesmo os operários mais vinculados ao sindicato

⁵ *Nitro Jornal*, nº 5, maio de 1953.

⁶ No paternalismo industrial, segundo Perrot "as relações sociais de trabalho são concebidas conforme o modelo familiar: na linguagem da empresa familiar o patrão é o pai, e os operários os filhos, na concepção do emprego que o patrão deve assegurar aos operários, na prática cotidiana do patronato, visível até em certas festas (...) enfim na existência de certas instituições de previdência". Conferir PERROT, Michelle. *Os Excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 61 e 62.

consideravam o Dr. Kiehl "um homem muito bom, que atendia muito bem os trabalhadores"⁷. Um outro episódio, ocorrido com o operário Belarmino Pereira Duarte, pode ilustrar bem como muitos trabalhadores sentiam e prezavam as possibilidades de relativo fácil acesso junto à direção da empresa:

"E um dia eu precisei de dinheiro, eu queria dinheiro para fazer farra, ia tomar emprestado, era dia de sexta-feira. Sábado eu ia para a gandaia. (...) [Eu fui ao escritório] mas tinha um chefão lá: 'O que que você quer Belarmino?'. Eu disse que queria falar com o Dr. Kiehl. Ele disse que não podia e não deixou eu entrar, mas aí eu vi o Dr. Kiehl saindo. Fui falar com ele e disse: 'Doutor, eu estou precisando de dinheiro. Eu queria um valezinho de dois e quinhentos'. Ele falou: 'Manda fazer e vai no caixa e pega'. Eu fui no caixa e eles disseram que não tinha dinheiro não. [quando eu disse isso para ele] O doutor disse: 'Oche!! Não tem dinheiro no caixa. Você quer dois e quinhentos? Venha cá'. Esse homem era diretor, mas era bom. 'Eu vou lhe emprestar do meu, quando você tiver neste mês ou no outro, você me paga'. Foi lá na gaveta, pegou o dinheiro e me deu. Quando foi dali a pouco, no pagamento, eu joguei no bicho, porque eu sou viciado no bicho. E ganhei trezentos contos".⁸

Feliz com sua sorte, Belarmino voltou a procurar o diretor da empresa e mais uma vez:

"O chefão lá tentou barrar de novo e disse: 'Outra vez! Tem que marcar audiência'. (...) Mas o Dr. Kiehl ouviu e deixou eu entrar. Eu disse: 'Vim pagar o seu dinheiro'. Ele disse: 'que dinheiro?' Eu acho que ele deu uma de João-sem-braço para me testar. Aí eu falei que era o dinheiro que ele tinha me emprestado. Ele falou que nem se lembrava que quando eu precisasse ele estava sempre as ordens. Tudo isso na frente do outro [do funcionário que tentou impedir a entrada de Belarmino] que ficou com cara de tacho".⁹

⁷ Entrevista de José Ferreira da Silva, concedida ao autor em 08 de dezembro de 1994. José Ferreira trabalhou na Nitro entre 1946 e 66. Em 1956 foi eleito diretor do Sindicato dos Químicos de São Paulo, permanecendo na direção da entidade até o golpe de 1964, quando foi cassado.

⁸ Entrevista de Belarmino Pereira Duarte, concedida ao autor em 15 de novembro de 1994. O Sr. Belarmino trabalhou na Nitro Química entre 1946 e 1983, quando se aposentou.

⁹ Idem.

Por outro lado, convém não exagerar a ausência dos dois fundadores da empresa. Moraes e Lafer procuravam estar presentes em todos os momentos considerados por eles e por muitos dos seus empregados como importantes, tais como reuniões de diretoria, festas, inaugurações de novos setores ou máquinas, confraternizações de final de ano, entre outros. Além disso, eram constantes suas visitas ao chão da fábrica e conversas com operários¹⁰. Apesar de nem sempre presente, Moraes reiteradamente fazia questão de difundir que dentre todas suas empresas a Nitro era especial, a sua "menina dos olhos"¹¹.

Para muitos operários a figura carismática de José Ermírio de Moraes parece ter sido preservada de responsabilidades pelas situações de injustiça no interior da fábrica. A "culpa" pelas precárias condições dos operários eram, em geral, dirigidas aos chefes e encarregados imediatos.

"A Nitro Química não era ruim, tinha essas coisas de queimar assim, mas ruim eram os chefes. O Moraes é um homem que merece valor pelo respeito que ele tem (...). Esses casos de ruindade que eu estou te contando eram as chefias, as chefias não tinham capacidade (...) Era bom aqui, mas os chefes é que faziam essas coisas de castigar, mandavam embora sem direito, não era o Moraes".¹²

Mesmo em situações de forte confronto entre a empresa e os trabalhadores, a figura de Moraes era poupada de críticas. Na greve de 1957, por exemplo, sua ausência da companhia e o desconhecimento do que realmente ocorria no cotidiano fabril eram usados como justificativa pelos próprios operários:

"Você sabe que eu acredito que, se o velho Ermírio de Moraes soubesse ou tivesse alguém em condições de falar tudo que

¹⁰ Assim como na citação anterior, não faltava nestes momentos o E.P. Thompson denominou de "teatralização da dominação". Ermírio de Moraes dava dinheiro do próprio bolso a trabalhadores que diziam estar passando necessidades, desautorizava e criticava em público chefes de seção, etc. Em seu trabalho sobre a Companhia Paulista de Tecidos, Leite Lopes também analisa fenômeno semelhante. Conferir LEITE LOPES, op. cit., 1988, p. 52-55 e THOMPSON, E.P. "Modos de dominação e revoluções em Inglaterra". Campinas, IFCH-Unicamp, 1995 (mimeo).

¹¹ Citado na entrevista de Eduardo Sabino de Oliveira.

¹² Entrevista de Belarmino Pereira Duarte.

acontecia lá dentro, eu acredito que ele até podia mudar (...) porque diversos peões que conversaram com ele foram atendidos".¹³

A Nitro, ainda, além de ser uma empresa "familiar" era dirigida por famílias. Desta forma, era freqüente a presença de membros das famílias dos proprietários e da diretoria como um todo em eventos e no dia-a-dia da indústria. Procurava-se criar um espírito de intimidade e conagração permanentes como deveria ser o de uma boa família. Um exemplo disto eram as costumeiras "peladas" no clube da empresa nas quais operários, chefes e "filhos do dono" animadamente se divertiam como num fraterno e popular "casados contra solteiros" onde:

"entre os grandes valores, destacou-se o guardião Dr. José Ermírio de Moraes Filho (...). Outro elemento de relevante valor foi o Dr. Antônio Ermírio de Moraes, que atuando como centro-médio fez por muitas vezes prevalecer a sua técnica e fibra para anular as tentativas dos atacantes adversários".¹⁴

Além de características do paternalismo industrial, as relações sociais representadas com a imagem de família foram comuns durante o Estado Novo¹⁵. Em seu trabalho sobre formas de gestão em empresas estatais nos anos quarenta e cinquenta, José Ricardo Ramalho afirma que um recurso "utilizado pelo Estado como patrão, no processo de dominação sobre os trabalhadores" foi o recorrente apelo "para a formação de uma 'família'".¹⁶ Certamente, tais imagens amplamente difundidas pelo Estado influenciaram e sofisticaram ainda mais o discurso patronal na Nitro Química.

¹³ Entrevista de Joaquim Anselmo dos Santos, funcionário da Nitro Química desde os anos cinquenta onde trabalhou durante mais de trinta anos. A entrevista foi concedida ao autor em 15 de novembro de 1994.

¹⁴ *Nitro Jornal*, nº 32, agosto de 1956.

¹⁵ Regina Morel afirma que: "A imagem de 'família' é recorrente nos discursos oficiais durante o Estado Novo: o povo constituiria a 'família', protegida pelo Presidente, o 'pai dos pobres', expressando a relação de tutela e os laços corporativos entre o Estado e a classe trabalhadora". Conferir MOREL, Regina. *A Ferro e a Fogo - construção e crise da "família siderúrgica" - o caso de Volta Redonda (1941- 1968)*. São Paulo. Tese de doutorado, USP, 1989, p. 78

¹⁶ RAMALHO, op. cit., 1989, p. 44.

Em busca da paz social

Diretamente relacionado com a imagem de família está outro elemento recorrentemente presente no discurso da direção da Nitro Química: a busca da "paz social".

Um dos pilares da ideologia corporativista¹⁷, a "paz" ou "harmonia social" era concebida por seus ideólogos como uma consequência da anulação de uma política que priorizasse a luta de classes e a promoção de uma que enfatizasse a cooperação entre trabalhadores e patrões, ou melhor, entre *empregados e empregadores*¹⁸.

A diretoria da Nitro compartilhava em grande medida desta concepção. José Ermírio de Moraes, por exemplo, dizia que, para ele, o mais importante na Nitro era:

"a ordem que aqui reina, pois não consigo distinguir diretores e empregados (...) todos estão trabalhando harmoniosamente e tudo vai sendo resolvido harmoniosamente sem necessidade de transformação".¹⁹

Afinal, para existir uma boa família era necessário haver harmonia. E esta, só seria conseguida com muita compreensão e colaboração de todos os seus membros. Parece ser este o recado transmitido pela empresa em um significativo artigo publicado em junho de 1957 intitulado "Pela paz social"²⁰ :

"A paz social, indispensável à estabilidade das instituições e essencial ao progresso e a felicidade da nação, depende fundamentalmente da cooperação entre o capital e o trabalho".²¹

¹⁷ Na definição de Luís Werneck Vianna: "o específico do corporativismo estava na busca da instituição da 'paz social', na tentativa de estabelecer um amplo consenso que também obrigasse politicamente as classes subalternas (...)". Conferir VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e Sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978, p. 206. A idéia de "paz social", entretanto não era característica exclusiva do corporativismo estatal estando também presente nas concepções católicas sobre a questão operária sistematizadas, por exemplo, na Encíclica *Rerum Novarum* do papa Leão XIII.

¹⁸ Kazumi Munakata chama a atenção para esta alteração na denominação das classes dentro da legislação corporativa. Conferir MUNAKATA, Kazumi. *A Legislação Trabalhista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1981, p. 69 (grifos do autor).

¹⁹ *Nitro Jornal*, nº 10, outubro de 1953.

²⁰ *Nitro Jornal*, nº 50, junho de 1957.

²¹ *Nitro Jornal*, nº 51, julho de 1957.

O artigo, porém, ia além. Traçava uma espécie de direitos e deveres de "empregados e empregadores", definindo o que cada um deveria esperar do outro:

" O que o empregador espera do empregado:

- 1- Dedicção baseada na honestidade e lealdade;
- 2- Produtividade máxima, baseada na eficiência e lealdade;
- 3- Interesse pelo progresso da empresa, baseado na sua identificação com a mesma;
- 4- Compreensão quanto aos problemas com que o capital se defronta, inerentes às suas responsabilidades de manutenção da continuidade da empresa;
- 5- Cooperação, sob todas as formas e em todos os sentidos, traduzida por uma elevada conduta de disciplina e boa vontade não só em relação aos seus superiores, como aos companheiros de trabalho".²²

Não é sem motivo que este artigo é publicado às vésperas da maior greve da história da companhia, que estouraria poucos meses depois em outubro do mesmo ano²³. Já vivendo uma situação "nervosa", a empresa tratava de lembrar aos seus funcionários a necessidade da busca de "paz social" lembrando-os de seus deveres. Assim, valores como lealdade e cooperação são enfatizados ao mesmo tempo que se pede eficiência, produtividade e dedicação. A completa identificação com a empresa e a conseqüente compreensão de seus problemas completariam o quadro de harmonia necessária para o bem comum da "família nitrina". Mas não era apenas isto, os empregadores também tinham as suas obrigações junto a seus empregados:

- "1- Remuneração justa e eqüitativa, com respeito integral aos direitos assegurados pela Legislação Trabalhista, e oportunidade de acesso a melhores funções;
- 2- Tratamento humano e cordial, baseado na compreensão das deficiências na natureza de cada um e contribuição ao aperfeiçoamento dos seus conhecimentos ou da sua eficiência profissional ou técnica;

²² Idem, *ibidem*.

²³ Esta greve será analisada com maiores detalhes no capítulo 5 desta dissertação

- 3- Reconhecimento do esforço pessoal e da dignidade das suas funções, por mais modestas que sejam, como parte da própria dignidade da pessoa humana;
- 4- Ambiente de trabalho higiênico e condigno;
- 5- Respeito dos seus deveres de probidade;
- 6- Reconhecimento de direito de, pelo seu esforço em prol da empresa, poder considerar-se integrado na mesma vinculando a isto suas aspirações com relação ao futuro".²⁴

Relatando os seus deveres para com seus funcionários a Nitro Química tentava responder às críticas que vinha sofrendo. Como veremos, baixos salários, péssimas condições de trabalho e autoritarismo no relacionamento entre empresa e funcionários eram as principais queixas dos trabalhadores naquele período. Em um momento de crise a direção da empresa procurava reafirmar e explicitar as relações de reciprocidade entre a companhia e seus operários, buscando assim, com este artigo reafirmar seu compromisso com a resolução destes problemas definindo uma série de obrigações recíprocas que deveriam ser cumpridas, pois:

"O Brasil espera que (...) empregadores e empregados reconhecendo reciprocamente a legitimidade de tais objetivos, se disponham a dar à causa da Paz Social a mais patriótica de suas contribuições".²⁵

A serviço dos interesses do Brasil

A citação acima nos remete para um princípio básico no ideário da Nitro Química, presente desde sua fundação, reafirmado, como vimos, nos discursos de inauguração da fábrica e referido constantemente nas palavras e artigos dos dirigentes da empresa nos anos cinquenta: o patriotismo, a idéia da indústria a serviço da nação. O objetivo central da empresa, apesar de propriedade privada, não seria apenas o lucro de seus proprietários ou ainda o bem estar de seus funcionários. Estes fatores seriam somente consequências de algo muito maior: estar completamente dedicada aos interesses do país. O trabalho e dedicação

²⁴ Nitro Jornal, nº 51, julho de 1957.

²⁵ Idem, *ibidem*.

dos diretores e trabalhadores da Nitro deveriam fazer parte de um grande movimento no qual somente com:

"uma ação conjunta do governo, das associações de classe produtoras(...) [contando] com a colaboração de todos, desde o homem do campo, operários, mestres, oficiais, engenheiros, industriais, etc é que venceremos esta batalha que se delinea. Somente assim, seremos capazes de atravessar esses poucos anos que nos separam da vergonha de sermos um país subdesenvolvido para o orgulho de virmos a ser uma das grandes potências mundiais".²⁶

Afinal de contas, segundo seus dirigentes, a Nitro não era uma fábrica qualquer. Parte integrante do desenvolvimento industrial do país ela possuía um "compromisso com a nação: (...) construir o parque de indústrias básicas"²⁷. Acima de seus interesses individuais, diretoria e trabalhadores estavam empenhados em fazer o máximo possível em :

"sua luta constante pelo progresso e pela grandeza não só da Nitro Química, mas também do Brasil".²⁸

Toda esta retórica nacionalista foi uma das marcas registradas da empresa até, pelo menos, 1964. Grande empreendimento com direção exclusiva de empresários brasileiros desde 1939, intimamente ligada aos bastidores do poder desde sua fundação, uma das maiores fábricas do país dirigida por grandes "capitães" da indústria paulista, a Nitro procurava ressaltar sua grandiosidade e seu suposto caráter estratégico para a economia nacional, buscando ser portanto, um verdadeiro orgulho para o Brasil.

Junto aos seus funcionários este apelo de orgulho nacional e patriotismo eram constantemente utilizados. A não adesão dos operários a duas greves convocadas em 1953 e 54, por exemplo, foram comemoradas pela empresa como prova de que os empregados da Nitro,

²⁶ Idem, *ibidem*.

²⁷ OLIVEIRA, Eduardo Sabino de. " O Programa de expansão da Cia. Nitro Química Brasileira" In: *Nitro Jornal*, nº 11, novembro de 1953.

²⁸ *Nitro Jornal*, nº 21, setembro de 1954.

"côncios de suas responsabilidades perante a nação,(...) deram mais uma vez uma demonstração de disciplina e *patriotismo*, comparecendo em ordem ao trabalho, evitando tumultuar mais o já agitado ambiente do nosso Brasil".²⁹

Era como se a Nitro afirmasse que a greve não era um ato contra a empresa, mas, muito mais "grave" que isto, era uma greve contra o próprio país. Se "trabalhar não era simplesmente um meio de 'ganhar a vida', mas um meio de 'servir à pátria' "³⁰, deixar de fazê-lo era, portanto, um desserviço à nação³¹.

Reafirmar o orgulho de se trabalhar numa companhia como esta era outra forma recorrentemente utilizada pela empresa. Servir à Nitro era também servir ao progresso do Brasil. A grandiosidade da fábrica era um mecanismo bastante utilizado como motivador do orgulho operário em pertencer àquela "família". Assim, dados sobre a sua exuberância e gigantismo eram freqüentemente divulgados:

"Você sabia que...

* a produção mensal de raíom da Nitro é suficiente para dar mil vezes a volta em torno do globo terrestre ?

* o nosso restaurante forneceu 33.315 refeições, 10.468 cafés, 7.244 ceias noturnas e 2.035 refeições na sede do Clube de Regatas Nitro Química durante o mês de janeiro ?

* a usina termo-elétrica da Nitro, com potência de 8.000 KW, trabalha ininterruptamente e é maior que a maioria das instaladas para abastecimentos de cidades do interior ?"³²

Os dados de grandiosidade e a influência local da companhia provocavam a admiração dos trabalhadores que ressaltam as vantagens que trabalhar na Nitro proporcionavam a eles em seu cotidiano:

²⁹ *Nitro Jornal*, nº 21, setembro de 1954 (grifo meu). Este episódio será retomado no capítulo 4 desta dissertação.

³⁰ FIGUEIREDO, Paulo Augusto. "O Estado Nacional e a valorização do homem brasileiro". Citado em GOMES, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo, Vértice, 1988, p. 259.

³¹ Ao fazer greve, entretanto, os trabalhadores, como veremos, invertiam esse discurso empresarial. Seria a Nitro, que ao negar os direitos dos trabalhadores, estaria cometendo um desserviço ao país. Sua atitude seria impatriótica e contra os interesses do Brasil.

³² *Nitro Jornal*, números 2 e 7, fevereiro e julho de 1953, respectivamente.

"Ela tinha mais poder que a prefeitura, porque a prefeitura não pode dar carteira de identidade para ninguém, a gente tinha a carteira de identidade da Nitro Química. (...) O sujeito chegava qualquer hora, meia noite, uma hora, e encontrava a polícia, mostrava a carteirinha, estava liberado.(...) ".³³

Ou ainda:

"trabalhar na Nitro Química, o cara tinha tudo aqui, chegava na loja, comprava. O cara só perguntava: 'Você trabalha na Nitro Química?' E você tinha crédito".³⁴

Além de reforçar o orgulho em trabalhar na Nitro, o discurso empresarial procurava valorizar a figura dos trabalhadores brasileiros³⁵. Eles teriam erguido aquela empresa praticamente do nada e apesar da descrença e desconfiança (principalmente dos estrangeiros), tornaram-na uma das maiores e mais importantes indústrias do país:

"com a vinda da fábrica, mais de sessenta técnicos, funcionários e operários vieram dos Estados Unidos. Diziam-nos que o trabalho era tão complicado, que no Brasil não encontraríamos gente com a competência para executar os serviços. Moraes, Sabino, Kiehl e eu tínhamos a convicção contrária. Confiávamos na competência e dedicação da nossa gente. Era só mostrar o caminho desconhecido entre nós, e em pouco tempo os nossos técnicos e operários trabalhariam tão bem quanto em qualquer país. Este sonho também se realizou. Os que vieram voltaram e a nossa gente conduziu a indústria à vitória e mantém hoje o seu alto padrão de produção".³⁶

O caráter estratégico da empresa para o país deveria ser outro fator de soberba para seus dirigentes e funcionários. Comprometida desde sua fundação com a construção das bases de uma indústria química pesada brasileira, a Nitro estaria destinada a desempenhar um papel decisivo para o desenvolvimento nacional. Porém, sua importância ia muito além

³³ Entrevista de José Ferreira da Silva.

³⁴ Entrevista de Belarmino Pereira Duarte.

³⁵ Ângela de Castro Gomes mostra como durante o Estado Novo, o governo Vargas desencadeou uma política deliberada de valorização do trabalhador nacional, em particular os nordestinos, que cumpriram o papel de "novos bandeirantes que retomariam a terra para os nacionais e (...) nacionalizariam o Sul, esmagado pelo internacionalismo". Conferir GOMES, op. cit., p. 257-267.

³⁶ LAFER, Horácio. "Sonhos que se realizam" In: *Nitro Jornal*, nº 16, abril de 1954.

dos interesses econômicos nacionais, ela também era uma indústria para a guerra, caso necessário. Produzindo elementos químicos possíveis de serem utilizados para fins militares, a empresa, durante os anos quarenta e cinquenta, era também considerada como estratégica para a segurança nacional.

Esta possibilidade de produção militar para além da ordinária reforçava a imagem de uma indústria a serviço, acima de tudo, dos interesses do país. A Nitro Química estaria sempre disponível a atender o chamado da nação fosse para o desenvolvimento econômico pacífico, fosse para a defesa, inclusive militar do Brasil. Por isso: "criamos e operamos nossa fábrica de trotil para uso exclusivo do Exército"³⁷ e:

" A pedido do eminente marechal Eurico Dutra, então ministro da Guerra (...) no exclusivo interesse da defesa nacional, e por outros motivos que não devo nem posso revelar, adquirimos uma fábrica moderníssima, toda de aço inoxidável, de trinitro-tolueno, que está parada até hoje, pois funcionou apenas alguns meses e nos deu um prejuízo de cerca de 5 milhões de dólares. (...) Mas se a Nação precisar dessa fábrica, ela está na Cia. Nitro Química Brasileira à sua disposição".³⁸

Certamente não é possível deixar de relacionar o discurso patriótico insistentemente veiculado através do *Nitro Jornal* e o tão decantado nacionalismo de José Ermírio de Moraes, liderança máxima da empresa. Como homem da indústria e político, Moraes sempre fez questão de apresentar-se como o "nacionalista que, iria defender, intransigentemente, sem tréguas, inexaustante, sem descanso, os interesses do Brasil contra a desnacionalização econômica do país"³⁹.

Sem desmerecer fatores pessoais e o clima nacionalista bastante forte do período, é possível supor que o nacionalismo de Ermírio de Moraes tenha tido uma boa dose de interesse econômico. Isto fica evidente nas disputas acirradas que seu grupo travou contra

³⁷ OLIVEIRA, Eduardo Sabino de. "Homenagem às Forças Armadas" In: *Nitro Jornal*, nº 14, fevereiro de 1954.

³⁸ MORAES, José Ermírio de. Discurso no pequeno expediente da 2ª seção do Congresso Nacional no dia 20 de Abril de 1966. In: *Diário do Congresso Nacional*, Brasília. - pág. 785

³⁹ SCANTIMBURGO, op. cit., p. 200.

consórcios internacionais para montar e consolidar empresas produtoras de alumínio, cimento, zinco ou níquel. De todo o modo, Moraes externava sua preocupação com a independência econômica nacional:

"O principal objetivo é formar uma comunidade economicamente forte e independente sem ser obrigada a entregar seus recursos e grande parte de suas rendas a participações do exterior (...)"⁴⁰

Era este tipo de papel que a Nitro Química se propunha cumprir, colaborando para a emancipação econômica nacional. Para isso seus diretores e funcionários precisavam estar conscientes de que não trabalhavam apenas para aquela empresa, mas sim para o progresso e independência do Brasil. Isto, inclusive era a garantia da própria liberdade e direitos :

"Para garantia de nossos direitos individuais, de nossa liberdade individual é necessário que a nação seja livre. É necessário que possamos sem imposição externa resolver nossos problemas, reger nossos destinos".⁴¹

Este nacionalismo portanto, segundo a direção da Nitro Química, não podia, nem devia ser confundido com as pregações nacionalistas difundidas pelos comunistas naquele mesmo período. Estes não se preocupariam com direitos e liberdades individuais. Seu nacionalismo era tão somente uma forma de mistificação, já que na verdade pretenderiam submeter o país aos interesses da União Soviética⁴². Os comunistas, na realidade, encobriam com seu suposto nacionalismo sua aversão à iniciativa privada e o identificariam com a ação do Estado na economia. Segundo os dirigentes da Nitro, para os comunistas, o

⁴⁰ Discurso pronunciado por José Ermírio de Moraes por ocasião da sua posse como presidente do Conselho das Escolas Técnicas do Recife em setembro de 1960. Citado em SCANTIMBURGO, op. cit., p. 218.

⁴¹ *Nitro Jornal*, nº 43, setembro de 1956.

⁴² José Ermírio de Moraes vai se preocupar várias vezes em desvincular sua idéias nacionalistas das dos comunistas. Acusado, principalmente após 64, de se aliar aos comunistas para sua eleição ao Senado em Pernambuco em 1962 afirmou que: " Todo o Recife sabe que não pleiteei o voto dos comunistas, antes votei qualquer participação do Sr. Luis Carlos Prestes em minha campanha"(*Diário do Congresso Nacional*, 20/04/1966, p. 785). O PCB, entretanto, de fato apoiou a frente formada pelo PTB, PSB e PST que teve como candidato ao governo do estado, Miguel Arraes (eleito) e ao Senado, José Ermírio de Moraes (PTB, eleito), Fernando Pessoa de Queiroz (PTB, eleito) e Barbosa Lima Sobrinho (PSB).

nacionalismo seria apanágio daqueles que defendiam uma forte intervenção estatal, não havendo espaço para nacionalistas entre os defensores da iniciativa privada:

"Fica assim patente as razões pelas quais tantos espíritos não envenenados pela propaganda comunista confiam na iniciativa particular para a solução dos problemas nacionais grandes ou pequenos".⁴³

O anticomunismo, a propósito, esteve bastante presente nas páginas do *Nitro Jornal* e nos discursos de diretores da empresa. Em janeiro de 1954, no número 13 do boletim surge uma nova seção intitulada: "O Mundo em Revista", dedicada à cobertura dos acontecimentos internacionais. Era nesta seção que o anticomunismo da empresa aparecia com maior visibilidade. Marcado pelo tom da Guerra Fria, o noticiário era recheado de duras críticas à União Soviética, aos países socialistas e aos partidos comunistas europeus, alinhando-se imediatamente com qualquer posicionamento do bloco ocidental liderado pelos Estados Unidos. O "terror" em que as populações dos países do Leste europeu e da China viveriam era constantemente enfatizado, como nesta alarmante "notícia" sobre a Polônia publicada em abril de 1955:

"os comunistas da Polônia utilizam um exército de mais de um milhão de agentes secretos para manter a população anticomunista sob o seu domínio (...) um médico polonês que escapou da Cortina de Ferro soviética informou que o terrorismo comunista aumentou a incidência de loucura em mais de 500%".⁴⁴

Tal nacionalismo foi, portanto, um elemento importantíssimo presente no ideário empresarial da Nitro Química. Nacionalismo dos homens da iniciativa privada que construíram uma empresa estratégica cuja grandeza era um orgulho para o Brasil e que também deveria ser um orgulho para seus funcionários. Nacionalismo daqueles que diziam colocar os interesses da nação acima de qualquer interesse pessoal, de grupos econômicos

⁴³ OLIVEIRA, Eduardo Sabino de. "Perseverança e Patriotismo" in *Nitro Jornal*, nº 31, julho de 1955

⁴⁴ *Nitro Jornal*, nº 28, abril de 1955.

ou políticos, assim como seus empregados deveriam fazer. Nacionalismo, finalmente, que não poderia de forma alguma ser confundido com o "falso" nacionalismo dos comunistas, que atacavam os verdadeiros patriotas e procuravam enganar a boa fé dos trabalhadores.

Os Bandeirantes da Indústria

Recentemente foi exibido pela televisão brasileira um documentário produzido pela BBC britânica intitulado *A Caixa de Pandora*⁴⁵. Mostrando como a ciência e a tecnologia foram utilizadas como instrumentos de poder ao longo do século XX, a série procurava ilustrar como isto ocorreu em diferentes países do mundo. Em um episódio foi analisada a tentativa de utilização da ciência para a construção de um "homem novo" na antiga União Soviética. Com imagens inéditas, um dos exemplos ilustrativos deste processo foi a construção durante o primeiro Plano Quinquenal, no final dos anos vinte, da maior usina siderúrgica soviética em Magnitogorsk na região dos Montes Urais.

Magnitogorsk não passava de uma pequena aldeia camponesa, quando o governo de Stalin decidiu instalar ali a sua grande obra exemplar das possibilidades do desenvolvimento industrial da União Soviética. Milhares de voluntários e outro grande tanto de deportados foram enviados para a longínqua região afim de construir aquilo que anos depois seria considerado um dos exemplos maiores da indústria socialista.

A usina de Magnitogorsk foi inspirada em uma grande fábrica similar existente em Gary, Indiana, nos Estados Unidos. Não só a indústria, mas toda cidade contruída ao seu redor procurou seguir o modelo de Gary. Vários técnicos e engenheiros norte-americanos foram contratados e mantidos numa vila especialmente erguida para eles. Entrevistado no documentário, um velho engenheiro americano que participou da construção das siderúrgicas de Gary e Magnitogorsk afirmava : "nós construíamos um mundo novo". Não apenas ele se sentia assim, uma antiga operária russa que trabalhou na usina durante os anos

⁴⁵ A série *A Caixa de Pandora* foi exibido pela TV Cultura de São Paulo de 20 a 28 de junho de 1995.

trinta, compartilhava do mesmo orgulho: "nós eramos os pioneiros. Estávamos construindo a nossa América aqui. Era um belo sonho...e nós acreditávamos nele."

Guardada as devidas proporções e diferenças históricas, um sentimento bastante similar foi provavelmente vivido por muitos daqueles que participaram da construção e do desenvolvimento da Nitro Química. Certamente, nos primeiros anos de Magnitogorsk a maioria dos operários e mesmo uma boa parte de técnicos e engenheiros, mesmo os americanos, acreditavam que estavam erguendo com aquela fábrica muito mais que uma siderúrgica, estariam construindo pela primeira vez na face da terra uma sociedade sem exploração, o socialismo.

Não era este, obviamente, o objetivo dos que edificaram e trabalharam na Nitro Química, muito embora alguns destes tenham sido comunistas e socialistas. A semelhança de sentimentos estava muito mais na idéia de pioneirismo e desbravamento⁴⁶. Na confiança na industrialização como força motriz do progresso e desenvolvimento material e humano. A exemplo de Magnitogorsk, São Miguel Paulista era uma pequena aldeia perdida que graças à grande indústria pode crescer e também ser um sonho.

Esta imagem de pioneirismo e desbravamento foi muito explorada pela direção da Nitro durante os anos cinquenta, num momento em que o bairro já crescera o suficiente para demonstrar os efeitos da instalação da indústria:

"O senhor José Ermirio de Moraes (...) lembrou aquilo que foi a Cia. Nitro Química Brasileira e que (graças a ela) esta pequena localidade, outrora esquecida no Estado de São Paulo, transformou-se num centro de atividades que surpreende, não só a nós, mas a todos os que aqui passam, mesmo aos do exterior, que reconhecem e admiram este imenso trabalho (...)"⁴⁷

⁴⁶ Antonio Luigi Negro e José Ricardo Ramalho também analisaram em suas pesquisas esta questão do pioneirismo, no caso, na indústria automobilística, respectivamente na Willys Overland do Brasil em São Bernardo do Campo e , na FNM no estado do Rio de Janeiro. Ver NEGRO, Antonio Luigi. *Ford Willys Anos 60. Sistema Auto de Dominação e Metalúrgicos do ABC*. Campinas, Dissertação de Mestrado, Unicamp, 1994 e RAMALHO, op. cit.

⁴⁷ *Nitro Jornal*, nº 10, outubro de 1953.

Para os dirigentes da empresa, este pioneirismo que tanto desenvolvimento trazia, não era, todavia, obra do acaso. Devia-se à ação de homens especiais que, com muito trabalho, dificuldades e sacrifícios tiveram a clarividência de acreditar e agir para criar a Nitro Química e com ela empregos e progresso para São Miguel, para São Paulo e para o Brasil. Eram verdadeiros "Bandeirantes da indústria"⁴⁸.

Ao ressaltar o papel exercido pelos fundadores da companhia, o discurso de sua direção procurava criar uma espécie de gratidão eterna que lhes seria devida pelos trabalhadores da Nitro e moradores de São Miguel por todo o desenvolvimento que a fundação da Nitro trouxera para o bairro e para suas vidas:

"E assim foi crescendo São Miguel Paulista. Venceu a iniciativa, mas só após uma luta tremenda, luta essa da qual, se tivéssemos de falar tudo quanto vimos, teríamos de erguer um monumento aos homens que acima citamos. Sim! Porque não fora o esforço desses cavalheiros, São Miguel não teria apenas 500 habitantes, mas no máximo teria chegado a uns 1.600.... No entanto, a Cia. Nitro Química Brasileira para aqui trouxe mais de 45.000 habitantes(...) Como consequência desse progresso, vieram as escolas, farmácias, serviços médicos, restaurantes, berçário, Escola Senai, praça de esportes, sede social, tudo isso construído não só para atender aos que trabalham na fábrica, mas também à toda a coletividade".⁴⁹

Para além da gratidão, seria necessário perceber as enormes dificuldades e sacrifícios que os fundadores, homens idealistas e determinados haviam passado para erguer aquele monumento ao progresso do país. Não apenas os operários davam a sua cota de privações e apuros em favor da Nitro. Todos, empresários, técnicos e operários seriam iguais no

⁴⁸ Esta expressão foi retirada de recente artigo de Ruy Martins Altefelder Silva, diretor-geral do Instituto Roberto Simonsen, que ao comentar o Dia da Indústria (25 de maio) faz uma homenagem aos industriais pioneiros e defende a atualidade de suas idéias, como, por exemplo o papel social do empresariado, expresso nos dias de hoje pelo conceito de parceria, que já estaria presente em instituições como o Sesi e o Senai. "O industrialismo defendido por Roberto Simonsen, Francisco Matarazzo, Jorge Street, Horácio Lafer, José Ermírio de Moraes e outros pioneiros constituiu, rigorosamente, o início do processo de modernização da economia e da sociedade brasileiras". Conferir *Folha de S.Paulo*, 19/06/1995, p. 2-2 (grifos meus).

⁴⁹ *Nitro Jornal*, nº4, abril de 1953.

sacrifício e dedicação à empresa, cuja história era feita de "trabalho, ideal e sacrifícios de toda natureza"⁵⁰.

Porém uma história vitoriosa. Graças a ação específica de cada uma das partes que compunham a empresa onde despontava a clarividência dos dirigentes que somada à competência de seus técnicos e a dedicação e trabalho dos operários formavam uma composição "química" perfeita da Nitro. Nas palavras de Ermírio de Moraes esta, composição era formada pela:

"contribuição de todos no progresso industrial da Nitro Química, progresso esse que não é devido a este ou aquele, seja ele diretor ou simples operário, e sim à clarividência dos diretores, coragem e competência de seus técnicos e ao trabalho e dedicação de seus operários, o que forma o conjunto de trabalho do qual todos se orgulham".⁵¹

Todas estas referências ao pioneirismo da Nitro Química provocaram uma onda de valorização histórica durante os anos cinquenta. Eram recorrentes nos discursos empresariais e no cotidiano fabril as alusões ao passado e à trajetória da empresa. Frequentemente, era lembrado aos operários que eles não trabalhavam em um lugar qualquer, mas sim, numa indústria que possuía história e tradição, motivo de orgulho para todos os brasileiros patriotas.

A direção da empresa procurava reforçar ao máximo o quão importante havia sido até ali a trajetória pioneira da Nitro e conseqüentemente o papel de maior destaque ainda que estava reservada a ela no futuro.

Em abril de 1954, por exemplo, Horácio Lafer iniciou, no *Nitro Jornal*, a publicação de uma série de artigos nos quais procurava recuperar a história da empresa mostrando como "o Destino, ajudado pelos homens, levantou a Nitro Química e iniciou a nova fase de

⁵⁰ OLIVEIRA, Eduardo Sabino de. "Homenagem às Forças Armadas" In: *Nitro Jornal*, nº 14, fevereiro de 1954.

⁵¹ *Nitro Jornal*, nº 21, setembro de 1954.

progresso para São Miguel"⁵². Desde o primeiro número do boletim era publicada uma seção inicialmente intitulada "Galeria dos Velhos" (depois educadamente alterada para "Galeria dos Antigos") na qual fornecia-se dados biográficos sobre os funcionários mais antigos, relacionando-os com o desenvolvimento da empresa .

Certamente, entretanto, os momentos em que mais se lembrava a história da companhia e as ações de seus principais dirigentes eram nos famosos jantares de confraternização e nas festas promovidas pela empresa. Ângela de Castro Gomes nos chama a atenção para a criação, durante o Estado Novo, de um tempo festivo no qual "(...) uma série de comemorações oficiais (...) procuravam destacar certas datas, envolvendo a população em um calendário festivo"⁵³. Durante os anos cinquenta, a Nitro Química inaugurou um verdadeiro tempo festivo da empresa.

Uma série de datas ao longo do ano eram reservadas para comemorações e um contato direto entre diretores e trabalhadores. Assim, eram aproveitadas comemorações religiosas como a Páscoa e o Natal para possibilitar uma maior aproximação com as famílias dos operários :

"(...) será promovida a Páscoa dos empregados a realizar-se no dia 24 de abril(...) Convidamos a todos os empregados e respectivas famílias para tomarem parte nesta festa cristã".

"Convidamos a todos para assistirem ao presépio vivo e coro infantil que serão apresentados no dia 24/12, às 14 horas, na sede social do Clube de Regatas Nitro Química, pelas crianças do berçário e parque infantil".⁵⁴

⁵² LAFER, Horácio. "Sonhos que se realizam" in *Nitro Jornal*, nº 16, abril de 1954. Marilena Chauí analisando as intrincadas relações entre ideologia e história afirma que: "(...)a ideologia procura neutralizar o perigo da história, ou seja, (...) opera no sentido de impedir a percepção da historicidade" assim "a ideologia tem sérios compromissos com os autoritarismos, uma vez que a história de uma sociedade passa a ser regida por algo que ela deve realizar a qualquer preço. Passa-se da história ao destino"(grifos da autora). Conferir CHAUI, Marilena. "Crítica e Ideologia" In: *Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas*. São Paulo, Moderna, 1982, p. 29 e 30.

⁵³ Conferir GOMES, op. cit., p. 235.

⁵⁴ *Nitro Jornal*, números 28 (abril de 1955) e 36 (dezembro de 1955)

Procurava-se transformar o Primeiro de Maio numa festa de conagração entre trabalhadores e patrões no autêntico estilo da "família nitrina harmoniosa e feliz". Todos os trabalhadores eram convidados a participar dos Jogos Desportivos "Dr. Horácio Lafer" na praça de esportes do clube de regatas onde uma grande festa, procurando movimentar toda a vida do bairro, era realizada:

"Os trabalhadores da Nitro Química e os moradores de São Miguel Paulista em geral festejaram condignamente o 1º de Maio deste ano, dentro da maior festa de confraternização operária de que se tem notícias por estas redondezas.

(...) [a Nitro Química e o clube de regatas] instituíram o dia 1º de Maio para continuação dos jogos desportivos 'Dr. Horácio Lafer'.

(...) Já as oito horas(...) (ocorreu) o desfile que percorreu as principais ruas de São Miguel Paulista dirigindo-se à Praça de esportes. A realização deste desfile foi notável. Várias entidades esportivas, escolas, além de departamentos internos da fábrica estavam ali representados, por intermédio de suas bem formadas equipes.

Na tribuna se achavam diversas figuras do corpo diretivo da companhia(...) entre eles o sr. Horácio Lafer, dr. José Ermírio de Moraes, dr. Jacob Lafer, dr. Marcelo M. Kiehl, dr. José Ermírio de Moraes Filho, dr. Antonio Ermírio de Moraes, dr. Eduardo Sabino de Oliveira, José Vicentini e Paulo Amaral Palmeira. Este último apresentou o dr. Kiehl, o qual após dirigir-se aos trabalhadores passou a palavra ao dr. Horácio Lafer, que enalteceu o trabalho de todos os trabalhadores ali presentes, convidando a grande multidão a dar um grande 'Viva!' aos trabalhadores, no que foi secundado por todos os participantes e assistência ali reunida. (...) Às 18 horas teve início o baile destinado aos trabalhadores que se prolongou até as 22 horas".⁵⁵

Muitas festas referiam-se às efemérides da própria empresa. Aniversários e inauguração de setores, particularmente, ligados ao serviço social da fábrica eram constantemente comemorados. Nestas ocasiões relembra-se quase sempre episódios ou aspectos de sua história, assim como, nas festas de formatura e concessão de bolsas de estudo às turmas da escola do Senai:

⁵⁵ *Nitro Jornal*, nº 29, maio de 1955.

"No dia 17 último foi levada a efeito na sede social do clube de regatas a festa anual da escola Senai, com entrega de cartas de ofício aos alunos que concluíram o curso de aprendizagem e bolsas de estudo (...) . Foram também entregues certificados aos que concluíram satisfatoriamente o curso de eletricista- enrolador e chumbista no curso noturno mantido por essa escola. Foi paraninfo o Rev. Padre Aleixo Monteiro Mafra (...)".⁵⁶

Contudo, eram os jantares de confraternização no final do ano, uma das "cerimônias institucionais"⁵⁷ mais prestigiadas pela direção da empresa. Inicialmente restritos a alta cúpula diretiva e aos chefes de setores, a partir de 1953, o jantar vai se ampliando com a participação de todos aqueles que tivessem mais de 15 anos de trabalho na Nitro. Como nas comemorações oficiais de Primeiro de Maio durante o Estado Novo, também havia um "presente da festa". No caso, um distintivo de ouro entregue a todos os que atingissem aquele tempo de serviço na casa.

Era uma ocasião sempre utilizada pelos diretores para tecer considerações ufanistas sobre a trajetória histórica da companhia. Esta "tradição inventada"⁵⁸ dos jantares era um prato cheio para reafirmar através da história os elementos fundamentais do discurso empresarial e renová-los para o ano seguinte. Assim:

"Imensa alegria e enorme satisfação era o que se notava no semblante daqueles que participaram do grandioso e tradicional jantar de fim de ano, dado pela diretoria da Nitro Química aos seus colaboradores e no qual homenageia aqueles que atingem durante o ano o tempo de 15 anos de serviço prestado, conferindo-lhe um distintivo de ouro em alusão a essa efeméride.(...) daqueles que, com o seu trabalho, tornaram uma realidade o que naquela época era por todos considerada uma missão espinhosa e mesmo destinada ao fracasso (...) enfim uma grande e entusiástica família que anualmente

⁵⁶ *Nitro Jornal*, nº 2, fevereiro de 1953.

⁵⁷ Em sua análise sobre instituições totais, Erving Goffman chama a atenção para as cerimônias institucionais que seriam:"(...) um conjunto de práticas institucionalizadas -seja espontaneamente, seja por imitação -através das quais os internados e a equipe dirigente chegam a ficar suficientemente perto para ter uma imagem um pouco mais favorável do outro". Conferir GOFFMAN, E. *Manicômios, Prisões e Conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1992, p. 87-89.

⁵⁸ Eric Hobsbawm entende por tradição inventada "um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em relação ao passado". Conferir HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984, p. 9.

se reúne, cada vez mais numerosa para testemunhar mais um ano de labor e de trabalho que se vai, e ali concentrar seus desejos de um ano novo que se inicie com cada vez mais volume de realizações e confraternizações".⁵⁹

Um capitalismo sadio, humano e progressista

Em seu artigo sobre empresas estatais de primeira geração, José Ricardo Ramalho sintetiza, através da sistematização de vários estudos sobre estatais, os principais recursos "utilizados pelo Estado, como padrão, no processo de dominação sobre os trabalhadores"⁶⁰. Durante os anos quarenta e cinquenta consolidou-se nestas empresas uma ideologia corporativa entre trabalhadores e administradores. Legitimando a exploração através da idéia do "bem comum" em que assumia-se a empresa como "nossa" (ou seja de todos os brasileiros), já que o objetivo desta seria o desenvolvimento do país, as empresas estatais adotavam formas de gestão da força de trabalho comparáveis ao paternalismo industrial cuja imagem de "família" e a paz social eram utilizadas para representar as relações sociais no interior das fábricas.

Até que ponto estas características foram peculiares somente às empresas estatais?⁶¹

Como vimos, a Nitro Química dos anos cinquenta partilhou de vários elementos presentes na ideologia corporativa do modelo de dominação das empresas do Estado. Embora privada, procurava alimentar a idéia de uma companhia acima de tudo a serviço do Brasil e dos interesses nacionais. Suas formas de gestão basearam-se em grande medida na

⁵⁹ *Nitro Jornal*, n° 37 janeiro de 1956.

⁶⁰ Conferir RAMALHO, José Ricardo. "Empresas Estatais de Primeira Geração" In: ABREU, Alice Rangel de Paiva e PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte (orgs.). *O Trabalhador Carioca. Estudos sobre Trabalhadores Urbanos do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, JC Editora, 1994, p. 43. Ramalho refere-se neste artigo ao seu próprio estudo sobre a FNM, e às obras de Morel sobre a CSN; MINAYO, M.C. de Souza. *Os Homens de Ferro - Estudo sobre os trabalhadores do Vale do Rio Doce em Itabira*. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986; e FLEURY, M. Tereza L. *O simbólico nas relações de trabalho na empresa estatal*. São Paulo, Tese de livre docência, FEA-USP, 1986.

⁶¹ É esta pergunta, colocada em outros termos que José Ricardo Ramalho se faz em sua pesquisa sobre a FNM: "Uma questão, no entanto, permanece. Saber se esses elementos (...) que também aparecem, em certa medida, na análise da FNM são acionados com exclusividade no caso das empresas estatais ou se cumprem uma eficácia também em situações de empresa privada". RAMALHO, op. cit., 1989, p. 81.

noção paternalista de "família" e na busca da harmonia e paz social. Finalmente, compartilhou muito do espírito empreendedor e pioneiro presente na construção e desenvolvimento das empresas estatais.

Podemos sugerir, portanto, que a direção da Nitro Química, as administrações governamentais nas empresas públicas e provavelmente um razoável número de empresários participavam de um mesmo universo de idéias e propostas de desenvolvimento industrial e administração fabril. Tais idéias e propostas não eram formuladas por um Estado "todo-poderoso" que pairava acima das classes, mas pelo profícuo relacionamento entre as políticas estatais balizadas pela ideologia corporativa com as experiências concretas no chão das fábricas de industriais que a compartilhavam e enriqueciam.

Mas havia diferenças. Apesar do seu discurso "familiar", e do interesse nacional em primeiro lugar, a Nitro continuava sendo uma empresa privada. Tinha proprietários. A companhia era "deles" e não "nossa". O discurso corporativo das empresas estatais não dava conta de cobrir todas as lacunas e criar outras no caso de uma fábrica, que apesar de tudo, era propriedade particular.

Cientes disto, os dirigentes da Nitro procuravam acrescentar à idéia de pioneirismo e harmonia da família nitrina em defesa da nação brasileira a imagem da construção de uma "indústria esclarecida e democrática com (...) [um] capitalismo humano e progressista"⁶².

Para eles, não era necessário ser uma estatal para compreender o papel social das empresas. A concepção de uma indústria voltada apenas para os lucros e a opulência de seus proprietários era uma coisa do passado, não de uma fábrica moderna com empresários sintonizados com o seu tempo, como era o caso da Nitro Química. Eduardo Sabino de Oliveira ilustra bem esses conceitos da administração nitrina em um longo artigo, não por acaso o editorial no primeiro número do *Nitro Jornal*, intitulado, "As nossas responsabilidades":

⁶² *Nitro Jornal*, nº 14, fevereiro de 1954.

"A evolução do conceito de indústria (...) foi considerável. No fim do século passado ou mesmo no começo deste, a indústria era um meio de vida ou de enriquecimento do industrial que a explorava. A indústria não tinha fundamento social, pois que ignorava o interesse dos empregados e só visava o lucro do proprietário".⁶³

Para Sabino de Oliveira, esta postura avarenta, egoísta - que só levava a um conflito destrutivo entre as classes produtoras, dividindo empregados e empregadores - estava mudando. As indústrias:

"cada vez mais se aparelham para a elevada missão que lhes cabe no mundo moderno que é de produzir cada vez melhor e mais barato, visando a um tempo o lucro e a justa retribuição do capital nela empregado, do bem estar dos que nela trabalham, e do público que ela serve".⁶⁴

O melhor exemplo disto vinha da própria Meca do capitalismo: os Estados Unidos.

O Brasil precisava segui-lo:

"É necessário que o país evolua para o capitalismo sadio e progressista em que todos possam participar de todas as atividades industriais ainda que com parcelas pequenas (...). A General Motors tem 450 mil acionistas e 250 mil empregados de todas as categorias(...)".⁶⁵

Este processo só seria possível, entretanto, com uma aliança entre capitalistas e trabalhadores. Graças às "novas leis eleitorais, que conferiram repentinamente, um enorme poder à classe operária", esta pode participar ativamente da vida pública brasileira. Por que, então, não unir-se aos empresários e de fato, influenciar os destinos da nação ? Era necessário compreender que, "os industriais e operários juntos têm uma força imensa que pode dirigir e controlar o país (...)".⁶⁶

⁶³ *Nitro Jornal*, nº 1, fevereiro de 1953.

⁶⁴ *Idem*, *ibidem*.

⁶⁵ *Idem*, *ibidem*.

⁶⁶ *Idem*, *ibidem*.

O Serviço Social

Era necessário, entretanto, ir muito além das palavras e dos belos discursos para consolidar o modo de dominação da Nitro Química sobre seus trabalhadores. Para tanto, o chamado Serviço Social da empresa cumpriu um papel decisivo durante os anos cinquenta.

Em seu estudo sobre os industriais paulistas do ramo têxtil na década de vinte, Marcos Lima⁶⁷ nos mostra como a discussão sobre os benefícios sociais e políticas assistencialistas já estavam presentes naquele período nos debates empresariais. Homens da indústria como Jorge Street já defendiam uma ampla política de benefícios sociais nas empresas como forma de harmonizar as relações entre capital e trabalho. Como vimos, a própria fábrica Votorantim em Sorocaba era considerada um modelo de assistência ao trabalhador e certamente inspirou as concepções de relações de trabalho de José Ermírio de Moraes na Nitro Química. As experiências de obras assistenciais nos locais de trabalho, portanto, são antigas. O Serviço Social da Nitro, porém, chama a atenção pela sua dimensão e pretensão de um completo sistema assistencial no interior da empresa⁶⁸.

Particularmente a partir dos anos quarenta, a Nitro estruturou um enorme aparato assistencialista para seus trabalhadores e em muitos casos para o conjunto da comunidade de São Miguel Paulista. Moradias em vilas operárias, serviço médico e de prevenção de acidentes, berçário e assistência à infância e gestantes, cooperativa, jornal da empresa, restaurante, clube de esportes e lazer e Escola Senai compunham uma ampla gama de benefícios que no início da década de cinquenta foram centralizados em um único setor diretamente ligado à diretoria geral da empresa denominado Serviço Social.

⁶⁷ Conferir LIMA, Marcos Alberto Horta. *Os Industriais Têxteis Paulistas nos anos 20: Aspectos da sua atuação política*. Campinas, Dissertação de Mestrado, IFCH, Unicamp, 1992.

⁶⁸ É interessante notar a existência de sistemas de benefícios semelhantes em várias grandes indústrias do Brasil no mesmo período, principalmente aquelas que se inseriam em alguma variante do modelo fábrica-vila operária. Conferir principalmente LEITE LOPES, op. cit., 1988; RAMALHO, op. cit., 1989 e MOREL, op. cit.

Sempre considerada motivo de grande mérito e orgulho, a obra assistencial da Nitro era para seus dirigentes a confirmação prática de seu discurso de um "capitalismo humano e progressista" na qual valorizava-se a empresa e o trabalhador nacional e vivia-se harmoniosamente como numa grande família feliz. José Ermírio de Moraes e Marcelo Kiehl, principais mentores e incentivadores do Serviço Social atribuíam a ele um papel absolutamente estratégico. Moraes atribuía ao assistencialismo em suas empresas o próprio desenvolvimento por elas atingido:

"(...) a nossa punjança industrial dependeu decisivamente do elemento humano com que tivemos a felicidade de poder contar. Por isso mesmo, (...) temos dado a maior atenção aos problemas de assistência social, educacional e hospitalar".⁶⁹

Paulo Amaral Palmeira, professor primário, que durante anos exerceu o cargo de chefe do Serviço Social, acrescentava ainda, as próprias vantagens para os empresários ao se adotar tais procedimentos, definindo seus objetivos:

"Dizer aqui dos benefícios que traz o Serviço Social ampliado numa indústria seria quase desnecessário, pois a produção está em paralelo com o bem estar do trabalhador e daí a vantagem usufruída pelo industrial esclarecido.(...) A finalidade do serviço social em uma indústria se desdobra, principalmente em providências de bem-estar, das melhorias das condições de habitação, alimentação, higiene e assistência médica-hospitalar, ensino, orientação e recreação(...). Longo é o programa e só poderá ser desenvolvido ainda mais com a colaboração da administração empregadora mas, precisando também da colaboração espontânea dos empregados (...)".⁷⁰

O diretor administrativo da empresa, Marcelo M. Kiehl em palestra aos vereadores paulistanos, resumia bem o que levava a Nitro Química a adotar uma política de benefícios sociais:

"(...) o que temos feito no campo social, não o fazemos com o intuito de receber gratidão, é simplesmente porque achamos, isso

⁶⁹ MORAES, José Ermírio de, op. cit. In: *Diário do Congresso Nacional*, 20/04/1966, p. 785.

⁷⁰ *Nitro Jornal*, nº 6, junho de 1953.

sim, que é nosso estrito dever e que esperamos fazer mais. (...) Se o exemplo da Nitro Química fosse imitado nas demais indústrias de São Paulo e do Brasil, teria plena convicção que a parte: compreensão, educação e entendimento entre operários e patrões seria bem mais harmoniosa".⁷¹

Os benefícios sociais apareciam assim como uma marca registrada na relação da companhia com os trabalhadores. Elemento fundamental como legitimador da dominação, era o grande trunfo empresarial constituindo a compensação para as conhecidas, mas quase nunca assumidas, condições de periculosidade e insalubridade⁷². Mas a política de benefícios ia além de uma resposta às dificuldades dos trabalhadores em seu local de trabalho, ou de uma lógica assistencialista inserida no paternalismo dos empresários, era também uma forma de crescimento da produtividade, baseada em melhores condições de vida para seus empregados⁷³:

"Havia sim uma certa atitude paternalista do dr. Moraes (...) mas, as condições nacionais e locais (São Miguel era muito longe e carente de tudo) davam muito pouco aos empregados. Houve a necessidade da empresa suprir essas necessidades (...) Então a empresa supriu naquilo que o governo não dava e os meios dos indivíduos não permitiam. Os diretores da empresa com a aquiescência do dr. Moraes foram além do estritamente necessário para dar um conforto melhor às pessoas criando aquele sistema de benefícios. Eles realmente procuraram criar... eu me lembro, o dr. Marcelo Kiehl, ele teve uma função importante de manter e expandir os benefícios".⁷⁴

O Serviço Social, além de tudo, foi largamente utilizado pela empresa como elemento de propaganda das suas relações exemplares com os trabalhadores, reforçando a imagem de uma firma pioneira e inovadora também no campo da assistência. O discurso patronal fazia questão de enfatizar a sua antecipação à própria legislação social do país e

⁷¹ Nitro Jornal, nº 40, abril de 1956.

⁷² Analisando os benefícios em outras circunstâncias, na indústria automobilística, Antonio Luigi Negro mostra como a política de "benefícios" trazida para o Brasil pelas multinacionais do automóvel serviu como uma espécie de *anestesia de direitos*. "Empregar-se numa firma de autos (...) implicava na (...) adesão a uma relação de reciprocidade onde a contrapartida exigida pela empresa para a generosidade de sua *fome de braços* era a *voracidade do trabalho*". Conferir NEGRO, op. cit., p. 35 (grifos do autor).

⁷³ Conferir RAMALHO, op. cit., p. 91.

⁷⁴ Entrevista de Fábio Ravaglia .

como os benefícios dos trabalhadores na Nitro iam além da própria lei. Uma verdadeira *welfare enterprise*:

"Realmente, antes mesmo de se considerar que a assistência social ao trabalhador fosse considerada atividade rotineira das atividades laborativas das classes produtoras, muito antes que a lei viesse a tornar obrigatória a prevenção do infortúnio do trabalho e a readaptação profissional do acidentado (...) já instituía a Nitro na sua fábrica o Serviço Social "

(...) Paulo Amaral Palmeira teve ocasião de apresentar um relato (...) que espelhou perfeitamente a extensão do Serviço, que vai muito além daquilo que é exigido por lei, pois esta companhia além de repetir a lei, procura ampliar aquilo que é solicitado, estendendo às famílias de seus empregados os benefícios a que eles têm direito (...)"⁷⁵

As visitas de políticos, autoridades públicas e representantes de outras empresas à Nitro para conhecer seu Serviço Social eram intensamente divulgadas e tidas como atestados da inovação e superioridade do modelo de assistência adotado pelos dirigentes da companhia. Portanto, eram plenamente justificados os elevados gastos com os benefícios. Os balanços da empresa nos anos cinquenta reafirmavam a necessidade de tais despesas dado que eram "justas ante o zêlo, dedicação ao trabalho e competência que [os trabalhadores] têm demonstrado".⁷⁶

Uma das características chave dos modelos de dominação empresarial baseados em práticas paternalistas e assistenciais era a intervenção no meio de reprodução social dos trabalhadores. O controle das moradias operárias tornava-se assim uma questão essencial para as administrações fabris. Leite Lopes ressaltando a importância desta relação chega a denominá-la de "forma de dominação fábrica-vila operária"⁷⁷. Já nos anos vinte

⁷⁵ LEME, José de Moraes. "Nosso Programa" In: *Nitro Jornal*, nº 3, março de 1953 e *Nitro Jornal*, nº9, setembro de 1953.

⁷⁶ Balanço Geral da Cia. Nitro Química Brasileira em 31 de Dezembro de 1956 - Relatório da Diretoria. Encontrado nos Arquivos internos da empresa.

⁷⁷ "(...) a forma de dominação fábrica-vila operária tem por característica geral o controle direto da força de trabalho não somente na produção, mas também em outras esferas da vida dos trabalhadores fora da fábrica, através principalmente do recurso estratégico da moradia (...)". Conferir LEITE LOPES, op. cit., 1988, p. 38.

intensificava-se entre parcelas expressivas da elite industrial paulista a necessidade da disseminação de vilas operárias como forma de harmonizar as relações entre capital e trabalho e "difundir hábitos de vida segundo os padrões da indústria"⁷⁸.

De acordo com esta concepção os proprietários da Nitro Química paralelamente à construção da fábrica construíram uma vila voltada para os engenheiros e técnicos norte-americanos da Tubize Chatillon e depois, para os brasileiros chamada Vila Americana e uma outra, denominada Vila Nitro Química.

A Vila Nitro Química, porém, não era destinada ao conjunto de trabalhadores da empresa. O acesso à moradia nesta vila era franqueado a pessoas com funções estratégicas na produção como chefias, mestres, vigias, encarregados e os operários qualificados (sempre passíveis de receber melhores ofertas de salário dado a alta procura do mercado). Assim, utilizava-se as casas na vila como atrativo para fixar essa mão-de-obra e mantê-la sobre controle da companhia⁷⁹:

"Determinou-se fazer um orçamento para a construção de 60 casas, que se destinariam para os operários da Fiação, visando manter mais duração para esse número de operários, cuja curta permanência, prejudica o andamento normal desse importante departamento".⁸⁰

O grande e permanente fluxo de trabalhadores pouco qualificados (e facilmente substituídos) para a empresa não estimulou a construção de vilas da companhia para a totalidade de operários nitrinos. Muitos desses trabalhadores, recém migrantes e solteiros, moravam nas inúmeras pensões e alojamentos que circundavam a fábrica. Para estes trabalhadores, entretanto, as vilas operárias exclusivas para alguns poucos escolhidos pela firma eram vistas como uma injustiça, um fator de discriminação da maioria dos operários:

"Ela tinha a Vila Nitroquímica, mas era só para encarregados e chefes de departamento, não dava para operário. (...) A empresa que

⁷⁸ Conferir LIMA, op. cit., p. 29-32.

⁷⁹ A seletividade no acesso às moradias na vila e a prerrogativa dada às chefias intermediárias e aos operários qualificados é semelhante ao caso da FNM. Conferir RAMALHO, op. cit., 1989.

⁸⁰ Ata da reunião da Diretoria da Cia. Nitro Química Brasileira realizada em 19 de fevereiro de 1954. Documento encontrado nos Arquivos internos da empresa.

alugava. O chefe não pagava, quer dizer pagava uma prestação simbólica, pagava quase nada. Ela tinha segurança, muitos moravam em casas dela, os encarregados, os seguranças, os chefes de departamento. Eles tinham casas aqui na Vila Americana e na Vila Nitro Química. Então, no caso, quando eu fui casar, eu pedi, eu queria uma casa deles, mas eles não davam casa para operários, só davam para encarregado ou chefe de produção".⁸¹

O surgimento de várias vilas e jardins que caracterizou a expansão do bairro graças ao "fenômeno dos loteamentos"⁸² a partir dos anos quarenta, permitiu que uma grande parte desta mão-de-obra adquirisse um pequeno lote para a construção da tão sonhada casa própria. Os mutirões eram inúmeras vezes os programas dos operários nos fim-de-semana e feriados. Novamente, a Nitro Química mostrava sua face provedora. Não foram poucos os casos em que a empresa facilitou a organização dos mutirões operários, cedendo inclusive, parcelas do material de construção.

"A Nitro dava para os funcionários umas facilidades. Se você estava construindo, você tomava dinheiro emprestado [da firma], você arrumava alguma madeira que eles tinham lá, eles davam, vendiam tijolo bem baratinho. Então tinha uma série de benefícios, né?".⁸³

Embora praticamente tenha sido o estopim da refundação do moderno São Miguel no século XX, a Nitro Química não chegou a exercer sobre o bairro um "governo local de fato" nos moldes da Fábrica Paulista em Pernambuco⁸⁴. certamente seu poder simbólico e material sobre a população local era enorme e dele temos resquícios até hoje. Entretanto, as amplas dimensões que o bairro assumiu a partir dos anos quarenta inviabilizavam qualquer possível tentativa da fábrica em exercer um controle "municipal" sobre ele. Era mais fácil e

⁸¹ Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁸² Para Teresa Caldeira é o "fenômeno dos loteamentos" o que caracteriza a expansão de São Miguel a partir dos anos quarenta. "Esse tipo de ocupação é que vai marcar de maneira definitiva a sua paisagem. Os loteamentos eram sempre relativamente grandes e, seguindo a lógica do que acontecia na cidade como um todo, descontínuos. Isso provocou o surgimento de inúmeras vilas e jardins sem qualquer infra-estrutura, a não ser um arruamento precário que permitia colocar os lotes à venda". Conferir CALDEIRA, op. cit., p. 39 (grifos da autora).

⁸³ Entrevista de José Cecílio Irmão, antigo trabalhador da Nitro Química, hoje um dos dirigentes da Associação de Aposentados Químicos e Plásticos de São Paulo. Entrevista realizada pelo autor em 20 de outubro de 1994.

⁸⁴ LEITE LOPES, op. cit., p. 167-205

interessante criar uma imagem de grande benfeitora e "madrinha". Assim, a empresa franqueava o acesso de toda a população do bairro a algumas de suas grandes festas no clube de regatas e tornava pública a utilização de seu hospital e maternidade. Da mesma forma:

"dentro de alguns dias, será entregue à secretaria de Segurança Pública, o prédio para funcionamento da 22ª delegacia, construído pela Cia. Nitro Química Brasileira".⁸⁵

Para os operários, era como se a Nitro fosse a "dona" do bairro. Ninguém, nem mesmo a prefeitura da cidade, teria mais poder que a fábrica em São Miguel:

"Aqui, o poderio era da Nitro Química, ela manobrava com tudo isso aqui, daqui até São Paulo".⁸⁶

Para muitos, inclusive, a empresa não apenas fornecia prédios para os policiais. Talvez, reforçando a imagem repressora que a companhia também tinha, alguns operários consideravam que a própria polícia em São Miguel pertenceria à Nitro:

"A delegacia de polícia era dentro da fábrica (...) A Nitro Química dava abono de Natal para os policiais (...)".⁸⁷

Se a vila operária não era um benefício geral para os empregados da empresa, excluindo a parcela menos qualificada e portanto mais dispensável num quadro de grande oferta e rotatividade de mão-de-obra como na década de cinquenta, o mesmo não se pode dizer do famoso serviço médico e de prevenção de acidentes da Nitro. Este, provavelmente, foi o setor mais utilizado e com maior repercussão na vida cotidiana dos trabalhadores.

As condições de periculosidade da fábrica⁸⁸ exigiam a existência de um atendimento médico permanente. Em 1943 a empresa inaugurou um serviço médico próprio que se

⁸⁵ *Nitro Jornal*, nº 1, janeiro de 1953.

⁸⁶ Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁸⁷ Entrevista de Belarmino Duarte Pereira

⁸⁸ O número de acidentes de trabalho era elevadíssimo. Só em 1951, por exemplo, ocorreram 6.458 acidentes com ou sem afastamento de operários, o que significava a espantosa média de um acidente e meio

expandiu para o atendimento de familiares dos operários devido à carência de qualquer serviço deste tipo no bairro. O setor possuía um movimento bastante intenso. Somente durante o ano de 1952, por exemplo, foram feitas mais de 50 mil consultas médicas⁸⁹. Além de dois ambulatórios no interior da fábrica, o serviço médico contava ainda com uma ambulância e convênios com dentistas e uma ótica em São Miguel, bem como um contrato com sanatórios em Campos do Jordão e São José dos Campos.

Mas, foi o hospital e maternidade da Nitro Química a maior realização e o principal motivo de orgulho do serviço médico e social da empresa. Inaugurado em setembro de 1955 destinava-se não apenas aos operários da firma e seus familiares, mas, ao conjunto dos moradores do bairro. Seu impacto na vida de São Miguel foi enorme, já que foi o primeiro nosocômio de toda aquela região. Era, no entender dos dirigentes da Nitro, a prova maior de seu compromisso com os trabalhadores e moradores do bairro "que há muito necessitavam [de um hospital] e por isso era preciso aquilo que será o prolongamento do lar dos que em São Miguel Paulista trabalham"⁹⁰. Constituía o hospital, talvez, o maior "monumento" de ostentação do modelo de dominação implementado pela Nitro Química⁹¹.

A assistência médica era, talvez, o setor mais utilizado e bem visto pelos operários:

"tinha dentista, tinha médico, a assistência era boa. Eu mesmo fui operado do apêndice. Minha mulher também operou aí e foi muito bem tratada, era bom".⁹²

Ainda assim, muitos reclamavam, pois percebiam, principalmente nos médicos dentro da empresa uma certa forma de controle:

"tinha departamento médico constante, mas eles não gostavam de dar licença para o operário, sempre para eles o operário estava

por trabalhador da empresa. Conferir *Nitro Jornal*, nº 3, março de 1953. Para maiores detalhes conferir o capítulo 3 desta dissertação.

⁸⁹ Conferir *Nitro Jornal*, nº 4, abril de 1953.

⁹⁰ *Nitro Jornal*, nº 34, outubro de 1955.

⁹¹ José Sérgio Leite Lopes ao referir-se à construção da policlínica pela CTP, no final dos anos quarenta ressalta que ela é "mais um 'monumento' na ostentação da sua civilização, durante o seu apogeu no pós-guerra". Conferir LEITE LOPES, op. cit., 1988, p. 174.

⁹² Entrevista de Belarmino Duarte Pereira.

aumentando, qualquer coisa para falar que o operário não tinha razão".⁹³

Ligado ainda ao serviço médico estava todo o setor de assistência à infância. Era formado por um berçário para crianças de até seis meses de idade onde ocorria entrega de leite aos

"empregados ou beneficiários possuidores de cartão. Os cartões são dados para fornecimento gratuito e são concedidos a empregados com família numerosa e cujos vencimentos módicos não permitem a aquisição remunerada".⁹⁴

A distribuição de leite aos operários e seus filhos foi identificada por muito tempo pelos operários como sinal da pujança e prosperidade da companhia, sinal de fartura, abundância e riqueza.

"Leite, nós tínhamos para cada um. Tinha nas fazendas dela um vagão só de tambor de leite para os operários. Cada um tinha um litro de leite (...) o cara fazia até pirâmide de leite".⁹⁵

A diminuição da distribuição do leite no final dos anos cinquenta foi entendida por muitos como sintoma da decadência da Nitro. Era motivo de grandes reclamações, até porque acreditava-se nos efeitos do leite como desintoxicador nos setores onde a emissão de gases era muito alta, como a fiação de raiom.

Além do berçário havia um parque infantil também destinado às crianças cujo pai e/ou a mãe trabalhavam na fábrica. Dali elas poderiam ser encaminhadas ao grupo escolar, localizado na Vila Nitro Química, e de propriedade da empresa. Da mesma forma oferecia-se um atendimento pré-natal, serviços de parto e puerpério às trabalhadoras gestantes ou esposas de empregados.

⁹³ Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁹⁴ *Nitro Jornal*, nº 5, maio de 1953.

⁹⁵ Entrevista de José Cecílio Irmão.

Subordinados ao Serviço Social da Nitro neste período estavam também o restaurante, o armazém e a cooperativa de abastecimento, a farmácia, a elaboração e produção do *Nitro Jornal*, o Clube de Regatas Nitro Química e a Escola Senai⁹⁶.

O clube de regatas poderia ser considerado outro grande "monumento" do Serviço Social da empresa. Era o principal espaço esportivo e de lazer do bairro e nele realizavam-se as principais festas e concentrações públicas promovidas pela companhia. Além disso, o clube patrocinava apresentações de grandes artistas e eventos no bairro como a vinda da Orquestra Sinfônica Estadual ou a

"auspiciosa (...) apresentação de Ângela Maria na sede social do Clube de Regatas Nitro Química. Ângela não deixou dúvidas, patenteando, pelo menos para os moradores locais, a sua fama de maior cantora da música popular no Brasil".⁹⁷

Por intermédio do clube, a empresa procurava apropriar-se de tradições culturais de seus empregados realizando em seu espaço festas típicas nordestinas, como os bailes de forró e as comemorações juninas. No campo esportivo, o clube apoiava firmemente duas das mais populares modalidades: o futebol e o boxe, que marcaram época nas competições interfábricas e jogos amadores do período. O clube de regatas era um dos principais exemplos de como as formas de dominação da Nitro procuravam ultrapassar o local de trabalho ampliando-se em todos os níveis da vida social dos trabalhadores⁹⁸.

"(...) do clube o pessoal participava, principalmente no carnaval. No carnaval era cheio. Forró também, todo mundo gostava. A praça de esportes também era lotada. O povo ia mesmo porque não tinha nada em São Miguel".⁹⁹

⁹⁶ Analisaremos com maior detalhe a Escola Senai no capítulo 3 desta dissertação.

⁹⁷ *Nitro Jornal*, nº 47, janeiro de 1957

⁹⁸ LEITE LOPES, op. cit., 1988, p. 184- 189.

⁹⁹ Entrevista de José Ferreira da Silva.

Como evitar greves

O Serviço Social da Nitro Química era peça imprescindível no sistema de dominação gestado na empresa. No final dos anos quarenta e início dos cinquenta foi considerado por muitos como um modelo exemplar de gestão da mão de obra operária e que deveria servir de parâmetro para os industriais brasileiros.

"Sendo uma questão econômica, é a greve, conseqüentemente, um sintoma muito grave de desajustamento social. Conversando há pouco tempo com um amigo, técnico do Ministério do Trabalho e especialista no assunto greves, consegui explicações científicas e modernas para a solução pacífica do problema. Foi esse organizador social, contrário aos meios violentos de combate à greve, quem me facilitou a visita a uma tarefa concreta e em desenvolvimento que se vem realizando em São Paulo, graças aos esforços de técnicos esclarecidos e de industriais progressistas."

Era desta maneira que Carlos Neiva, jornalista da prestigiada revista *O Observador Econômico e Financeiro*, iniciava seu artigo sobre sua visita à Nitro Química em janeiro de 1944. A matéria era um longo e elogioso relato da visita do repórter a empresa com várias fotos e algumas entrevistas. Tinha o significativo título de: "Como evitar greves"¹⁰⁰.

Para o periodista tratava-se de superar uma fase de superexploração do trabalho, que jogava o trabalhador em níveis de vida assustadoramente baixos. Era necessário que os industriais passassem a compreender que "o trabalho é capital e, por conseguinte, precisa ser amparado". A assistência ao trabalhador seria uma visão moderna das relações entre capital e trabalho e precisava ser disseminada no Brasil, país de mentalidade escravagista onde se "impunha um tratamento de mão de ferro ao operário".

"A primeira visita que fiz à Nitro Química foi sem protocolo, nem cartão de visita. Logo à entrada indaguei de um operário sobre o seu salário. Ele deu a informação desejada. Achei pouco. Mas ele retrucou: 'Pode parecer pouco, mas o senhor vai ver o que está lá dentro em nosso favor' "

¹⁰⁰ NEIVA, Carlos. "Como evitar greves" In: *O Observador Econômico e Financeiro*, janeiro de 1944.

Neiva viu e detalhou em seu artigo os diversos benefícios encontrados: assistência médica, restaurante, clube, creche, auxílio às gestantes, parque infantil e grupo escolar ("integrando o homem desde as suas primeiras idades no ambiente da fábrica") e escola Senai, entre outros. Entusiasmado, arrematava, afirmando que a Nitro estava:

"contribuindo assim para a formação de uma mentalidade industrial no nosso trabalhador urbano que conserva ainda restos de uma mentalidade rural".

A Nitro Química e seu serviço social eram um exemplo de proteção ao trabalho e estrutura industrial racional que merecia ser conhecido e divulgado:

"(...) Se Ramazzini existisse ou se vissem Vernois, Tradieu, Guérard¹⁰¹, ficariam satisfeitos em saber que os seus estudos no século passado não foram esquecidos. Os princípios lançados naquela época e modernizados hoje para uma assistência científica ao trabalho e ao trabalhador foram tomados em consideração num pedaço da zona suburbana de São Paulo, que se transforma em poderoso centro industrial organizado racionalmente".

Nas entrelinhas do artigo de Carlos Neiva e na maior parte das vezes literalmente (como no próprio título do texto) podemos observar algumas questões fundamentais para a compreensão dos objetivos do Serviço Social nitriño. Na relação de reciprocidade embutida neste mecanismo de dominação, a empresa por intermédio de uma gestão fabril "moderna e racional" pretendia ceder benefícios e vantagens e receber em troca consentimento. Baixos salários, "educação" para o mundo industrial e acima de tudo a não adesão a greves e outras "agitações violentas" caminhavam junto com os ganhos da badalada assistência social da Nitro Química.

Quase nunca, entretanto, os trabalhadores passivamente aceitaram esta simples troca de moedas. As relações eram muito mais complexas. Se o ideário patronal e seus mecanismos de dominação pretendem ser permanentes. Efetivamente não o são. Estão

¹⁰¹ Cientistas e médicos europeus do século XIX, defensores de métodos de proteção ao trabalhador e higienização nos locais de trabalho. Todos foram citados no início do artigo de Neiva.

imersos na história e se podem ser melhorados, também podem sofrer alterações e até rupturas. Menos de dois anos depois da publicação do artigo sobre a fábrica que sabia evitar greves, uma violenta paralisação irrompeu na Nitro Química¹⁰². Não apenas a greve, mas a análise do próprio cotidiano operário na empresa, como veremos no próximo capítulo, nos ajuda a compreender os limites, contradições e as possibilidades de transformação daquele modelo de dominação.

¹⁰² Ver o capítulo 4 desta dissertação.

CAPÍTULO 3

"TRABALHANDO NA NITRO"

Formas de Contratação, Condições de Trabalho e Cultura Fabril nos anos 50

Entrar na Nitro

As formas de recrutamento da mão-de-obra possuem papel relevante nos mecanismos de dominação das empresas¹. No caso da Nitro Química, uma fábrica com necessidade de um número enorme de operários para funcionar, esta questão aparecia com bastante importância.

No período inicial de funcionamento da empresa foi comum o aliciamento direto de trabalhadores no interior de São Paulo e no Nordeste:

"Em 1936, nós morávamos em Araçatuba, quando um funcionário da Nitro foi até lá recrutar pessoas para trabalhar em São Miguel".²

Entretanto, tal prática parece ter sido restrita e delimitada no tempo³. Para a maioria dos operários, o aliciamento direto de mão-de-obra no interior do país estava associado à grande necessidade de funcionários exigida pelo empreendimento em seu processo de formação. Já a partir dos anos quarenta, no entanto, a forma predominante de arregimentação da força de trabalho (e socialmente vista como majoritária pelos operários) passaria a ser a própria atração que proporcionava uma fábrica "boa de dar emprego" como a Nitro e com os "benefícios sociais" que oferecia. Um diretor da empresa comentava assim esta situação:

"A empresa não precisava muito ir atrás da mão de obra. A mão de obra é que ia atrás dela. O surgimento da Nitro foi como a descoberta do ouro no velho oeste. A criação de uma empresa

¹ Sobre recrutamento e mecanismos de dominação ver LEITE LOPES, op.cit., pp. 39-58 e SILVA, op. cit, pp. 37-49

² Entrevista de Catarina Crusato editada no informativo *Nitro Notícias*, nº 14, setembro de 1993. Há, inclusive, a lembrança de funcionários contratados especificamente com o intuito de agenciar trabalhadores para a empresa, como mostra este depoimento de José Ferreira da Silva: "Tinha um senhor aí, o Macedo, que a vida dele era viajar comerciando operário para a Nitro Química".

³ As exceções parecem ter sido os operários qualificados, que continuaram sendo recrutados durante um período maior. Segundo Fábio Ravaglia: "para começar a trabalhar na Nitro Química, havia realmente a necessidade de um grupo de pessoas que tivessem alguma qualificação e estas pessoas foram recrutadas. Tinha muita gente no interior e especificamente em Sorocaba. Como a Votorantim era uma empresa muito grande lá, teve gente que era encarregado lá e veio ser contramestre aqui, era encarregado lá e veio ser chefe aqui".

importante atraiu muita gente para lá, gente que veio do interior e depois uma grande migração nordestina".⁴

A possibilidade de conseguir construir a casa própria em São Miguel, devido aos relativamente mais baratos loteamentos do bairro, era outro fator de atração. Emprego, vantagens e casa própria eram uma trinca assaz atrativa para os milhares de migrantes que se dirigiam a São Miguel Paulista. A procura de emprego nos portões da empresa era cada vez mais espontânea e os próprios operários cumpriam um importante papel de divulgação⁵:

"Como é que vinha do Nordeste ? (...) é fato sabido que veio nordestino para cá (...). Vinha e arrumava uma colocação na Nitro Química porque alguém indicou, por sua vez ele procurava trazer um parente, pai, mãe, irmão, amigo, enfim, e assim foi crescendo a comunidade nordestina aqui na região".⁶

Ou como nos seguintes depoimentos operários:

"Eu trabalhava em Santos, lá no curtume de couro, e tinha uma pessoa conhecida aqui, ele escreveu para mim lá em Santos que aqui a gente ganhava mais, aqui em São Miguel, o salário aqui era melhor. Então que eu pudesse vir para aqui que eu tinha emprego garantido que era na Nitro. Nesse tempo a Nitro pegava sem documento, de qualquer jeito, só com registro de nascimento ela pegava. Então eu vim para aqui e já entrei na Nitro Química. Comecei a trabalhar na Nitro Química...".⁷

"A Nitro Química apareceu porque eu tinha um primo, que ele trabalhava lá, né? Aí ele me chamou para vir prá cá".⁸

⁴ Entrevista de Fábio Ravaglia.

⁵ Em determinados momentos porém, esta procura espontânea não foi suficiente para suprir as necessidades da empresa. Assim, outras formas de recrutamento mais amplas também eram adotadas, como anúncios em jornais ou avisos na portaria da fábrica, como mostra este depoimento sobre contratação na empresa no final dos anos quarenta: "A Nitro Química é o seguinte: eu estava desempregado e naquele tempo fazia anúncio no jornal. Então saiu no Diário Popular para desempregados: tinha restaurante, tinha isso e aquilo e eu vim para cá e acabei ficando aí esse tempo todo. Foi por anúncio de jornal. (...) Também tinha sempre aviso [sobre vagas na empresa] na portaria da fábrica" (José Ferreira da Silva).

⁶ Entrevista de Oscar Alonso de Souza concedida ao autor em 22 de dezembro de 1994. O senhor Oscar foi funcionário da Nitro entre 1954 e 1993 trabalhando no setor jurídico e como um dos chefes do departamento pessoal.

⁷ Entrevista de Geraldo Rodrigues de Freitas, morador em São Miguel Paulista desde 1947 e empregado na Nitro no final dos anos quarenta e início dos cinquenta. A entrevista foi concedida ao autor em 15 de novembro de 1994.

⁸ Entrevista de José Cecílio Irmão.

Embora não fosse uma política formal da empresa, a contratação de parentes e indicações dos próprios empregados era em geral adotada:

"se você tem um funcionário que ele está correspondendo em todos os aspectos do relacionamento e na parte profissional dele, uma indicação é importante, é mais fácil se operar dessa maneira do que admitir uma pessoa que você não tenha nenhuma indicação (...) então trabalhavam famílias inteiras aqui, eu chequei aqui talvez uma família de sete pessoas aqui trabalhando".⁹

Além de tentar criar um laço de confiança adotando a indicação do seu funcionário, este tipo de contratação coadunava-se com a política de constituição de uma grande "família nitrina", que, como vimos, era um dos traços marcantes do discurso patronal no período. Ademais, tal política poderia possibilitar uma maior estabilidade e menor quantidade de embates na fábrica dado o papel vigilante que a empresa acreditava que familiares e amigos exerceriam uns sobre os outros¹⁰. Entretanto, tal prática possuía um outro lado, já que, a contratação de parentes e amigos colocava em pauta lealdades e solidariedades, em geral, anteriores ao emprego na empresa, facilitando assim a formação de uma cultura e tradição de trabalho no próprio chão da fábrica.

Um traço marcante na memória operária e enfatizado em diversos depoimentos era a grande necessidade de mão-de-obra e a facilidade de conseguir emprego na Nitro:

"Tinha emprego e muito. Na Nitro Química em todo lugar que você chegasse era fácil. Só exigia o registro de nascimento. Não precisava de profissional, não precisava nada".¹¹

⁹ Entrevista de Oscar Alonso de Souza .

¹⁰ Fernando Teixeira da Silva analisando política semelhante adotada pela Cia. Docas de Santos afirma que: "A Companhia acreditava no papel policiador da família e no papel estabilizador da relação entre amigos, compadres e colegas de trabalho, inibindo a possibilidade de eclosão de conflitos". Conferir SILVA (1992) - pág.38. José Ricardo Ramalho também percebe esta questão na FNM: "A confiança 'familiar', que norteava as relações da fábrica com os antigos operários, devia também ser levada em conta na escolha dos novos operários". RAMALHO (1989) pág. 128.

¹¹Entrevista de Belarmino Pereira Duarte. José Sérgio Leite Lopes também constatou esta abundância de trabalho na análise da Cia. Paulista de Tecidos, caracterizando-a como um dos elementos fundamentais da forma de dominação adotada naquela empresa. Conferir LEITE LOPES, op. cit., pp. 51-91.

Assim, a contratação era praticamente imediata, sem grandes exigências para os trabalhadores. Mesmo um operário, já com larga experiência de trabalho em empresas de São Paulo, espantava-se com a presteza da arregimentação:

"No outro dia cedo eu fui na portaria da Nitro Química, eu ia na cidade, mas eu passei na portaria. Tinha uma fila e eu falei: eu vou entrar nessa fila. Entrei na fila e terminei sendo contratado pela Nitro Química".¹²

O processo em si de contratação da maioria dos trabalhadores era, realmente, simples. O interessado fazia sua ficha no portão principal da empresa não sendo obrigatória a necessidade de qualquer documentação ou qualquer comprovante de alfabetização . A seguir, a seleção era praticamente feita a partir de um exame médico no qual eram avaliadas principalmente as aptidões físicas do candidato.

"Havia falta de mão de obra e então a seleção era basicamente física, não entrava uma pessoa com estrutura muito fraca (...) era feito um exame clínico [onde o trabalhador] era submetido a um exame de vista, a um exame clínico geral, e a um exame que verificava a sensibilidade hepática do indivíduo devido às condições de agressividade química da indústria. Então, se o sujeito tivesse um fígado bom , uma vista boa, se ele não tivesse doenças ou defeitos físicos que o incapacitassem para o trabalho, ele entrava na fábrica".¹³

Para grande parte dos operários, este certamente era o primeiro exame médico que realizavam em suas vidas. Causava forte impressão nos trabalhadores, pois além de caracterizar-se como "atestado" de boas condições de saúde e de aptidão para o emprego, o exame "anunciava" as difíceis condições de trabalho que iriam encontrar pela frente. Vejamos como um operário contratado na segunda metade dos anos quarenta recorda-se desta seleção:

¹² Entrevista de Adelço de Almeida.

¹³ Entrevista de Fábio Ravaglia.



"Já tinha exame médico, um exame até bom. Tinha médico num ambulatoriozinho, e você chegava e fazia a matrícula (...). Aí, um rapaz pegava o papel e ia com a gente lá pro ambulatório médico. Aí, tava na fila, e o médico [dizia]: 'Todo mundo nu'. Aí, ele pegava e botava o dedo aqui, e ele [perguntava]: 'Já teve gonorréia, já teve cancro?' -[e eu respondi]: 'não'. Ele botava a mão aqui [e dizia]: 'Tussa!', para ver se a pessoa tinha hérnia, 'tussa aí'. E eu: 'cof, cof, cof'. ...[Ele dizia] 'Tá bom, tá danado. Agora você vai dizer aquelas letra lá', e a enfermeira [perguntava]: 'Que letra é essa?' É um A, é um B, é um C. E depois: 'É essa aqui?' (não era éfe, chamava fê). É um Fê, é um Mê... 'Tá bom! Pode ir trabalhar'".¹⁴

Caso aprovado, o trabalhador era imediatamente encaminhado para um setor designado. Em geral, começava a trabalhar nas áreas que mais necessitavam de mão-de-obra e não por acaso, com maiores índices de insalubridade e periculosidade: a fiação de raio, o departamento de trotil e o setor de sulfureto de carbono. Assim,

"havia, naturalmente aquele período de experiência em que o operário recém-contratado era submetido às condições(...). Havia pessoas que, por exemplo, iam para a fiação e eram extremamente alérgicas às condições. Logo tinham inflamações de órgãos e estas [pessoas] saíam [da empresa] naturalmente. *Eu diria que havia uma espécie de seleção física daqueles que ficavam (...)*".¹⁵

Para os trabalhadores, porém, se de um lado, a facilidade para conseguir um emprego e a rapidez na contratação eram aspectos positivos ressaltados, enfatizando assim, um quadro em que a abundância do trabalho ("em São Miguel Paulista todo mundo trabalhava na Nitro"¹⁶) reforçava a imagem de grandiosidade e poderio da empresa. Por outro lado, a voracidade na contratação ("quando eles tavam precisando mesmo, entrava cego, aleijado, torto"¹⁷) e, principalmente, a alocação inicial nos setores mais hostis e perigosos como forma de "seleção natural" de seus empregados geravam um sentimento de insatisfação diante de uma percepção de exploração e injustiça.

¹⁴ Entrevista de Belarmino Pereira Duarte.

¹⁵ Entrevista de Fábio Ravaglia (grifos meus).

¹⁶ Entrevista de Adelço de Almeida concedida ao autor e a Hélio da Costa em 25 de abril de 1994.

¹⁷ Entrevista de José Cecílio Irmão.

"A Nitro chegava a fazer o seguinte. Tinha uma época que ela precisava tanto de operário que chegavam vinte, trinta, cinquenta concorrentes sem qualificação nenhuma, sem conhecer nada. Vinham do norte e ela punha na fiação, porque aquilo queimava a vista. Quase ninguém aguentava. *Aqueles que aguentavam ficavam, quem não aguentava eles mandavam embora*. A Nitro explorou, explorou à vontade os nossos conterrâneos".¹⁸

Um outro grande contraponto à abundância de empregos era a alta rotatividade da mão-de-obra na empresa. Da mesma forma que a Nitro rapidamente contratava, rapidamente ela demitia. A grande disponibilidade de trabalhadores e a pouca qualificação exigida para a maioria das tarefas, permitia à empresa a prática de colocar à disposição grandes contingentes de operários. Além disso, a periculosidade da indústria e os salários (muitas vezes inferiores ao do mercado) eram estímulos para que os trabalhadores voluntariamente deixassem a empresa à procura de novas oportunidades.

Apesar disto, é possível supor que a companhia procurou adotar políticas de manutenção de seu quadro de funcionários, particularmente os mais especializados, como demonstram os "benefícios" oferecidos pelo Serviço Social e o discurso empresarial adotado a partir de meados dos anos quarenta buscando o envolvimento e a reciprocidade dos trabalhadores. De fato, as taxas de rotatividade anual sofreram uma brutal e contínua queda, passando de assustadores 200% em 1939 para aceitáveis 20% em 1957¹⁹.

Aprender na prática

Empregados na Nitro, colocava-se para os novos operários a complexa e árdua tarefa de aprender o trabalho. Já para a Nitro Química isto significava a necessidade de transformar esta sua população empregada e composta majoritariamente de migrantes vindos do interior do país em trabalhadores industriais. Segundo dados da própria empresa,

¹⁸ Entrevista de José Ferreira da Silva (grifos meus).

¹⁹ Conferir RAVAGLIA, op. cit.

durante os anos cinquentas, apenas cerca de 20% de seus empregados entravam na Nitro com alguma experiência anterior no setor industrial²⁰. Assim como outras indústrias do período²¹, a Nitro Química assumia a necessidade e pleiteava a responsabilidade de formar sua força de trabalho.

Desta forma, particular função dentro da companhia ocupava a escola Senai. A Nitro foi uma das primeiras empresas a aderir ao sistema Senai, criado no governo de Getúlio Vargas em janeiro de 1942. Já em 1943 era instalada uma primeira escola deste órgão em São Miguel. Ministrava cursos principalmente na área mecânica (ajustador, torneiro, fundidor, eletricitista, etc). A partir de 1948, a empresa instituiu cursos rápidos no período noturno. Em geral os professores destes cursos eram os poucos técnicos e operários especializados da Nitro, responsáveis pela formação de montadores, chumbistas, eletricitistas, encanadores industriais, caldeireiros, entre outros. Anualmente eram concedidas as bolsas de estudo "Dr. Moraes" para os melhores classificados nos concursos de admissão para a escola Senai.

A maior parte, porém, dos trabalhadores que se qualificavam nesta escola, pouco tempo permanecia na companhia. Dos aproximadamente 255 formados na escola Senai de São Miguel entre 1951 e 1960, apenas 21 permaneceram trabalhando na empresa²². Os salários da Nitro eram, em geral, muito baixos para garantir a permanência destes profissionais em um mercado carente de mão-de-obra especializada, particularmente a partir da segunda metade da década de cinquenta, com a instalação no Brasil das multinacionais da indústria automobilística e de outros setores de ponta.

Enorme, complexa e com um processo de produção contínuo, a Nitro Química exigia um grande esforço de todos os seus técnicos, engenheiros e operários para funcionar. Nos anos cinquenta possuía mais de sessenta departamentos de produção numa ampla, intrincada e difícil rede de relações fabris. Apesar disto, não era necessário um grande número de

²⁰ Idem.

²¹ Ver por exemplo, o caso da FNM em RAMALHO, op. cit, pp.43 -45.

²² Conferir RAVAGLIA, op. cit.

operários qualificados na escola para "tocar" a empresa. Seu processo de produção prescindia de trabalho qualificado em diversos setores da companhia. Alguns trabalhadores especializados somados a um número maior dos que "aprenderam na prática" e uma grande massa operária pouco ou quase nada instruída (e com altos índices de rotatividade) eram suficientes para garantir a produção.

Para a maioria dos operários, portanto, o processo de aprendizagem profissional ocorria de fato, no interior da própria indústria. Desta forma, a escola Senai, para os dirigentes da Nitro, deveria ter uma função complementar ao da própria empresa. Esta teria um importante papel de colaborar na formação do trabalhador brasileiro, adaptando-o ao trabalho e à disciplina industrial. A escola era necessária, mas, mais do que ela, era a prática cotidiana que formaria o trabalhador:

"Sciacca e Piacentini foram os maiores artífices da indústria de alumínio da Itália e aprenderam fazendo e não lendo".²³

Tal discurso de valorização da prática certamente vinha ao encontro das opiniões e aspirações dos trabalhadores. O sentimento de valorização da prática em detrimento da teoria é um componente bastante presente na cultura operária em geral²⁴ e um importante elemento de auto-valorização e dignidade:

"[Depois de algum tempo] eu já entendia as coisas, trabalhava no meio dos engenheiros, dos químicos (...) fazendo análise, fazendo o PH disso e daquilo. E eu já entendia, não teoricamente, mas, praticamente. Eu conhecia na prática: 'Como é que está isso aqui?'. Tem que tirar a espessura, eu sabia tirar a espessura na máquina para fazer cálculo (...) que era pau na máquina, a densidade, tudo eu fazia. Tanto que o chefe mandava para o laboratório para

²³ OLIVEIRA, Eduardo Sabino de. "Perseverança e Patriotismo" In: *Nitro Jornal*, nº 31, julho de 1955.

²⁴ Paul Willis chama a atenção para esta questão ao afirmar: "o sentimento generalizado no chão da fábrica e na classe operária, de forma geral, de que a prática é mais importante do que a teoria (...) o chão da fábrica está cheio de histórias apócrifas sobre a idiotice do conhecimento puramente teórico. A habilidade prática sempre vem primeiro e é uma condição para outros tipos de conhecimento. Enquanto na cultura de classe média o conhecimento e as qualificações são vistos como uma forma de deslocar para cima todo o conjunto de alternativas práticas abertas ao indivíduo, aos olhos da classe operária a teoria está vinculada a práticas produtivas particulares". Conferir WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador: Escola, Resistência e Reprodução Social*. Artes Médicas, Porto Alegre, 1991; p. 51.

confirmar.[E o químico dizia] 'Pô, o Belarmino que fez? Se o Belarmino que fez tá bom'. Só fazia assinar".²⁵

Motivo de orgulho e satisfação, aprender na prática para os trabalhadores, significava também a possibilidade de ascensão na hierarquia da empresa e a possibilidade de salários e condições de trabalho e vida melhores. Mas também podia significar um espaço próprio de resistência e ampliação das redes de solidariedade entre os operários resguardando-os em parte da dominação e exploração presentes na produção.

A possibilidade de aprender com outro companheiro de trabalho abria campo para a burla à fiscalização fabril e para a formulação de estratégias informais de resistência individual e coletiva na busca de um certo controle do ritmo da produção²⁶, como a "cera" e o "corpo mole":

"[Depois que aprendia] a peãozada ficava (...) manhosa.(...) Então tinha nego manhoso, assim e tal, olhava a máquina ali, enrolava, ia bater papo, enganava o serviço... fazia corpo mole".²⁷

O papel da chefias

Entretanto, para que a formação dos trabalhadores da Nitro ocorresse de fato, era decisiva a ação das chefias de seções na empresa. Uma função chave destas chefias era a de coordenar a adaptação do novo operário ao serviço ajudando-o a aprender o trabalho. Papel importante nesta tarefa possuíam os contramestres e encarregados, cargos intermediários entre os operários e os chefes de seção. Os trabalhadores, como vimos, eram

²⁵ Entrevista de Belarmino Pereira Duarte.

²⁶ Cornelius Castoriadis afirma que: "A luta *implícita* e 'informal' dos operários, no que se refere à organização capitalista da produção, significa, *ipso facto* que os operários opõem a essa organização - e realizam nos fatos - uma contra-organização certamente parcial, fragmentária e móvel, mas não menos efetiva, sem a qual não somente não poderiam resistir à direção, mas nem mesmo poderiam realizar seu trabalho". Coferir CASTORIADIS, Cornélius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 62 (grifos do autor).

²⁷ Entrevista de José Cecílio Irmão.

majoritariamente formados no próprio local de trabalho e aos chefes cabia, assim, a orientação geral deste processo "pedagógico"²⁸:

"Eu me lembro que o Frederico, chefe da fição, quando chegava um novato, chamava o contramestre e dizia: 'Baiano, ensina para este baiano o serviço dos baianos' ".²⁹

O grande número de acidentes de trabalho estava, sem sombra de dúvida, ligado à qualidade deste "treinamento dos baianos". As várias e reiteradas solicitações no *Nitro Jornal* para que os chefes, contramestres e encarregados instruissem os novatos nas questões de segurança do trabalho mostram as dificuldades e o desleixo das chefias para a garantia de um trabalho seguro:

"O grande número de indivíduos que procuram emprego em nossa indústria não tem profissão definida (...) Não estão assim familiarizados com o manejo de ferramentas, o funcionamento de máquinas e desconhecem o risco de várias operações e serviços. Cabe ao mestre, ao encarregado, ao chefe de equipe, ao receber o novo empregado, fazer-lhe as recomendações necessárias à segurança do trabalho que terá que realizar (...) Muitos acidentes têm-se verificado pela displicência e falta de cuidado dos responsáveis pelas seções e serviços com segurança".³⁰

Muito maior zelo tinham as chefias com as questões relativas à disciplina e à vigilância. Cabia aos chefes a responsabilidade pela fiscalização rigorosa do cumprimento do regulamento interno da fábrica. Este previa todo um ordenamento do comportamento operário e uma série de sanções quanto ao seu descumprimento³¹:

²⁸ "Os chefes de serviço exerciam um "papel pedagógico" entre os operários; ele instruía, ensinava... punia. A instrução era antes de tudo corretiva". SILVA, op.cit, pág. 33.

²⁹ Entrevista de Fábio Ravaglia

³⁰ *Nitro Jornal*, nº 16, abril de 1954

³¹ "Na essência de todos os sistemas disciplinares, funciona um pequeno mecanismo penal (...) Na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micro penalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes "incorretas", gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações". FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*, Petrópolis, Vozes, 1983, pág. 159.

"1º - O empregado que chegar atrasado ao serviço (...) não poderá entrar na fábrica. Se dentro do prazo de uma hora não deixar registrado na portaria o ocorrido, ficará sujeito à punição.

(...) 3º- O empregado está sujeito a revista na portaria ou qualquer outra dependência da fábrica (...).

(...) 13º- É extremamente proibido:(...)

c) pegar panos da fábrica para usar como gorros, meias, toalhas, lenços, etc.

(...)

h) correr, gritar ou fazer algazarra em qualquer dependência".³²

A reação operária a esta disciplinarização eram motivo de fortes embates no interior da empresa. Os constantes problemas da direção da empresa com a assiduidade dos trabalhadores e com o abandono de emprego são alguns exemplos destas dificuldades. Mas era nos conflitos com as chefias, que estes problemas apareciam de forma mais visível.

"Sempre tinha briga com os chefes. Então o peão se invocava por qualquer coisa. [Aí] ele quebrava o pau também, xingava o chefe. [Levava] suspensão (...) nego corria, sempre tinha esses problemas. Dificilmente tinha uma semana prá não ter um quebra pau na portaria".³³

Alguns memorandos de suspensão de operários emitidos pelas chefias de seção e encontrados nos arquivos da empresa nos dão uma mostra de alguns embates cotidianos na fábrica. A operária Doralice Pereira Dias, por exemplo, foi suspensa por três dias de trabalho em 1956 "por desrespeitar a contramestre (...) com palavras imorais". Tempos depois, a mesma operária seria novamente punida, desta vez "por chamar o contramestre de 'bobo', e quando este disse que levaria ao conhecimento dos superiores, a referida respondeu que duvidava".

As chefias cumpriam assim uma função essencial no disciplinamento de uma mão-de-obra em geral pouco adaptada ao trabalho industrial. Para o pleno funcionamento da produção era decisivo que se combatessem as "transgressões" às normas da empresa: os

³² Cia. Nitro Química Brasileira - *Regulamento Interno da Fábrica*. Documento encontrado nos Arquivos Internos da Companhia.

³³ Entrevista de José Cecílio Irmão.

jogos, as brincadeiras, o sono e conversas "fora de hora", etc. Assim, justificava-se o poder conferido aos chefes na gestão e controle dos subordinados. Entretanto, como veremos, tal poder não era tão absoluto e rígido assim e poderia ser contornado e burlado pelos operários e chefes no cotidiano do trabalho, nas brechas criadas por uma cultura fabril comum.

Do ponto de vista da direção da companhia, os chefes de cada setor tinham papel fundamental para o funcionamento global da indústria. Cada chefe comandava o processo de produção e manutenção de seu departamento, gozando, devido ao papel estratégico que ocupavam na empresa, de ampla autonomia para gerir a mão-de-obra no cotidiano do trabalho. A opinião de um engenheiro (posteriormente nos anos sessenta e setenta, diretor geral da empresa) mostra a importância que os escalões superiores da companhia atribuíam aos chefes de seção:

"Eles eram os homens que realmente faziam as coisas acontecer. Obedeciam as orientações técnicas de alguns poucos engenheiros e químicos, mas eram eles que conseguiam tocar de fato a fábrica. Eram pouco mais de sessenta, mas se distinguiam por uma personalidade muito forte, no sentido de comando, de liderança de pessoal. Todos tinham origem operária e uma instrução técnica e geral muito reduzida. Quase tudo aprenderam na prática. Eram o que eu e outros engenheiros chamávamos de 'técnicos práticos'. (...) Mas, tinham uma lealdade extraordinária à empresa. Eram líderes, pouco instruídos, porém leais e extremamente dedicados à empresa".³⁴

Para garantir a produção, um bom desempenho dos chefes de seções era essencial ao modelo de dominação exercido pela Nitro Química. Retribuíam com uma fidelidade absoluta aos benefícios especiais que a empresa lhes concedia. Como vimos, possuíam casas na Vila Nitro Química, quase tudo que sabiam tinham aprendido na companhia e a ela deviam sua condição atual de segurança, estabilidade e principalmente a condição de respeitabilidade que o cargo de chefe na Nitro oferecia não apenas na fábrica, mas também no bairro e em toda a região.

³⁴ Entrevista de Fábio Ravaglia.

Mas, o que aos olhos da direção da empresa aparecia como liderança e energia, aparecia aos operários como autoritarismo e arbitrariedades, sendo recorrentes nos depoimentos as referências aos desmandos dos chefes:

"Eu comecei a trabalhar e tinha um cidadão aí que se chamava Viana. O Viana era o chefe da seção. E eu comecei a trabalhar, já estava com mais ou menos três meses trabalhando. Aí um dia eu fui lavar as mãos. Questão de meio minuto, mais ou menos isso. Aí o Viana, que era o chefe, viu, ele me viu lavando as mãos e foi em cima de mim para suspender. Falou 'Você está suspenso, você não vai trabalhar hoje mais e está suspenso, você vai ficar três dias suspenso!'"³⁵

Ou ainda,

"Os chefes gostavam era de perseguir os outros. O sujeito para passar a chefe era só puxar o saco, puxar o saco e contar fuxico(...) [a Nitro] é a fábrica que mais teve processo, processo de perseguição".³⁶

As funções outorgadas às chefias de seção na Nitro Química tornava-os decisivamente influentes em relação à vida profissional dos operários. Promoções, demissões, transferências, entre outras, dependiam em grande medida das decisões que os chefes tomavam. Tal poder dava margem a uma série de ações consideradas pelos trabalhadores como injustas e arbitrárias:

"A pessoa que era mandada embora não tinha nenhum motivo para ser mandada embora. [Era] simplesmente porque o chefe não ia com a cara da pessoa".³⁷

Mas a autoridade das chefias advinha não apenas da outorga que a companhia lhes dava, mas também da imagem do "operário que chegou lá", ou seja, a idéia que possuíam méritos pessoais para serem chefes e que os demais operários deveriam seguir o exemplo

³⁵ Entrevista de Geraldo Rodrigues de Freitas.

³⁶ Entrevista de Belarmino Pereira Duarte.

³⁷ Entrevista de Osvaldo Lino concedida ao autor em 06 de maio de 1994. O senhor Osvaldo Lino começou a trabalhar na Companhia Nitro Química em 1957, de onde saiu em 1985, como aposentado.

deles. Não é à toa que no imaginário dos trabalhadores da fábrica, eram figuras sempre polêmicas. Também entre eles, no âmbito micro, reproduzia-se uma certa "teatralização da dominação":

"O mais importante dos chefes que teve a companhia (...) era o Paulo Bertini, que tinha sido tecelão e depois encarregado em Sorocaba e depois tinha vindo para a Nitro chefiar uma seção de enrolamento de fios, uma seção de mulheres (...). Ele tinha muito o espírito de mandar (...) Quase todos os chefes da Nitro usavam chapéu. Quando ele saía, ele deixava o chapéu no cabide e a turma dizia: 'Ih... O Paulo táí, não dá prá sambar' ".³⁸

A figura do chefe era, desta forma carregada de ambigüidades no imaginário operário. De um lado, eram imediatamente associados ao despotismo e autoritarismo, devido ao "espírito de mandar", que o poder conferido pela empresa lhes conferia. Por outro lado, o cargo de chefe era cobiçado na carreira dentro da indústria, estando vinculado a uma imagem de ascensão social e sucesso. Para além desta dicotomia, é preciso lembrar que, devido ao seu papel estratégico na produção, eram os chefes e os ocupantes de cargos intermediários como, mestres e encarregados, quem muitas vezes eram decisivos na construção de redes e espaços de sociabilidade junto aos operários dentro e fora da empresa:

"Outro caso foi o de um encarregado da manutenção da fiação e uma noite na saída da fábrica um operário subordinado a ele morreu atropelado (...) e ele soube que este homem morava numa casa alugada, mas tinha um terreninho. Aí, ele mesmo coordenou um grupo para construir a casa para a viúva. Ele foi falar comigo, pedindo uma série de materiais para a fábrica, podendo ser usado, fosse o que fosse (...) Ele mesmo liderou o grupo que construiu a casa para a viúva".³⁹

Na segunda metade da década de cinquenta, porém, a diretoria da Nitro começou um processo de mudanças também em relação ao papel das chefias. Em agosto de 1955 iniciou-se a difusão na fábrica do método de supervisão TWI, sigla em inglês para

³⁸ Entrevista de Fábio Ravaglia.

³⁹ Idem.

"Treinamento dentro da Indústria" (*Training Within Industry*). Este método, difundido no Brasil pela Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial, era destinado aos componentes do quadros médios das empresas (mestres, supervisores, contramestres, capatazes, feitores, chefes de seções, etc.). Propunha-se a capacitá-los, através de cursos e debates, em três aptidões essenciais para a supervisão: "1- instruir novos trabalhadores e dirigir com segurança trabalhadores experientes; 2- conduzir trabalhadores satisfeitos e produtivos; 3- obter o melhor e mais eficiente rendimento de homens máquinas e ferramentas, através do aperfeiçoamento progressivo dos métodos de execução"⁴⁰.

A necessidade de participação ativa dos quadros intermediários das empresas a partir da análise e debate dos problemas concretos do seu cotidiano pretendia ser um grande atrativo e diferencial do TWI em relação a outros métodos. Para funcionar, precisava estar o mais próximo possível dos planos de produção de cada indústria e exigia, acima de tudo, um serviço de acompanhamento dentro do ambiente de trabalho.

A adoção por parte da Nitro do método TWI significava uma mudança de postura em relação ao papel das chefias no chão da fábrica. A antiga valorização da prática como um dos critérios de perfil de um boa chefia começava a ser questionada. As antigas qualidades de chefes e operários, embora ainda importantes, não eram mais suficientes. Tornava-se, mais do que nunca, necessário treiná-los.

"Uma queixa generalizada em nossos meios industriais é a falta de mão de obra qualificada. Estudiosos da matéria, por meio de pesquisas e estatísticas, chegaram à conclusão que o operário brasileiro demonstra grande capacidade de assimilação e adaptação aos mais variados processos de trabalho, mais falta muitas vezes ao nosso profissional prático, base para poder desenvolver-se, para poder aumentar a sua eficiência. Sem base suficiente o profissional prático chega a um 'ponto morto'- do qual não sairá tão facilmente, com prejuízo para si mesmo e para a indústria (...) Chegou a Nitro Química a uma fase em que conhecimentos práticos limitados, reduzidos a determinadas especializações no serviço, já não podem satisfazer plenamente o profissional (...) [que] deve realmente

⁴⁰ PENTEADO, Flávio. *O que é TWI?* Ministério da Educação e Cultura - Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial, Rio de Janeiro, s/d.

possuir conhecimentos teóricos e práticos para todo e qualquer serviço dentro da sua profissão".⁴¹

O TWI vinha ao encontro desses objetivos. Particularmente porque era dirigido para as chefias, o setor estratégico para a fábrica. Em dois anos, foram realizados cerca de 60 cursos, envolvendo quase 300 quadros intermediários da companhia.

Não é difícil imaginar, porém, o quanto de insegurança e temor estas mudanças estavam provocando nas chefias. Homens, que, em muitos casos, nunca haviam frequentado bancos escolares e que gabavam-se de "aprender com a vida" viam-se agora constrangidos a frequentar cursos para "aprender" como lidar com os operários que, na maioria das vezes, eles próprios haviam iniciado nas artes da profissão. Todo um modo de administrar as relações com a mão-de-obra nas seções de trabalho estava aos poucos sendo colocado em questão.

Provavelmente a insatisfação no interior da fábrica aumentou ainda mais quando a direção da empresa começou em janeiro de 1957 a condicionar as promoções a uma avaliação:

"determinou a diretoria que doravante qualquer promoção para meio-oficial ou oficial a encarregado fique subordinada a prévio exame teórico e prático".⁴²

O fato da medida se destinar as promoções nos níveis mais baixos da hierarquia fabril deve ter desagradado em muito o conjunto dos operários desejosos da praticamente única forma de ascensão na empresa. Ao mesmo tempo, descontentava os chefes de níveis superiores pois indicava as dificuldades que estavam por vir em futuras promoções. Os resultados das primeiras provas devem ter assustado a todos:

" Os resultados tanto das provas práticas como das teóricas trouxeram a evidência falhas na formação de vários candidatos conseguindo *apenas um* classificar-se".⁴³

⁴¹ Nitro Jornal, nº 47, janeiro de 1957.

⁴² Idem, Ibidem.

A crise econômica que a Nitro Química atravessava na segunda metade dos anos cinquenta obrigava-a a melhorar a qualificação geral de sua mão-de-obra. Para tanto iniciou um processo de alteração nas tradicionais relações estabelecidas entre trabalhadores, chefias e companhia. Ao fazê-lo provocou uma crise na estabilidade funcional de seus empregados, particularmente os que possuíam cargos de chefia, gerando instabilidade e um clima de insatisfação generalizada, que certamente influenciou as mobilizações e reivindicações operárias, que como veremos, cresceram enormemente naquele período.

Condições, acidentes e amizades no trabalho

Em setembro de 1956 estreava no Cine São José, no centro de São Miguel Paulista, o filme "Terrível como o Inferno"⁴⁴, estrelado pelo ator norte-americano Andie Murphie. Provavelmente para muitos operários desavisados, o filme poderia ter sido confundido com algum documentário sobre as condições de trabalho na Nitro Química.

De fato, nos depoimentos e relatos de trabalhadores nitrinos, a imagem da empresa está intimamente associada às péssimas condições de trabalho, acidentes e altos índices de insalubridade. Aliás, as altas taxas de periculosidade e de danos à saúde dos operários eram reconhecidas até por membros da própria direção da companhia:

"a empresa tinha condições muito difíceis (...) sempre foi uma empresa onde o acidente de trabalho estava sempre presente. A condição perigosa era muito grande".⁴⁵

Percorrendo as páginas do *Nitro Jornal*, é possível perceber uma preocupação constante da direção da companhia, durante os anos cinquenta, com as condições de

⁴³ *Idem*, *Ibidem* (grifos meus).

⁴⁴ *Nitro Jornal*, nº 43, setembro de 1956.

⁴⁵ Entrevista de Fábio Ravaglia.

segurança e prevenção de acidentes. Noções de segurança no trabalho, charges, slogans, relatórios sobre o número de acidentes eram constantemente veiculados no noticiário interno. Provavelmente este era um dos assuntos mais abordados no jornal. O próprio *Nitro Jornal* descidia de um informativo especificamente dedicado às questões da saúde e prevenção de acidentes.

Tal preocupação educativa, associada ao incremento dos serviços de atendimento médico no interior da fábrica devem ter contribuído para uma redução do número de acidentes ao longo da década, como mostra esta tabela oficial divulgada pela companhia:

"Ano	Coeficiente de Frequência	Coeficiente de Gravidade
1953	106,2	1,79
1954	99,8	1,23
1955	95,8	1,10
1956	64,5	0,83". ⁴⁶

Entretanto, além de pequena, esta redução não chegava a alterar significativamente a condição perigosa do trabalho cotidiano e a percepção dos operários quanto às condições de trabalho na empresa. A presença de dispositivos de segurança, além de considerada insuficiente, era entendida como a demonstração comprovada pela própria empresa da sua periculosidade e insalubridade:

"As condições de trabalho eram muito ruins. Ali tinha o seguinte: o senhor trabalhava num departamento e naquele tempo não tinha proteção ao trabalho. Eram poucos os departamentos que tinham. Eram o 1, o 2, o 3, o ácido sulfúrico. Estes tinham macacão, lenço, luvas, sapatão. Só depois ela começou a estender aos outros departamentos que trabalhavam com produtos químicos. Aliás a Nitro Química toda ela é insalubre e trabalha com produtos químicos, mas ela não pagava insalubridade para ninguém".⁴⁷

"As condições de trabalho eram insuportáveis. Então formava um sal desgraçado nas máquinas, um sal que cria da solda, dos processos

⁴⁶ *Nitro Jornal*, nº 43, setembro de 1956.

⁴⁷ Entrevista de José Ferreira da Silva.

daquele banho com a viscoso. A gente pegava um macacão novo, hoje, com três dias o macacão tava duro. Com três dias se você pegasse o macacão, assim por exemplo, nessa época de calor, ele ficava teso, duro. Com quatro, cinco dias, você pegava assim o macacão, torcia assim, virava pó. O algodão, o algodão ele virava pó. A gente pegava aquele macacão, com três, quatro dias, comia a barriga. O macacão, o avental era só da cintura prá baixo, aqui prá cima era livre, né?".⁴⁸

O setor de fiação, onde eram produzidos os fios de raiom, era sempre mencionado nos depoimentos operários como exemplo de insalubridade e prejudicial à saúde dos trabalhadores. Setor estratégico na fábrica, era para lá que eram enviados grande parte dos novos contratados. Seu principal problema era o gás que o processo de manufatura do fio exalava. A seção não possuía um sistema de ventilação adequado e suficiente para rapidamente dispersar o gás, que, altamente tóxico contaminava os operários, provocando inúmeros problemas de saúde.

"[A fiação] era a pior seção da fábrica. Tinha os ventiladores, mas a ventilação era muito ruim. Então, você entrava na seção assim, era aquela nuvem assim, sei lá. Aquele gás infeliz, aquela nuvem assim..Então eu trabalhava dois, três dias. Enchia a cara de gás e ia pro seguro. Os olhos ficavam bastante vermelhos. Você não aguenta. Então você ficava maluco. Os olhos, você fica assim como quem tem areia nos olhos, entendeu? Você não aguenta. Então ali você usava colírio, usava batata. A batatinha era só prá refrescar, porque a batatinha é fresca, você coloca e ela fica fresquinha ali e tal. Mas passando um pouco ela esquenta de novo. Era só prá tapear".⁴⁹

Os efeitos nocivos dos gases expelidos pelo setor de fiação tornaram-se uma espécie de símbolo das más condições de trabalho da empresa. O jornalista e escritor Roniwalter Jatobá, que foi funcionário da Nitro Química no final dos anos sessenta e início dos anos setenta, descreveu assim as desventuras dos operários da empresa:

"Segunda de noite, a fábrica: seção F5 [fiação de raiom], Nitro Química, o gás rondando os olhos, entrando nas vistas marejadas,

⁴⁸ Entrevista de José Cecílio Irmão.

⁴⁹ Idem, *ibidem*.

cegueira. A voz do feitor apressando, o sinal de saída demorando a tocar lá fora, os minutos se segurando, a dor nas vistas.
 Reclama que eles te mandam embora - algum ente sempre a dizer.
 No rumo de casa, tateando pelas ruas, chegava, depois, o bálsamo da batata crua sobre os olhos, sugando o gás, a verdura empretecendo".⁵⁰

Mas não apenas os gases da fiação assustavam os operários e moradores de São Miguel. À fama de uma fábrica repleta de acidentes de trabalho, somava-se a constatação da periculosidade do manuseio de produtos químicos explosivos. As cenas da explosão da fábrica de trotil em 1947, voltavam à lembrança toda vez que um barulho estranho ou um pequeno incêndio "rotineiro" ocorriam. Os depoimentos dos trabalhadores, alguns até com uma certa dose de exagero, relembram esta explosão como exemplo do perigo que a fábrica também representava:

"Teve uma explosão lá embaixo. Explodiu e matou 120 em 20 minutos! Era troca de turno e tinha um restaurante lá dentro. Só não matou mais porque tinha pouca gente que tava comendo. Ouviu-se um estouro, aí foi um 'Bummm' que matou 120 operários, em 47, em junho de 47".⁵¹

Deve ter sido esta má recordação que os trabalhadores mais antigos tiveram, quando em 27 de agosto de 1956 uma forte explosão no departamento de bissulfureto de carbono vitimou fatalmente o operário Sebastião Pedroso. A direção da Nitro Química aparentemente procurou dar toda assistência possível à família de seu funcionário e classificar o acidente como um episódio isolado e lamentável. Entretanto, rapidamente as críticas surgiram. No mês seguinte, o editorial do *Nitro Jornal*⁵², buscava responder às considerações "do número inicial do periódico "O Reivindicador" -orgão do conselho distrital desta localidade". Este pequeno jornal local tecera uma série de críticas ao

⁵⁰ JATOBÁ, Roniwalter. *Crônicas da Vida Operária*. São Paulo, Global, 1988.

⁵¹ Entrevista de Belarmino Pereira Duarte.

⁵² Conferir *Nitro Jornal*, nº 44, outubro de 1956.

comportamento da empresa no episódio acusando-a de negligência e de não ocupar-se suficientemente com a prevenção de acidentes mortais na empresa.

O editorial, um dos maiores já redigidos no noticiário da companhia, respondia indignado a estas observações, procurando demonstrar a amplitude e eficácia do serviço de prevenção de acidentes da empresa, que

"já existe há muito tempo, e têm sua eficiência reconhecida por aqueles que têm competência para o fazer. Isso não impede que circunstâncias imprevistas, possam de vez em quando ocorrer, com suas inevitáveis consequências, as quais, além da perda irreparável de vidas, e de lesões por vezes graves que provocam em outros acidentados que não sucumbem, causam também à companhia vultosos prejuízos de ordem material".⁵³

Apesar da veemência da empresa, o episódio deixou marcas e reforçou o sentimento geral de insegurança que os trabalhadores da Nitro Química sentiam. Muitos, como veremos na análise da greve de 1957, começavam a achar que o preço a pagar para manter as boas relações com a empresa já estava ficando muito alto. As condições e os acidentes de trabalho apareciam assim como um "calcanhar de Aquiles" no modelo de gestão exercido pela companhia, sendo um forte fator de deslegitimação de sua dominação. Quando perguntados, os trabalhadores, em geral, associam as suas piores recordações da empresa aos inúmeros acidentes ocorridos, muitos com vítimas fatais. Quase todos possuem um caso parecido com este para relatar:

"Um caso terrível foi próximo do departamento da gente. O operário foi descarregar um caminhão de ácido sulfúrico, [que é um] ácido que destruí a pessoa. Ele não usou aquela proteção que tinha que usar. O pessoal da segurança que tinha que acompanhar não acompanhou, e a pessoa acabou descarregando o caminhão e acabou, me parece, que estourando a mangueira aí ele se queimou todo, parece que saiu a pele todinha. A gente ficou sabendo que aquela pessoa praticamente saiu destruída dali".⁵⁴

⁵³ Idem, *ibidem*.

⁵⁴Entrevista de Osvaldo Lino.

Tão difíceis condições de trabalho impeliam aos operários a adoção de padrões de sociabilidade no cotidiano da fábrica que as abrandasse, gerando uma situação de suportabilidade e tolerância. Neste sentido, a expressão de uma cultura fabril através de brincadeiras entre colegas que criassem um clima de grande informalidade entre os trabalhadores possuíam um papel importante naquilo que José Sérgio Leite Lopes denominou de "reinvenção criativa"⁵⁵ do trabalho. A menção às brincadeiras e jogos no interior da fábrica, em meio à produção são recorrentes nos relatos:

"Tinha muita brincadeira. A gente fazia escondido [durante o horário de trabalho]. O peão não tem jeito, ele acha uma brecha prá tudo.(...) Mexia com o camarada, cutucava, enfim, batia, lutava boxe, enfim. Porque naquela época tinha muito lutador de boxe na Nitro Química né? Então era muito comum a gente fazer. Eu me lembro de uma vez, Então comecei a brincar boxe com um cara. Volta e meia quando a gente tava de folga, na espera da hora de pegar a máquina, a gente brincava. E nós pegamos lá e 'paf, paf, paf' e nos empolgamos naquele negócio e daqui a pouco [ouvimos] 'psiu, psiu, psiu'. Era o chefe da noite, um tal de 'Mata-cobra'".⁵⁶

Os jovens operários brincalhões já tinham ouvido falar da fama de "Mata-cobra" e sabiam que:

"ele era bravo, mandava prá rua sem direitos, por nada, rapaz. [Acho que ele] viu que nós éramos novos de casa e por isso é que ele deixou. Só perguntou como era nosso nome, chapa e tal né, se nós éramos novos de casa, mas nem com o encarregado ele foi falar. Só mandou a gente criar juízo, que aquilo era prá trabalhar não era prá brincar, mas naquela época a turma brincava muito de luta de boxe, porque tinha algumas pessoas que lutavam".⁵⁷

Também os apelidos como forma de nomeação extremamente comum no interior da empresa apareciam como uma característica desta cultura fabril na constituição deste espaço de informalidade e sociabilidade entre os trabalhadores:

⁵⁵ Conferir LEITE LOPES, op. cit., p. 82.

⁵⁶ Entrevista de José Cecílio Irmão.

⁵⁷ Idem.

"O operariado da fábrica todinha tinha apelido. Na seção que eu trabalhei tinha 140 operários, quase todos tinham apelido, até os chefes".⁵⁸

As citações acima são exemplares também de uma certa tolerância por parte de alguns membros da hierarquia da empresa em relação à este espaço lúdico no interior da fábrica. Muitos deles, compartilhando destes elementos da cultura dos trabalhadores percebiam a necessidade destas "válvulas de escape" para que os operários aguentassem a intensidade da produção e as condições de trabalho da companhia⁵⁹.

Outro aspecto fundamental desta cultura fabril é ressaltado nas entrevistas quando os antigos operários da Nitro são questionados sobre suas melhores lembranças do trabalho. Praticamente todos são unânimes em afirmar a solidariedade entre os colegas e as amizades estabelecidas como suas mais gratas recordações. A existência de laços de parentesco; a procedência dos migrantes de regiões comuns, compartilhando tradições culturais; a concentração de moradias em um mesmo bairro; e o aprendizado coletivo, vivenciando as mesmas duras e extenuantes condições de trabalho, possibilitavam a formação de uma extensa rede de convivência e sociabilidade entre os trabalhadores nitrinos:

"Lá a gente tinha uma amizade boa, sadia. Eram todos amigos. A coisa mais difícil do mundo era haver uma encrenca entre funcionário. Cada um com um apelido(...) sempre tinha essas amizades. E tinha aquele pessoal que as vezes matava porco, bode, boi. Por exemplo: você ia e falava 'eu vou matar um porco', então a gente tava trabalhando, quando a gente saía do serviço, acompanhava ele, né? Matava o porco, comprava a carne, pagava no pagamento. Ia na casa dele e comia. Tinha muito disso".⁶⁰

As amizades, reconhecidas pelos operários como importantíssimas para suas vidas, eram fortes instrumentos de elaboração de coesão e solidariedade no cotidiano de trabalho e

⁵⁸ Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁵⁹ Os chefes na Companhia Docas de Santos e na Fábrica de Tecidos Paulista parecem ter tido comportamentos semelhantes. Conferir SILVA, op.cit., p. 40; e LEITE LOPES, op.cit., p. 87.

⁶⁰ Entrevista de José Cecílio Irmão.

moradia⁶¹. Tais relações abriam espaço para o questionamento das políticas da empresa consideradas injustas e para a formação de uma mobilização inicial essencial para a ação coletiva:

"A gente sabia aonde o outro morava. Porque hoje em dia não sabe. Naquele tempo sabia aonde morava o colega de seu departamento, a vila. Adoecia o colega. [Nós íamos] visitar, coisa que quase não acontece hoje. Naquele tempo ia: 'por que fulano não veio trabalhar? Está doente?'. Então iam três, quatro colegas ver como estava o camarada. Era muito solidário. Quando era punido um colega (...) o outro procurava saber o que tinha acontecido. [Foi aí] que eu comecei a assumir. Aquela amizade que nós fomos tendo entre todo mundo fazia a gente trocar idéia um com o outro. Então foi crescendo aquela união, aquela amizade e quando era para reivindicar qualquer coisa a gente [começou] a tirar comissão".⁶²

Não é sem razão que os militantes e ativistas sindicais, que atuaram na empresa durante os anos cinquenta destacam esta questão como essencial para a constituição de um espírito de mobilização, combatividade e organização na Nitro Química. Compartilhar dos mesmos referenciais e da mesma cultura fabril era fundamental para a formação de lideranças e para a construção da legitimidade da ação sindical entre os trabalhadores:

"E eu com a minha procedência de nordestino tinha muito acesso àquela baianada, eles acreditavam muito em mim. (...) [Eu também ia] beber cachaça, dançar forró, fazer farra".⁶³

"Então [nas greves e mobilizações] eles [os trabalhadores] obedeciam e acreditavam na gente [os diretores do sindicato] como colegas, né?".⁶⁴

⁶¹ Paul Willis analisando a importância do informal e da formação de grupos informais para a cultura operária destaca que: "De forma geral, a oposição na cultura operária é frequentemente assinalada por uma retirada em direção ao informal e se expressa, sob suas formas características, precisamente para além do alcance da 'norma'. (...) O grupo informal é a unidade básica dessa cultura, a fonte fundamental e elementar de sua resistência". WILLIS, op.cit., p.37.

⁶² Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁶³ Entrevista de Adelço de Almeida.

⁶⁴ Entrevista de José Ferreira da Silva.

Salários de medo

Uma das questões mais destacadas nos depoimentos operários como um dos principais problemas sentidos pelos trabalhadores referia-se à questão salarial:

"Era uma das fábricas que mais ruim pagava aqui".⁶⁵

"O salário era baixíssimo. Quando eu recebi o meu primeiro aumento. Eu lembro, 200 réis, 200 réis de aumento. Então o aumento era muito baixo e a gente, por exemplo no setor das máquinas, você tinha esse aumento, mas era muito pequeno, o salário era muito pequeno"⁶⁶

Os próprios operários, porém, ressaltam que a percepção da baixa remuneração só acontecia algum tempo depois da contratação. Para uma grande parte da massa operária, recém saída do campo, os salários iniciais eram considerados satisfatórios e até muito bons.

"Quando eu cheguei aqui, o salário era cinco e novecentos. Nossa Senhora, cinco e novecentos, naquela época. Lá [no sertão nordestino] o camarada trabalhava um dia por quase nada. Chegava aqui, ele dizia: 'eu vou enricar', nunca tinha visto tanto dinheiro assim, né".⁶⁷

"Mas sabe o que acontece. Acontece o seguinte. Um trabalhador que mora lá no sertão de Pernambuco, no sertão de Piauí, no sertão de Alagoas, no sertão do Maranhão, que não sabe o que é o salário mínimo. Ele quase não sabe o que é dinheiro. Tinha operário lá que quando nós ganhávamos 100 cruzeiros por mês, ele ganhava três, quatro cruzeiros por mês. Quer dizer, ele não sabia o que era um salário".⁶⁸

Além disto, a proximidade do trabalho para a grande maioria dos trabalhadores que vivia em São Miguel, nas imediações da companhia, significando uma importante economia em transporte, o baixo custo da moradia no bairro e os benefícios oferecidos pelo Serviço Social da empresa atenuavam o peso da baixa remuneração. Serviam como uma espécie de

⁶⁵ Entrevista de Belarmino Pereira Duarte.

⁶⁶ Entrevista de Osvaldo Lino

⁶⁷ Entrevista de José Cecílio Irmão

⁶⁸ Entrevista de José Ferreira da Silva

compensação aos baixos salários. José Ricardo Ramalho e Maria Cecília Minayo notaram fenômeno semelhante em seus estudos sobre a FNM e a Companhia Vale do Rio Doce, respectivamente⁶⁹. Considerado pela empresa como uma dádiva e não como um direito, a política de benefícios justificaria os salários baixos.

No caso da Nitro, a alta rotatividade e o grande número de trabalhadores que procurava emprego em suas portas facilitavam ainda mais o estabelecimento de patamares reduzidos de remuneração. No caso dos operários mais qualificados, os baixos salários começaram a tornar-se um problema para a própria empresa, já que a partir da segunda metade da década de cinquenta, muitos passaram a ser atraídos pelas melhores remunerações das novas indústrias que se instalavam no país. Um dirigente da companhia comentava assim esta situação:

"[Nós perdemos operários especializados para a indústria automobilística] e a concorrência era basicamente salarial, que era o que o indivíduo sabia. [Ele pensava:] aqui eu ganho um cruzeiro por hora e lá eu vou ganhar três. A discrepância salarial era muito alta. Eles foram atraídos pelos salários. (...) os benefícios, eles descobriram depois. Isto foi uma sacudida grande nestas indústrias tradicionais".⁷⁰

A Nitro, que utilizara-se deste expediente em outros tempos, sentia agora em sua própria casa os efeitos da política de aliciamento:

"Do mesmo modo que a Nitro Química tinha caminhão, pessoas agenciando gente para vir trabalhar aqui, também tinha gente que vinha na porta da Nitro e pegava os profissionais, mecânico, encanador para levar para outras indústrias. (...) [E eles atraíam] por que pagavam melhor. Olha, numa ocasião vários colegas nossos foram para Camaçari, né? Muitos foram para lá. Nós ganhávamos naquele tempo cinco cruzeiros por hora, e eles pagavam quinze".⁷¹

⁶⁹ Conferir RAMALHO, op. cit., pág. 120 e MINAYO, op. cit, p. 207-9. Minayo considera que "a política de benefícios tem o sentido de mostrá-los como uma 'benesse' e não como direitos, e assim conseguir um operário, além de competente e produtivo, agradecido, reconhecendo em qualquer insubordinação um ato de ingratidão".

⁷⁰ Entrevista de Fábio Ravaglia.

⁷¹ Entrevista de José Ferreira da Silva

No entanto, para o conjunto dos trabalhadores da empresa, os anos cinquenta foram sentidos como anos de perda salarial. A média salarial dos funcionários ativos da Nitro Química caiu de 3 salários mínimos no quinquênio 1946-50, para 1,3 salários mínimos entre 1951 e 55 e 1,2 salários mínimos entre 1956 e 1960. As reduções salariais médias são ainda maiores para os cargos técnicos, de manutenção e operários especializados em geral. Estes últimos, por exemplo, que em 1950, ganhavam em média 4 salários mínimos, terminaram a década vendo sua remuneração reduzida para 1,3 salários mínimos na média⁷². Assim, quando em novembro de 1956 estreou em São Miguel a película francesa "Salário do Medo"⁷³, os operários da Nitro Química tinham certamente muitas razões para achar que os programadores do Cine São José estavam ironizando a sua situação.

O processo inflacionário desencadeado no final da década agravaria ainda mais a condição salarial dos trabalhadores. As reivindicações salariais, como veremos mais adiante, viriam ser o estopim de grandes mobilizações e manifestações dos operários da Nitro Química.

⁷² Conferir RAVAGLIA, op. cit.

⁷³ Conferir *Nitro Jornal*, nº 45, novembro de 1956.

CAPÍTULO 4

"APTOS A SE REGER POR SI MESMOS"

Sindicato, Partido e Trabalhadores da Nitro Química dos anos 40 aos 50

Nasce o sindicato

Em janeiro de 1941, os trabalhadores químicos paulistanos procurando obter reconhecimento oficial para a sua entidade de classe nos termos das leis de enquadramento sindical do Estado Novo aprovavam por unanimidade em assembléia a transformação do Sindicato dos Operários e Empregados na Fabricação de Produtos Químicos-Industriais¹ em Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Químicas e Farmacêuticas de São Paulo². A nova denominação estava de acordo com o plano de quadro de atividades e profissões criado pelo Ministério do Trabalho em 1940 e legalizava a associação, oficializando negociações com os patrões, monopolizando a representação oficial de mais de uma dezena de categorias profissionais ligadas à cadeia produtiva química e permitindo a cobrança do imposto sindical.

No início do anos quarenta, a Nitro Química já era a mais importante e numerosa base fabril desse sindicato. Durante o período de ascensão econômica proporcionado pela Segunda Guerra Mundial, a empresa teve em média quatro mil trabalhadores na produção. Tal quantidade de operários e sua concentração em um distante e isolado bairro da periferia paulistana, exigia uma especial atenção por parte da direção sindical. Assim, apenas um ano após a fundação da nova entidade era inaugurada uma sub-sede em São Miguel Paulista.

O sindicato procurava tornar-se uma referência para a categoria. Em 1943, iniciou uma campanha de sindicalização que visava atingir a marca de mil sócios³. Apesar destes esforços, sua representatividade durante a primeira metade da década era bastante frágil.

¹ O Sindicato dos Operários e Empregados na Fabricação de Produtos Químicos e Industriais substituiu o Sindicato dos Empregados em Estabelecimento de Gás que fora fundado em 1933. Esta entidade representava os trabalhadores da empresa: *The San Paulo Gaz Company*, consórcio inglês que monopolizava a produção de gás desde 1872. Após um forte embate pelo direito de representação sindical e pelo cumprimento da Lei de Férias, o sindicato acabou derrotado e, em 1938, foi transformado no Sindicato dos Químicos. Conferir TROYANO, Annez Andraus. *Estado e Sindicalismo*. São Paulo, Símbolo, 1978, p. 42-59.

² De agora em diante utilizaremos a sigla STIQFSP ou simplesmente Sindicato dos Químicos de São Paulo, como é mais conhecido.

³ TROYANO, op. cit., p. 71

A conjuntura da redemocratização influenciou uma razoável alteração neste quadro sindical. A derrota do nazi-fascismo e os ventos da democracia permitiram aos trabalhadores colocar-se na linha de frente da conjuntura política do período. Demandas e reivindicações represadas durante a ditadura estado-novista vieram à tona e uma grande onda de greves e lutas operárias tomou conta do país entre 1945 e 1946. Novas lideranças surgiram e proliferaram organizações nos locais de trabalho. Legalizado em 1945, o Partido Comunista do Brasil (PCB) aparecia com grande destaque no cenário político e com crescente inserção entre os trabalhadores urbanos⁴.

Não foi diferente no já emergente bairro operário de São Miguel Paulista. A região tornou-se um dos principais focos de atuação e militância comunista na cidade de São Paulo. Em 1946 o partido fundou a célula Augusto Pinto, que reunindo basicamente trabalhadores da Nitro Química e moradores do bairro tornou-se o "orgulho do PCB" pois era "a maior célula da organização em São Paulo, com mais de mil militantes"⁵. A inauguração da célula foi um grande acontecimento político e social na região. A ela compareceram grandes figuras públicas ligadas ao partido, como o escritor Jorge Amado, além de Natália Pinto, mãe do homenageado Augusto, militante comunista morto no presídio de Maria Zélia em 1937.

A célula e o trabalho do PCB logo tornaram-se uma referência no bairro. Além da atuação reivindicatória e eleitoral, os comunistas participavam ativamente da vida cultural e social de São Miguel. Organizavam festas, bailes, apresentações teatrais e de coral, excursões, palestras, etc, firmando-se como o partido mais popular da região⁶. Embora não tenhamos os resultados das eleições de 1945, é possível perceber em parte o enraizamento

⁴ Para uma análise detalhada da atuação do Partido Comunista nesta conjuntura conferir ALEM, Sílvia Frank. "O PCB e as outras esquerdas - da anistia de 1945 à posse de Dutra". In: *Revista Ensaio*, nº 10, São Paulo, 1982; COSTA, Hélio da. op.cit.; MARANHÃO, Ricardo. *Sindicatos e Democratização (Brasil 1945/1950)*. São Paulo, Brasiliense, 1979; e SILVA, Fernando Teixeira. op. cit.

⁵ Conferir MARANHÃO, Ricardo. op. cit., p. 77.

⁶ Para maiores informações sobre a atuação do PCB em São Miguel neste período, conferir ROCHA, Antonia Sarah Aziz. *O Bairro à Sombra da Chaminé: Um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935-1960)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, PUC/SP, 1992, p. 34-36.

do partido no bairro a partir dos resultados das eleições de 1947. Para os cargos de deputado na Assembléia Legislativa, o PCB foi o partido mais votado com cerca de 36% dos votos. Para o governo do Estado, Adhemar de Barros, candidato do Partido Social Progressista (PSP), que contava com o apoio dos comunistas recebeu quase 60% dos votos do distrito⁷.

Tal crescimento do PCB em São Miguel Paulista, entretanto, não ocorreu da noite para o dia. O desenvolvimento da Nitro Química durante a guerra em meio ao período repressivo do Estado Novo, aparentemente encobre possíveis insatisfações, conflitos e mobilizações dos trabalhadores antes de 1945. No entanto, alguns poucos indícios permitem supor que já neste momento havia algo para além da "paz da família nitrina". Antonia Sarah Rocha, por exemplo, reproduz em sua dissertação de mestrado um panfleto datado de fevereiro de 1940 no qual uma suposta organização intitulada "Bandeira (ou Batalha, não se sabe ao certo) Operária" chamava a atenção dos operários para o fato que :

"Vários de nossos companheiros tem sucumbido nas trincheiras do trabalho. As caldeiras borbulham com o sangue de nossa gente! Muitos, quando escapam da morte carregam para o resto de suas vidas as marcas das mutilações provocadas pelos acidentes de trabalho. Alerta companheiros! Vamos nos unir contra a opressão que se faz presente em nossa vida operária. Lutemos contra este local terrível: insalubre, doentio e produtor de mortes prematuras".⁸

Temos aí presente, neste, que é provavelmente um dos mais antigos documentos de protesto dos trabalhadores da Nitro, alguns dos temas que se tornariam recorrentes nas reivindicações deste grupo operário: as péssimas condições de trabalho causadoras de mortes precoces, a opressão a que estavam submetidos e a conseqüente necessidade de união e luta contra tal situação.

Três anos depois, em plena vigência da intolerante Lei de Esforço de Guerra na qual, como vimos, a Nitro Química estava enquadrada devido aos acordos de produção para o

⁷ Conferir CALDEIRA, op. cit., p. 43.

⁸ Citado em ROCHA, op. cit., p. 59.

Exército, temos mais um pequeno vestígio de uma certa insatisfação e agitação no interior da fábrica. No dia cinco de março de 1943, Carlos Marques, subchefe da Seção de Investigação de Ordem Social enviava o seguinte relatório ao seu superior, o delegado adjunto Carlos E. Bittencourt Fonseca:

"Cumprindo as determinações de V.S., mandei ontem um investigador em São Miguel Paulista, afim de proceder as necessárias investigações para apurar o que de anormal havia no seio dos operários da Nitro Química Brasileira, instalada naquela localidade.

Segundo um telefonema da delegacia da Penha, algo se estaria verificando naquela indústria.

O investigador incumbido dessa missão de volta, diz que *nada de extraordinário* ali existe. O que houve foi o seguinte:

O decreto-lei que determina o acréscimo de 25% do "salário-mínimo" foi publicado em fevereiro p. passado, com efeito retroativo determinando que esse aumento fosse dado a partir do dia primeiro daquele mês. Acontece, porém, que, dado o grande número de operários daquela fábrica e como as folhas de pagamento tivessem de passar por uma revisão, o pagamento atrasou uns dias, advindo daí *certo descontentamento*.

No entanto, tudo ficou resolvido amigavelmente entre o diretor da fábrica e os *dois operários que representam a classe*. (...)".⁹

Além de nos propiciar uma pequena mostra do acompanhamento bastante próximo da polícia daquilo que ocorria no interior das empresas durante o Estado Novo, este documento nos permite perceber uma movimentação de protesto dos trabalhadores da Nitro diante do atraso salarial, que embora não parecesse nada extraordinária ao investigador incumbido do caso, era suficiente para chamar a atenção preventiva da própria polícia e necessitar de um esclarecimento de um diretor da companhia diante de dois representantes dos operários.

É razoável supor que durante o Estado Novo, ativistas comunistas procurassem em meio à clandestinidade desenvolver um trabalho organizativo naquela área que prometia tornar-se rapidamente uma das maiores concentrações operárias da cidade. Severino

⁹ Prontuário de Delegacia nº 10.681- Arquivo Público do Estado de São Paulo - Setor Deops (SP). (grifos meus).

Barbosa de Sousa, ex-operário da Nitro e fundador do PCB em São Miguel, em entrevista concedida à Antonia Rocha afirma que:

"(...) entre 1935 e 1944 foram presos mais de trinta comunistas aqui no bairro, que nesta época era considerado 'Cidade Vermelha' ".¹⁰

Mesmo considerando que o epíteto provavelmente refere-se mais ao período da redemocratização e assim, posterior à época citada, parece evidente uma presença comunista na Nitro e em São Miguel anterior à 1945. No interior da empresa uma subterrânea ação e organização tomava corpo ampliando-se para outros espaços estratégicos da comunidade, como evidencia novamente Severino Barbosa:

"Nossa ação se iniciava no pé-da-máquina, dentro da fábrica e chegava até as salas de aula, pois não só no meio operário são-miguelino havia comunistas. No ginásio noturno também havia professores ligados ao partido".¹¹

O fim do Estado Novo e o ressurgimento no cenário público das lutas populares possivelmente encontraram em São Miguel Paulista e na Nitro Química uma razoável base militante e uma trajetória de lutas clandestinas que permitiram um rápido e aparentemente surpreendente crescimento do Partido Comunista. Com a redemocratização abria-se mais um espaço de atuação para os comunistas: o Sindicato dos Químicos de São Paulo.

Desde a famosa Conferência da Mantiqueira em 1943, o PCB optou pela ação dentro dos sindicatos oficiais de acordo com os princípios da política adotada neste encontro de "união nacional em apoio ao governo Vargas contra o nazi-fascismo". A nova conjuntura aberta em 1945 possibilitou uma atividade bem mais ampliada da militância comunista no interior das entidades sindicais. Em abril deste mesmo ano, sob a direção dos comunistas era fundado o MUT (Movimento Unificador dos Trabalhadores). Propondo-se a articular os principais sindicatos do país na perspectiva de autonomia sindical e de construção de uma

¹⁰ ROCHA, op. cit., p. 36

¹¹ ROCHA, op. cit., p. 36

central sindical sob controle do PCB, o MUT foi seu principal instrumento de ação sindical no imediato pós-guerra.

Entretanto, a orientação adotada pelo partido para o movimento operário subordinava as reivindicações e demandas dos trabalhadores à preconizada política de "união nacional". Desta forma, a classe operária deveria "apertar o cinto", reprimindo suas vindícias e as greves seriam desestimuladas sendo que não haveria apoio aos movimentos grevistas que eventualmente eclodissem já que:

"se nos deixarmos levar pela tendência espontânea das massas, cujo descontentamento natural em virtude da crise econômica e depois de tantos anos de reação, foi, e é, habilmente explorado pelo fascismo e sua quinta coluna, serviríamos inconscientemente a estes e cometeríamos o maior crime contra o povo".¹²

Tal orientação, no entanto, acabou entrando em choque com uma realidade de ascenso das reivindicações e lutas operárias. Na onda grevista que tomou conta das principais cidades do país a partir de maio de 1945 essa determinação partidária foi absolutamente ineficaz para conter o ímpeto dos trabalhadores que, através de suas comissões eleitas nos locais de trabalho "passaram por cima" dos sindicatos liderados pelos "ministerialistas"¹³, cujo posicionamento era contrário a greves, e também dos ativistas comunistas que insistiam em bradar os argumentos partidários¹⁴.

¹² PRESTES, Luís Carlos. *Problemas Atuais da Democracia*. Rio de Janeiro, Vitória, 1947, p. 81. Citado em MARANHÃO, op. cit., p. 60.

¹³ O termo "ministerialista" aqui é adotado em sentido semelhante ao utilizado por Hélio da Costa. Para este autor: "esse grupo de sindicalistas, a grande maioria remanescente do Estado Novo, caracterizava-se por uma prática fisiológica em relação ao poder, convivia com naturalidade em regimes democráticos e ditatoriais. Pautava-se por um extremo apego à máquina sindical e à sua estrutura corporativa, para isso mantinha uma relação de constante subordinação ao Ministério do Trabalho. Cultivava uma indisfarçável animosidade em relação aos comunistas, que se expressou na época das intervenções sindicais, a partir de maio de 1947. Adotava uma prática "pelega" diante dos conflitos trabalhistas e estava sempre a reboque das ações grevistas, quase sempre alegando ilegalidade desses movimentos para não apoiá-los, só o fazia mediante grande pressão das suas bases". Conferir COSTA, Hélio da. op.cit, p.220.

¹⁴ Sobre esta questão, Ricardo Maranhão cita o depoimento de um antigo militante sindical: "em vão o partido procura aplicar esta política, não foram poucos os companheiros que ao tentar aplicá-la foram vaiados e agredidos pela massa. Foi o caso por exemplo do líder gráfico Rocha Mendes e do metalúrgico Armando Mazzo. Os operários foram plenamente vitoriosos. Nesta questão voltaram às costas ao partido". Conferir MARANHÃO, op. cit., p. 65.

Uma grande parte dos militantes comunistas de base enraizados nos movimentos nas fábricas e bairros operários acabaram por não seguir as determinações da direção do partido e muitos, inclusive participaram das comissões de base, ajudaram a organizar e chegaram a liderar as grandes greves do período. Tal contradição entre a base operária do PCB e sua direção influenciou para que o partido procedesse uma pequena inflexão em seu discurso, posicionando-se menos enfaticamente contra as greves, classificando-as agora como "justas ou de agitação". Na nova, e mais ampla ainda, onda grevista do início de 1946, já há um pouco mais de flexibilidade e aproximação entre a prática combativa dos operários comunistas e o discurso conciliador da cúpula dirigente¹⁵.

Mesmo com todos os paradoxos da política comunista para o movimento sindical, o PCB ocupava um espaço crescente na direção das entidades sindicais. Um grande número de sindicatos importantes passava às mãos dos comunistas através de eleições, assembleias ou mesmo de composições com diretorias "ministerialistas". Havia uma orientação da própria direção do partido no sentido de ocupar todo e qualquer espaço possível nos sindicatos visando exercer o máximo de influência na sua atuação. Pedro Pomar, deputado constituinte e dirigente comunista, resumia assim esta diretiva:

"nossa política sindical exige o abandono da oposição sistemática às diretorias sindicais. Exige a formação de chapas unitárias para as eleições dos sindicatos, quando verificarmos a existência de fato para essas chapas únicas, não fazendo a unidade na chapa a qualquer preço".¹⁶

O trabalho realizado pelos PCB na Nitro Química e em São Miguel Paulista repercutiu também para uma ação no interior do Sindicato dos Químicos. Em 1945 trabalhadores da Nitro, militantes ou simpáticos ao PCB, foram eleitos para compor a

¹⁵ Uma análise primorosa da atuação do PCB nesta conjuntura, seu posicionamento sobre as greves, as contradições entre "base" e "direção" e o florescimento de comissões de trabalhadores eleitas nos locais de trabalho pode ser encontrada em COSTA, op. cit.

¹⁶ POMAR, Pedro. *O PCB no Trabalho de Massa*. Rio de Janeiro, Ed. Horizonte, 1946, pág.19. Citado em MARANHÃO, op. cit., p. 77.

diretoria do sindicato em conjunto com membros da antiga diretoria¹⁷. Os operários químicos comunistas passaram a ter um militância constante na vida do sindicato, marcando presença nas assembleias, campanhas e influenciando decisivamente nos rumos políticos daquela entidade.

Esta influência já é visível na primeira assembleia do sindicato com registro em ata ocorrida em São Miguel Paulista . Convocada extraordinariamente para o dia 28 de outubro de 1945, a reunião deveria discutir um tema caro para os comunistas: a participação oficial da entidade no Congresso Sindical dos Trabalhadores de São Paulo¹⁸ e a "ajuda moral e material" que seria destinada ao mesmo. A simples indicação da sub-sede de São Miguel para a discussão deste tema já refletia uma razoável mudança na postura do sindicato, já que pelo registro das atas, nunca antes uma assembleia ali (principal e mais numerosa base da entidade) fora realizada¹⁹.

Além do debate e aprovação da participação de uma comissão de cinco trabalhadores no encontro sindical²⁰, a assembleia também discutiu

"os problemas apresentados pelos associados da Companhia Nitro Química Brasileira a serem apresentados no Congresso Estadual : a- Insalubridade, b- Máscara contra gases, c- Luvas e alimentação melhor no restaurante ; sendo lido item por item e sendo todos os problemas aprovados por aclamação (...) a comissão eleita [deve] participar ativamente nas reuniões do Congresso e elaborar as teses baseadas nas reivindicações [acima] mencionadas(...)".²¹

¹⁷ Conferir ROCHA, op. cit., p. 35.

¹⁸ O Congresso Sindical dos Trabalhadores de São Paulo foi realizado entre 9 e 16 de janeiro de 1946, promovido pelo MUT. Reuniu 65 entidades sindicais e foi importante para desencadear a realização do Congresso dos Trabalhadores do Brasil em setembro do mesmo ano. Conferir COSTA, op. cit., p. 72-75 e TELLES, op. cit., p. 24.

¹⁹ Todas as Assembleias anteriores relacionadas no Livro de Atas nº 1 do STIQFSP foram realizadas na sede central da entidade na Rua Vinte e Cinco de Março ou em sedes emprestadas de outros sindicatos, também localizadas no centro de São Paulo e, portanto, bastante longe de São Miguel Paulista.

²⁰ Não sabemos do posicionamento político de todos os membros desta comissão, mas ao menos um, João Vichino Vazquez, era militante do PCB em São Miguel e operário da Nitro. Embora não fosse diretor do sindicato, Vazquez teve atuação destacada neste período, secretariando reuniões, participando de comissões e, como veremos, da greve na companhia em 1946.

²¹ Livro de Atas de Assembleias Gerais do STIQFSP nº 1 - folhas 15b, 16a e 16b.

Mais uma vez temos presente as antigas reivindicações dos trabalhadores da Nitro por maior segurança e qualidade de vida contra as péssimas condições de trabalho oferecidas pela empresa. O clima de redemocratização, o ascenso das lutas trabalhistas que se espalhavam pelo país naquele ano e a liberdade de ação dos militantes comunistas e sindicais em São Miguel parecem ter despertado um forte crescimento da mobilização operária na Nitro Química. Assim foi, que, além da realização de uma primeira assembléia no bairro, esta mesma reunião decidiu pelo destaque das demandas dos operários da Nitro como ponto de partida para a elaboração de uma tese do sindicato a ser encaminhada para um futuro Congresso Sindical no Estado.

A direção da empresa mostrava-se preocupada com este clima de reivindicações, tanto que tomou a iniciativa de enviar uma carta para o sindicato "sobre assunto de acidentes de trabalho". A diretoria sindical sugeriu, então, a formação de uma comissão para debater tal tema com a Nitro. Porém, o histórico de repressão da empresa e os resquícios do Estado Novo ainda estavam bem presentes na cabeça dos trabalhadores e logo "surgem dúvidas no plenário se haveria garantias" para a comissão. Foi necessária a intervenção do próprio presidente do sindicato no sentido de procurar assegurar que a comissão tivesse segurança para negociar.²²

A desconfiança dos trabalhadores em relação à empresa logo mostrou-se fundamentada e as negociações com esta comissão, se é que ocorreram, não deram em nada. Tanto que, alguns meses depois, no bojo de uma nova vaga grevista no país, os trabalhadores da Nitro Química paralisavam suas atividades entre os dias 1º e 13 de março de 1946. Suas principais reivindicações eram um aumento de 40% para os trabalhadores do turno do dia e 50% para os do turno da noite, além de melhores condições de segurança no trabalho²³.

²² Idem, *ibidem*.

²³ Conferir COSTA, *op. cit.*, p. 77 e ROCHA, *op. cit.*, p. 35.

A greve foi parcial, atingindo principalmente os setores de torção e fiação, se alastrando posteriormente para outros setores. Duramente reprimida pela polícia e pela empresa, a greve teve uma boa parte de seus líderes presos, sendo inclusive aberto um inquérito de apuração de responsabilidades no Departamento de Ordem Política e Social.

Apesar do interesse dos delegados e investigadores do Dops em caracterizar a greve como resultado da ação de um "grupo de agitadores e incitadores composto por operários da fábrica, elementos do Sindicato dos trabalhadores nas Indústrias Químicas e por alguns elementos estranhos à classe"²⁴ parece claro que a paralização era resultado de um crescente processo de mobilização na empresa e no bairro. Além disso, suas reivindicações eram há muito debatidas e desejadas pelos operários da Nitro. A forte repressão desencadeada pela polícia e as demissões em massa promovidas pela direção da empresa abortaram a possibilidade de expansão do movimento.

Ainda assim, manteve-se um relativo grau de mobilização no bairro, já que com o fechamento do restaurante promovido pela direção da companhia como represália à greve, o PCB e o sindicato obtiveram o mote para desencadear a "Campanha da Fome". Comícios, passeatas, "propagandas utilizando os alto-falantes da emissora Atlântica, instalados na praça principal da vila"²⁵ tomaram conta do bairro numa intensa campanha de denúncia da situação dos operários na fábrica. Um amplo movimento de solidariedade envolveu grande parte da população do bairro. Durante o período de fechamento do restaurante, uma cozinha comunitária foi instalada na sub-sede do sindicato, onde com o auxílio dos moradores do bairro eram servidas as refeições aos trabalhadores da Nitro²⁶.

Mas mesmo uma breve análise desta greve parcial na Nitro também revela uma série de dilemas e contradições que se colocavam para os militantes comunistas e ativistas sindicais em São Miguel.

²⁴ Prontuário de Delegacia nº 57.727. Arquivo do Estado de São Paulo - Setor Deops.

²⁵ Idem, *ibidem*.

²⁶ Sobre a "Campanha da Fome" conferir ROCHA, *op. cit.*, p.35. A autora cita uma modinha criada e cantada pelos trabalhadores da Nitro durante a campanha: "Já não tenho onde morar,/ já não posso mais comer,/ O patrão me saqueou/ Como vou sobreviver?"

Aparentemente a greve foi desencadeada e conduzida pelos militantes do sindicato ligados à Nitro e à sub-sede de São Miguel. Parece não ter havido um envolvimento da direção sindical como um todo no movimento. Nenhum dos principais nomes da direção do sindicato foi envolvido no inquérito aberto pelo Dops e na primeira assembleia geral registrada em ata promovida pelo sindicato e realizada na sede central no dia 30 de março de 1946, ou seja, menos de vinte dias após os acontecimentos de São Miguel Paulista, não foi sequer tocado em qualquer assunto referente à greve ou à "Campanha da Fome" limitando-se a discutir numa esvaziada reunião com 32 pessoas procedimentos burocráticos de funcionamento da entidade²⁷. O posicionamento diferenciado da diretoria sindical em relação à paralisação já indicava uma divisão que, como veremos, só viria se acentuar nos meses seguintes.

Outra contradição, entretanto, situava-se no seio da própria militância comunista. Interrogado no Dops, Mardoqueu Schimidt, um ativista do PCB em São Miguel afirmou que:

"é membro do Comitê Distrital do Partido Comunista do Brasil desta vila e como tal, tomou parte na greve verificada na Companhia Nitro Química Brasileira local, porém no sentido de impedi-la, isto de acordo com a orientação do Comitê Municipal de São Paulo. Tanto isto é certo que o pessoal filiado do PCB, na sua quase totalidade, não tomou parte na greve, sendo que alguns foram obrigados a deixar o seu serviço porque a seção inteira ficou paralisada. (...) O aumento pleiteado é inteiramente absurdo porquanto vem provocar a inflação da nossa moeda, com graves prejuízos para o povo em geral e para o país".²⁸

Hélio da Costa ao analisar este mesmo depoimento²⁹ nos mostra como este é um bom exemplo, sendo verdadeiras ou não as afirmações de Mardoqueu, das ambiguidades da

²⁷ Livro de Atas de Assembléias Gerais do STIQFSP nº 1 - folhas 16b, 17a, 17b e 18a.

²⁸ Prontuário de Delegacia nº 57.727. Arquivo Público do Estado de São Paulo - Setor Deops.

²⁹ Conferir COSTA, op. cit., p. 77- 82.

ação sindical do PCB e das tensões que provocava a linha oficial partidária no cotidiano de lutas da militância.

Costa parece estar certo ao afirmar que a hipótese mais provável era a de que Mardoqueu estivesse utilizando-se das deliberações partidárias para defender-se das acusações que sobre ele pesavam e que na realidade Mardoqueu de alguma forma colaborou com a greve. No início de 1946, as recomendações sobre restrições às greves feitas pela direção do PCB já estavam um pouco mais flexíveis. As notícias sobre a greve na Nitro na própria imprensa partidária eram simpáticas e de apoio ao movimento³⁰ e os demais indiciados comunistas ou simpáticos ao PCB não se posicionaram contra o movimento. João Vichino Vazquez, por exemplo, dispensado pela companhia em função da greve, atribuiu sua demissão ao fato de:

"ter sido solidário com seus companheiros grevistas e em virtude de ter sido escolhido em reunião do sindicato desta vila para fazer parte de uma comissão que deveria se entender com a direção da fábrica".³¹

É bastante improvável, portanto, dada toda mobilização anterior e posterior à greve capitaneada principalmente pelos comunistas são-miguelinos, que estes tenham se colocado em massa contra a paralisação de março de 46.

Divergências e intervenção

O resultado da greve acelerou e acirrou ainda mais as disputas no interior do Sindicato dos Químicos. O confronto geral entre ministerialistas e comunistas, que marcou

³⁰ Conferir notícias do jornal *Hoje* do PCB paulista nos dias 02 e 04 de março de 1946 citadas por COSTA, op. cit., p. 77 e 78.

³¹ Prontuário de Delegacia nº 57.727. Arquivo Público do Estado de São Paulo - setor Deops.

as contendas do sindicalismo brasileiro³², neste momento também ganhou corpo nos químicos paulistanos.

As assembléias sindicais tornaram-se então, um dos palcos onde afloravam diferentes concepções de sindicalismo. Divergências e debates, até aquele momento praticamente inexistentes nos registros de atas, passaram a ser uma constante nas reuniões dos químicos. Um exemplo desta nova realidade pode ser visto na assembléia realizada em 22 de junho de 1946³³. Convocada para debater a previsão orçamentária para 1947, a reunião foi marcada pela contestação da proposta feita pelo tesoureiro da entidade. Assim:

"pediu a palavra o associado senhor Alberto Lima, que usando-a disse que a verba destinada (...) às finalidades esportivas destinadas à pratica de futebol, verba esta de 35 mil cruzeiros, deveria ser revertida em beneficio de uma campanha sindical de propaganda, muito mais útil e produtiva".

O tesoureiro saiu em defesa de sua proposta e:

" fez uma detalhada exposição do que significa o esporte como esporte propriamente dito e como cultura física e os beneficios que o mesmo trouxe, no caso o futebol".

Uma outra tumultuada assembléia realizada em 10 de novembro de 1946³⁴ é mais um bom exemplo do crescimento das divergências e do descontentamento, principalmente da base de São Miguel em relação a alguns setores da direção sindical:

"Fica assim constando nesta ata (...) as críticas do companheiro Amaral Tiago de Moraes e o pedido de demissão do cargo de vice-presidente apresentado contra o companheiro Luiz Gonzaga Braga pelo motivo do mesmo como diretor que é não comparecer quase às assembléias".

³² Conferir COSTA, op. cit., p. 89-100, MARANHÃO, op. cit., p. 39-70 e SILVA, Fernando Teixeira, op. cit., p. 92-113.

³³ Livro de Atas de Assembléias Gerais do STIQFSP nº 1, p. 20a

³⁴ Idem, *ibidem*

A solicitação de abertura de dissídio coletivo proposta por alguns membros da diretoria também polarizou os debates naquela assembléia. Assim, o diretor Aurelino Soares de Andrade:

"usou da palavra (...) e em nome dos trabalhadores de Baquirivú [São Miguel Paulista] manifestou-se contra o dissídio coletivo mostrando a demora e os gastos que isso acarretaria ao sindicato, pois seriam necessárias peritagens de contadores e iria ser muito demorado, enquanto o trabalhador pode conquistar melhores salários recorrendo a outros meios (...) ao invés do dissídio, o sindicato deveria levantar a reivindicação do repouso semanal remunerado".

O recurso à abertura de dissídio coletivo como tentativa de conseguir aumentos salariais era um mecanismo largamente utilizado por alguns setores sindicais naquele período. No sindicato dos Químicos, como veremos, tornou-se prática comum após a intervenção ministerial em 1947. Na prática, deslocava a luta por conquistas salariais ou de outros direitos exclusivamente para o campo jurídico, prescindindo de iniciativas de mobilização e organização dos trabalhadores e conferindo grandes poderes na negociação para o advogado do sindicato. A disputa que se deu em torno deste tema na assembléia acima referida indicava uma visão alternativa de ação sindical que privilegiava formas de atuação mais participativas e diretas. No caso, a proposta de Aurelino Andrade foi vitoriosa e a assembléia acabou decidindo por iniciar uma grande campanha pelo cumprimento do artigo 157, incisos 6º e 7º da Constituição Brasileira, os quais garantiam folga semanal e férias em dobro remuneradas e salário noturno remunerado superior ao trabalho diurno. Tais direitos eram sistematicamente descumpridos pelas empresas do setor como pudemos verificar, por exemplo, em relação às reivindicações por um reajuste salarial noturno superior ao diurno na greve da Nitro Química. Este artigo de número 157 da nova Constituição foi o centro de grande parte das polêmicas entre trabalhadores e empresários em 1946 e 1947. Os sindicatos exigiam sua aplicação imediata, enquanto os industriais

afirmavam que era necessária regulamentação específica para a execução do preceito constitucional³⁵.

Naquele momento da vida do sindicato, os setores ligados ao Partido Comunista e a uma política que privilegiasse uma maior participação dos trabalhadores nos rumos da entidade detinham a maioria nas assembleias e controlavam, inclusive, as decisões da diretoria com a aproximação cada vez maior do próprio presidente da entidade, João Izidro Galvão. As comissões e representações nos locais de trabalho ganhavam cada vez maior espaço, como podemos ver a partir deste informe da eleição de comissões numa assembleia:

"pela ordem falou o companheiro João Izidro Galvão, presidente do sindicato, comunicando que no dia nove passado tinham se reunido no sindicato os operários do Instituto Labofarma para a escolha de uma comissão junto à firma; passando a apresentar os componentes da referida comissão que foram saudados com uma estrondosa salva de palmas do plenário(...). Em seguida o companheiro João Izidro Galvão apresentou o companheiro Modesto Ramos também membro da comissão sindical da Urchima que também foi saudado com uma salva de palmas".³⁶

Outro fato que mostra a preponderância destes setores entre os químicos paulistanos refere-se ao posicionamento da diretoria da entidade em relação à conjuntura sindical naquele momento e seus temas mais polêmicos, como o apoio às posições do MUT na perspectiva de construção de uma central sindical. Defensor da realização de congressos de trabalhadores em todo o país, o MUT, após longas e difíceis negociações com os setores sindicais ministerialistas e com o próprio Ministério do Trabalho conseguiu convocar o Congresso Sindical Nacional dos Operários do Brasil, que foi instalado em 19 de setembro de 1946 no Teatro Municipal no Rio de Janeiro³⁷. Reunindo mais de dois mil delegados, o

³⁵ Conferir FRENCH, John D. *O ABC dos Operários - Conflitos e alianças de classe em São Paulo, 1900-1950*. São Paulo, Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1995, p. 219 e 327.

³⁶ Idem. Livro de Atas de Assembleias Gerais do STIQFSP nº 1, p. 25b.

³⁷ John French afirma que este encontro "era a maior e mais ampla reunião sindical da história do Brasil até então, representativa da diversidade geográfica, política, profissional e organizacional do movimento operário do pós-guerra". Conferir FRENCH, op. cit., p.187. Ver também VIANNA, op. cit., p. 257-260.

congresso foi uma vitória das posições sindicais do PCB e da esquerda do movimento operário³⁸, tendo como principal resolução a criação da Confederação Geral dos Trabalhadores Brasileiros (CGTB). Os sindicalistas ligados ao governo não aceitaram as deliberações do encontro e retiraram-se do plenário, solicitando a intervenção do Ministério do Trabalho. Este grupo sindical tornou-se o núcleo fundador da Confederação Nacional dos Trabalhadores na Indústria (CNTI), associação de nível superior da estrutura sindical oficial criada para conter a influência da esquerda no movimento sindical.

Os químicos de São Paulo participaram desse processo elegendo o diretor sindical e operário da Nitro Química, Aurelino Andrade, como delegado ao congresso do Rio de Janeiro. A eleição de Andrade como representante do sindicato era mais uma demonstração da ascensão dos comunistas na categoria. Militante do PCB em São Miguel Paulista, Aurelino Andrade despontava como cáustico opositor dos ministerialistas dentro da entidade. Assim, na primeira reunião da diretoria do sindicato após o congresso era dado o seguinte informe sobre o evento:

"apesar da má vontade de alguns elementos, que procuraram por todos os meios sabotar [o congresso], ele foi até o fim e se encerrou na mais completa ordem dando uma demonstração de que os trabalhadores estavam aptos a se reger por si mesmos".³⁹

O relato é rápido, mas, incisivo em suas críticas às tentativas de prejudicar o congresso, ou seja, a ação efetivada pelos ministerialistas, que certamente contava com a simpatia de alguns membros da própria diretoria química. Além disso, elogia-se a tranquilidade com que o encontro foi conduzido, apesar das dificuldades, dando uma prova da capacidade de ação autônoma da classe, sem a necessidade de tutela do Estado, já "que os trabalhadores estavam aptos a se reger por si mesmos".

³⁸ Para um detalhamento do andamento do Congresso e suas principais resoluções ver COSTA, op. cit., p. 75-77, MARANHÃO, op. cit., p. 68-70 e VIANNA, op. cit., p. 257-260.

³⁹ Livro de Atas de Reuniões da Diretoria do STIQFSP nº 2. Reunião realizada em 28 de setembro de 1946, Folha 2a.

Tal independência, entretanto, não era desejada pelo governo Dutra e seu ministro do Trabalho. O clima da Guerra Fria tomava corpo entre as classes dominantes brasileiras e a retórica anticomunista tornava-se cada vez mais agressiva. O resultado do Congresso Sindical do Rio assustava o governo, pois demonstrava a perda de controle estatal sobre a maioria do movimento sindical. Em outubro de 1946, o presidente Dutra substituiu Negrão de Lima no Ministério do Trabalho. Em seu lugar foi indicado Morvan Dias Figueiredo, industrial paulista adepto de medidas mais duras contra o sindicalismo. Assim, foram intensificadas as ações policiais contra os sindicatos e iniciou-se um progressivo cerceamento das atividades da CGTB e uniões sindicais estaduais. No início do ano de 1947, o Sindicato dos Químicos de São Paulo recebia um telegrama do Ministério da Justiça e do interventor do Departamento Estadual do Trabalho, que é um bom exemplo da ação intimidatória do governo junto aos sindicatos:

"Atendendo a pedido do Ministério do Trabalho, tenho a honra de comunicar a V.excia. que nenhum órgão estadual deve ter entendimentos com uniões sindicais e delegações da Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil, pois estas entidades não estão enquadradas na legislação sindical brasileira, nem podem sê-lo".⁴⁰

A diretoria dos químicos, no entanto, preferiu reagir às ameaças:

"Continuando com a palavra [o presidente do sindicato] disse que ele reconhecia a soberania da assembléia e que deveria ser mantida a adesão ao CGTB e União Sindical, mesmo porque a CGTB tinha sido fundada em um congresso de trabalhadores de todo o Brasil e que esse órgão estava procurando fazer a unidade da classe operária (...) e que continuaria a criar comissões de fábrica, porque assim [queriam] os associados. Continuando com a palavra o sr. presidente disse que o Sindicato dos Trabalhadores Químicos de Santo André tinha sido impedido pela polícia de realizar uma assembléia de grande importância para a classe profissional, sendo por isto posto em discussão se o sindicato deveria enviar ou não um telegrama para a Câmara dos Deputados protestando contra a intervenção policial, tendo sido aprovado o envio (...), fez uso da palavra, o companheiro Job que em breves palavras fez sentir aos companheiros presentes a

⁴⁰ Idem, reunião realizada em 04 de janeiro de 1947, folhas 6a e 6b.

necessidade de se protestar contra toda e qualquer intervenção policial dentro dos sindicatos".⁴¹

Porém, a ofensiva governamental anticomunista e anti-sindical crescia ainda mais. Pressionados pelo governo e sob o argumento de que os comunistas seriam controlados e dirigidos a partir do exterior o que ameaçaria a própria existência do Brasil, os ministros do Tribunal Superior Eleitoral decidiram em uma apertada votação no dia 7 de maio de 1947 cassar o registro legal do PCB. No dia seguinte era emitido o Decreto 23.046 possibilitando intervenções governamentais nos sindicatos que tivessem apoiado a criação da CGTB.

Seguiu-se uma onda de deposições de diretorias sindicais ligadas aos comunistas ou próximas às suas posições nos debates trabalhistas de então. Na tarde do dia 28 de maio, o representante do Departamento Estadual do Trabalho, diante de perplexos diretores depostos e alguns funcionários da entidade, dava posse à Junta Governativa composta pelos ex- diretores Luiz Gonzaga Braga, Reinaldo dos Santos e Pedro Monteiro e nomeada pelo Ministério do Trabalho para presidir o Sindicato dos Químicos de São Paulo. Indignado, o presidente cassado protestava:

"Afirmou o sr. João Izidro Galvão ser esta intervenção uma medida arbitrária e injusta, influenciada por terceiros. Disse só compreender um meio de combate: a união de todos trabalhadores para resolver os problemas do Brasil. (...) Disse ainda que tomar parte numa Confederação ou União não é crime visto não ser exclusividade do Brasil. Frizou seu protesto sobre as medidas que não resolvem nem resolverão os problemas dos trablhadores. Estes unidos lutarão pela liberdade e pela extinção da escravidão branca em nosso país.(...)".⁴²

⁴¹ Idem, *ibidem*. O episódio em Santo André que o texto faz referência provavelmente diz respeito à tentativa de realização de uma assembléia no dia 3 de novembro de 1946 pela oposição comunista à diretoria do sindicato dos químicos daquela cidade. A assembléia visava destituir a diretoria ministerialista e transferir a sede da entidade para o antigo local ao lado do sindicato dos metalúrgicos. A assembléia foi dissolvida pela ação da polícia a pedido do interventor no Departamento Estadual do Trabalho (DET). Conferir COSTA, op. cit., p. 96 e 97. Posteriormente a sede da entidade foi ocupada no dia 1º de março de 1947, data programada para as eleições sindicais. A ocupação, novamente ordenada pelo diretor do DET, Eduardo Gabriel Saad, visava impedir a vitória do grupo operário ligado aos comunistas nas referidas eleições. Gerou uma série de protestos de diversas lideranças sindicais do estado e um vigoroso movimento de repúdio entre os trabalhadores químicos nas fábricas. Conferir FRENCH, op. cit., p. 218.

⁴² Livro de Atas de Assembléias Gerais do STIQFSP nº 1, 28 de maio de 1947, folha 32a.

Outro membro da diretoria e representante dos químicos paulistanos no conselho estadual da CGTB pedia a palavra e iniciava um irado debate com o representante ministerial e com os interventores:

"Protestou o sr. Aurelino Soares de Andrade, dizendo ser este um ato arbitrário e anti-democrático, pois se o sindicato se filiou à Confederação foi por resolução votada em assembléia, constando nos livros de atas (...). Disse ainda não concordar com os membros escolhidos para a Junta Governativa, por terem sido nomeados contra a lei e contra a Constituição em vigor.(...) Insiste o mesmo sobre quem escolheu a Junta, quem escolheu os nomes (...)"⁴³.

Um constrangido e acuado representante ministerial respondeu com um lacônico: "Não sei". Aurelino seguiu então, mais revoltado ainda:

"Fui eleito por uma assembléia legal e como membro de uma diretoria legalmente empossada lutei pelos interesses da classe e lanço meu protesto formal de que nosso sindicato foi intervindo pela força e não por seus legítimos interessados - os trabalhadores. Aparteia o sr. representante do Departamento Estadual do Trabalho: Não pela força, mas por um dispositivo legal assinado pelas maiores autoridades do país. Ainda o Sr. Aurelino: Dentro da Constituição?"⁴⁴

Sem argumentos, o burocrata governamental decreta:

" Não devemos discutir, mas acatar ordens".⁴⁵

A posse foi encerrada em um clima de forte tensão. O vice-presidente da diretoria deposta e membro da Junta Governativa, Luiz Gonzaga Braga foi seguidamente acusado de traição. No entanto, a intervenção estava consumada e representava uma vitória dos setores

⁴³ Idem, folha 32b.

⁴⁴ Idem, folha 33a.

⁴⁵ Idem, *ibidem*.

ministerialistas e um longo período de exclusão dos comunistas na direção sindical dos químicos de São Paulo.

Os comunistas, após a perda do registro legal e principalmente depois das cassações de seus mandatos legislativos e executivos em janeiro de 1948, sofreram um intenso processo de repressão e alteração de linha política⁴⁶. De volta à clandestinidade, sem seus órgãos de divulgação e propaganda e com seus ativistas sindicais cassados ou presos, o PCB perdeu bastante influência sobre os trabalhadores. É possível ainda que a ambiguidade da ação do partido em seu curto período de legalidade tenha ajudado a compor um quadro de desilusão, crise e temor entre muitos de seus militantes operários.

Em São Miguel Paulista o partido também decresceu. Com a cassação do registro, parte de sua militância transfere-se para o PSP de Adhemar de Barros, que já havia apoiado nas eleições para governador em janeiro de 1947. Se para alguns era uma oportunidade de encontrar algum espaço político para prosseguir a propaganda comunista⁴⁷, certamente para outros tratava-se do resultado dos processos de cooptação política sobre lideranças locais empreendidos pelo então governador de São Paulo em diversas comunidades operárias e populares do estado⁴⁸.

A ilegalidade do PCB e intervenção no Sindicato dos Químicos abriu campo para a repressão. A Nitro Química procurou completar o processo iniciado com o fim da greve de 1946, demitindo os militantes comunistas remanescentes no interior da empresa. Surpresos com a intensidade mobilizatória de seus operários e com o crescimento do Partido Comunista no período pós-guerra, os dirigentes da companhia, como veremos, tornaram-se

⁴⁶ A este respeito conferir COSTA, op. cit., p.142-159.

⁴⁷ Um depoimento colhido por Antonia Azis Rocha reforça esta possibilidade: "Não podíamos mais militar livremente e achamos por bem nos filiar a outro partido para podermos propagar a causa comunista". Conferir ROCHA, op. cit., p. 37.

⁴⁸ O PSP tornou-se um forte partido em São Miguel Paulista e uma importante base do adhemarismo, embora menos poderoso que o janismo, que se consolidaria a partir da segunda metade dos anos 50. Nas eleições presidenciais de 1955, por exemplo, Adhemar de Barros foi o candidato mais votado em São Miguel com 37% das opções. Conferir CALDEIRA, op. cit., p. 45. Para um exemplo dos mecanismos de cooptação do adhemarismo sobre lideranças populares, ver a descrição da adesão e apoio de Teresa Delta, líder comunitária de forte expressão no pós-guerra em São Bernardo do Campo, a Adhemar de Barros em FRENCH, op. cit., p. 198-201.

ainda mais cautelosos e vigilantes em relação a qualquer processo reivindicatório no chão da fábrica ou à presença de operários ativistas, procurando cortá-los de uma forma ou outra logo em seu nascedouro. A retórica anti-comunista, já manifestada no repertório dos dirigentes da empresa passou a ser uma presença ainda mais constante em seus discursos e comunicados dirigidos aos trabalhadores. O Círculo Operário de São Miguel Paulista fundado em 1946 com grande apoio da Nitro Química, recebeu regularmente grande suporte financeiro para suas instalações e campanhas de auxílio à população carente do bairro e aos operários da companhia⁴⁹. Além disso, o sistema de benefícios sociais iniciado pela empresa durante a Segunda Guerra Mundial ganhou forte impulso e foi incrementado após a conjuntura 45-47. Tal política também era, do ponto de vista da direção da fábrica, uma tentativa de resposta aos avanços da mobilização e organização operária⁵⁰.

O forte impulso da luta dos trabalhadores da Nitro Química havia deixado marcas que nem mesmo a repressão policial, as políticas sociais implementadas pela empresa e a inatividade (ou mesmo, hostilidade) do sindicato sob intervenção poderiam apagar. Além disso, para os trabalhadores a contrapartida da perda do sindicato e do desenvolvimento do Serviço Social da empresa era uma intensificação do ritmo e da quantidade de trabalho ainda maior no cotidiano fabril. O período pós-guerra foi marcado por mudanças em diversos setores da Nitro Química, que capitalizada com os lucros conseguidos nos anos anteriores, buscava expandir seus negócios e inovar tecnologicamente o seu antiquado maquinário. A instalação da nova fábrica de raiom (que só se completaria em 1949) e da fábrica de TNT exigiram um esforço adicional dos trabalhadores. Estes sentiam que o visível crescimento da empresa e seus consequentes resultados não eram suficientemente compartilhados pelos que

⁴⁹ Ver item "Sindicato, Trabalhadores e 'Assistencialismo'" no final deste capítulo.

⁵⁰ John French chama a atenção para a inflexão na ação dos setores dominantes que o avanço político do PCB e a conjuntura de 1945-47 impõe nos locais onde este crescimento foi maior. No ABC paulista, por exemplo, "o prefeito substituto [no lugar do comunista Armando Mazza, eleito prefeito de Santo André em e cassado em 1947] disse presunçosamente a um jornalista comunista que sabia exatamente como combater 'o extremismo de vocês': seu governo daria 'ao povo exatamente o que vocês estão pedindo'. Outro vereador substituto, o farmacêutico anticomunista Benedito de Castro, disse algo muito parecido em fins de janeiro de 1948: o desafio do PCB seria enfrentado com o atendimento das necessidades dos operários". Conferir FRENCH, op. cit., p. 252, 253.

mais suavam para que ele ocorresse. Apesar do Serviço Social, as condições de trabalho continuavam péssimas e agora encontravam-se agravadas com as dificuldades trazidas pelas novas máquinas⁵¹. Um dia-a-dia repleto de acidentes, insalubridade, baixos salários⁵², desrespeito de muitas chefias, repressão patronal e policial às recentes lideranças que os trabalhadores haviam instituído compunha um quadro que misturava temor e descontentamento no interior da Nitro Química em meados da segunda metade dos anos quarenta.

Uma mostra desta insatisfação pode ser vista no panfleto distribuído nas portas e imediações da companhia e apreendido pela polícia no dia 25 de setembro de 1948:

"Ao Povo e aos Trabalhadores de Baquirivú [São Miguel Paulista] -
Aumento Geral de 500 Cruzeiros !! -
Arrancando Máscaras.

O Sindicato dos Químicos convoca os trabalhadores a comparecer dia 25 à nossa sede com a circular para o aumento geral nos ordenados, sem prejuízo de outras gratificações. Essa assembléia do dia 25 é uma grande vitória da nossa Comissão Central de Reivindicações e dos bravos trabalhadores de Baquirivú. Devemos comparecer no dia 25 ? Claro que sim. Pelos 500, tudo! Que devemos fazer no sindicato nesta noite? 1º) Manter firme, nada menos que 500! 2º) Votar contra o dissídio, custe o que custar. Isto no momento é importante e contra "os falsos amigos do sindicato". 3º) transferir esta assembléia para dentro de 30 dias, para melhor organizar os trabalhadores. A convocação do dia 25 é uma tentativa do Sindicato de acordo com a Nitro para trair os operários. O exemplo do negro Filomeno e do branco Sílvio deu resultado. Já estamos organizados em diversas seções e a comissão de reivindicações, composta de baianos, mineiros, nortistas, paulistas e mulheres, todos brasileiros, está disposta a vencer pelos 500. A convocação do sindicato [será] a primeira derrota da diretoria e dos

⁵¹ A explosão de um reator da fábrica de TNT em julho de 1947, provocando diversas mortes (ver capítulos 1 e 3 desta dissertação) e o incêndio da antiga fábrica de raio viscoso em março de 1949 são dois grandes exemplos da periculosidade da empresa neste período. Os dois fatos causaram forte impressão entre os operários e são recorrentemente lembrados até hoje pelos antigos moradores do bairro e funcionários da Nitro. Um deles disse-me que "a explosão da fábrica fez um barulho tão grande que foi ouvida até na Penha", bairro distante cerca de 15 km de São Miguel Paulista.

⁵² Segundo Ricardo Maranhão: "(...) a constante deterioração do salário real observada no período Dutra foi mais violenta entre 1948 e 1949 que nos anos anteriores. Não há dúvida que a diminuição da capacidade reivindicatória do conjunto da classe durante esse período repressivo foi responsável pela maior queda salarial (...)". Conferir MARANHÃO, op. cit., p. 97-8 e 115-119.

integralistas da Nitro Química. [Pensam que será] o retrato vivo da falta de consciência operária e de confiança no sindicato e na Nitro [pelos] operários, daí, procuram nos levar para a Assembleia para nos desmoralizar. A desumana e impatriótica diretoria da Nitro despediu os nossos queridos companheiros Silvio e Filomeno, porque esses brasileiros queriam mais pão para nossas famílias. O que fizeram os diretores do sindicato diante dos carrascos da diretoria da Nitro? É amarga essa verdade, enquanto isso, continuamos a comer as "dobradinhas" e o "mastigo de gato". Agora duas coisas devemos fazer: 1ª) Votar contra o dissídio coletivo; 2ª) Continuar a organizar comissões nas seções.

Viva os companheiros Silvio e Filomeno !
 Viva a força dos trabalhadores e trabalhadoras de Baquirivú !
 Tudo pelos 500 Cruzeiros !
 Viva o povo de Baquirivú !
 Confiamos na Vitória,

A Comissão Central de Reivindicações da Nitro".⁵³

Quase um ano e meio após a intervenção no sindicato e da onda repressiva que se seguiu, temos aqui uma importante chance de observar alguns dos desdobramentos daqueles episódios para os trabalhadores da Nitro Química. Em primeiro lugar, é quase surpreendente notar a preservação de alguma mobilização e organização em um quadro conjuntural tão adverso. Mesmo descontados os possíveis exageros da amplitude da organização no interior da fábrica apregoada pelo panfleto, é inegável que ela era suficiente para concentrar reivindicações e insatisfações operárias claramente expressas em um boletim impresso e distribuído pelo bairro, chamando a atenção da polícia, da empresa e da diretoria interventora no sindicato. O boletim indica ainda a existência de uma militância operária clandestina na Nitro, certamente participante e herdeira das lutas anteriores do imediato pós-guerra. Como veremos, tratava-se de membros de uma célula comunista do bairro, que seguia existindo após a ilegalidade.

Em segundo lugar, somos informados da existência de uma Comissão Central de Reivindicações, autora do panfleto e responsável pela convocação dos operários para a

⁵³ Dossiê 50A 27 128. Arquivo Público do Estado de São Paulo - Setor Deops -SP.

assembléia do sindicato, bem como pela suposta existência de comissões locais nas seções da empresa. Muito provavelmente essa Comissão Central confundia-se com a própria célula comunista na empresa. Seria um prenúncio de uma associação paralela ao Sindicato dos Químicos de acordo com a nova linha política e sindical adotada pelo PCB? Talvez. Não possuímos registros que indiquem a formação de tal associação na base dos químicos paulistanos, mas, evidentemente naquele momento, aquela Comissão procurou ser uma forma alternativa de organização, na ausência de outro canal de expressão das demandas dos trabalhadores, no caso, o sindicato. Neste sentido assemelhava-se às comissões de fábrica surgidas em inúmeras empresas no pós-guerra, inclusive na Nitro Química. De todo o modo, aparentava ser muito mais uma *oposição àquela direção do sindicato* do que uma efetiva *oposição à instituição sindicato*. Referia-se à "nossa sede" para denominar a sede do sindicato no centro da cidade e ironizava "os falsos amigos do sindicato" referindo-se à junta interventora.

"Os falsos amigos do sindicato" estariam em conluio com a própria direção da empresa para "trair os operários" e suas reivindicações. O antigo debate da diretoria química deposta sobre a oportunidade da instauração do dissídio coletivo volta à tona. O dissídio seria a forma de contornar a necessidade de luta e disfarçar um suposto acordo entre o sindicato e a Nitro. Os ministerialistas derrotados antes, agora no poder sindical, voltavam à carga com suas propostas que dispersavam a mobilização. Era necessário ir à assembléia e naquele momento dizer um não ao dissídio coletivo para derrotar a maquinação das direções da empresa e do sindicato.

O imponente discurso nacionalista e patriótico da Nitro Química era invertido no panfleto pela Comissão. A diretoria da empresa, na verdade, "era desumana e impatriótica", composta por "carrascos" que se preocupavam mais em perseguir do que atender as legítimas reivindicações dos trabalhadores. Portanto, o nacionalismo auto-atribuído e tão decantado pelos proprietários da Nitro só poderia ser um nacionalismo de "integralistas", "verdadeiros inimigos dos operários".

Chama ainda a atenção a preocupação do boletim em destacar a diversidade operária presente na empresa e o empenho da Comissão em representar a todos. Assim, estariam organizados trabalhadores de diferentes regiões do país, "baianos, mineiros, nortistas e paulistas". Também as mulheres estariam integrando-se, bem como era lembrada através dos dois companheiros demitidos devido à luta, a questão racial, pois o "exemplo do negro Filomeno e do branco Silvio" já estaria dando resultado, uma vez que a organização estava crescendo na empresa. Todos, "brasileiros", estariam unidos em torno da reivindicação de 500 cruzeiros de aumento. Em um momento de crescimento do sentimento nacionalista entre os trabalhadores, provocado em parte pelo próprio discurso patronal, o panfleto utilizou-o como elemento de mobilização, invertendo e denunciando a falsa "brasilidade" dos empresários.

Finalmente, o boletim conclamava a necessidade de ampliar a organização, sendo preciso "organizar comissões nas seções". Tal iniciativa era fruto direto da recente experiência organizativa nos locais de trabalho que permanecia como perspectiva fundamental para muitos operários. Apesar disso, a Comissão reconhecia que ainda não estavam suficientemente organizados e que portanto, era necessário convocar mais uma assembléia dali a 30 dias para aumentar a mobilização.

De fato, a organização ainda era insuficiente, pois, como podemos ver no relato policial a seguir, a rápida ação da polícia em acordo com a diretoria do sindicato frustrou estes planos:

"por volta das 17 horas do dia 25, o subdelegado de Baquirivú nos informou que estavam sendo distribuídos boletins subversivos na localidade concitando os trabalhadores a que compareçam em massa à assembléia que o Sindicato dos Químicos faria realizar nesse dia (...) e ali votassem contra a instauração de dissídio e se manifestassem favoráveis a um aumento de salário de 500 cruzeiros. Foram mandados investigadores a Baquirivú, ali se apurando que tais boletins tinham sido distribuídos por elementos comunistas, podendo citar elementos componentes da célula ali existente, entre os quais Vavá, Viriato José da Silva, Luizão, Pretinho Pedreira e Norival Russiano.

Manteve-se contato com o sr. Reinaldo dos Santos, secretario geral do sindicato, tendo sido tomadas providências no sentido de que não houvesse perturbação da ordem na assembléia. Para tanto, fez-se com que apenas tivessem ingresso no recinto os associados sindicalizados e quites com o mês de agosto. Bastou, outrossim, a simples presença em Baquirivú da "perúa" [carro policial] para que os agitadores não levassem adiante seus planos, que eram o de se transportarem até o local da assembléia em caminhões. (...) Nada de anormal se verificou na assembléia em apreço".⁵⁴

Eliminado o perigo da "invasão" dos trabalhadores da Nitro, a assembléia transcorreu de acordo com o desejo da Junta Governativa. A ata da assembléia é econômica em palavras (aliás, como todas deste período), obviamente não há nenhuma referência aos acontecimentos ocorridos naquele dia em São Miguel e :

"como nenhum dos presentes quizesse se pronunciar, o sr. Presidente da Mesa pôs em votação a proposta do sr. Anis Aidar [advogado do sindicato], solicitando autorização dos presentes para instauração de dissídios coletivos, sendo por unanimidade aprovada, na forma da lei".⁵⁵

Após meros cinquenta minutos de trabalho era encerrada aquela que apenas prometeu ser uma polêmica assembléia, mas que graças aos esforços combinados da policia e dos interventores pôde transcorrer sem que "nada de anormal" se verificasse.

A ousadia da Comissão de Reivindicações deve ter custado caro aos seus militantes e à organização dentro da empresa. Não possuímos registro de sua existência após este episódio, nem da ação de militantes comunistas ou contrários à direção do sindicato até o final dos anos quarenta. Na Nitro, o aprimoramento do Serviço Social era acompanhado de uma forte repressão à qualquer tipo de atuação organizativa no interior da fábrica. Uma nova onda de demissões provavelmente se abateu sobre os militantes operários restantes, particularmente após a greve que ocorreu na Tecelagem Votorantim em Sorocaba, co-irmã da Nitro Química, em outubro daquele mesmo ano de 1948. Esta greve certamente assustou

⁵⁴ Dossiê 50A 27 128. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops. (grifos meus).

⁵⁵ Livro de Atas de Assembléias Gerais do STIQFSP n° 1, 25 de setembro de 1948, folhas 29b e 40a

os proprietários da indústria química. Liderada por uma comissão bastante semelhante à existente na Nitro, conseguiu a adesão da totalidade dos trabalhadores da Votorantim e expandiu-se para outras fábricas da região. A ausência de apoio do sindicato local levou à ocupação deste pelos trabalhadores em greve e somente com a ameaça de *lock-out* por parte dos empresários e forte repressão policial foi possível encerrar o movimento. Ainda assim foi obtido parte do aumento salarial reivindicado.⁵⁶

Início dos anos cinquenta

A intervenção no Sindicato dos Químicos encerrou-se em novembro de 1950. Apesar das poucas informações sobre o período, é possível perceber alguns aspectos do padrão de atuação sindical que a Junta Organizativa procurava adotar. Ocorreram poucas assembleias e a maioria delas cumpria apenas os trâmites legais exigidos pela CLT, como as anuais para a aprovação do orçamento. As poucas assembleias destinadas para outros fins, eram em geral convocadas por empresas (quase sempre naquelas poucas em que os diretores da Junta possuíam alguma representatividade, não ocorrendo nenhuma destinada aos trabalhadores da Nitro Química no período da intervenção) com o objetivo de solicitar autorização para abertura de dissídio coletivo. Em consequência, o advogado do sindicato ganhou destaque até então nunca visto sendo chamado a opinar em variados assuntos da vida sindical.

Muitas destas características da atuação do sindicato permaneceram nas direções eleitas na primeira metade da década de cinquenta. Em 1950, os membros da Junta aproveitando-se da desmobilização geral da categoria, da existência do atestado de ideologia e de alguma representatividade conseguida principalmente no setor farmacêutico, cuja influência de seus opositores era bastante reduzida, consolidaram sua hegemonia na direção

⁵⁶ Conferir MARANHÃO, op. cit., p. 106.

da entidade. Na chapa eleita, os estratégicos cargos de presidente e tesoureiro permaneciam nas mãos dos antigos interventores e dos vinte cargos disponíveis na direção (efetivos, conselho fiscal e suplentes) apenas uma vaga no conselho fiscal era preenchida por um operário da Nitro Química, empresa com maior número de trabalhadores da categoria⁵⁷.

A atuação da nova direção eleita diferenciava-se muito pouco das ações empreendidas no período da intervenção. As atas de reuniões de diretoria indicam uma prática sindical extremamente burocratizada e alheia aos problemas da categoria ou dos trabalhadores em geral. Na segunda reunião da então recém-empossada diretoria, por exemplo, o presidente, ex-interventor, explicava assim aos novos diretores, o papel dos plantões semanais na sede da entidade:

"Esses plantões (...) serão de interesse para os membros da diretoria, tendo em vista aprender a fazer recibos, preencher formulários e tomar conhecimento dos assuntos de interesse geral".⁵⁸

Não era incomum portanto, reuniões ordinárias mensais convocadas exclusivamente para debater a abertura:

"de concorrência para orçamento do estofado das cadeiras, poltronas e sofás, bem como envernizar os móveis, exigindo prazo para ser feito o serviço e garantias".⁵⁹

A discussão sobre os problemas dos trabalhadores nas empresas e as ações do sindicato para enfrentá-los praticamente inexistiam nas reuniões da diretoria química. A prática de assembleias por empresa autorizando a abertura de dissídio coletivo foi mantida, relegando as ações por melhoria salarial e de condições do trabalho exclusivamente ao

⁵⁷ Conferir TROYANO, op. cit., p. 112- 114. Troyano tende a esquematizar exageradamente a relação entre direção conservadora no sindicato alicerçada nos trabalhadores do setor industrial farmacêutico e oposição nacionalista/comunista apoiada no setor químico, principalmente na Nitro Química. Ainda assim, sua pesquisa e dados levantados são bastante interessantes e úteis, constituindo um trabalho muito inovador em seu período. Foi uma das primeiras pesquisadoras que procuraram analisar o cotidiano das direções sindicais utilizando atas de reuniões e assembleias como fontes privilegiadas.

⁵⁸ Livro de atas das reuniões de Diretoria do STIQFSP nº 2, 20 de dezembro de 1950, folha 16b.

⁵⁹ Idem, 11 de setembro de 1952, folha 27a.

aspecto jurídico por intermédio do advogado do sindicato. Algumas vezes eram concedidas ajudas monetárias a associados em dificuldades financeiras, no entanto, nenhuma discussão era feita sobre problemas coletivos da categoria. As poucas assembleias gerais que ocorriam eram, em geral, bastante esvaziadas necessitando de "incentivos" para ampliar a audiência como o descrito pelo tesoureiro Reinaldo dos Santos, também ele um ex-interventor:

"lembrou aos demais diretores que a assembleia geral precisaria ser molhada para que atraísse maior número de sócios, [sendo então aprovada que fosse] regada com uma chopada".⁶⁰

O fantasma das mobilizações da década anterior na Nitro Química, entretanto, ainda pairava sobre a cabeça da diretoria do sindicato. Em março de 1951, era convocada uma assembleia geral da categoria na qual, como de praxe, era solicitada autorização para abertura de dissídio coletivo. Mais uma vez o velho debate voltava à cena. Pedindo a palavra, Januário Cavalcanti, afirmando falar em seu nome e por todos os associados de São Miguel Paulista considerava:

"inoportuno o momento para que sejam abertos dissídios coletivos, já que em face da nova direção dada ao país pelo Presidente da República, certamente seria lembrada a situação do operariado em geral".⁶¹

Não sabemos se de fato, Januário representava a opinião do conjunto dos trabalhadores da Nitro Química, o fato era que, novamente uma voz destoante à política desenvolvida pela direção do sindicato fazia-se ouvir e de novo ela vinha do extremo leste da cidade. Naquele dia, a proposta da diretoria posta em votação, embora vitoriosa, não o foi com a já habitual e monótona unanimidade. Se a oposição ao dissídio talvez não fosse opinião geral em São Miguel, provavelmente a expectativa positiva em relação ao governo

⁶⁰ Idem, s/d, folha 17a.

⁶¹ Livro de Atas de Assembleias do STIQFSP, nº 1, 18 de março de 1951, folha 54a.

recém-eleito de Getúlio Vargas no trato com os trabalhadores o era, e os animava a polemizar com as posições da direção sindical.

Um ano depois, a diretoria do sindicato teve que enfrentar um desafio aparentemente ainda mais difícil. Realizar uma assembléia na sub-sede de São Miguel Paulista com mais de 300 pessoas, a primeira depois da intervenção em 1947. O descontentamento dos trabalhadores devia ser suficientemente grande a ponto de forçar a convocação de uma reunião específica dos trabalhadores da Nitro Química. A ação proposta pelos diretores sindicais, porém, não tinha nada de novo. Mais uma vez o advogado do sindicato teceu suas considerações sobre a necessidade de seguir as normas legais, apesar da quebra de confiança dos dirigentes da empresa, e portanto os trabalhadores deveriam aprovar a autorização para a abertura de dissídio coletivo pelo sindicato. Uma assembléia em São Miguel de todo o jeito, chamava de fato a atenção, merecendo inclusive acompanhamento de um agente do Dops⁶², que assim descreveu o acontecimento:

"fez uso da palavra o sr. Anis Aidar [advogado sindical], o qual falou sobre o sindicato. Disse que era a primeira vez que os dirigentes da Nitro Química não haviam cumprido o prometido, e que somente o dissídio coletivo interessaria aos operários (...). Prosseguiu o sr. Aidar dizendo: 'os operários não querem automóvel rabo de peixe, mas sim um pouco de conforto para os seus filhos'. Ao terminar sua oração, disse que a Companhia Nitro Química Brasileira teria que dar aos seus empregados o aumento de 40%".⁶³

Colocada em votação a proposta,

"apurou-se o seguinte resultado: votantes que depositaram seus votos na urna: 308, votos 'sim': 308. Não houve votos em branco, nem contrários. O sr. Presidente em seguida anunciou o resultado da apuração, congratulando-se com os presentes pela maneira como se comportaram na assembléia".⁶⁴

⁶² A se julgar pela pasta dedicada ao Sindicato dos Químicos de São Paulo no Acervo do Deops do Arquivo Público do Estado de São Paulo, esta foi uma das raras assembléias que tiveram algum tipo de espionagem policial na primeira metade dos anos cinquenta. Após 1956, este acompanhamento passaria a ser muito mais constante e metucioso.

⁶³ Dossiê 50Z 0 3343. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deop - SP

⁶⁴ Livro de Atas de Assembléias do STIQFSP, nº 1, 21 de março de 1952, folha 65b.

Não deixa de parecer estranho o resultado da votação e do transcurso da assembléia. Onde estavam Januário Cavalcanti e seus companheiros, que reiteradamente haviam se posicionado contra a delegação de poder ao sindicato que o dissídio representava ? Mesmo que tivessem mudado de idéia, por que não se manifestaram na reunião colocando, ao menos um contraponto ao enfadonho discurso do advogado sindical ?

É quase certo que Januário já não fosse mais funcionário da Nitro Química àquela altura. O Dops andava de olho em suas "pregações subversivas". Sua atuação em uma assembléia no ano de 1951 era assim descrita:

"(...) com referência ao balanço, posto em discussão pela mesa, foi o mesmo rejeitado pelo associado Januário Cavalcanti, que criticou a administração do referido sindicato, o Ministério do Trabalho e o governo.

Convém esclarecer (...) que Januário Cavalcanti é líder dos trabalhadores na Nitro Química e está ligado a todos os movimentos dos comunistas de Baquirivú. É homem que fala com desembaraço e procura controlar os operários, não só da Nitro Química como os demais".⁶⁵

Mais uma vez, o "facão" da Nitro deve ter funcionado, afastando Cavalcanti e seus correligionários mais próximos. Ainda assim, isto não foi suficiente para afastar mais de 300 trabalhadores de uma assembléia cuja convocação certamente foi imposta pelo descontentamento diante do que até a moderada direção sindical reconhecia ser uma falta de palavra dos dirigentes da empresa, embora ressaltassem que isto nunca havia ocorrido antes. Sem alternativas naquele momento e talvez convencidos pela argumentação jurídica, os operários da Nitro apoiam a velha proposta de encaminhamento de dissídio.

O início da década de cinquenta foi um período de grande repressão às manifestações de militância no interior da Nitro Química. Adelço de Almeida, militante comunista

⁶⁵ Dossiê 50Z 0 3343 A. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops - SP.

deslocado em 1954, do bairro do Tatuapé para reestruturar o trabalho do partido em São Miguel ao manifestar o desejo de se empregar na Nitro para desenvolver sua ação foi avisado que:

"o problema do partido aqui é atuar na Nitro Química (...) entra gente, mas não tem condições de atuar lá dentro. Aí eu fui informado, já é o terceiro que sai de lá, um saiu preso, o outro saiu, correu e o outro não sei o que. Eram uns três ou quatro que tinham saído [recentemente] porque não aguentaram a barra da Nitro Química. Chefia muito rigorosa, anti-comunista ao extremo, o comando era policial lá dentro, era infiltrado de tudo quanto é coisa".⁶⁶

É bem possível que Januário Cavalcanti fosse um desses militantes relatados a Adelço em meados de 1954.

As demissões generalizadas, a forte repressão interna e o discurso marcadamente anti-comunista das chefias da empresa reforçavam a idéia disseminada de acordos da empresa com as forças policiais para vigiar e perseguir os trabalhadores dentro da fábrica. Além disso, a presença de um militar no comando das forças internas de segurança, o tenente Valério, e, principalmente, do ex-policial Cândido Pinto de Almeida na chefia do Departamento Pessoal funcionava para a militância operária como indício muito forte das "ligações perigosas" (para eles, é claro!) entre a Nitro e a polícia. O depoimento abaixo é um exemplo de como era vista a ação da polícia dentro da indústria:

"Tinha polícia lá dentro. Aí tinha um tal de Vicente Moreno (...). Começaram a discutir política naquela época, nós queríamos era reivindicação. Aí o Vicente veio conversar comigo [e disse]: 'Você é um elemento bom, [mas] está metido com esta turma aí'. [Eu respondi:] Eu estou metido porque eu quero ganhar bem, quem é que não quer viver bem? Aí eu olhei bem no pé dele assim e pensei, esse cara é polícia. Aí fomos tomar um aperitivo. Ele bebeu cerveja, pinga e ficamos mais de uma hora conversando e ele deu o serviço.(...) Eu peguei o José Alonso (...) [e falei] 'É policial esse cara, esse sapato aí é de polícia e ele está perseguindo'. O José Alonso, muito amigo do cara [disse] 'Não, o que é isso!'. Não deu

⁶⁶ Entrevista de Adelço de Almeida.

outra. Um dia o José Alonso tava numa reunião com ele. [Apareceu] um outro cara [e o Vicente] mostrou o Zé. José Alonso foi preso na portaria. O Dops tava lá, já puseram no carro e levaram ele".⁶⁷

De maneira semelhante, a direção sindical era vista com grande desconfiança por muitos trabalhadores da Nitro. A intervenção e os acontecimentos posteriores haviam deixado marcas profundas. As suspeitas em relação ao sindicato reforçavam ainda mais a imagem cultivada pelos patrões de grandiosidade da empresa. A Nitro Química seria tão poderosa, que controlava até o próprio sindicato dos trabalhadores. Embora permanecesse como a maior base de associados da entidade, o número de sócios da Nitro diminuiu no início dos anos cinquenta.

"O trabalhador podia ser analfabeto, bruto, aquele troço todo lá, peixeira, cachaça, briga, mas ele tinha certeza de uma coisa, ele tinha consciência de uma coisa (...) e ele dizia: 'Eu bebo os meus cinco mil réis de cachaça, mas não dou para este sindicato da Nitro Química'".⁶⁸

A falta de confiança inibia a associatividade:

"[Os trabalhadores] não ficavam sócios por isso (...). Se eles recorressem ao sindicato [para reclamar de algo] a empresa sabia primeiro. Eles diziam assim: 'não dá para fazer um movimento com o sindicato. O sindicato vai denunciar'. O sindicato era ligado à fábrica. Era difícil".⁶⁹

A diretoria do sindicato, ciente das suas dificuldades de representatividade em São Miguel, procurava criar mecanismos de aproximação. Assim, o novo presidente do sindicato, Vinícius Rodrigues Bueno, eleito em 1953, prontificava-se a realizar plantões na sub-sede de São Miguel, comparecendo lá "uma ou duas vezes por mês"⁷⁰. Além disso, promoção de atividades como o "Natal das crianças de São Miguel", em que eram

⁶⁷ Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁶⁸ Entrevista de Adelço de Almeida.

⁶⁹ Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁷⁰ Livro de Atas de reuniões da Diretoria do STIQFSP, nº 2, 02 de dezembro de 1952, folha 27b.

distribuídos presentes aos filhos dos operários da Nitro e concursos como a "Rainha dos Trabalhadores", em que era escolhida a mais bela operária da região, voltaram a ser incentivados pela direção sindical.

As relações de cumplicidade entre o sindicato e a direção da empresa eram, entretanto, inegáveis. A grande greve dos 300 mil, nos turbulentos meses de março e abril de 1953⁷¹, não era sequer mencionada nas três esvaziadas assembleias para solicitação de abertura de dissídio coletivo realizadas pelos químicos de São Paulo neste período. O sindicato não se envolveu na mobilização e na organização do movimento. Mas, se para o sindicato a greve não era digna ao menos de uma menção, para a Nitro Química era razão de visível preocupação. A não adesão de seus trabalhadores ao movimento era motivo de alívio e editorial de primeira página no *Nitro Jornal*:

"Foi para nós motivo do mais intenso júbilo constatar que, enquanto no centro da cidade, milhares de operários entravam em greve, com enormes prejuízos pessoais dos grevistas, com perda dos empregadores, e com atraso do progresso de São Paulo; enquanto tornava-se indispensável a intervenção da polícia para evitar atentados à propriedade particular; enquanto choques ocorriam, violências e arbitrariedades se sucediam de ambos os lados, esta plêiade de empregados da Companhia Nitro Química Brasileira dava, de público, uma lição de ordem, de disciplina, de ponderação, demonstrando alta confiança na Nitro, certos que a diretoria desta última, como sempre o fez, compareceria, no devido tempo, com o prêmio justo e merecido a todos os obreiros do progresso da Nitro Química".⁷²

A insatisfação salarial dos trabalhadores e a possibilidade de expansão da greve para seus domínios obrigou a direção da empresa a uma rápida ação e acordo por intermédio do sindicato. Em um período de grandes investimentos para sua expansão, de forte controle de sua mão-de-obra através da repressão interna, do incremento de políticas de benefícios, de

⁷¹ Sobre a greve de 1953 ver o já clássico estudo de José Álvaro Moisés, *Greve de massa e Crise Política (estudo da Greve dos 300 mil em São Paulo-1953-54)*, São Paulo, Pólis, 1978 e a mais recente e inovadora análise do movimento realizada por COSTA, op.cit., p.163-198.

⁷² RAGAINI, Alvaro. "Evolução da Paz Social no Brasil" In: *Nitro Jornal*, nº 5, maio de 1953.

um pesado discurso baseado na construção da harmonia social na empresa e de bom relacionamento com o sindicato da categoria, era imperioso para a Nitro Química impedir que o germe da greve contaminasse seus operários questionando sua dominação. A pressão da greve paulistana obrigava a empresa a ir um pouco mais além do que ela normalmente faria. Assim:

"empregados e empregador, acertaram as bases finais do aumento de salários, que não será nunca inferior a 25% e não ultrapassará a 40% dos salários atuais, com vigência desde março passado (...)"⁷³

Os trabalhadores, porém, pareciam muito desconfiados da palavra da empresa e do sindicato, pois para fechar o acordo foi necessário que o próprio diretor geral da companhia se dignasse a comparecer em uma assembléia, como o próprio jornal reconhece:

" (...) o que muito concorreu para acelerar esse resultado foi nosso diretor, Dr. Kiehl, comparecer à assembléia dos empregados, pois sabia, sentia que tal fato evitaria inúteis perdas de tempo e propiciaria o mais perfeito, completo e harmonioso entendimento e a compreensão e reconhecimento dos demais diretores, notadamente do Exmo. Sr. Dr. José Ermírio de Moraes, diretor superintendente".⁷⁴

Fechado o acordo, era necessário capitalizá-lo como mais uma demonstração do exemplo que aquela companhia e seus trabalhadores davam para a "Evolução da Paz Social no Brasil":

"Ultimados os entendimentos(...) [a direção da Nitro Química] ofereceu na sede de campo do clube, uma chopada após um jogo de futebol entre escritório e fábrica, que seria realizado no domingo. Neste dia, uma bela manhã de sol, em festa de confraternização geral, *outra surpresa ocorreu*.

Os empregados agradecidos, haviam se cotizado e adquiridos dois mimos, que foram entregues em cerimônia simples, mas enternecedora, aos dois líderes desse grande movimento: um, nosso diretor Dr. Marcello Milliet Kiehl, outro, o sr. Vinícius R. Bueno,

⁷³ Idem, *ibidem*.

⁷⁴ Idem, *ibidem*. (grifos meus).

presidente do Sindicato dos Químicos de São Paulo. Encerrado o dia houve a chopada, enormemente concorrida e que selou com fecho de ouro os entendimentos felizes entre empregados e empregadores, resultando daí uma magnífica lição de quanto vale o respeito mútuo, a harmonia, a boa vontade e a dedicação entre uns e outros".⁷⁵

O resultado das negociações de abril de 1953 consolidaram a lua-de-mel entre as direções do sindicato e da empresa. Alguns meses depois, por exemplo, o *Nitro Jornal* anunciava a lista de funcionários da empresa que haviam concluído "o curso de Legislação Trabalhista promovido pelo Serviço Social da indústria *em colaboração com o Sindicato dos Químicos*"⁷⁶. A própria construção de uma nova sub-sede do sindicato em São Miguel contaria com o apoio do engenheiro Marcelo Kiehl, que se comprometeu a encaminhar a aprovação da planta do prédio na prefeitura⁷⁷. Numa nova reunião entre sindicalistas, dirigentes empresariais e trabalhadores em 1954, um ano após o encontro citado acima, diante do comunicado da Nitro anunciando uma antecipação do novo salário mínimo de 20%, o presidente do sindicato agradeceu e

"enalteceu a atitude da diretoria da Nitro Química Brasileira, proporcionando a seus empregados esse aumento, fazendo sentir a liberalidade da mesma ultrapassando os cálculos oficiais que reputavam o aumento do custo de vida nesse período em 16,06%".⁷⁸

Evidentemente alguns acontecimentos extrapolavam o controle da empresa e do sindicato. O suicídio de Vargas em 1954, por exemplo, provocou uma comoção geral em todo o país e grandes manifestações populares nas principais cidades brasileiras⁷⁹. Na Nitro Química, ao se espalhar a notícia pela fábrica na manhã do dia 24 de agosto, os postos de trabalho foram sendo paulatinamente abandonados e uma grande concentração de

⁷⁵ Idem, *ibidem*. (grifos meus).

⁷⁶ *Nitro Jornal*, nº 7, julho de 1953.

⁷⁷ Livros de Atas de Reuniões da Diretoria do STIQFSP, nº 2, 08 de março de 1955, folha 30b.

⁷⁸ ALMEIDA, Cândido Pinto. "Exemplo a ser imitado" In: *Nitro Jornal*, nº 16, abril de 1954.

⁷⁹ Ver FERREIRA, Jorge. "O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto" In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Vargas e a Crise dos Anos 50*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

trabalhadores tomou conta da principal praça do bairro protestando contra a ação das forças políticas que levaram Getúlio à morte. Provavelmente espontâneas, a paralisação e a manifestação contaram com o suporte do Partido Comunista⁸⁰ que procurava se reestruturar no bairro e na fábrica,

"(...) foi em 54 a morte do Getúlio Vargas, então nós fizemos grandes passeatas em São Miguel (...) fechamos o comércio, bandeira na rua. Paramos São Miguel mesmo (...)"⁸¹

Em meados de 1954, Adelço de Almeida, então secretário político da célula do Partido Comunista do bairro do Tatuapé foi designado pela direção municipal do partido para atuar em São Miguel Paulista. Preocupada com a desestruturação partidária no bairro, a direção considerava que Almeida, um experimentado militante operário, teria o perfil adequado para reorganizar o partido e aglutinar o contingente de simpatizantes existentes na região.

No segundo semestre daquele ano, Adelço conseguiria empregar-se na Nitro Química⁸². Temendo perder o emprego ou ser preso, passou a ter uma discreta, mas crescente militância no interior da empresa e no Sindicato dos Químicos:

"Eu entrei lá já diferente, falando a minha linguagem que era diferente, não era uma linguagem de espantar. Daqui a pouco eu estava fazendo uns recrutamentos para o partido (...) mas eu tinha muito cuidado porque eu não queria sair preso de lá (...) ninguém

⁸⁰ Antonio Carlos Félix Nunes em seu livro de memórias mostra como o PCB, apesar de estar na oposição a Vargas, rapidamente procurou aproveitar a comoção operária com a morte de Getúlio para convocar greves e grandes manifestações nos bairros operários de São Paulo. Conferir NUNES, Antonio Carlos Felix. *PC Linha Leste*, São Paulo, Livramento, 1980, p. 11-22. Em alguns lugares, porém, as sedes dos jornais do PCB chegaram a ser atacadas pela população.

⁸¹ Entrevista de Adelço de Almeida.

⁸² As razões da entrada de Adelço na Nitro são controversas. Almeida afirmou ao autor que avaliando as condições para uma atuação do partido no bairro, seria muito difícil não procurar ter uma militância a partir do interior da empresa. Além disso, o partido não teria condições financeiras de mantê-lo e à sua família. Daí seu interesse em empregar-se na Nitro Química. No entanto, a direção municipal considerava muito difícil a militância dentro desta fábrica devido à repressão, infiltração policial e a consequente perda constante de quadros políticos e assim desaprovava a entrada de Adelço na empresa. Segundo esta versão, Almeida teria conseguido empregar-se na Nitro desrespeitando uma decisão partidária. A grande maioria dos entrevistados, entretanto, afirmou que Adelço de Almeida foi trabalhar na Nitro sob orientação e ordens do PCB.

gosta de sair preso. Em primeiro lugar tinha o papel ideológico, de desmoralizar o partido. Depois, as torturas não eram brincadeira".⁸³

Prevalecendo-se de um trabalho mais estruturado na Nitro Química e certamente do clima de maior liberdade de ação para o partido na segunda metade dos anos cinquenta no governo de Juscelino Kubitschek⁸⁴, o PCB voltou a se organizar e crescer em São Miguel Paulista. Atento às atividades do partido no meio operário, o Dops em relatório de outubro de 1955 atentava para o fato que:

"O jornal comunista *Notícias de Hoje* de 20/08/1955 deu publicidade a uma nota, segundo a qual em reunião realizada no dia 15 daquele mês, na Nitro Química, constituiu-se o núcleo do MNPT⁸⁵ naquela indústria, sendo escolhido para o cargo de secretário geral do mesmo Adelço de Almeida".⁸⁶

É bastante provável que este núcleo tenha sido o embrião da retomada da célula de base do PCB na Nitro⁸⁷ e da formação de uma série de militantes que pouco depois assumiriam a diretoria do sindicato ou as tarefas de delegados sindicais e a linha de frente das lutas operárias na empresa

Disputas sindicais

Além de procurar reestruturar-se em São Miguel Paulista e na Nitro Química, o PCB tentava ocupar alguns espaços possíveis nas direções sindicais através de jovens militantes

⁸³ Entrevista de Adelço de Almeida.

⁸⁴ Ver BENEVIDES, Maria Victória. *O Governo Kubitschek- Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política (1956-1961)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p.95-101.

⁸⁵ Movimento Nacional Popular Trabalhista, organização que contou com a participação do PCB para apoiar a candidatura de Juscelino Kubitschek nas eleições presidenciais de 1955.

⁸⁶ Dossiê 30C 1 16638 - Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops -SP.

⁸⁷ No processo de nº 60 de 1975 do Supremo Tribunal Militar movido contra 76 pessoas acusadas pelo "crime previsto no artigo 43 do decreto-lei 898/69 -fazer funcionar o extinto Partido Comunista Brasileiro" em São Miguel Paulista são feitas várias referências a célula do PCB na Nitro Química da segunda metade dos anos 50 até 1964. Quase todos os militantes mais antigos haviam pertencido ou iniciado suas atividades políticas nesta célula de base. Conferir Acervo Brasil Nunca Mais (BNM) caixa 26 - Folhas 7 a 119 e 532 a 612 - Arquivo Edgar Leuenroth.

pouco conhecidos da polícia e dos patrões. Foi desta maneira que, nas eleições do Sindicato dos Químicos em novembro de 1954, Manoel Montanhani, trabalhador da empresa Arthur Viana de fabricação de adubos, integrou-se ao comando da entidade, como suplente da diretoria, convidado pelos próprios membros da antiga direção, impressionados por sua disposição e assiduidade às assembléias⁸⁸. Alguns meses mais tarde, Montanhani seria registrado em sua ficha no Dops como: "um dos mais ativos e perigosos subversivos comunistas do bairro de Vila Carioca"⁸⁹.

Além dessa presença "enrustida" de um comunista, a nova chapa eleita trazia mais uma novidade em relação às duas diretorias anteriores. Refletindo, provavelmente, as tentativas do grupo político que compunha a direção sindical de firmar bases em São Miguel, a vice-presidência era ocupada por um trabalhador da Nitro Química, o mesmo diretor que já havia feito parte do Conselho Fiscal da entidade, Abílio Valentim da Silva.

A gestão sindical iniciada em 1954 foi marcada por uma série de desavenças internas e disputas que levaram à divisão da própria diretoria eleita e à constituição de uma oposição solidamente alicerçada nos trabalhadores da Nitro Química e com forte presença comunista. Já em 1955, uma crise interna era desencadeada. Alegando problemas pessoais, "a necessidade de prosseguir seus estudos de advocacia", o presidente do sindicato, Vinicius Rodrigues Bueno pedia afastamento do cargo e indicava como sucessor o suplente Hermes Benatti. A decisão, aprovada pela maioria da diretoria, feria os estatutos, já que quem deveria assumir seria o vice, Abílio Valentim. O núcleo dirigente do sindicato temia passar a presidência para um membro da Nitro, mesmo que até ali aliado, já que esta alteração poderia significar o fortalecimento deste e de um latente sentimento oposicionista e uma possível mudança na correlação de forças interna.

A exclusão do representante de São Miguel na sucessão deu início a um processo de conflito progressivo na diretoria e a crescentes restrições dos associados da Nitro Química

⁸⁸ Conferir TROYANO, *op. cit.*, p.121.

⁸⁹ Dossiê 30C 1 16638. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops - SP.

em relação àquela diretoria. Em junho do mesmo ano as objeções já eram visíveis em reuniões de diretoria:

"fez uso da palavra o Sr. Abílio Valentim da Silva, vice-presidente, abordando o assunto referente ao acordo da Cia. Nitro Química Brasileira e o sindicato sobre o aumento dos funcionários da referida Cia., o qual ficou paralisado, sem solução alguma da parte do presidente. Havendo [então] calorosos debates entre os diretores condenando a inércia do Sr. presidente".⁹⁰

Em abril do ano seguinte, após novos conflitos, Hermes Benatti foi afastado do cargo de presidente sob a alegação de que não mais pertencia à categoria química e farmacêutica e sim ao Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Material Plástico de São Paulo. Os trabalhadores do setor plástico tinham se desligado do Sindicato dos Químicos e formado sindicato próprio no final de 1954. Abílio Valentim da Silva assumiu então a presidência e as disputas políticas na diretoria atingiram o seu ápice.

Naquela altura, faltando cerca de seis meses para uma nova eleição no sindicato, já era visível a articulação de uma oposição estruturada principalmente pelos comunistas a partir dos trabalhadores da Nitro Química. As discussões tornavam-se cada vez mais violentas entre os diretores. Polarizavam os debates principalmente Manoel Montanhani e Reinaldo dos Santos. Santos era o principal remanescente do grupo que havia tomado o poder no sindicato com a intervenção em 1947. Acumulava as funções de diretor com as de secretário administrativo, de onde, de fato, controlava as finanças da entidade. Para a oposição era fundamental neutralizar seu espaço de atuação política. Assim,

"nós fizemos uma armação, uma conspiração muito forte e usamos o Montanhani, porque ele era o diretor do sindicato. Era suplente, mas forçava a participação dele em todas as reuniões e provocava o Reinaldo".⁹¹

⁹⁰ Livro de Atas de Reuniões de Diretoria do STIQFSP, nº 2, 7 de junho de 1955, folha 33a.

⁹¹ Entrevista de Adelço de Almeida.

Em uma reunião de diretoria no dia 20 de julho de 1956,

"Montanhani afirmou que o Reinaldo denunciava os operários da Matarazzo e da Nitro (e era verdade). Aí o Reinaldo deu um soco nele e foi o maior 'fuzuê'. O Montanhani foi na *Última Hora*, registrou, tirou fotografia do machucado e tudo, pôs na nossa mão, na mão do pessoal do partido e nós... campanha contra o Reinaldo"⁹².

A artimanha adotada para isolar a principal figura do bloco até então dominante na direção sindical deu resultado. Reinaldo dos Santos foi suspenso e o sindicato convocou uma assembléia para resolver a questão. A assembléia, convocada para o dia 15 de setembro, reproduziu as disputas da diretoria do sindicato. Após as intervenções de Montanhani e Santos, "acalorados debates" polarizaram a reunião. Augusto Ferreira de Lima, um dos associados presentes, aumentou o calor da discussão, quando,

"solicitou aparte ao Sr. Reinaldo dos Santos, para dizer que o citado senhor foi visto em determinada ocasião no recinto da Cia. Nitro Química Brasileira em companhia muito cordial com os Srs. diretores da mesma empresa, dando a entender não muito interesse pela causa dos trabalhadores".⁹³

Além das denúncias políticas havia também a informação de que Santos não possuía, desde 1947, autorização formal para afastar-se da empresa onde trabalhava, estando, portanto, sem ligações profissionais com a categoria há anos. Diante disto, a assembléia decidiu pela cassação de seu mandato por 114 votos a favor e 19 contra.

Dois meses depois eram realizadas novas eleições para a diretoria do sindicato. Abílio Valentim Ferreira encabeçava uma chapa, composta pelos comunistas e simpatizantes, alicerçada principalmente a partir dos trabalhadores da Nitro Química⁹⁴.

⁹² Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁹³ Livro de Atas de Assembléias Gerais do STIQFSP, nº 2, 15 de setembro de 1956, folha 11a. Conferir também TROYANO, op. cit., p. 120.

⁹⁴ Segundo Adelço de Almeida a composição dos titulares da chapa era de "4 comunistas para 3 que não eram nada, mas eram mais simpatizantes da gente [dos comunistas]".

Reinaldo dos Santos e outros antigos diretores, procurando retomar o poder perdido, também montaram uma chapa, mas foram fragorosamente derrotados nas urnas⁹⁵. A chapa 1 de oposição obteve 1.770 votos, ou 91,9% dos votos válidos, enquanto a chapa 2 obteve 155, ou seja os 8,1% restantes.

A derrota eleitoral do grupo que assumiu a direção sindical em 1947, com a intervenção governamental, encerrava um ciclo de nove anos na vida política do Sindicato dos Químicos de São Paulo. O eixo de atuação do sindicato voltava novamente para sua principal e mais ativa base: os trabalhadores da Cia. Nitro Química Brasileira.

Sindicato, trabalhadores e "assistencialismo"

São bastante recorrentes nos depoimentos de antigos operários da Nitro Química e na leitura das atas de reuniões da diretoria e assembléias do sindicato, as referências às atividades de assistência e lazer para os trabalhadores de São Miguel Paulista.

Ao longo dos anos quarenta e cinquentas, o sindicato ofereceu uma série de serviços de auxílio aos operários da região. Já em 1942, na recém inaugurada sub-sede da entidade no bairro, instalava-se um setor de assistência médica e dentária para os associados. Também na década de quarenta iniciou-se a prática de plantões semanais do advogado do sindicato para atendimento dos operários da Nitro.

Estes serviços eram largamente utilizados pelos trabalhadores, mas, era a escola de alfabetização "Presidente Getúlio Vargas", o principal e mais famoso instrumento de assistência do Sindicato dos Químicos. Verdadeiro orgulho de todas as diretorias do sindicato até 1964, quando foi fechada, a manutenção da escola era preocupação constante

⁹⁵ Relatório secreto do Dops de 12/11/1956 descrevia assim as chapas que disputavam as eleições do Sindicato dos Químicos: "Em sua propaganda a chapa nº 1 promete transformar o sindicato em fiel lutador de classe - e não em instrumento patronal - quando surgirão lutas por aumento de salários, participação nos movimentos operários, luta por congelamento de preços, contra a lei 9070, *campanhas nitidamente orientadas pelo PCB*. A chapa nº 2, candidata à reeleição, é composta em sua maioria de elementos ocupantes de cargos de chefia". Conferir Dossiê 50Z 0 3343A. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops - SP (grifos meus).

em reuniões e assembléias. Sua existência, ao que parece, era fator importante de atração dos operários para o sindicato:

"Eu na medida que entrei na empresa, eu já entrei no sindicato, porque eu precisava de estudar e como tinha a escola no sindicato, eu passei a estudar no sindicato".⁹⁶

Atuando em uma comunidade bastante pobre e carente de recursos, tornava-se prática comum dos sindicalistas a promoção de coletas e campanhas de ajuda aos trabalhadores e suas famílias. O Natal era, em geral, o período escolhido para realizar estas atividades. Em novembro de 1950, um associado já inquiria a recém eleita diretoria sobre "quais as medidas que serão tomadas para organizar a festa de Natal em São Miguel Paulista, que agora já é tradicional"⁹⁷ e onde seriam

"distribuídos pela diretoria, presentes, doces e pedaços de fazenda aos filhos dos associados do sindicato, moradores em São Miguel Paulista".⁹⁸

Mas, não apenas as atividades de auxílio e educação eram promovidas em São Miguel pelo sindicato. As atividades de lazer foram prática comum, e festas e bailes, por exemplo, eram constantemente realizadas. A escolha anual no mês de maio da "Rainha dos Trabalhadores" era um evento concorridíssimo no bairro.

"Aonde tem o mercado hoje era a sede do sindicato. Ali nós fizemos um concurso de beleza, elegemos um bocado de moças como as mais belas da Nitro Química e de São Miguel também, tudo misturado. Até tinha uma pernambucana, a Francisca, que a gente elegeu como a mulher mais bonita, e ela era bonita mesmo, a danada".⁹⁹

⁹⁶ Entrevista de Osvaldo Lino.

⁹⁷ Livro de Atas de Reuniões da Diretoria do STIQFSP, nº 2, 25 de novembro de 1950, folha 15b.

⁹⁸ Livro de Atas de Reuniões da Diretoria do STIQFSP, nº 2, 2 de dezembro de 1951, folha 27b.

⁹⁹ Entrevista de Geraldo Rodrigues de Freitas.

A criação de um aparato assistencial e a prática de atividades voltadas ao lazer nos sindicatos a partir dos anos trinta e quarenta foram muitas vezes analisadas pelos cientistas sociais e historiadores brasileiros como prova de que, com a implantação da estrutura sindical corporativa, o Estado conseguiu desviar as entidades sindicais de sua vocação combativa e reivindicatória. A assistência serviria, assim, para reforçar a tutela estatal sobre os sindicatos, descaracterizando-os como instrumento de luta e evidenciando as debilidades do sindicalismo nacional.

Não nos parece suficiente esta explicação para a análise das atividades do sindicato em São Miguel Paulista. A assistência não deve ser vista apenas como algo imposto "de fora" aos trabalhadores pelo Estado. A dissertação de mestrado de Alexandre Fortes chama a atenção para, como em inúmeras experiências históricas, atividades de auxílio e beneficência fizeram parte da cultura dos trabalhadores e de suas organizações, tendo provavelmente relações com as práticas de solidariedade tradicionalmente exercidas por estes¹⁰⁰. É razoável supor que tais práticas fossem bastante corriqueiras em uma comunidade operária, migrante e pobre em um bairro afastado do centro da cidade e com pouquíssimos recursos de infraestrutura como era São Miguel ao longo dos anos quarenta e cinquenta.

Como o mesmo autor observa, entretanto, há uma importante diferença entre as atividades assistenciais institucionalizadas no sindicato e estas práticas de solidariedade operária. Os aspectos fortemente participativos desta são substituídos por uma série de serviços que passam a ser oferecidos, prescindindo da ação coletiva dos trabalhadores em um processo de "mercantilização da assistência"¹⁰¹.

No caso do Sindicato dos Químicos, em São Miguel, é preciso considerar, porém, o impacto desta assistência, mesmo "mercantilizada", sobre os trabalhadores em uma

¹⁰⁰ Alexandre Fortes nos oferece uma análise bastante interessante e instigante sobre o "lugar da assistência" nas entidades sindicais, questionando alguns pressupostos "clássicos" dos estudos sobre este tema. Conferir FORTES, Alexandre. *"Buscando os nossos direitos..." Trabalhadores e Organização Sindical na Porto Alegre de 1933 a 1937*. Dissertação de mestrado. Campinas, Unicamp, 1994, p.153-179.

¹⁰¹ FORTES, op.cit., p. 175.

comunidade isolada e fortemente dominada pela ação da empresa¹⁰². As atividades assistenciais do sindicato surgiam, então, como um contraponto e alternativa aos serviços prestados pela Nitro Química. Os setores médicos e odontológicos do sindicato, inclusive, antecedem aos da companhia. De certa forma, podemos afirmar que houve uma "disputa pela assistência" entre o sindicato e a fábrica.

Obviamente, todo o aparato montado a partir de meados da década de quarenta pela Nitro Química, com seu serviço social exemplar e grandioso, era impossível de ser suplantado pelo sindicato. Ainda assim, chama a atenção o fato de que dois serviços não oferecidos pela companhia, a escola de alfabetização e a assistência jurídica, permanecessem bastante utilizados pelos operários ao longo dos anos cinquenta e, mesmo os setores de auxílio à saúde, fartamente ofertados pela Nitro, também tivessem bastante demanda na sub-sede.

As "disputas pela assistência" ficam ainda mais claras quando observamos as atividades do Círculo Operário de São Miguel Paulista (COSMP). Contando com o permanente auxílio político e material da empresa, interessada em frear as influências da esquerda sobre seus empregados, o Círculo tinha dificuldades, portanto, de ser visto pelos operários como uma entidade autônoma. Para a maior parte dos trabalhadores da Nitro, o Círculo Operário era uma espécie de departamento extra da companhia encarregado pela prestação de diversos serviços. Havia, desta forma, uma identificação quase que automática do COSMP com a Nitro Química:

"A empresa tinha uma espécie de associação com o Círculo Operário, que funcionava no centro de São Miguel, em frente a farmácia São José. Nós (...) podíamos frequentar os cursos que eles ofereciam. Foi lá que eu aprendi a costurar e datilografar".¹⁰³

¹⁰² Sobre uma situação semelhante em Paulista, José Sérgio Leite Lopes afirma que a importância das atividades "assistenciais" do sindicato "transcende a materialidade do serviço prestado para ter repercussões sobre a associatividade dos operários numa cidade monopolizada numa fábrica intervindo em todas as esferas da vida produtiva de seus operários e habitantes. À assistência médica da companhia (...) o sindicato contrapõe a sua própria assistência (...)". Conferir LEITE LOPES, op.cit., p. 332.

¹⁰³ Entrevista de Catarina de Jesus Crusato Cano.

Não eram essas apenas as atividades proporcionadas pelo COSMP. Enry Saint' Falbo, presidente da entidade, descrevia em entrevista na "página circulista", seção permanente do *Nitro Jornal*, algumas outras vantagens oferecidas:

"As regalias no campo assistencial-educativo são as seguintes: a) desconto de 20% nas farmácias da Nitro Química e na Drogadelli; b) desconto de 40% nas consultas médicas feitas na Clínica Médico-Cirúrgica; c) gabinete dentário - descontos (...); d) *assistência jurídica, por intermédio da Federação dos Círculos Operários*; e) escola de corte e costura (...); f) *curso de alfabetização noturno*; g) arte culinária; h) curso de datilografia. (...)

Aproveito esta oportunidade para agradecer de público à diretoria da Companhia Nitro Química Brasileira (...) pela ajuda irrestrita e permanente tanto no campo moral como material, sempre prestada ao Círculo Operário".¹⁰⁴

O Círculo procurava concorrer diretamente com as atividades prestadas pelo sindicato, como as de assistência jurídica e alfabetização¹⁰⁵. Entretanto, segundo vários depoimentos, eram justamente estas algumas das atividades menos prestigiadas da entidade.

"O Círculo... Aquilo ali era manobrado pela organização da empresa. Os operários participavam pouco. Quem ia mais era encarregado, chefe, administração. Operário mesmo era difícil".¹⁰⁶

Esta desconfiança quanto a uma entidade tão assumidamente próxima ao patronato, não impedia a participação em festas ou cursos de interesse dos operários, mas, certamente, dificultava uma aproximação, quando o assunto a ser tratado fosse, por exemplo, um processo judicial (muitas vezes movido contra a própria empresa)¹⁰⁷.

¹⁰⁴ *Nitro Jornal*, nº 48, fevereiro de 1956 (grifos meus).

¹⁰⁵ Durante os anos cinquenta, o Círculo Operário de São Miguel realizou uma série de campanhas dirigidas às crianças pobres do bairro bastante semelhantes às realizadas pelo sindicato até o início da década, utilizando inclusive os mesmos *slogans* e métodos.

¹⁰⁶ Entrevista de José Ferreira da Silva.

¹⁰⁷ José Ricardo Ramalho também mostra uma desconfiança dos trabalhadores, no caso da FNM, em relação ao Círculo Operário local, devido a proximidade deste com a administração da empresa. Conferir RAMALHO, op.cit., p. 191.

Finalmente, merecem destaque as festas e bailes realizados pelo sindicato. A promoção de tais eventos, não por coincidência, ocorreu nos momentos de maior ativismo e participação dos trabalhadores. Os períodos do pós-guerra até a intervenção em 1947 e os anos entre 1957 e 64 foram repletos de festividades. Nestes momentos, o sindicato tornou-se um espaço importante de sociabilidade entre os trabalhadores. As festas, os piqueniques, as excursões a Santos, entre outras atividades recreativas que reuniam os operários e suas famílias, reforçavam a entidade como uma organização inserida na cultura da classe, ocupando um espaço da vida social dos trabalhadores¹⁰⁸.

¹⁰⁸ A esse respeito ver PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte. "De operários navais a metalúrgicos: experiência de classe e identidade política entre trabalhadores da indústria naval do Rio de Janeiro" In: ABREU, op.cit., p. 18.

CAPÍTULO 5

"A BATALHA DE SÃO MIGUEL"

A greve dos trabalhadores da Nitro Química em 1957

A nova diretoria do sindicato e os antecedentes da greve

A nova diretoria do Sindicato dos Químicos, que tomou posse em novembro de 1956, procurou desde o início de sua gestão diferenciar-se das direções anteriores, adotando uma postura mais agressiva diante do empresariado do setor e buscando aproximar-se mais das demandas e interesses da categoria. A anterior política predominante de assembleias setoriais ou por empresa objetivando a delegação ao sindicato de autorização para dissídio coletivo foi sendo paulatinamente substituída por assembleias de caráter geral e por processos de negociação que envolvessem ao máximo os trabalhadores.

Assim, logo na primeira assembleia geral convocada após a eleição, o novo tesoureiro eleito, Manoel Montanhani, discordando do advogado do sindicato, afirmava que:

"somente em último caso o sindicato entrará com pedido de dissídio coletivo, pois o mesmo pouco benefício trará à classe".¹

A grande maioria das datas-base dos acordos firmados pela antiga diretoria ainda era de 1955, o que, no quadro de inflação crescente do período, representava um grande foco de insatisfação de vários setores da categoria devido às perdas salariais acumuladas e exigia uma ação imediata do sindicato. Ao invés de priorizar acordos por empresa, a nova diretoria buscava firmar contratos com os sindicatos patronais. Os efeitos iniciais parecem ter sido positivos. Pouco mais de um ano após a posse, por exemplo, o jornal comunista *Notícias de Hoje* comemorando os bons resultados da nova gestão comentava que em relação às negociações coletivas:

"Atualmente só restam acordos celebrados por empresa (o que era quase geral anteriormente) na Nitro, Matarazzo (setor de sabão e velas), Laboratório de Biologia e White Martins. Isso devido a acordos firmados após o novo salário mínimo e antes da posse da atual diretoria. Com os demais setores patronais, em número de oito,

¹ Livro de Atas das Assembleias Gerais do STIQFSP, nº 2, 15 de dezembro de 1956, folha 14a.

estão estabelecidos acordos intersindicais. Isso unifica mais os trabalhadores e lhes dá mais força para obter suas reivindicações".²

Para acompanhar este novo tipo de atividade da entidade e os novos processos de cumprimento da legislação trabalhista que o sindicato pretendia abrir, a direção decidiu pela substituição do antigo advogado, que prestara serviços durante todo o período anterior. Para seu lugar foi contratado Walter Sampaio, advogado trabalhista ligado ao Partido Comunista, com larga experiência em entidades sindicais.

Outra questão que preocupou a nova direção durante o início de sua gestão foram as tentativas de divisão da categoria empreendidas por alguns dos antigos diretores derrotados nas urnas. Reinaldo dos Santos, Luiz Gonzaga Braga e Aurélio Sintoni tentavam formar uma associação específica para os trabalhadores do setor farmacêutico com autorização da DRT para futuramente solicitar pedido de registro como sindicato deste setor da categoria química. Atentos a essas iniciativas divisionistas, a diretoria do sindicato colocou o assunto na pauta de várias assembléias, aprovando o repúdio ao esfacelamento da categoria. A ação dos antigos diretores, entretanto, não prosperou. Com pouca representatividade, eles não conseguiram reunir apoio suficiente em um momento de crescente aprovação dos trabalhadores à nova gestão. Na assembléia especialmente convocada para a fundação da referida associação, o sindicato conseguiu levar um grande número de trabalhadores ligados às suas posições e, assim, aprovaram a desconvoação da assembléia. No final do ano, o secretário geral do sindicato, em viagem ao Rio de Janeiro, conseguiu arrancar do então vice-presidente João Goulart e do Ministério do Trabalho o compromisso de que estes não apoiariam e sim vetariam qualquer tentativa de registro de qualquer associação na base dos químicos paulistanos.³

Em março de 1957, pela primeira vez desde os anos quarenta, a diretoria começava a estruturar uma nova campanha de sindicalização procurando aproximar mais a categoria da

² *Notícias de Hoje*, 26 de janeiro de 1958.

³ Luiz Gonzaga da Silva e Reinaldo dos Santos, comprovando suas vocações intervencionistas, voltariam à diretoria do Sindicato dos Químicos como membros da Junta Interventora que assumiu a direção da entidade com o golpe de 1964.

vida sindical e ampliar o número de sócios. Temas da conjuntura política, até então nunca debatidos nas assembléias, passaram a ter importância crescente nas reuniões dos trabalhadores químicos. Logo no início de 1957, a diretoria propunha a adesão do sindicato ao Pacto de Unidade Intersindical (PUI) sob o argumento da necessidade de ampliar e unificar a luta dos trabalhadores. A proposta foi aprovada por unanimidade em assembléia⁴.

Aprensivos com "a nova linha de atividades" do Sindicato dos Químicos, os agentes do Dops encarregados de acompanhar a entidade, chamavam a atenção para a influência que os comunistas estariam exercendo sobre o presidente Abílio Valentim da Silva, que "não teria muitos pendores para a atividade político-sindical". A adesão ao PUI e a contratação de Walter Sampaio, "um nome que magistralmente soube dirigir os trabalhos de iniciação dos laticínios nas lutas operárias, quando da greve daquela entidade de classe pró-aumentos de salários", seriam as provas definitivas de que, aproveitando-se da ingenuidade e "boa-fé" de Valentim da Silva⁵, os "vermelhos" começavam a dominar a entidade. O relatório era encerrado prevendo problemas para o futuro, pois:

"conclui-se daí que, este sindicato (até então quase sem grande evidência, com poucas reuniões, etc) já começou a sua nova linha de atividade, sob a orientação dos comunistas, o que não deixa de representar uma considerável força para as lutas futuras do PCB nos meios operários de São Paulo em próximas campanhas de reivindicações gerais para os trabalhadores"⁶.

De fato, a nova direção sindical, majoritariamente composta por comunistas preparava-se para as campanhas vindouras. A nova política de negociações, a adesão ao PUI, as mudanças na área jurídica e a procura de maior visibilidade das ações da entidade faziam parte dessa "nova linha de atividade", que buscava uma maior representatividade junto aos trabalhadores e o conseqüente fortalecimento do sindicato.

⁴ Livro de Atas das Assembléias Gerais do STIQFSP, nº 2, 24 de janeiro de 1957, folha 18a.

⁵ As preocupações do Dops aumentariam mais ainda quando Abílio Valentim da Silva, com uma série de problemas particulares, acaba afastando-se da presidência do sindicato. Adelço de Almeida, vice-presidente e conhecido militante do PCB, assumiu o cargo, sendo sucessivamente reeleito até ser cassado em 1964.

⁶ Dossiê 50Z 0 3343 C. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops - SP

Uma das características principais deste novo momento da trajetória do Sindicato dos Químicos foi a tentativa de enraizar a entidade nos locais de trabalho, possibilitando também uma maior democratização do próprio sindicato. Uma das primeiras ações da nova gestão do sindicato foi a eleição de delegados sindicais nas principais empresas da categoria.

"Quando a diretoria reuniu, porque isso aí [os delegados sindicais] já era estatutário, delegado de empresa está na Consolidação da Leis do Trabalho e o estatuto do sindicato tinha delegado de empresa. Então nós achamos que deveríamos aproveitar e aplicar tudo que estava nele".⁷

Assim, utilizando-se das justificativas presentes no estatuto do sindicato e na própria CLT, a nova direção do sindicato passou a priorizar uma política de escolha de representantes do sindicato nos locais de trabalho. "Eleição de delegados sindicais nas empresa" passou a ser um ponto de pauta comum nas ordens do dia das assembleias. Já em janeiro de 1957, Abílio Valentim da Silva, numa assembleia, falava sobre "a eleição e finalidades dos delegados sindicais junto às empresas e logo após as suas palavras" era procedida a escolha de mais de trinta delegados sindicais.⁸

A Nitro Química foi certamente a empresa onde a organização e eleição de delegados sindicais mais prosperou. A ascensão das lutas operárias que a nova direção sindical representava tornava possível retomar alguns aspectos das experiências de organização nos locais de trabalho já realizadas na empresa. Durante os primeiros meses de 1957, o sindicato incentivou a eleição de delegados sindicais em várias seções da empresa. A reunião destes diversos delegados formava o conselho sindical, responsável por levantar as reivindicações e os problemas em cada seção, bem como por discutir e executar em conjunto com a direção sindical as ações na empresa.

"[Foi] formado o conselho sindical, que era uma coisa mais ampla, [reunindo] os delegados. Tiramos os delegados sindicais, naquela euforia que estava na época, aproveitamos a onda mesmo. Dávamos

⁷ Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁸ Livro de Atas das Assembleias Gerais do STIQFSP, nº 2, 24 de janeiro de 1957, folha 18a e 18b.

até carteirinha de delegado sindical. [Nós falávamos] para os companheiros elegerem lá um companheiro ou dois, ou quanto quiser numa seção para ser o delegado sindical, então eles elegiam lá e traziam os companheiros e ... carteirinha neles. Aí foi crescendo o conselho sindical, estourou delegado em tudo o que é lugar, aquilo chamou a greve".⁹

A presença dos delegados sindicais e a maior participação dos trabalhadores no processo de preparação e negociação foram os grandes diferenciais da campanha salarial na Nitro Química durante aquele ano de 1957. Devido aos acordos firmados no passado, a Nitro era uma das empresas com as quais o sindicato teria que negociar em separado das negociações com os sindicatos patronais. A nova orientação política da direção do sindicato aumentava as expectativas dos trabalhadores por um acordo mais favorável. Ciente de suas responsabilidades, a diretoria do sindicato procurou desde o início da gestão abrir um processo de negociação com o comando da empresa e preparar os trabalhadores para uma campanha mais participativa e agressiva.

Logo em janeiro de 1957, o sindicato decidia convocar a companhia na Delegacia Regional do Trabalho (DRT) para discutir os aumentos salariais. Procurando desde o princípio aumentar a pressão sobre a empresa, deliberava-se pelo "envio de uma carta ao presidente da República e ao ministro do Trabalho pedindo que os mesmos auxiliem na luta pelas reivindicações operárias".¹⁰

Dois meses depois era convocada a primeira assembléia em São Miguel Paulista. "A maior parte do tempo foi ocupada em queixas contra os dirigentes da Nitro Química"¹¹. A insatisfação dos operários, de fato, era crescente, já que até agora a empresa havia se mostrado intransigente quanto à aceitação de qualquer aumento salarial. A assembléia acabou determinando a proposta de reajuste salarial de

"40% em cima do salário recebido em agosto de 1956 e pela criação de uma comissão de funcionários que em conjunto com a diretoria

⁹ Entrevista de Adelço de Almeida.

¹⁰ Livro de Atas das Assembléias Gerais do STIQFSP, nº 2, 24 de janeiro de 1957, folha 17b.

¹¹ Dossiê 50Z 0 3343. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops - SP.

do sindicato manteria entendimentos diretos com a diretoria da empresa".¹²

A ação dos delegados sindicais já começava a tornar-se visível e os trabalhadores optavam por ampliar o máximo possível o processo de negociação, tornando, assim, mais transparentes as discussões com a companhia. Tal procedimento, porém, não foi suficiente para comover os diretores da Nitro. Em maio, numa nova assembléia no Cine São Miguel, os trabalhadores eram informados pela comissão eleita das dificuldades de negociação com os empresários. A reunião ocorrida entre as partes dias antes a convite do presidente do Tribunal Regional do Trabalho (TRT) não havia resultado em resolução do impasse. A companhia continuava negando-se a conceder qualquer reajuste. Os trabalhadores decidiam, então, incrementar ainda mais a mobilização no interior da fábrica e no bairro divulgando o andamento do processo negocial por meio de boletins e reuniões por seção e ampliando a pressão política sobre a empresa. No mesmo dia eram enviados ofícios solicitando audiências para uma comissão de operários e dirigentes sindicais com o prefeito Adhemar de Barros e com Horácio Lafer, um dos proprietários da indústria. Além disso, continuariam a exigir da DRT uma permanente fiscalização nos locais de trabalho a fim de constatar os índices de periculosidade e insalubridade nas empresas e assim, pleitear os adicionais nos salários previstos em lei.

O impasse e a intransigência patronal, entretanto, prosseguiram. Habituada a cômodos entendimentos com as direções sindicais anteriores, a empresa resolvera endurecer as negociações para fragilizar os novos dirigentes, não acreditando no seu efetivo poder de mobilização. Uma matéria na imprensa resumia da seguinte forma o estado de ânimo dos trabalhadores diante da intransigência da diretoria da Nitro Química às vésperas do movimento grevista:

"O movimento nasceu das perseguições incalculáveis e exploração desenfreada a que estão submetidos os trabalhadores dessa empresa. Esta se negava a reajustar os salários e mantinha a esmagadora

¹² Livro de Atas das Assembléias Gerais do STIQFSP, nº 2, 10 de março de 1957, folha 25a.

maioria ganhando o salário mínimo. Tangida pelo ódio aos trabalhadores e ao sindicato, agora em mãos de homens da confiança dos operários, pois a chapa atual havia surgido dentro da Nitro, a direção da empresa mantinha-se intransigente. Durante 10 meses, o sindicato procurou entendimento com a Nitro, sem obter qualquer resultado. Esse fato, conhecido pelos trabalhadores que participavam das negociações, aumentou a indignação existente e levou os operários a se unirem cada vez mais em torno do sindicato".¹³

Entrava o mês de outubro e a situação era tensa. Diante do poderio da companhia, a direção do sindicato e os próprios delegados sindicais hesitavam diante da possibilidade de uma paralisação. Porém, uma greve iniciada por seis categorias em São Paulo no dia 15 daquele mês criou condições para que a idéia de uma greve amadurecesse entre os trabalhadores da Nitro Química.

A greve dos 400 mil

Em outubro de 1957 as vozes dos trabalhadores paulistanos faziam-se ouvir mais altas, questionando o aparente consenso e estabilidade que pretensamente o governo do presidente Juscelino Kubitschek trouxera para o país. Durante dez dias, várias categorias profissionais alteraram a rotina da cidade paralisando suas atividades num amplo movimento grevista que ficou conhecido como "Greve dos 400 mil"¹⁴.

Desde o início do ano era crescente a insatisfação dos setores populares com os efeitos inflacionários da política econômica do governo. A convocação feita pelos sindicatos para as comemorações do dia 1º de Maio daquele ano teve como mote a luta contra a carestia. O PUI¹⁵ convocara manifestações públicas de protesto contra a alta do custo de

¹³ *Noticias de Hoje*, 26 de janeiro de 1958.

¹⁴ O movimento operário no governo JK infelizmente ainda foi pouco estudado. Sobre a greve de 57 ver LEITE, Márcia de Paula. "Trabalhadores, Sindicatos e Partidos: A greve de 1957 em São Paulo" In: *El Sindicalismo Latino Americano in los ochenta*. Santiago del Chile, Clacso, 1985, p. 235-244; MUNHOZ, Fábio Antônio. "Sindicalismo e Democracia Populista: A greve de 1957". São Paulo, Cedec, 1977; HARDING, Timothy Fox. *The Political History of Organized Labor in Brazil*. PhD, Stanford, 1973, p. 306-488.

¹⁵ Formado a partir das mobilizações da "Greve dos 300 mil" em 1953, o Pacto de Unidade Intesindical (PUI) foi a mais importante articulação entre os sindicatos paulistas na década de cinquenta. Reunindo as

vida. O recém criado Dieese¹⁶ calculava uma inflação de 43,2% entre julho de 1956 e julho de 1957 e o próprio FMI alertava para como o custo de vida brasileiro havia subido "em linha reta, pois tomando-se o ano de 1953 com um índice igual a 100, este ano ele teria saltado para 205"¹⁷.

Os salários eram as principais vítimas daquela aceleração inflacionária. O incremento da produtividade do trabalho, proporcionado pelo desenvolvimento industrial e tecnológico do período, também não era acompanhado pela remuneração operária contribuindo para um efetivo agravamento das condições de vida dos trabalhadores¹⁸. O quadro era ainda mais sombrio para várias categorias que não tinham obtido reajuste salarial desde 1955¹⁹. Como afirmavam vários sindicalistas, entre os quais Adelço de Almeida, presidente do órgão representativo dos químicos paulistanos,

"o fato é que a fome adentrou os lares mais humildes dos operários (...) conheço diversos operários, inclusive do nosso setor, que tem alimentado apenas uma vez por dia. E que comida. Nas mais das vezes um seco arroz com feijão. Outros passam a sanduiches. E posso garantir que não são poucos os operários que andam a pé quilômetros diariamente para chegar ao serviço, pois não tem dinheiro para a condução".²⁰

A proximidade das negociações das principais categorias profissionais no segundo semestre aumentava as expectativas dos trabalhadores e tornava a situação no interior das fábricas ainda mais tensa. Greves articuladas nos próprios locais de trabalho e independentes

mais expressivas e importantes entidades sindicais, o PUI teve papel destacado nas lutas e mobilizações operárias do período.

¹⁶ O Departamento Intersindical de Estatística e estudos Sócio-Econômicos (Dieese) foi fundado em 1955 por dirigentes sindicais ligados ao PUI. Visava contrapor-se através de estudos e pesquisas às informações fornecidas por órgão e entidades governamentais e empresariais, num momento onde era bastante comum a manipulação e ocultamento de dados e estatísticas, como havia ficado evidente na greve de 1953. Para um maior detalhamento da história do Dieese ver CHAIA, Miguel. *Intelectuais e Sindicalistas: A experiência do Dieese (1955-1990)*. São Paulo, Humanidades, 1992.

¹⁷ *Última Hora*, 8 de outubro de 1957 e *Tribuna da Imprensa*, 9 de outubro de 1957.

¹⁸ De acordo com Paul Singer, no período de 1949 a 1959 o salário médio real na indústria aumentou 31% enquanto o produto médio real da indústria se elevou em 138,5%. Conferir SINGER, Paul. *A Crise do "Milagre": Interpretação crítica da economia brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, p. 52.

¹⁹ Conferir MUNHOZ, op. cit., p. 23.

²⁰ *Última Hora*, 8 de outubro de 1957.

da ação dos sindicatos começavam a pipocar²¹. No final de setembro, os operários das indústrias de calçados entravam em greve pleiteando um reajuste de 45%. A adesão à paralisação foi maciça e diante da recusa patronal em negociar, o movimento só se encerrou após 18 dias, quando o Tribunal Regional do Trabalho decidiu por um aumento de 25% sem teto, considerado como uma grande conquista pelos trabalhadores do setor.²²

Em reunião convocada pelo PUI no dia 3 de outubro, outras categorias preparavam-se para desencadear campanhas salariais conjuntas. Nesta mesma reunião os sindicatos paulistanos dos têxteis, metalúrgicos, gráficos, dos mestres e contra-mestres da indústria de fiação e tecelagem e a Federação dos Trabalhadores Têxteis do Estado de São Paulo decidiam formar uma Aliança Intersindical por Aumentos de Salários e contra a Carestia e lançavam o seguinte manifesto:

"A Federação dos Trabalhadores Têxteis e os Sindicatos dos Têxteis, Metalúrgicos, Gráficos, Mestre e Contra-Mestres da Fiação e Tecelagem reunidos, após analisarem a atitude que vem sendo tomada pelos empregadores, concluíram que continuam eles demonstrando a mais absoluta intransigência. Assim, usam os padrões manobras para protelar os entendimentos e não assumem qualquer compromisso(...). concluímos que se torna necessária uma maior unidade entre os nossos setores e, assim, resolvemos: constituir uma aliança das nossas categorias, com o objetivo de lutarmos em conjunto pelas seguintes reivindicações: a) salários: aumento geral de 45% sem teto; b) carestia: lutar pela aplicação atual da tabela da COAP para o preço da carne e contra qualquer aumento dos preços dos gêneros, bens de consumo e utilidades em geral".²³

De fato, a recusa patronal em negociar já havia sido demonstrada na ausência de representação empresarial em diversas "mesas-redondas" de conciliação convocadas pela Delegacia Regional do Trabalho. Apesar disso, era possível perceber diferentes posições entre os vários sindicatos dos industriais. Os setores têxtil e gráfico apresentavam uma

²¹ Foi este o caso dos tecelões das indústrias Jafet e Labor no final de agosto e dos operários da fábrica Casimiras Adamastor em princípios de setembro. Conferir LEITE, op. cit., p. 237.

²² Conferir LEITE, op. cit., p. 237.

²³ *O Estado de São Paulo*, 04 de outubro de 1957.

postura mais irredutível, enquanto vários empresários do setor metalúrgico acenavam com possibilidades de reajuste de até 15%. Tais diferenças evidentemente refletiam também situações econômicas distintas dos diversos setores industriais. Particularmente a indústria têxtil atravessava um período de crise econômica e reestruturação bastante forte, o que somado à tradicional truculência dos empresários deste setor no trato de questões trabalhistas ajudava a compor um quadro de inflexibilidade acentuado.

A deflagração de uma greve de grandes proporções para o dia 15, data marcada pela Aliança Intersindical, parecia inevitável. Os preparativos para a parede seguiam adiantados nos vários sindicatos, enquanto outras categorias como os trabalhadores nas indústrias de papel e papelão, curtume e os vidreiros discutiam sua adesão ao movimento. Muitas indústrias procuravam preparar-se para a greve ordenando a intensificação da produção para que com a manutenção de estoques elevados fosse possível resistir a uma possível longa paralisação de atividades. Em várias fábricas os operários denunciavam que "estão dobrando os serviços com a obrigatoriedade de cada trabalhador fazer horas-extras"²⁴.

Às vésperas do dia 15 de outubro o próprio ministro do Trabalho, Parsifal Barroso, vinha a São Paulo numa última tentativa de impedir a eclosão do movimento. Diante de 110 dirigentes sindicais, o ministro tentava convencê-los a adiar a greve. Reconhecia a intransigência patronal e a atribuía ao intuito dos industriais em "forçar o governo a mudar sua política econômico-financeira anti-inflacionista".²⁵

As insinuações de que a parede na verdade atenderia aos interesses patronais não convenceu os líderes dos trabalhadores e a missão ministerial acabou sendo um retumbante fracasso. Entre os dias 13 e 14, todas as assembleias sindicais ratificaram a proposta de greve e eram finalizados todos os preparativos para o movimento.

No dia 15 de outubro era iniciada a greve, que desde as primeiras horas do dia atingia grandes proporções, praticamente paralisando a cidade de São Paulo e centenas de

²⁴ *Última Hora*, 2 de outubro de 1957.

²⁵ *O Estado de São Paulo*, 12 de outubro de 1957.

indústrias na região do ABC e em várias cidades do interior paulista²⁶. Aproximadamente 80% dos trabalhadores das categorias atingidas teriam aderido à parede. Enormes piquetes, alguns compostos com milhares de trabalhadores, garantiam a eficiência do movimento percorrendo os grandes corredores industriais da cidade e na esmagadora maioria dos casos convencendo os operários a aderir.

Os empresários acusavam a ausência de policiamento como principal responsável pelas "proporções alarmantes" que a greve tinha assumido. A solicitação de audiência pedida pela Fiesp ao governador fora cancelada por este, causando ainda maior irritação entre os setores empresariais. No final da tarde, não concordando em declarar o movimento imediatamente ilegal, como desejava o ministro Parsifal Barroso, o delegado regional do trabalho, Pimenta de Moura demitiu-se, sendo substituído por Irineu Mendonça.

No dia seguinte a greve prosseguiu com impulso ainda maior. A paralisação foi praticamente total e o movimento ganhava ares de verdadeira rebelião popular. A população em geral, aproveitando-se do movimento grevista, mostrava sua insatisfação com suas condições de vida e tomava conta das ruas, multiplicando-se inúmeras cenas de violência. Choques entre seguranças particulares contratados por algumas empresas (e em alguns casos os próprios proprietários armados) com os grevistas provocaram mais de 50 feridos. Muitas fábricas foram depredadas. Trabalhadores de indústrias de setores onde a greve não estava declarada também aderiam a parede²⁷ ajudando a compor um clima onde a imprensa alardeava que os sindicatos haviam perdido completamente o controle da situação.

Alarmados, os empresários voltavam suas baterias contra o vice-presidente João Goulart e o governador Jânio Quadros, acusados de incentivo à paralisação. Discutia-se

²⁶ A greve atingia a categoria têxtil em âmbito estadual. Ao longo do movimento, outras categorias como os metalúrgicos do ABC aderiram à paralisação.

²⁷ Operários de algumas empresas do setor químico também aderiram ao movimento como informava José Ferreira da Silva, sec. geral do respectivo sindicato: "(...) se encontram em greve os trabalhadores da Cia. CIL de Tintas e Vernizes e o estabelecimento desta mesma empresa produtor de ácidos, da Squibb em Santo Amaro, do Instituto Lorenzini, da Fábrica de Tintas Goyana, da Fábrica de Fósforos Luminar, em Osasco, além de outras pequenas indústrias de produtos químicos e farmacêuticos". Conferir *Folha da Manhã*, 18 de outubro de 1957. Além dos químicos, a greve expandiu-se para outros setores, como em empresas da base do Sindicato da Alimentação e borracheiros. Conferir MUNHOZ, op. cit., p. 26.

abertamente na Fiesp a oportunidade de um pedido formal de proteção às tropas do II Exército e intervenção no Estado já que "o movimento deixou de ser uma greve para transformar-se em subversão da ordem pública"²⁸.

Não há dúvida de que realmente havia muitos interesses políticos em jogo com a paralisação. A greve ocorria em meio a um intenso período de acirradas disputas eleitorais em que diversas forças políticas competiam pela simpatia do voto operário. Já em março de 1957, Adhemar de Barros havia sido eleito prefeito da cidade de São Paulo derrotando o candidato apoiado pelo governador Jânio Quadros. Para este, era imprescindível ampliar sua popularidade a fim de eleger seu sucessor nas eleições do ano seguinte e assim cacifar suas pretensões à presidência da República nas eleições de 1960. Jânio procurava também consolidar sua influência no movimento sindical paulista criando uma alternativa tanto aos setores controlados pela velha burocracia sindical, quanto aos sindicalistas vinculados a ala petebista ligada a João Goulart, então em crescente processo de aproximação com os dirigentes sindicais comunistas. Algumas das mais expressivas lideranças da greve como os gráficos Dante Pelacani e Lucas Sales e o metalúrgico Remo Forli eram próximos ao governador²⁹.

Daí a atitude inicial de Jânio em não se comprometer com a repressão à greve e mostrar simpatia com as reivindicações dos trabalhadores. Na recente paralisação dos sapateiros o governo estadual já havia fornecido alimentação e medicamentos aos grevistas. Dias antes da parede do dia 15, Quadros justificava sua intenção de não intervir afirmando não ser o governo "guarda pretoriana do poder econômico"³⁰ e por ter absoluta certeza que "a greve é legal (...) e o operariado dará uma demonstração histórica de ordem e disciplina".³¹

²⁸ *O Estado de São Paulo*, 17 de outubro de 1957.

²⁹ Conferir LEITE, op. cit., p. 244 e CHAIA, Vera. *A Liderança Política de Jânio Quadros (1947-1990)*. São Paulo, Humanidades, 1991, p. 148-152.

³⁰ Conferir MUNHOZ, op. cit., p. 25

³¹ *Diário de São Paulo*, 15 de outubro de 1957.

Não era apenas Jânio que acenava apoio aos grevistas. Adhemar de Barros, prefeito da capital, também manifestava sua aprovação:

"Estou plenamente de acordo com o movimento reivindicatório dos trabalhadores paulistas (...). Se a greve prosseguir, se faz de imediato a ajuda aos operários e suas famílias".³²

Vereadores de todos os partidos subscreviam projeto de lei autorizando o Executivo a despendere um auxílio de até um milhão de cruzeiros aos trabalhadores. Na Assembléia Legislativa, projeto semelhante era apresentado.

Assim, as principais forças políticas do Estado naquela conjuntura específica namoravam o movimento reivindicatório, momentaneamente isolando os industriais e fortalecendo a imagem da greve como um instrumento legal e justo diante da intransigência patronal e dos altos índices do custo de vida.

Entretanto, os diversos distúrbios ocorridos no segundo dia de greve e a aparente perda de controle sobre a situação por parte dos sindicatos parecem ter assustado as lideranças políticas estaduais, particularmente o governador Jânio Quadros. Este, via-se acuado pelas ameaças de intervenção no Estado feitas pelas autoridades federais e pelas reiteradas solicitações de ação contra a greve que os empresários estavam fazendo ao Exército. Diante de tais pressões, Jânio comprometeu-se junto ao governo federal em retomar o policiamento e tomar as medidas necessárias para garantir a manutenção da ordem.

Lideranças sindicais foram chamadas ao Palácio dos Campos Elíseos e um tenso diálogo entre o governador e os sindicalistas era registrado pelos jornais. Um irado e ao mesmo tempo teatral Jânio procurava em seu malabarismo político mostrar que, apesar de continuar considerando justas as reivindicações e o direito de greve, os sindicalistas haviam abusado de sua confiança e ele não poderia tolerar os excessos cometidos, sendo portanto obrigado a intervir energicamente na situação:

³² *Notícias de Hoje*, 17 de outubro de 1957.

"Os senhores me traíram. A greve é um direito. Mas os senhores não podem impedir o trabalho dos que o desejam. Reagirei violentamente. Amanhã, porei toda a polícia de São Paulo na rua, para coibir esses excessos. Procurem agir dentro das normas legais, pois do contrário acabarei com esta greve. Acabem com a baderna e retirem-se".³³

Nervosos, os sindicalistas procuravam responder e ressaltar a sua independência diante do governador:

"Não traímos ninguém, porque não temos compromisso com ninguém, a não ser com os trabalhadores. Somos representantes dos trabalhadores, legalmente eleitos por eles e não estamos a serviço de ninguém".³⁴

No entanto, os dirigentes sindicais também estavam espantados e assustados com a dimensão que o movimento havia adquirido. O PUI se viu obrigado a lançar um manifesto onde as violências praticadas eram atribuídas a elementos infiltrados, interessados em desvirtuar o movimento "pacífico e ordeiro dos trabalhadores". O Pacto intersindical, esclarecia ainda, que a greve deflagrada não era geral, não devendo, portanto paralisar as atividades aqueles trabalhadores que não fossem vinculados às categorias envolvidas no movimento. Finalmente, o PUI decidia pela redução do número de trabalhadores em cada piquete e sua identificação, procurando dificultar a "infiltração de elementos estranhos, interessados na desordem"³⁵.

Conforme anunciado, as forças policiais foram às ruas a partir do terceiro dia da greve. Cerca de 10.000 policiais ocuparam lugares considerados estratégicos nos bairros operários e nas redondezas das principais empresas e corredores industriais. Tal ocupação, no entanto, ao contrário do que diziam as autoridades estaduais não era pacífica. Dezenas de

³³ *Folha da Manhã*, 18 de outubro de 1957.

³⁴ *Idem*, *ibidem*.

³⁵ *Notícias de Hoje e Folha da Manhã*, 18 de outubro de 1957. Conferir também MUNHOZ, *op. cit.*, p.26.

confrontos e violências policiais contra os trabalhadores em greve foram registradas naquele dia.

A paralisação, porém, permanecia com a mesma intensidade dos dias anteriores e até se expandia com força para as regiões do ABC, Sorocaba e Jundiaí. Com as ruas fortemente vigiadas, os trabalhadores desmentiam na prática o argumento empresarial de que a greve só ocorreria devido à ausência da polícia.

Ao mesmo tempo prosperavam as tentativas de negociação. O novo delegado regional do trabalho reunido com lideranças sindicais esboçava a proposta conciliatória de 25% de aumento. Provavelmente confiantes que com a ação da polícia a greve se esvaziaria, os empresários permaneciam irredutíveis e sequer aceitaram discutir a contra-proposta.

Para desgosto dos empregadores, a greve continuava com índices altíssimos de adesão. No dia 21 de outubro, os vidreiros e trabalhadores em usina de refino de açúcar também entravam em greve unindo-se à Aliança Intersindical. Os conflitos entre policiais e grevistas arrefeceram, voltando os piquetes a agir com maior liberdade, apesar do forte policiamento. Os distúrbios e depredações também diminuíram muito a partir do quarto dia da greve. A disposição de luta dos trabalhadores era reafirmada em gigantescas assembléias com cerca de 50 mil trabalhadores no hipódromo no bairro da Moóca.

Diante da força do movimento e das pressões do governo Kubitschek pelo fim do impasse, os empresários foram obrigados a mudar de atitude. Já no dia 19 de outubro, Antonio Devisate, presidente da Fiesp, após audiência com o presidente da República, no Rio estimulava os industriais a

"desarmarem os espíritos e enfrentarem com coragem o problema do reajustamento dos salários".³⁶

³⁶ *O Estado de São Paulo*, 20 de outubro de 1957.

O próprio Juscelino Kubitschek procurava intervir e apresentou uma proposta conciliatória de 20% de aumento imediato e 5% a serem discutidos na Justiça do Trabalho. Pressionados, as divergências entre os próprios empresários cresciam. Os industriais do setor têxtil eram os mais intransigentes e ameaçavam recorrer ao Tribunal Federal, caso fosse aprovado qualquer reajuste para os trabalhadores em greve. Sem alternativas, os empregadores apresentaram duas propostas para negociação, a primeira de aumento imediato de 15% com teto de mil cruzeiros e a segunda que previa um aumento de 20% com teto de mil e duzentos cruzeiros.

Reunidos em uma grande assembléia no dia 22 de outubro na Moóca, os trabalhadores rejeitaram as propostas patronais e condicionaram o fim da greve a um aumento de 20% imediato sem teto. Após a assembléia um enorme piquete com mais de 25.000 trabalhadores percorreu as ruas dos bairros vizinhos e com grande arrebatamento e vibração dos operários conseguiu para a grande fábrica São Paulo Alpargatas, ponto de honra para os dirigentes sindicais, já que a mesma empresa não havia paralisado suas atividades na grande greve de 1953 e até ali resistira a aderir ao movimento. A presença do vice-governador Porfírio da Paz na linha de frente do piquete causou sensação entre os grevistas e foi motivo de diversas ironias e críticas nos meios políticos e empresariais paulistas. Porfírio foi apelidado de "piqueteiro-mor" pela imprensa paulistana.

Embora as negociações entre patrões e empregados estivessem em um impasse, uma resolução para o movimento parecia próxima. Os dirigentes sindicais jogavam suas esperanças para o resultado da greve no julgamento dos dissídios coletivos que seria feito pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT).

No dia 24 de outubro, décimo dia da paralisação, o TRT concedeu reajuste de 25% sem teto, estendido também ao interior do Estado, para os têxteis, mestres e contra-mestres, metalúrgicos, gráficos, trabalhadores em curtumes e papeleiros³⁷. Diante da intransigência

³⁷ Os trabalhadores do refino de açúcar fizeram acordo com os patrões e também encerraram a greve naquele mesmo dia. Já os vidreiros, não incluídos no julgamento do TRT do dissídio coletivo, permaneceriam em greve.

patronal e da possibilidade de encerrar a parede com um reajuste de 20%, era uma evidente vitória dos trabalhadores e do movimento sindical. Reunidos em assembléia na Praça Roosevelt, os operários efusivamente aprovaram o fim da greve e saíram em passeata comemorando o resultado pela ruas do centro da cidade³⁸.

Naquele mesmo dia, iniciava-se em São Miguel Paulista, uma greve dos trabalhadores da Nitro Química. As relações com a greve das seis categorias, que parara a cidade de São Paulo e outros municípios durante dez dias eram evidentes. João Gerônimo, secretário administrativo do Sindicato dos Químicos, justificando os motivos da paralisação na Nitro, explicitava essa relação com clareza:

"A vitória das seis categorias de trabalhadores de São Paulo, que recentemente estiveram em greve levou-nos a fazer igual reivindicação".³⁹

No entanto, embora visivelmente inspirada na greve anterior, a paralisação na Nitro Química possuía especificidades ligadas tanto à própria história de lutas de seus operários, quanto às formas de dominação e interiorização desta por seus trabalhadores. Vejamos, então, como se desenrolou o movimento.

O dia-a-dia da greve dos trabalhadores da Cia. Nitro Química Brasileira

A madrugada da quarta-feira, 24 de outubro de 1957, ficou marcada na história de São Miguel Paulista. Naquele dia, os trabalhadores da Nitro Química iniciaram a maior e mais famosa greve até então realizada naquela localidade.

³⁸ Como em 1953, os empresários não aceitaram passivamente o resultado dos tribunais. Além das demissões em grande escala nos setores que conquistaram o reajuste, chegando ao cúmulo de procurar as redações dos jornais para solicitar fotos dos piquetes e das greves para identificar melhor os operários que prioritariamente seriam demitidos (Conforme denúncia do jornal *Última Hora* de 31 de outubro de 1957), os empregadores recorreram da decisão do TRT no Tribunal Superior do Trabalho. Muitos industriais negaram-se a pagar o reajuste enquanto o recurso não fosse julgado, o que provocou uma onda de greves por empresas ao longo do mês de novembro de 1957. No dia 13 de dezembro, o TST cedendo às pressões patronais reduziu o reajuste de 25 para 18%. Conferir LEITE, op. cit., p. 240

³⁹ *Última Hora*, 29 de outubro de 1957.

Foi um início tumultuado. Diante da intransigência patronal em negociar um acordo satisfatório e empolgados com o sucesso do movimento paredista em andamento em São Paulo, mais de 2 mil trabalhadores reunidos em frente a sub-sede do sindicato decidiram no sábado anterior, dia 20 desencadear os preparativos para a paralisação de toda a fábrica a partir da 0 hora do dia 24.

Os dias seguintes foram de grande tensão e preparativos do movimento. A direção da empresa aparentemente não acreditava no sucesso da paralisação. Ainda assim, convocou alguns diretores do sindicato para uma conversa na tarde de terça-feira, véspera da data marcada para a eclosão da greve. Adelço de Almeida e José Ferreira da Silva relembram assim o episódio desta reunião:

"Nessa ocasião, o Dr. Marcelo Kiehl estava em visita aos Estados Unidos. Cândido Pinto de Almeida ficou na direção da fábrica e nós falamos para ele que queríamos discutir o aumento salarial dos trabalhadores".⁴⁰

Irritado, Pinto de Almeida, teria respondido:

"Não tem aumento, o Dr. Moraes está viajando, eu estou aqui com todo o poder, toda a liberdade eu não vou aumentar nenhum tostão. O Dr. Moraes não vai dar aumento para ninguém. O trabalhador tem um monte de vantagens aqui, para que? Então eu disse: 'Então nós vamos parar a fábrica, nós vamos fazer greve'. Daí ele disse: 'Pode fazer greve porque eu abro os portões e mando todo mundo para a rua. Deixa de ser bobo, Adelço. Trabalhador da Nitro fazer greve. Têm trabalhador passando fome, se fizer greve está fora'. Eu disse: 'Então, o senhor assume'. E aquele dia eu gritei na porta da Nitro Química, na saída e na entrada dos turnos: 'Olha o homem falou isso, isso e isso e não tem um tostão. Vai parar ou não vai?'. Sujeito que tinha medo da greve levantou-se naquela hora, todo mundo".⁴¹

Durante toda aquela noite e madrugada, os operários reunidos organizaram os piquetes e suas estratégias de atuação para conseguir o que certamente muitos no íntimo

⁴⁰ Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁴¹ Entrevista de Adelço de Almeida.

consideravam uma missão quase impossível: parar completamente a poderosa Nitro Química, fato até então nunca ocorrido.

"Quando eu entrei na fábrica todo mundo lembrava da greve de 57. O pessoal contava que ninguém acreditava que a Nitro Química parava, então esse slogan aí dessa cobra que tem no símbolo do sindicato. Isso surgiu nessa época. 'A cobra vai fumar. Se não parar a cobra vai fumar'. Isso aí parece que foi o Adelço que falou para um diretor da fábrica".⁴²

O temor de tentar paralisar uma empresa do porte e tão poderosa como a Nitro estava no ar:

"Todo mundo tinha medo da greve e dizia que a Nitro Química não parava, que toda assembléia pregava greve. Tinha uma turma boa, mas tinha outra que recuava também, porque realmente a Nitro Química era uma fábrica forte, socialmente ela tinha todo o controle de São Miguel. Os moradores, as casas, tudo era dela, a polícia era dela, a delegacia era dentro da Nitro Química. Era a dona do pedaço mesmo. Então, quem é que não tinha medo? Todo mundo tinha medo. Mas na última assembléia eu disse: 'Olha, forte somos nós, vamos para o pau'".⁴³

Apesar do temor, a indignação e o entusiasmo eram o clima predominante na sub-sede na véspera do movimento. Um jornalista do Diário da Noite ali presente pôde ouvir da boca dos próprios trabalhadores suas reclamações, reivindicações e as razões do movimento:

"[Os trabalhadores] apresentavam graves queixas contra os proprietários da Nitro Química. Declararam que a firma não respeita as leis trabalhistas, inclusive não pagando a taxa de insalubridade e o que é pior: não oferece leite àqueles que trabalham em seções de intoxicantes. Os motoristas, alegam os operários, trabalham 10 a 12 horas por dia e não ganham extraordinário. Pagando-lhes apenas as 8 horas regulamentares, isto é, a base de um salário mínimo e insuficiente para atender a crescente alta dos preços dos gêneros de primeira necessidade. A greve que ora se processa na Nitro não visa apenas o aumento salarial. É feita, também, como protesto contra o

⁴² Entrevista de José Cecílio Irmão concedida ao autor em 20 de outubro de 1994.

⁴³ Entrevista de Adelço de Almeida.

descaso da indústria pela sorte daqueles que perdem a saúde, trabalhando em seções de insalubridade e sem proteção para evitar doenças graves.

Acusam, os trabalhadores, os proprietários da Nitro Química de darem como incapazes aqueles que recebem alta no IAPI e os obrigarem a uma licença forçada e sem remuneração".⁴⁴

Entretanto, não eram apenas os trabalhadores que se preparavam para a greve. Naquela noite mais de 200 cavalarianos da Força Pública, armados com fuzis e metralhadoras dormiram nas dependências da fábrica. A Nitro, procurando frustrar a ação dos piquetes e coagir os operários, contratou ônibus para buscar os trabalhadores em suas residências. As cinco e meia, horário de entrada do turno da manhã e quando os piquetes começaram a agir, desencadeou-se uma forte ação repressiva por parte da polícia. Os jornais da época foram unânimes em denunciar os excessos e violência policiais. As imediações da fábrica foram transformadas em verdadeira praça de guerra. Cavalos, bombas lacrimogêneas, metralhadoras e fuzis apontados para a população, casas e estabelecimentos comerciais invadidos, violências de toda ordem que compuseram um quadro de pânico no bairro. Dispostas a encerrar pela força o movimento grevista, os policiais chegaram a invadir e tentar dispersar os trabalhadores que se encontravam na sub-sede do sindicato. O tumulto e confusão eram tremendos. No final da manhã, quando a situação se acalmou um pouco mais, o Sindicato dos Químicos soltava o seguinte comunicado:

"Hoje, às 3:30 hs., as comissões de piquete entraram em ação e tomando suas posições, inicialmente todos os pontos estratégicos foram dominados e a palavra de ordem de greve foi acatada. Logo nos primeiros minutos de ação, o piquete número 3 entrou em choque com a cavalaria, que atacou violentamente os trabalhadores que se mantinham em ordem. Logo após esse choque com a polícia, a situação se tornou tensa (...). Segundo informações de companheiros, os Srs. Rafael Valério, tenente reformado da Força Pública e o Sr. José Dias, "tira" da Cia. Nitro Química, mandaram a cavalaria pisar nos piquetes e no povo em geral que ali se encontrava. Logo após essa ocorrência houve vários espancamentos e outros atos de violência contra pessoas que se achavam distantes da fábrica. A cavalaria violou também o recinto do sindicato,

⁴⁴ *Diário da Noite*, 23 de outubro de 1957.

agredindo covardemente trabalhadores que se achavam naquela sede, o que causou protestos de todos os presentes. A greve prossegue normalmente, parcial até as 9:00 hs. dessa manhã. Espera-se a paralisação de toda companhia para logo mais".⁴⁵

De fato, a greve permaneceria parcial durante todo aquele primeiro dia. Cerca de metade dos operários havia aderido ao movimento, o que diante da repressão desencadeada não deixava de ser um bom começo para os grevistas. Mas, seria muito difícil sustentar a adesão a greve se fosse mantido aquele grau de violência policial nos próximos dias. Diante disso, a direção sindical decidiu solicitar uma audiência com o governador do Estado, Jânio Quadros, para aquela mesma tarde. Atendidos, comunicaram ao governante as razões do movimento e solicitaram o fim das arbitrariedades das autoridades policiais como as acontecidas naquela manhã. Jânio parece ter sido convencido pelas lideranças sindicais e ordenou que a Força Pública respeitasse o direito de greve, acabando com as violências contra os trabalhadores. Na saída da audiência, o presidente do sindicato, Adelço de Almeida, animado com o resultado da audiência e aproveitando-se do clima de greve que toda a cidade ainda vivia, afirmava que:

"se até amanhã, os industriais do setor não apresentarem contraproposta aceitável pelos trabalhadores, a greve iniciada na Nitro Química alastrar-se-á para toda a categoria, paralisando cerca de cinquenta mil operários".⁴⁶

As iniciativas do sindicato deram resultado. No dia seguinte, apesar do intenso policiamento em São Miguel, não mais se registraram as cenas de violência do dia anterior. Os piquetes puderam agir com mais liberdade e a adesão à greve ampliou-se enormemente chegando a cerca de 80% dos empregados da fábrica.

As expectativas voltavam-se agora para a possibilidade de expansão da greve para toda a categoria química. Uma mesa de conciliação na Delegacia Regional do Trabalho (DRT) entre os setores patronais e o sindicato da categoria foi realizada na noite de sexta-

⁴⁵ *Última Hora*, 23 de outubro de 1957.

⁴⁶ *Idem*, *ibidem*.

feira, 26. Os industriais apresentaram a proposta de aumento médio em torno de 12% sobre os salários de agosto de 1955, o que foi prontamente rejeitado pela representação dos trabalhadores. Com a intermediação do delegado do trabalho, foi feita nova proposta de 25% de reajuste sobre os salários de agosto de 1956, com exceção da Nitro Química, mas não houve acordo. Na verdade, empresas como o Laboratório Paulista de Biologia e a White Martins e os sindicatos patronais das indústrias de tinturaria e os de artigos de perfumaria e toucador já tinham acertado entendimentos com os trabalhadores em bases superiores às apresentadas pelos empresários. A decisão final da categoria química porém, estaria remetida para a assembléia geral que seria realizada na noite seguinte na sede do sindicato.

A assembleia do dia 26 de outubro parece ter sido o reflexo da mobilização da categoria em geral, que com exceção dos trabalhadores da Nitro Química, era muito baixa. A esse respeito, o espião do Dops encarregado de observar a reunião, colocou a seguinte observação no final de seu relatório:

"O entusiasmo foi fraquíssimo por parte dos operários de outras empresas que não a Nitro Química (...). Os dirigentes sindicais desta categoria sentem que a força da categoria é pequena e não querem por isso dar um passo em falso, pois de uma categoria que compreende 40.000 trabalhadores, compareceram apenas 120 pessoas a uma assembléia definitiva; isto é um sintoma de fraqueza da unidade em torno do sindicato. A luta dos dirigentes, no momento, é conseguir uma aumento honroso para a classe, pois eles já conseguiram de 4 dos 9 sindicatos patronais, propostas que alcançam 25% de aumento, porém com um teto de Cr\$2.000,00 e eles pretendem durante esta semanas aumentar o teto ou extinguí-lo das propostas (...)"⁴⁷

O relato da assembléia nas atas sindicais não diferem muito do informe policial. De fato, diante de uma categoria tão diversificada e que, a exceção da Nitro, possuía pouca tradição de mobilização em campanhas gerais, a diretoria recentemente eleita pouco podia fazer para conquistar mais dos patrões. Assim a assembléia, após um rápido relato das

⁴⁷ Dossiê 50B 259 24. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops -SP.

negociações acabou aprovando a continuidade dos entendimentos com os sindicatos patronais, pois diante das possibilidades de acordo, seria precipitado o desencadeamento de um processo de greve total da categoria.

O restante da assembléia foi dedicado à discussão sobre a paralisação na Nitro Química. Neste ponto, o clima foi animado. A greve era praticamente geral na empresa, a violência policial tinha diminuído em muito e o impacto da paralisação era extraordinário. Representantes dos sindicatos dos vidreiros, papel e papelão e dos gráficos, além de Salvador Lossaco, presidente do Pacto de Unidade Intersindical (PUT) estavam presente declarando solidariedade à greve e colocando à disposição ajuda material e humana para o sucesso do movimento⁴⁸. O General Gentil Falcão e o metalúrgico Eugenio Chemp se ofereceram para ajudar a coordenar os piquetes em São Miguel.

Vários dos trabalhadores da Nitro presentes pediram a palavra para relatar suas experiências na greve e entusiasmar a platéia. Waldemar Ferreira da Silva, apresentando-se como "chefe da guarda da Nitro" foi vivamente aplaudido quando declarou que "também tinha aderido à greve, pois estava ao lado dos operários". "Outro elemento, conhecido como Carneiro", também bastante ovacionado, "afirmou ter conseguido convencer 15 mulheres a se integrar no movimento paredista, tendo levado 5 delas àquela assembléia. Disse mais, que estas mulheres já têm tarefas certas para serem aplicadas durante a greve". O advogado do sindicato, Walter Sampaio, argumentando pela legalidade da greve procurava injetar mais otimismo ainda e dizia que ela iria continuar pois,

"a própria Nitro Química está se mostrando mais acessível nas negociações. (...) Parada como está, seus fregueses estão se dirigindo para os seus concorrentes e, conseqüentemente, o prejuízo da mesma está sendo maior que a própria paralisação".⁴⁹

⁴⁸ Livro de Atas das Assembléias Gerais do STIQFSP, nº 2. 26 de outubro de 1957, folhas 35a, 35b, 36a, 36b e 37a

⁴⁹ Dossiê 50B 259 21. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops -SP.

Na verdade não era bem assim que, pelo menos publicamente, a empresa reagia. A sua direção permanecia irredutível, sustentando a ilegalidade da greve por ser decorrência de dissídio coletivo. No domingo, 28, fontes ligadas à direção da indústria informavam que:

"a fábrica possui estoques que asseguram o faturamento normal mensal por alguns meses e que as seções ainda em funcionamento após complementação de estoque nos próximos dias serão paralisadas declarando-se então o *lock-out*."⁵⁰

Estoques cheios, faturamento garantido e ameaça de *lock-out*. A Nitro parecia disposta a resistir e derrotar o movimento de seus trabalhadores, aquela altura já inédito em adesão e extensão.

Empresa e grevistas sabiam que a segunda-feira, dia 28, seria um dia decisivo para o movimento. O cansaço e a pressão aumentavam bastante e a não ampliação da greve para o conjunto dos químicos poderia ter um efeito psicológico negativos sobre os operários da Nitro. Corria o boato pelo bairro que a greve não se sustentaria e muitos operários estavam se preparando para voltar ao trabalho.

Não foi à toa que aquele foi o dia mais violento de toda a greve. Desde cedo irromperam violentos choques entre trabalhadores e a Força Pública. As escaramuças espalharam-se por todo o bairro ao longo do dia. Os comandantes da polícia diziam ter ordens para garantir de qualquer forma a entrada na empresa daqueles que assim desejassem. Ainda assim, piquetes bastante afastados dos portões da fábrica eram severamente reprimidos. Apesar da violência, surpreendia a resistência e a insistência dos grevistas em garantir a paralisação.

A ação de muitos piquetes neste dia foi bem mais agressiva:

"Algumas operárias paredistas, utilizando bisnagas de matéria plástica cheias de tinta vermelha esguichavam-nas sobre companheiras que pretendiam entrar em serviço, enquanto outras

⁵⁰Diário Popular, 27 de Outubro de 1957.

agarravam pelos cabelos e puxavam os vestidos, rasgando-os. Ameaçavam, ainda, raspar-lhes os cabelos e pichar-lhes a cabeça".⁵¹

Mais uma vez houve a tentativa policial de invadir e tomar a sub-sede do sindicato. Centenas de operários, entretanto, regiram e impediram a ação dos policiais, que, sem alternativas diante da superioridade numérica dos grevistas, tiveram que recuar.

Os dirigentes sindicais buscavam reforços. Desde cedo foram estabelecidos contatos com o PUI e deputados para ajudar a compor os piquetes e arrefecer os ânimos da Força Pública. Piquetes formados com mais de 300 trabalhadores tomavam conta das ruas de São Miguel. No final da tarde, as lideranças grevistas se reuniram mais uma vez com o governador que prometeu transferir um sargento responsável pelos excessos e abrir rigorosa sindicância. Ao fim do dia a greve estava mantida e continuava forte.

A manutenção da paralisação foi uma grande vitória dos grevistas. Diante disto, só restava à Nitro Química o caminho da negociação. A imagem pública da companhia havia sido associada à forte repressão e a maior parte da imprensa condenava a intransigência patronal.

No dia seguinte, a greve permanecia quase total e os incidentes com a polícia diminuíram bastante. As lideranças sindicais buscavam novos caminhos para acelerar as negociações e convidaram o delegado regional do trabalho, Irineu Mendonça, a comparecer na assembléia que seria realizada na tarde daquele dia.

O clima da reunião misturava revolta pelas violências ocorridas no dia anterior e alegria pela manutenção maciça do movimento. A presença do representante ministerial reforçava a idéia de amplitude e repercussão que a greve havia atingido e acenava a possibilidade de um acordo para breve. Mesmo assim, muitos trabalhadores admitiam a possibilidade de prologamento da paralisação e o sindicato garantia estar preparado para uma greve de até 30 dias. Irineu Mendonça ouviu ainda várias queixas contra a empresa e as arbitrariedades cometidas pela forças policiais. O delegado reconheceu a justiça das

⁵¹ *Folha da Manhã*, 29 de outubro de 1957.

reivindicações e comprometeu-se a buscar uma saída conciliatória. Os trabalhadores declararam-se em assembléia permanente até o final do movimento. As articulações deram resultado. Naquela noite Irineu Mendonça telefonou para Adelço de Almeida, presidente do sindicato, convidando-o para uma reunião de negociação na manhã seguinte com representantes da Nitro Química na DRT.

A quarta-feira, dia 30, foi um dia repleto de reuniões em busca de uma proposta conciliatória. Somente à noite, o delegado regional do trabalho em negociação com os representantes patronais conseguiu um compromisso por parte destes de que cessada a greve haveria a garantia de um reajuste salarial. Naquela mesma noite o Sindicato dos Químicos recebia a seguinte carta da DRT:

"Prezados trabalhadores,

O Delegado Regional do Trabalho cumpre o dever de informar aos trabalhadores da Cia. Nitro Química Brasileira, que se encontram em greve em luta por melhores salários, que de acordo com o compromisso ontem assumido perante essa laboriosa classe, desenvolveu posteriormente intensa atividade junto aos senhores empregadores visando obter dos mesmos uma saída honrosa para aquela questão.

E após os necessários esclarecimentos obteve dos empregadores o compromisso de, sendo reestabelecida a normalidade dos serviços naquela empresa, com a volta dos trabalhadores às suas atividades amanhã, dia 31 do corrente, será concedido um aumento salarial que atenderá à todos os empregados vinculados àquela companhia.

Se os trabalhadores concordarem em retornar ao trabalho, baseados nesse compromisso, assume o delegado a responsabilidade de solicitar o cumprimento do estabelecido dentro de 48 horas, a contar do retorno ao trabalho.

O delegado confia nos propósitos da empresa em conceder os aumentos salariais reivindicados pelos trabalhadores após o regresso dos mesmos às suas funções habituais. E é por isso que não vacila em solicitar aos trabalhadores a encerrarem seu movimento grevista na certeza que, dentro do prazo convencionado serem alcançados os objetivos que justificaram a paralisação do trabalho naquela empresa".⁵²

⁵² *O Estado de São Paulo*, 01 de novembro de 1957.

Inegavelmente era uma vitória dos grevistas. A direção da Nitro que até aquele momento não se dispusera sequer a negociar com os trabalhadores, reconhecia a força do movimento e assumia publicamente sua intenção de aumentar os salários. A carta porém, cautelosamente, não citava índices. Os dirigentes sindicais, entretanto, sabiam que a proposta de conciliação formulada pela DRT era de uma aumento de 20% sobre os salários vigentes em agosto de 1956. Para aceitar a proposta era preciso, no entanto, conseguir mais garantias de que a Nitro aceitaria o acordo e fechar todas as possibilidades de um recuo da empresa antes da volta ao trabalho.

Assim, logo na manhã do dia 31 de outubro, uma comissão de sindicalistas se dirigiu para o Palácio dos Campos Elíseos a fim de solicitar ao governador do Estado uma confirmação da proposta junto à direção da Nitro e negociar que todas as punições fossem canceladas. Imediatamente, Jânio, entrou em contato com os representantes patronais e garantiu aos dirigentes sindicais os termos do acordo e o compromisso de não haver qualquer penalidade para os trabalhadores grevistas.

Os sindicalistas voltaram a São Miguel ainda a tempo de almoçarem na sub-sede onde grevistas e a população do bairro em geral organizaram durante os dias da paralisação uma cozinha e refeitório coletivo que alimentou os trabalhadores na ausência do restaurante da companhia. À tarde, os trabalhadores em assembléia ouviram atentamente os informes sobre as negociações e os termos do possível acordo e seguindo a orientação da diretoria do sindicato decidiram voltar ao trabalho. A entrada dos operários do turno das 21:30hs. encerrou após nove dias a mais importante greve da história da Nitro Química.

Cinco dias depois era assinado na DRT o acordo entre sindicato e empresa nos termos que haviam sido negociados para o encerramento da greve. Na mesma noite uma grande e festiva passeata de trabalhadores tomou conta das ruas do bairro comemorando o êxito do movimento.

Significados da greve

A greve de outubro de 1957 representou uma inflexão profunda nas relações de reciprocidade entre a Nitro Química e seus trabalhadores. A imagem, já em progressivo desgaste no período anterior, de uma grande e poderosa empresa provedora de benefícios para seus trabalhadores sofreria um forte abalo com a paralisação.

O início de uma crise econômica, com o fracasso de vários projetos planejados pela companhia começava a ficar visível para todos. Embora isso ainda não se refletisse em uma perda na política de benefícios adotada, nem em um esvaziamento do Serviço Social da indústria, era possível perceber que aquele modelo de gestão era insuficiente para arrancar o alegre consentimento dos trabalhadores desejado pela direção da Nitro.

Para os operários, a periculosidade e insalubridade, os baixos salários, o autoritarismo das chefias, direitos sempre reclamados, eram agora o lado mais evidente da Nitro Química, uma empresa com "as suas próprias leis". O desrespeito da companhia aos direitos adquiridos pelos trabalhadores nas leis do país eram outro foco de grande insatisfação. A Nitro redefinia o que era direito do trabalhador no âmbito de seu espaço privado⁵³.

"Nós trabalhávamos muito aqui em domingo, feriados, trabalhávamos direto e a Nitro Química não pagava. Então, o operariado, guarda inclusive, trabalhava de domingo não pago. Isso aí já era há muitos anos assim. Só começou a pagar o domingo remunerado, férias remuneradas depois que nós entramos no sindicato e pusemos a Nitro no pau, senão não conseguia".⁵⁴

Para a empresa, o trabalhador insatisfeito, que reclamasse muito deveria sair:

⁵³ Inspiro-me aqui na leitura da instigante obra de Edward Thompson, *Senhores e Caçadores*, particularmente o item: "O Domínio da Lei", onde o autor sistematiza suas concepções sobre direito e lei, colocando-os para além de uma mera mistificação que encobriria a dominação de uma classe e insere-os em um complexo campo de lutas sociais. Ver THOMPSON, E.P. *Senhores e Caçadores. A Origem da Lei Negra*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987, p.348-361.

⁵⁴ Entrevista de José Ferreira da Silva.

"Naquele tempo não tinha esse negócio de eu sou isso, eu sou aquilo. Mandava embora mesmo e ainda dizia: 'Vai procurar os seus direitos'"⁵⁵

Assim, se os chamados benefícios sociais da Nitro puderam em alguns momentos cumprir o papel de ajudar a evitar que a maioria dos trabalhadores da fábrica aderisse a protestos e movimentos grevistas, em 1957 eles já não mais tinham esta capacidade:

"Foi o Dr. Moraes e o Marcelo [Kiehl]. Eles eram mais fanáticos por isso [a política de benefícios sociais da empresa]. Depois com a greve de 57 e tudo o mais, o nosso dirigente perdeu um pouco a ilusão quanto ao efeito prático de tais atividades. Nós chegamos a ter efeito prático, que foi constatado em algumas greves, como as de 45, por exemplo. O nosso pessoal não acompanhou os grevistas, porque eles tinham a sensação de contribuir um pouco com a diretoria. Já na greve de 57, não!"⁵⁶

Os trabalhadores sentiam cada vez mais que, na verdade, os tão propalados benefícios deveriam ser vistos como direitos de quem entregava sua saúde e seus melhores momentos trabalhando dia após dia em troca de baixos salários, repressão e injustiças.

"A greve aconteceu por causa de reivindicação salarial daquela época e um bocado de injustiça que a Nitro estava fazendo"⁵⁷

Tal estado de espírito deve ter sido mais abalado ainda, quando, no final de 1956, uma nova explosão com vítima fatal, mostrava mais uma vez a todos o quanto continuava perigosa a indústria. Diante da forte repercussão causada na fábrica e no bairro, a direção da empresa via-se constrangida a informar publicamente todas as providências que havia tomado para indenizar a família da vítima e reafirmar a qualidade e eficiência do seu serviço de prevenção de acidentes⁵⁸.

⁵⁵ Entrevista de Joaquim Anselmo dos Santos, concedida ao autor em 15 de novembro de 1994.

⁵⁶ Entrevista de Eduardo Sabino de Oliveira. Como nós vimos no capítulo anterior, a não adesão maciça à greve em 1946 não pode ser atribuída apenas aos benefícios sociais concedidos pela Nitro. Certamente a repressão desencadeada pela polícia e pela companhia cumpriram um papel importante para implodir o movimento.

⁵⁷ Entrevista de Geraldo Rodrigues de Freitas, concedida ao autor em 15 de novembro de 1957.

⁵⁸ Conferir *Nitro Jornal*, nº 44, outubro de 1956. Ver o capítulo 3 desta dissertação.

Principalmente para os operários mais especializados, como os dos setores de manutenção e oficina mecânica um outro fator aparecia para relativizar as "vantagens" de trabalhar na Nitro. A instalação das grandes empresas montadoras automobilísticas a partir de meados dos anos cinquenta causava forte impacto e impressão em todo o mundo industrial brasileiro. Sua imensa necessidade de mão de obra e o oferecimento de salários e benefícios incomparavelmente superiores aos das indústrias nacionais atraíam trabalhadores de todos os rincões do país⁵⁹.

"O processo criado por JK fez com que muitas fábricas fossem implantadas.(...) Criou-se com isso uma demanda de mão de obra especializada. Os salários pagos pelas novas indústrias, ligadas em geral ao ramo automotivo, provocaram saídas de empregados especializados da Companhia, tendo acontecido de seções ficarem quase vazias, nos dias em que havia testes para admissão de pessoal nas novas empresas".⁶⁰

Nem todos, obviamente, conseguiam novos empregos. Para os que ficavam, a insatisfação permanecia, agora acrescida de parâmetros de comparação dos salários e benefícios muito superiores aos da Nitro.

"Havia focos de descontentamento na área de operários especializados (...) havia um descontentamento em matéria salarial. Havia um frustração por não ganhar aquilo que eles achavam que deviam ganhar. Esse foco cresceu (...) O pessoal da manutenção, por exemplo era mais reivindicativo".⁶¹

A ação da militância comunista e sindical no interior da fábrica pôde potencializar este descontentamento operário para a conquista da direção do sindicato, para a organização no local de trabalho e para realizar uma campanha salarial na empresa em diferentes moldes no ano de 1957. A nova orientação do sindicato tornava-o aos olhos dos trabalhadores um

⁵⁹ Conferir NEGRO, op. cit.

⁶⁰ Conferir RAVAGLIA, op. cit, p. 13.

⁶¹ Entrevista de Flávio Ravaglia.

efetivo instrumento para a conquista de direitos, um porta-voz coletivo de seus representados e, portanto, uma necessidade⁶².

"As assembléias do sindicato eram muito boas. Nós discutíamos que o trabalhador tinha direitos. Porque lá [na Nitro] não tinha esse negócio de direito, a legislação não era cumprida. Então era direito de receber o dinheiro das férias, de receber quando fica doente, direito à segurança no trabalho, a voltar para o emprego, direito de conversar, de dialogar com o chefe prá ver o que é certo e essas coisas assim. Não falava cidadania, mas era assim, têm o direito. Fazíamos um discurso, um bate-papo bastante acessível. E eu com a minha procedência de nordestino tinha muito acesso àquela baianada".⁶³

A ação da militância não era algo externo à classe. Ao contrário, os ativistas compartilhavam da mesmas experiências de trabalho e culturais do conjunto dos trabalhadores. Forjava-se, assim, um forte processo de identidade.

A intransigência dos diretores da Nitro em negociar com seus trabalhadores e com o sindicato ao longo do ano agravou ainda mais o processo de deslegitimação da dominação empresarial. Para os operários, a companhia agindo assim, menosprezava-os, desprezando suas reivindicações e ferindo suas dignidades de trabalhadores com direitos.

A grande greve ocorrida em São Paulo, a partir de 15 de outubro, serviu, então, como um elemento detonador da revolta operária em São Miguel. De certa forma, empolgava e mostrava aos trabalhadores que a greve era possível também na Nitro Química⁶⁴. Os acontecimentos das vésperas do movimento, quando, na ausência dos dois diretores mais identificados com a política de benefícios da empresa, Ermírio de Moraes e Marcelo Kiehl, assumem o comando das negociações os setores mais truculentos da direção da empresa, desencadearam a parede.

⁶² Conferir BEYNON, Huw. *Trabalhando para a Ford: Trabalhadores e sindicalistas na indústria automobilística*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995, p. 260-262.

⁶³ Entrevista de Adelfo de Almeida.

⁶⁴ Algo semelhante, mas em uma proporção muito maior, aconteceria em várias categorias e empresas em todo o Brasil a partir da eclosão das grandes greves metalúrgicas no ABC paulista em 1978. Ver, por exemplo, GARCIA, Marco Aurélio. "Os desafios da Autonomia Operária: São Bernardo. A (auto) construção de um movimento operário". In: *Desvios*, n° 1. São Paulo, 1982.

A violência com que a companhia reagiu à greve parece, entretanto, ter sido o momento máximo de ilegitimidade da empresa naquele momento. Além de convocar e dar guarida às forças policiais, a Nitro forneceu apoio à repressão dos trabalhadores utilizando parte do seu corpo de vigias sobre a direção de um de seus mais eminentes membros, o tenente Valério, policial militar aposentado e chefe da segurança na empresa. A violência com que se atiraram contra os grevistas causou indignação entre os operários e moradores de São Miguel Paulista.

"Naquela época ele [tenente Valério] comandava a polícia contra os operários. Muitas vezes as pessoas iam passando na frente da fábrica, às vezes paravam para olhar, viam o movimento e a polícia pegava e levava tudo para lá para dentro [da fábrica]. Muitas vezes o cara nem trabalhava na Nitro. A polícia forçou muito. O cara apanhava, o Valério levava o cara arrastado, sentado lá prá dentro (esse Valério foi mau!). O sujeito levava uma cassetada para trabalhar, mas quando ele saía, ele não voltava mais e isso aí colaborou bastante com o sindicato, com a greve".⁶⁵

A prisão do tenente Valério, solicitada pelo sindicato ao governador Jânio Quadros, foi vista pelos trabalhadores como uma grande vitória sobre a companhia:

"Então no segundo dia de greve, o sindicato foi para o Jânio e o Jânio mandou prender ele(...) ele era da polícia, era do Estado...Mas, ele não podia usar farda porque ele era tenente do governo aposentado e ele tava dentro da Nitro Química fazendo trabalho de chefia civil lá dentro, no entanto, ele usava farda".⁶⁶

Um homem de confiança da Nitro Química com cargo de chefia, preso a pedido do sindicato porque estava batendo em trabalhadores, parecia aos operários como um enorme arranhão no decantado poderio da empresa. Da mesma forma, eram comemoradas efusivamente as adesões de vigias e guardas da empresa à greve⁶⁷.

⁶⁵ Entrevista de Joaquim Anselmo dos Santos.

⁶⁶ *Idem*.

⁶⁷ José Sérgio Leite Lopes mostra como na Companhia Paulista de Tecidos "os operários ativistas procuravam conquistar a confiança de alguns vigias para as reivindicações coletivas" em um processo de "neutralização dos vigias". Em 1947, o PCB local utilizando a legenda do PST chegaria a lançar um candidato a vereador que era vigia. Conferir LOPES, *op. cit.*, p. 349-350.

Chama a atenção neste fato e, em tantos outros nesta greve, a ação do então governador Jânio Quadros. Como já foi dito, Jânio e vários outros políticos do período tinham interesse em não se indispor com os grevistas e de mostrarem-se simpáticos às reivindicações dos trabalhadores.

Particularmente em São Miguel Paulista, Jânio pretendia consolidar o já expressivo apoio que tivera do eleitorado nas eleições para prefeito e governador. Tarcílio Bernardo, um dos dois vereadores do bairro⁶⁸, era vinculado politicamente ao governador e durante a greve procurou posicionar-se claramente a favor do movimento, protestando contra as arbitrariedades da polícia (afirmando sempre que os policiais estavam desobedecendo as determinações do governador) e participando de assembléias e piquetes⁶⁹.

Ao governador, portanto, interessava ampliar ainda mais sua esfera de influência e ao sindicato era vital ampliar os apoios, particularmente quando vindo do próprio governo estadual. O apoio do primeiro mandatário do Estado ajudava a reforçar a própria legitimidade do movimento em um momento de tensão e conflito. Além disso, o governador tinha o controle da polícia e poderia conter seu ímpeto repressivo. A proximidade de Jânio com o próprio secretário geral do sindicato, José Ferreira da Silva, facilitava o contato e o governador ofereceu um apoio material bastante significativo para os grevistas:

"Jânio deu mantimento, mandou trazer arroz, feijão, carne seca. O caminhão lotado de material para distribuir aqui; leite, leite em pó para doar para as famílias, por que foi um monte de dias parados. Então, também tinha interesse político".⁷⁰

⁶⁸ O outro vereador era o então adhemarista Aurelino Soares de Andrade, ex-diretor do sindicato nos anos 40. Segundo vários depoimentos, Aurelino deu um apoio mais discreto à greve que Bernardo.

⁶⁹ Tarcílio Bernardo chegou a ter um irmão preso pela polícia. Sua descrição pelos agentes do Dops é um bom exemplo dos "bons-modos" dos policiais: "Levamos ao conhecimento dessa chefia que o indivíduo Nelson Bernardo, detido na manhã de hoje, em São Miguel Paulista, agitando os grevistas da Cia. Nitro Química Brasileira, é vagabundo, não tem profissão definida e vive às custas de sua mulher, que trabalha naquela companhia. É o citado elemento irmão do vereador Tarcílio Bernardo". Dossiê 50B 259 15. Arquivo Público do Estado de São Paulo. Setor Deops - SP.

⁷⁰ Entrevista de José Ferreira da Silva.

Jânio seguia os passos de políticos como Jango e Getúlio ao tentar estabelecer uma política de relacionamento direto com os trabalhadores⁷¹. As portas do palácio dos Campos Elíseos estiveram abertas aos sindicalistas durante o movimento. José Ferreira da Silva, relembando entusiasmado sua intimidade com o governador, afirmava para mim que:

"eu falava com o Jânio pelo telefone do sindicato como nós estamos falando aqui".⁷²

Sobrava em Jânio, entretanto, uma ambiguidade⁷³, que em muitos momentos tornava-o pouco confiável à maioria das lideranças sindicais. O recrudescimento da violência policial contra os grevistas na segunda-feira, dia 29 de outubro foi atribuído por muitos como mais uma política de Jânio "de jogar uma no cravo, outra na ferradura". Seu apoio, então, não era entendido como implicando em laços de reciprocidade para além de seus meros interesses eleitorais.

"O Jânio apoiava a greve (...) demagogicamente deu uma grande ajuda porque ele queria a gente para ele. Ele apoiava na fachada. Comigo, por exemplo, o velho tinha um certo 'q' especial apesar dele saber, morreu sabendo, que eu sempre fiz campanha contra ele, nunca votei nele. A última vez que ele me chamou para conversar, disse: 'Adelço, está aí o professor Carvalho Pinto. Ele vai ser o dono desse palácio e conto com o seu apoio'. Eu disse que precisava consultar os outros companheiros. Ele olhou assim e disse: 'Adelço, você precisa pensar melhor na mulher e nos filhos'".⁷⁴

⁷¹ Ao analisar relacionamentos semelhantes de dirigentes sindicais portuários de Santos com lideranças políticas como Getúlio Vargas e João Goulart ou com o Ministério do Trabalho, Fernando Teixeira da Silva muito apropriadamente afirma que: "Evitarei, portanto, a noção de 'deslocamento' dos conflitos em direção ao Estado porque na medida que este era acionado e demandado pelo sindicato e pela categoria contra a CDS, a luta não foi 'deslocada', mas permanecia ali mesmo onde foi originada, apesar e *por causa da presença do Estado*". Conferir SILVA, op. cit., p. 265-270.

⁷² Entrevista de José Ferreira da Silva.

⁷³ Uma pequena história contada por Carlos Castello Branco, amigo e ex-assessor de Jânio Quadros, ao jornalista Gilberto Dimenstein e publicada na antiga coluna deste no jornal *Folha de São Paulo*, dá conta um pouco da ambiguidade de Jânio no trato das questões trabalhistas: "Governador de São Paulo, Jânio mandou reprimir com dureza no dia seguinte um piquete de grevistas. Amanhecia e o confronto se armava: de um lado os policiais e, de outro, os grevistas. Inesperadamente aparece o governador, vestido de pijama, chinela, robe em desalinho. Todos param, espantados. Jânio se posta à frente dos grevistas e aponta o dedo ao chefe de polícia. 'Se quiserem bater nestes honestos trabalhadores, terão também de me atacar'. Foi delirantemente aplaudido". *Folha de São Paulo*, 21 de dezembro de 1994, pág. 2.

⁷⁴ Entrevista de Adelço de Almeida.

Outro agente do Estado que teve papel destacado no desenrolar do movimento foi o delegado regional do trabalho, Irineu Mendonça. A DRT paulista era uma importante peça na resolução dos conflitos trabalhistas no estado. O delegado regional, em geral, procurava conter as paralisações e quando isto não fosse possível, trabalhava por um acordo o mais rápido possível⁷⁵.

Mendonça substituíra Pimenta de Moura na DRT logo no início da "greve dos 400 mil". Moura recusara-se a declarar a greve ilegal, como desejava o ministro Parsifal Barroso. Não resistindo às pressões, demite-se no primeiro dia do movimento. Irineu Mendonça teria uma atuação muito polêmica na DRT. Durante a paralisação, foi inúmeras vezes criticado pelas lideranças sindicais, que o acusavam de beneficiar os patrões nas negociações. Chegaram inclusive a enviar uma moção ao presidente da República solicitando sua imediata substituição⁷⁶.

Quando irrompeu a greve na Nitro Química, Mendonça encontrava-se, portanto, em situação delicada. Seu cargo estava diretamente ameaçado pelas pressões dos sindicalistas. Sua ativa participação em São Miguel, comparecendo à assembléia dos trabalhadores e negociando um acordo com a empresa em melhores bases, buscava, provavelmente, ganhar a simpatia das direções sindicais e legitimação para a permanência no cargo. Logo no ano seguinte, porém, Mendonça seria substituído por Roberto Gusmão.

Um fator razoavelmente surpreendente na greve de 1957 na Nitro Química foi o grau de organização do movimento, que rapidamente se espalhou paralisando a empresa completamente pela primeira vez em sua história.

"A greve foi preparada, começou na mecânica, estourou na mecânica e foi espalhando tudo em todos os setores, papel, tinta, fiação, nitrocelulose, etc (...). E aquelas seções onde tinha os delegados sindicais, aquilo era muito bom. Todo mundo ia para o delegado e o delegado: 'se é prá parar, pronto, acabou' e então foi parando tudo. Isso que ajudou muito na Nitro".⁷⁷

⁷⁵ Para uma análise da ação da DRT em São Paulo neste período ver BENEVIDES, Maria Vitória. *O PTB e o Trabalhismo: Partido e sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo, Brasiliense, 1989, p. 103-111.

⁷⁶ Conferir LEITE, op. cit., p. 244.

⁷⁷ Entrevista de Adelço de Almeida.

Era do chão da fábrica que, desta forma, saía o impulso e a força da paralisação. E os delegados sindicais das várias seções cumpriam um papel fundamental na organização e manutenção do movimento. Foi a organização dos trabalhadores no local de trabalho o fator decisivo para a eclosão e vigor da greve.

Os delegados sindicais inúmeras vezes eram quem garantiam a ligação entre o sindicato e as reivindicações dos trabalhadores. A maior parte da comunicação era feita por seu intermédio e eram as lideranças nas várias seções quem incentivavam os trabalhadores a lutar por seus direitos e a se contrapor ao autoritarismo das chefias.

"Ah, o delegado era tudo para nós. Nós chegávamos aqui [em São Miguel] na hora do almoço. O delegado dizia: 'tá acontecendo isso, isso e isso'. Teve um delegado da fiação, uma vez, que chegou aqui e falou: 'Ferreira, estão dando suco de laranja podre'. Aí eu entrei na fábrica como se fosse ver qualquer coisa lá no departamento pessoal e entrei na fiação (...) aí abri o galão que tava o suco. Completamente podre naquele calor. Aí denunciámos a Nitro e eles resolveram rapidinho.(...) Os delegados denunciavam tudo (...) também ajudavam a organizar(...). Empresa nenhuma gostava do delegado porque quando ele era uma cara atuante (...) a gente botava prá quebrar em cima dela".⁷⁸

Durante a greve, foram os delegados que, em geral, assumiram a tarefa central da organização do movimento: a constituição e manutenção dos piquetes durante os vários dias da paralisação. No convencimento aos operários, no enfrentamento com a polícia, na convocação para as assembléias de massa e no cotidiano da greve, os piquetes foram um instrumento chave para o sucesso do movimento. Dirigentes da própria empresa reconheceriam sua importância para a greve:

"Os grevistas fizeram piquetes muito firmes. Eu diria que até durante a própria greve eles organizaram piquetes muito poderosos. Sendo que naquela época, quem vinha da cidade só tinha uma passagem: o viaduto em cima da estrada de ferro, e quem vinha da vila só tinha a avenida Arthur. Então interrompendo estes dois pontos estratégicos,

⁷⁸ Entrevista de José Ferreira da Silva.

parava tudo. E depois, num processo contínuo como o da Nitro Química, sabendo que a coisa estava parada, o cara falava: 'Ah, já parou mesmo...'. Estabelecia um efeito dominó".⁷⁹

Estrategicamente situados, os piquetes, formados por dezenas ou centenas de trabalhadores da fábrica, liderados por delegados e dirigentes sindicais, conseguiam, na grande maioria das vezes, convencer os trabalhadores hesitantes em aderir. Seu efeito demonstração era poderoso. Daí o esforço patronal e policial em dissolvê-los e caracterizá-los como violentos para justificar a repressão.

Muitas análises sobre o movimento sindical neste período⁸⁰ caracterizaram o piquete como a prova maior de ausência da organização dos trabalhadores nos locais de trabalho e de como os movimentos grevistas eram "realizados e desencadeados de fora para dentro"⁸¹ das empresas. Como o sindicato só agruparia uma parcela minoritária da classe e era dirigido e controlado por uma pequena cúpula, o piquete seria dirigido para a grande massa operária não organizada sindicalmente e, muitas vezes, alheia aos interesses e pretensões dos sindicatos.

O caso da Nitro Química, como outros que vêm sendo estudados mais recentemente⁸², questiona e torna mais complexos muitos destes pressupostos. Os piquetes da Nitro devem ser vistos mais como um sinal de vitalidade do movimento do que de fraqueza. Eram formados por trabalhadores "de dentro" da companhia e aí residia sua legitimidade para conseguir parar o trabalho. Diante da repressão policial e patronal eram instrumentos necessários para garantir o sucesso da greve, justamente porque serviam como uma extensão da organização dos trabalhadores existente dentro da empresa.

⁷⁹ Entrevista de Fábio Ravaglia.

⁸⁰ Ver entre outros: RODRIGUES, Leôncio Martins. *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*. São Paulo, Difel, 1966; MUNHOZ, op. cit., e BOITO Jr, Armando. *O Sindicalismo de Estado no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Unicamp, 1991.

⁸¹ RODRIGUES, op. cit., p. 76.

⁸² Ver por exemplo COSTA, op. cit.; SANTANA, Marco Aurélio. *Partido e Militância Sindical - A atuação comunista no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, UFRJ, 1992; MATTOS, Marcelo Badaró. "Sindicalismo e Política nos anos 60: As greves do Rio de Janeiro", Anpocs, 1994, (mimeo).

Piquetes eram a garantia para o trabalhador de que a greve estava acontecendo e de que ele poderia aderir sem correr o risco de ficar sozinho, servia como um meio de comunicação eficaz e rápido entre os trabalhadores. A massa de operários em um piquete garantia a segurança contra a repressão, um meio de defesa, uma espécie de "biombo" contra as ofensivas patronais no final do movimento. Na massa do piquete, o trabalhador isolado sentia-se mais forte, adquiria um senso de coletividade e identidade com seus companheiros⁸³.

Mas os embates dos piquetes não eram apenas com os patrões e a polícia. Inúmeras vezes eram com outros trabalhadores, resistentes e não convencidos em aderir ao movimento. Aqui, a greve mostrava-se não apenas como um conflito vertical com a empresa, mas também como um conflito horizontal entre os próprios trabalhadores.

"A turma nova, com medo de ser mandada embora. Eles pegavam e dormiam lá dentro [da fábrica]. Outros entravam no rio e saíam nadando, porque era aqui na beira do Tietê, tinha gente que nadava e entrava lá pelo fundo prá vir trabalhar (...) Então, os piquetes tinham de funcionar, não podiam deixar entrar, senão, já viu, né? (...) [A gente] pegava o peão pela 'bunda' da calça e arrastava e jogava para o lado de fora e a polícia, às vezes, metendo o cassetete em cima. Foi uma luta terrível".⁸⁴

A partir do segundo dia do movimento, entre dez e vinte por cento dos trabalhadores entraram para o trabalho, embora a fábrica estivesse paralisada por falta de condições e de um número mínimo de pessoas para o funcionamento. Com o final da greve, o conflito entre grevistas e não grevistas permaneceu em muito graças aos estímulos da própria empresa:

"Tinha aqueles caras furões na fábrica. Vinham trabalhar e não queriam colaborar com os outros, davam uma de furão, furavam a

⁸³ Analisando uma assembléia de trabalhadores da indústria automobilística inglesa, Huw Beynon, mostra a importância de atos massivos e coletivos para os trabalhadores sem especialização: "A euforia dessa assembléia, e de outras como ela, somente pode ser compreendida em contraste com a solidão do trabalho na linha de montagem. Como uma massa, em uníssono, números tornam-se fortes, adquirem um sentido. Por intermédio da massa, o operador da linha de montagem torna-se um homem, e não uma nulidade. É por meio da massa, e não da especialização, que o operário da linha de montagem obtém sua liberdade". Conferir BEYNON, *op. cit.*, p. 261.

⁸⁴ Entrevista de Geraldo Rodrigues de Freitas

greve. Aí dentro da fábrica eles tinham regalia, porque eles furavam a greve e tinham regalia, aí a gente chamava de caranguejo, porque não colaborava com os amigos, caranguejo anda pra trás, não é? Eles tinham cooperativa, aqueles que tinha feito greve, ela não vendia (...). Agora aqueles que furaram, ela dava tudo, fez até carteirinha de caranguejo (risos). Aí você chegava para comer no restaurante e o encarregado dizia: 'Voce têm a carteirinha de caranguejo? Tenho, então pode entrar para comer' (risos). Aquele que não tinha carteira, eles diziam: 'Você não pode nada aqui. Você é contra a Nitro Química'".⁸⁵

Derrotada na greve e vivendo um momento de crise, a Nitro Química procurava dividir seus trabalhadores e assim recuperar a legitimidade de sua dominação. Seu esforço foi em grande parte em vão.

Entre 1957 e 64, os trabalhadores da Nitro viveriam o período de maior organização e força em sua luta por direitos. A greve de 1957 consolidou um forte sentimento de identidade coletiva entre os trabalhadores da Nitro Química.

"Naquela época [após a greve], cresceu muito a organização na fábrica e as lutas, a gente tinha delegado sindical em tudo quanto era seção (...) e a Nitro não tinha condições de atingir o delegado porque [ela] ficou desarmada porque não tinha prestígio mais, o prestígio dela acabou, aquela autoridade do chefe, aquilo caiu tudo. (...) Depois da greve caiu tudo. Então a turma já jogava bola no campo deles".⁸⁶

Organizados e mobilizados, os trabalhadores nitrinos desenvolveram neste período uma série de lutas como as reivindicações pelas taxas de insalubridade e pelo abono de Natal, até hoje fortemente presentes na memória social daquele grupo operário. Até 1964, a Nitro, vivendo agora um período de forte decadência econômica, seria conhecida, por outro lado, como uma fábrica "quente" do ponto de vista da militância sindical. O Sindicato dos Químicos de São Paulo foi a partir de então, um instrumento vital para a conquista de direitos.

⁸⁵ Entrevista de Belarmino Pereira Duarte.

⁸⁶ Entrevista de Adelço de Almeida.

Apenas o golpe militar e a repressão desencadeada sobre a classe trabalhadora conseguiriam quebrar a ascensão organizativa e reivindicatória dos operários da Nitro Química.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos ao longo desta dissertação analisar a história social do grupo operário da Nitro Química, particularmente durante a década de cinquenta, período que nos pareceu fundamental na trajetória da empresa e de seus trabalhadores. Para tanto buscamos aprofundar a compreensão da construção do sistema de dominação engegrado pela companhia, bem como as formas como ele foi interiorizado e reelaborado pelos trabalhadores através de sua experiência e cultura.

Nos dois primeiros capítulos destacamos os principais momentos da trajetória da empresa desde a fundação até os anos cinquenta e analisamos os principais elementos do modelo de dominação nitriño. Fundada por importantes empresários nacionais, a Nitro Química era um projeto bastante audacioso e bem representativo das formas do desenvolvimento industrial brasileiro no período.

Assim, as relações privilegiadas com o Estado (particularmente no período Vargasista), os interesses políticos, econômicos e militares que cercavam a construção de uma grande indústria química no Brasil e o discurso nacionalista e desenvolvimentista da direção da empresa foram elementos analisados na trajetória ascendente da Nitro Química até os anos cinquenta, bem como o fracasso de seus projetos ao longo desta década.

Vimos como a empresa elaborou um discurso "civilizador" em relação à região onde se instalou, já que praticamente ela inaugura a fase "moderna" de São Miguel Paulista, e também em relação aos seus trabalhadores, em sua grande maioria migrantes, particularmente nordestinos sem experiência anterior de trabalho fabril.

Analisando a montagem, a lógica interna, as contradições e a legitimação ou não por parte dos trabalhadores de um determinado modelo de dominação e gestão da mão-de-obra criado pela Nitro Química ao longo dos anos quarenta e desenvolvido plenamente na década seguinte percebemos que tal modelo partilhava elementos presentes na ideologia corporativa e no ideário nacional-desenvolvimentista do Estado naquele período. O corporativismo pôde

ser encarado, assim, como um projeto compartilhado na sociedade e não apenas como empreendimento unicamente estatal.

Entretanto, o modelo de dominação gestado na Nitro Química ia além. Os dirigentes da companhia procuraram acrescentar às idéias de pioneirismo e harmonia da família nitrina em defesa da nação brasileira, tão presentes em seu discurso, a imagem da construção de uma "indústria esclarecida e democrática com um capitalismo humano e progressista". Mesmo não sendo uma empresa estatal, eles teriam consciência do papel social das empresas. Daí todo o empenho da companhia em edificar um grande aparato assistencial, um "sistema de benefícios" para seus trabalhadores, familiares e, em várias áreas, para todos os moradores do bairro de São Miguel Paulista: o Serviço Social.

Era por meio deste *welfare* privado que a Nitro pretendia obter a reciprocidade de seus trabalhadores, incluindo-os socialmente e construindo uma espécie de "cidadania privada" em uma empresa que tinha "suas próprias leis". Ademais, embora não fosse um típico modelo de fábrica com vila operária, a empresa procurava estender seu controle sobre os trabalhadores para espaços extra-fábricis.

Ao tentar adentrar um pouco no cotidiano fabril no capítulo 3 procuramos compreender ainda mais como os trabalhadores interiorizaram esta dominação ao viver sua experiência de trabalho. Desta forma, as péssimas condições de trabalho na fábrica, os baixos salários pagos, o autoritarismo das chefias (embora carregado de ambigüidades, como vimos) eram uma outra face do discurso empresarial e sua política de "benefícios". Através de sua experiência e cultura fabril e da construção coletiva de espaços de sociabilidade, os operários reelaboravam cotidianamente a dominação exercida pela empresa, criando bases para sua deslegitimação.

Nos dois últimos capítulos desta dissertação analisamos a formação de uma tradição de militância e ativismo sindical entre os trabalhadores nitrinos. Para tanto foi necessário centrar nossas observações nas relações entre os operários da companhia e organizações como o sindicato dos Químicos de São Paulo e o Partido Comunista.

A história do sindicato está intimamente ligada aos trabalhadores da Nitro Química, maior e mais importante empresa desta base sindical durante anos. Através de atas de reuniões e assembléias, depoimentos operários e das fontes policiais do Deops pudemos adentrar no universo cotidiano da vida da entidade, observando sua trajetória, as disputas internas, as ações organizativas e mobilizatórias (ou não), as relações entre diretores sindicais, Estado e direção da empresa, bem como, as formas como o sindicato cria um aparato assistencial, muitas vezes utilizado em confronto com a Nitro Química e outras organizações, como o Círculo Operário.

Especial destaque neste contexto mereceu a ação da militância comunista no sindicato e na empresa. A Nitro foi um dos principais núcleos fabris de atuação do PCB em São Paulo entre os anos quarenta e os anos sessenta e o seu estudo pode nos revelar muito a respeito dos métodos, mecanismos e formas de ação destes ativistas. Como pudemos observar, grande parte da razão da identidade construída entre militância comunista e trabalhadores da Nitro deveu-se ao fato, desta militância estar inserida em uma mesma cultura de classe, compartilhando de diversos referenciais comuns e da mesma experiência de trabalho e vida. Os comunistas nitrinos não eram vistos como agentes externos à classe, mas como pertencentes a ela, estando na maioria das vezes na linha de frente na luta pela conquista de direitos e no combate ao autoritarismo patronal, que recorreu constantemente a um intenso controle e repressão policial. Ao menos no caso da Nitro Química fica evidente a incorreção de análises bastante conhecidas sobre a história do movimento operário no Brasil, que afirmam que os comunistas no período anterior a 1964, devido à sua estratégia política mais geral, desestimulariam conflitos em empresas nacionais.

O último capítulo analisa especificamente a greve de outubro de 1957. Procuramos não tratar este episódio isoladamente, relacionado-o com a "Greve dos 400 mil" que tomou conta da capital paulista alguns dias antes e também buscamos compreender o papel dos vários agentes sociais envolvidos no conflito, como por exemplo o então governador Jânio Quadros. A atuação de Jânio durante a paralisação é um excelente exemplo dos métodos e

das ambigüidades deste político populista e provavelmente nos ajuda a compreender melhor as razões de sua popularidade entre a classe trabalhadora paulista, para além das explicações que meramente enfatizam seu carisma e personalidade.

Momento fundamental nas relações entre empresa e operários, a greve de 1957 nos permite iluminar a crise de reciprocidade e o cotidiano do desenvolvimento da organização dos trabalhadores no interior da empresa. O modelo de dominação gestado pela empresa entrou em colapso e os operários sentiam cada vez mais que os "benefícios" alardeados pela companhia eram, na verdade, direitos. Desmantelava-se aos olhos da maioria dos trabalhadores a imagem da Nitro como empresa poderosa e benfeitora. Para tanto cumpriu papel decisivo a ação da militância comunista na companhia e no sindicato recém-conquistado em 1956.

Particularmente destacamos a organização dos trabalhadores no local de trabalho, já que no nosso entender, e ao contrário do que boa parte da bibliografia sobre o período afirma, foi dali que surgiu o fator decisivo para a eclosão e vigor da greve. A presença de delegados sindicais em quase toda a fábrica e atuação dos piquetes organizados a partir dos locais de trabalho foram fundamentais para o êxito do movimento. 1957 inaugurou uma fase de crescente organização e busca de direitos dentro da empresa, ao mesmo tempo que colocou os trabalhadores químicos paulistanos na linha de frente, em conjunto com outras categorias, das grandes lutas sociais do período que se encerraria em 1964.

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES

I - Entrevistas

- 1- Adelço de Almeida
- 2- Belarmino Pereira Duarte
- 3- Catarina de Jesus Cruzato Cano
- 4- Eduardo Sabino de Oliveira
- 5- Fábio Ravaglia
- 6- Geraldo Rodrigues de Freitas
- 7- Joaquim Anselmo dos Santos
- 8- José Cecílio Irmão
- 9- José Ferreira da Silva
- 10- Oscar Alonso de Souza
- 11- Osvaldo Lino

II - Instituições Pesquisadas

- 1- Arquivo Edgard Leuenroth -Unicamp-Campinas:
Coleção do Jornal Notícias de Hoje
Acervo do Projeto: "Brasil, Nunca Mais"

- 2- Arquivo da Eletropaulo - São Paulo
Livros de Recortes de Jornais dos anos cinquenta

- 3- Arquivo da Nitro Química - São Paulo
Prontuários de funcionários
Coleção do *Nitro Jornal*
Atas de reuniões
Documentos diversos

Material Iconográfico

4- Arquivo Público do Estado de São Paulo - São Paulo

Coleções de jornais

Acervo Deops - SP

5- Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo - São Paulo

Atas das seções da Câmara de Vereadores

6- Biblioteca do Senado Federal - Brasília

Atas das seções do Senado

7- Sindicato dos Químicos de São Paulo - São Paulo

Atas de reuniões de diretoria

Atas de assembléias gerais

Documentos diversos

Material Iconográfico

BIBLIOGRAFIA

- ABRAMO, Laís. *O resgate da dignidade. A greve de 1978 em São Bernardo*. São Paulo, dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 1986.
- ABREU, Alice Rangel de Paiva e PESSANHA, Elina Gonçalves da Fonte (orgs). *O Trabalhador Carioca. Estudos sobre Trabalhadores Urbanos do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, J.C. Editora, 1994.
- ALEM, Silvio Frank. "O PCB e as outras esquerdas - da anistia de 1945 à posse de Dutra". In: *Revista Ensaio*, nº 10, São Paulo, 1982.
- ALVIM, Rosilene e LEITE LOPES, José Sérgio. "Famílias operárias, famílias de operárias". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 14. São Paulo, Anpocs, 1990.
- BATALHA, Cláudio. "A identidade da classe operária no Brasil (1880-1920): atipicidade ou legitimidade?" In: *Revista Brasileira de História*, nº 23/24, São Paulo, Marco Zero/Anpuh, 1992.
- BENEVIDES, Maria Victória. *O governo Kubitschek. Desenvolvimento econômico e estabilidade política (1956-1961)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- _____. *O PTB e o trabalhismo: partido e sindicato em São Paulo (1945-1964)*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- BEYNON, Huw. *Trabalhando para a Ford: trabalhadores e sindicalistas na indústria automobilística*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1995.
- _____. "A destruição da classe operária inglesa?". In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 27. São Paulo, Anpocs, 1995.
- BLASS, Leila M. Silva. *Estamos em greve*. São Paulo, Hucitec/Sindicato dos Bancários de São Paulo, 1992.

- BOITO Jr., Armando. *O sindicalismo de estado no Brasil*. São Paulo, Hucitec/Unicamp, 1991.
- BOMTEMPI, Sylvio. *O bairro de São Miguel Paulista - a aldeia de São Miguel do Ururai na história de São Paulo*. São Paulo, Prefeitura Municipal de São Paulo, 1970.
- BORDIEU, Pierre. "Le mort saisit le vif. As relações entre a história reificada e a história incorporada". In: *O Poder Simbólico*. São Paulo, Difel/Bertrand Brasil, 1990.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio, *A política dos outros - o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam o poder e os poderosos*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- CASTORIADIS, Cornelius. "Introdução: a questão histórica do movimento operário" In: *A experiência do movimento operário*. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- CHAIA, Miguel. *Intelectuais e sindicalistas. A experiência do Dieese 1955-1990*. São Paulo, Humanidades, 1992.
- CHAIA, Vera. *A liderança política de Jânio Quadros (1947-1990)*. São Paulo, Humanidades, 1991.
- CHAUÍ, Marilena. "Crítica e ideologia" in: *Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas*. São Paulo, Moderna, 1982.
- COSTA, Emília Viotti. "Estrutura Versus Experiência. Novas Tendências na História do Movimento Operário e das Classes Trabalhadoras na América Latina: O que se perde e o que se ganha". In: *Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais*, nº 29, Vértice/Anpocs, 1990.
- COSTA, Hélio da. *Em busca da memória: comissão de fábrica, Partido e Sindicato no pós-guerra*. São Paulo, Scritta, 1995.

- DARNTON, Robert. "Os trabalhadores se revoltam: o grande massacre de gatos na rua Saint-Severin". In: *O grande massacre dos gatos*. Rio de Janeiro, Graal, 1986.
- DAVIS, Natalie. *Culturas do povo. Sociedade e cultura no início da França Moderna*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- DEAN, Warren. *A Industrialização de São Paulo (1880-1945)*. São Paulo, Difel, 1971.
- FARIA, Hamilton. *A experiência operária nos anos de resistência. A Oposição Sindical Metalúrgica de São Paulo e a dinâmica do movimento operário*. São Paulo, dissertação de mestrado, PUC, 1986.
- FAUQUET, L. G. *Histoire de la rayonne et des textiles synthétiques*. Librairie Armand Colin, Paris, 1960.
- FLEURY, M. Tereza L. *O simbólico nas relações de trabalho na empresa estatal*. São Paulo, tese de livre docência, FEA-USP, 1986.
- FERREIRA, Jorge. "O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto" In: GOMES, Ângela de Castro (org.). *Vargas e a crise dos anos 50*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.
- FONSECA, Pedro C. Dutra. *Vargas: o capitalismo em construção*. São Paulo, Brasiliense, 1989.
- FORTES, Alexandre. *"Buscando nossos direitos..." Trabalhadores e organização sindical na Porto Alegre de 1933 a 1937*. Campinas, dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Petrópolis, Vozes, 1984.
- FRENCH, John D. *O ABC dos operários. Conflitos e alianças de classe em São Paulo - 1900-1950*. São Paulo, Hucitec/Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul, 1995.

- GARCIA, Marco Aurélio. "Os desafios da Autonomia Operária: São Bernardo. A (auto) construção de um movimento operário". In: *Desvios*, nº 1. São Paulo, 1982.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- _____. "Sinais: raízes de um paradigma indiciário". In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo, Perspectiva, 1992.
- GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo, Vértice, 1988.
- HALL, Michael. "Palestra sobre história oral". In: *Relatório do Seminário 'Memória e História Oral'*. São Paulo, SNF/CUT, 1992.
- _____. e PINHEIRO, Paulo Sérgio. "Alargando a história da classe operária: organização, lutas e controle". In: PRADO, A. *Libertários & Militantes*. Col. Remate de males, nº 5. Campinas, Unicamp.
- HARDING, Timothy Fox. *The political history of organized labor in Brasil*. PhD, Stanford, 1973.
- HAUPT, Georges. "Por quê a história do movimento operário?". In: *Revista Brasileira de História*, nº 10, São Paulo, Marco Zero/Anpuh, 1985.
- HOBSBAWM, Eric. *Mundos do Trabalho. Novos Estudos sobre História Operária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. "O trabalhismo nas grandes cidades". In: *Estratégias para uma Esquerda Racional*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- _____. e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura. Aspectos da vida da classe trabalhadora, com especiais referências a publicações e divertimentos*. Lisboa, Presença, 1973.

HUTCHINSON, Bertan. *Mobilidade e trabalho*. Rio de Janeiro, Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, 1960.

JAMES, Daniel. "Ideologia e resistência de classe: o peronismo e a classe operária 1955-1960". In: *Revista Brasileira de História*, nº 10, Rio de Janeiro, Marco Zero/Anpuh, 1985.

JATOBÁ, Roniwalter. *Crônicas da vida operária*. São Paulo, Global 1978.

_____. *Sabor de química*. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1991.

_____. *Tiziu*. São Paulo, Scritta, 1994.

KOWARICK, Lúcio (org.). *As Lutas Sociais e a Cidade*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

LARA, Silvia Hunold. "*Blowin' in the wind*: Thompson e a experiência negra no Brasil". Campinas, IFCH- Unicamp, 1993 (mimeo).

LEITE, Márcia de Paula. "Trabalhadores, sindicatos e partidos: a greve de 1957 em São Paulo" In: *El sindicalismo latino americano in los ochenta*. Santiago del Chile, Clasco, 1985.

_____. "Classe, Ideologia e o Trabalhismo". In: *Cadernos Cedec*, nº 8. São Paulo, Cedec, 1987.

LEITE LOPES, José Sérgio. "A formação de uma cultura operária". In: *Tempo e Presença*, nº 220. São Paulo, Cedi, 1987.

_____. *A tecelagem dos conflitos de classe na cidade das chaminés*. São Paulo, Marco Zero, 1988.

- _____. "História e Antropologia". In: *Revista do Departamento de História*, nº 11. Belo Horizonte, Fafich-UFMG, 1992.
- _____. (org.). *Cultura e Identidade Operária. Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*. São Paulo, Marco Zero/ UFRJ, 1987.
- LIMA, Marcos Alberto Horta. *Os industriais têxteis paulistas nos anos 20: aspectos da sua atuação política*. Campinas, dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp, 1992.
- LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo, Brasiliense, 1992.
- LOPES, Juarez Brandão. *Sociedade Industrial no Brasil*. São Paulo, Difel, 1964.
- LOWY, Michael (org.). *Movimento operário brasileiro (1900-1979)*. Belo Horizonte, Vega, 1980.
- MARANHÃO, Ricardo. *Sindicatos e democratização (Brasil 1945-1950)*. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- MARKHAM, Jesse W. *Competition in the rayon industry*. Harvard University Press, Cambridge, 1952.
- MARONI, Amnérís. *A Estratégia da Recusa*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MARSON, Adalberto. "Viagem ao país de Taylor". Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.
- MARTINS, José de Souza. "A aparição do demônio na fábrica, no meio da produção" In: *Tempo Social*, nº 1-2, São Paulo, novembro de 1994.
- MATTOS, Marcelo Badaró. "Sindicalismo e política nos anos 60: as greves do Rio de Janeiro". Anpocs, 1994,(mimeo).
- MINAYO, M.C. de Souza. *Os homens de ferro. Estudo sobre trabalhadores do Vale do Rio Doce em Itabira*. Rio de Janeiro, Dois Pontos, 1986.
- MOISÉS, José A. *Greve de massas e crise política*. São Paulo, Pólis, 1978.

- MONICA, Maria Filomena. "Prefácio". In: *A Formação da Classe Operária Portuguesa - Antologia da Imprensa Operária (1850-1934)*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian.
- MOORE JR., Barrington. "Militância e Apatia no Ruhr antes de 1914". In: *Injustiça, as bases sociais da obediência e da revolta*. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- MORAIS, Fernando. *Chatô. O rei do Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- MOREL, Regina. *A ferro e a fogo: construção e crise da "família siderúrgica" . O caso de Volta Redonda (1941-1968)*. São Paulo, tese de doutorado, USP, 1989.
- MUNAKATA, Kazumi. "O lugar do movimento operário" In: *Anais di IV Encontro Regional de História de São Paulo*. Araraquara, Anpuh/UNESP, 1980.
- _____. *A legislação trabalhista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- MUNHOZ, Fábio Antônio. "Sindicalismo e democracia populista: a greve de 1957". São Paulo, Cedec, 1977 (mimeo).
- NEGRO, Antonio Luigi. *Ford Willys anos 60. Sistema auto de dominação e metalúrgicos do ABC*. Campinas, dissertação de mestrado, IFCH-Unicamp, 1994.
- NOIRIEL, Gérard. "Du 'patronage' au 'paternalisme' : la restructuration des formes de domination de la main-d'oeuvre ouvrière dans l'industrie métallurgique française". In: *Le Mouvement Social*, nº 144, julho-setembro 1988.
- NUNES, Antonio Carlos F. *PC linha leste*. São Paulo, Livramento, 1980.
- OLIVEIRA, Francisco de. "A economia brasileira: crítica à razão dualista" In: *Estudos Cebrap*, nº 2, São Paulo, 1972.
- _____. *O elo perdido: classe e identidade de classe*. São Paulo, Brasiliense, 1987.

- PAOLI, Maria Célia, SADER, Eder e TELLES, Vera. "Pensando a Classe Operária: os Trabalhadores Sujeitos ao Imaginário Acadêmico". In: *Revista Brasileira de História*, nº 6. São Paulo, Anpuh, 1983.
- PAOLI, Maria Célia. "Os trabalhadores urbanos na fala dos outros. Tempo, espaço e classe na história operária brasileira". In: LEITE LOPES, José Sérgio (org). *Cultura e Identidade Operária. Aspectos da Cultura da Classe Trabalhadora*. São Paulo, Marco Zero/ UFRJ, 1987.
- PARIS, Robert. "A imagem do operário no século XIX pelo espelho de um *vaudeville*" In: *Revista Brasileira de História*, nº 8, setembro 1987- fevereiro 1988.
- PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. *Desenvolvimento e crise no Brasil: 1930-1983*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. "Trabalho: Industrial: uma revisão". In: *Estudos Cebrap*, nº 14. São Paulo, Editora Brasileira de Ciências, 1975.
- RAMALHO, José Ricardo. *Estado-patrão e luta operária: o caso FNM*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1989.
- _____. "Empresas Estatais de Primeira Geração" In: ABREU, Alice R. Paiva e PESSANHA, Elina G. Fonte (orgs.). *O trabalhador carioca. Estudos sobre trabalhadores urbanos do estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, JC Editora, 1994.
- RAVAGLIA, Fábio. *Contribuição à história da Cia. Nitro Química Brasileira -1935-1985*. São Paulo, 1988.
- REBÉRIOUX, Madeleine. "Identité et mouvement social". In: *Le mouvement social*, outubro-dezembro 1991.

- ROCHA, Antonia Sarah Aziz. *O bairro à sombra da chaminé: um estudo sobre a formação da classe trabalhadora da Companhia Nitro Química Brasileira de São Miguel Paulista (1935-1960)*. São Paulo, dissertação de mestrado, PUC/SP, 1992.
- RODRIGUES, Leôncio Martins. *Conflito industrial e sindicalismo no Brasil*, São Paulo, Difel, 1966.
- RUDÉ, George. *A multidão na história. Estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Rio de Janeiro, Campus, 1990.
- SADER, Eder. *Quando novos personagens entraram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SAMUEL, Raphael. "História Popular, História del Pueblo". In: *História Popular y Teoria Socialista*. Barcelona, Crítica/Grijalbo, 1984.
- SANTANA, Marco Aurélio. *Partido e militância sindical. A atuação comunista no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, UFRJ, 1992.
- SCHLESINGER, Hugo. *Enciclopédia da indústria brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1959.
- SCANTIMBURGO, João de. *José Ermirio de Moraes - o homem, a obra*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- SEGATTO, José Antonio. *Reforma e revolução. As vicissitudes políticas do PCB (1954-1964)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1995.
- SILVA, Fernando Teixeira. *A carga e a culpa. Os operários das docas de Santos: direitos e cultura de solidariedade*. São Paulo-Santos, Hucitec/Prefeitura Municipal de Santos, 1995.

- SIMÃO, Azis. "O voto operário em São Paulo" In: *Anais do I Congresso Brasileiro de Sociologia*. São Paulo, 1955.
- SINGER, Paul. *A crise do "milagre": interpretação crítica da economia brasileira*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- TELLES, Jover. *O movimento sindical no Brasil*. São Paulo, Ciências Humanas, 2ª edição, 1981.
- THOMPSON, E. P. *Tradición, revuelta y consciencia de clase. Estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial*. Barcelona, Editoria Crítica, 1979.
- _____. *A miséria da Teoria*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- _____. *A formação de classe operária Inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. *Senhores e Caçadores: A origem da Lei Negra*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1990.
- _____. *A peculiaridade dos Ingleses*. Campinas, IFCH-Unicamp, 1993.
- _____. "Modos de dominação e revoluções em Inglaterra". Campinas, IFCH-Unicamp, 1995 (mimeo).
- THOMPSON, Paul. "Jugando a ser trabajadores cualificados: cultura de fábrica y enorgullecimiento por la cualificación laboral entre los obreros del automóvil de Coventry". In: *Sociologia del Trabajo*, nº 7, outono de 1989.
- TROYANO, Annez Andraus. *Estado e sindicalismo*. São Paulo, Símbolo, 1978.
- VANIN, José A. "Industrialização na área química" in MOTOYAMA, Shozo (org.). *Tecnologia e industrialização no Brasil - uma perspectiva histórica*. São Paulo, EdUnesp, 1994.
- VERARDO, Luis Humberto. *Educação política no sindicato. Estudo de uma experiência recente*. Campinas, dissertação de mestrado, FE-Unicamp, 1992.

VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

_____. "Atualizando uma bibliografia: Novo Sindicalismo, Cidadania e Fábrica". In: *BIB- o que se deve ler em Ciências Sociais no Brasil*, nº 3. São Paulo, Cortez/Anpocs, 1990.

WEFFORT, Francisco. "Participação e Conflito Industrial: Osasco e Contagem, 1968". In: *Cadernos Cebrap*, nº 5, São Paulo, 1972.

_____. "Origens do sindicalismo populista no Brasil" In: *Estudos Cebrap*, nº 4, 1973.

_____. "Nordestinos em São Paulo: notas para um estudo sobre cultura nacional e cultura popular" In: EDÊNIO, José Valle (org.) *A cultura do povo*. São Paulo, Cortez/Instituto de Estudos Especiais, 1988

WILLIS, Paul. *Aprendendo a ser trabalhador*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1991.